



Revista

Cajueiro

Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura

Cajueiro Magazine: Information Science and Reading Culture



v. 1 | n. 2 | maio/nov. 2019

ISSN



2595-9379

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

GRUPO PLENA: GRUPO DE PESQUISA EM LEITURA, ESCRITA E NARRATIVA

REVISTA CAJUEIRO

Ciência da Informação e Cultura da Leitura

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

R449c	<p>Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura. / GRUPO PLENA: Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa ; Editora Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari. v. 1, n. 2 (2019) - São Cristóvão, Sistema Eletrônico de Editoração da Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2019. 240 f.: il.</p> <p>Semestral. Bilingue. ISSN 2595-9379 (publicação eletrônica). Endereço: https://seer.ufs.br/index.php/Cajueiro</p> <p>1. Ciência da Informação – Periódicos. I. Universidade Federal de Sergipe (UFS). II. Bari, Valéria Aparecida, orient. III. Título.</p> <p>CDU: 02(05) CDD: 020.5</p>
-------	---

REVISTA CAJUEIRO: CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E CULTURA DA LEITURA

VOLUME 1, NÚMERO 2, MAIO DE 2019.

ISSN: 2595-9379

<<https://seer.ufs.br/index.php/Cajueiro>>

EXPEDIENTE

A Revista Cajueiro é editada pelo GRUPO PLENA: Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: Cultura, Mediação, Apresentação Gráfica, Editoração, Manifestações. É publicada, em formato digital, pelo Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas da Universidade Federal de Sergipe (SEER.UFS.BR). Se trata de um periódico científico semestral bilíngue, que tem como objetivo principal promover a difusão, democratização e fortalecimento das pesquisas em Ciência da Informação, com ênfase na contemplação dos objetos e objetivos referentes à formação de leitores e da cultura da leitura, em todos os seus aspectos e ambientes sociais, assim como observar as repercussões positivas dos hábitos e gostos leitores na sociedade. Visa também ampliar o diálogo com a comunidade científica internacional e contribuir para o desenvolvimento da sociedade, nos caminhos da leitura.

ENTIDADE RESPONSÁVEL

GRUPO PLENA - Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: Cultura, Mediação, Apresentação Gráfica, Editoração, Manifestações. Inscrito no CNPq desde 2015.

- ❖ Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS)
- ❖ Unidade: Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA)
- ❖ Área Predominante: Ciência da Informação; interdisciplinar
- ❖ Situação: Certificado, espelho disponível em
<dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4559993991971758>
- ❖ Logradouro: Universidade Federal de Sergipe, Cidade Universitária “Prof. Aloísio de Campos”, Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), Ed. Administração Acadêmica I – Antigo, sala 21, Av. Marechal Rondon, s/n, Bairro Rosa Elze, São Cristóvão/SE, CEP: 490100-000

SEÇÕES

- ❖ Artigos de Revisão
 - Dissertações e Teses (Ciência da Informação e Áreas Afins)
- ❖ Artigos originais e Ensaio
 - Documentação e Gestão da Informação
 - Formação do Leitor e Cultura da Leitura
 - História e Cultura Editorial
 - Leitura Pública, Equipamentos, Diretrizes e Políticas
 - Mediação de Leitura e Letramento
 - Narrativa Sequencial Gráfica em análise
 - Temática Interdisciplinar em Ciência da Informação
- ❖ Biografia
- ❖ Cartas
- ❖ *Colunas*
 - *Advocacy & Lobby*
 - *Opinion Paper*
- ❖ Comissão Científica e Conselho de Avaliadores
- ❖ Comunicação Científica
- ❖ Editorial
- ❖ Entrevistas
- ❖ Especial
- ❖ Estudos de Caso e Relatos de Pesquisa
- ❖ Expediente
- ❖ Fórum
- ❖ Homenagem
- ❖ Índice
- ❖ Narrativa Sequencial Gráfica em exposição
- ❖ Programas e Projetos Nacionais e Internacionais
- ❖ Recensão
- ❖ Resenhas

CONSELHO EDITORIAL

Editora Responsável

- ❖ Prof^ª. Dr^ª. Valéria Aparecida Bari - UFS

Comissão Científica

- ❖ Prof. Dr. Amaro Xavier Braga Júnior – UFAL
- ❖ Prof^ª. Dra. Carla Eugenia Caldas Barros – UFS
- ❖ Prof^ª. Dra. Germana Gonçalves de Araujo - UFS
- ❖ Prof^ª Me. Glêyse Santos Santana – UFS
- ❖ Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin – UNIEST
- ❖ Prof^ª. Dra. Márjorie Garrido Severo - UFS

- ❖ Prof^a. Dra. Messiluce da Rocha Hansen – UFS
- ❖ Prof. Dr. Paulo da Silva Quadros – UNIP
- ❖ Prof. Me. Salim Silva Souza – IFS/SE
- ❖ Prof. Dr. Sérgio Luiz Elias de Araújo – UFS
- ❖ Prof^a Me. Sheila Rodrigues dos Santos Macedo - UFS
- ❖ Prof^a. Me. Shirley dos Santos Ferreira – UFS
- ❖ Prof. Dr. Thiago Vasconcellos Modenesi - UNIGUARARAPES
- ❖ Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro – USP
- ❖ Prof. Me. Wanderley de Oliveira Menezes – UFS
- ❖ Prof^a. Dr^a. Valéria Aparecida Bari (Coordenação) - UFS
- ❖ Prof^a. Me. Vanderléa Nóbrega Azevedo Cortes – UFS

Conselho de Pareceristas Ad Hoc 2018

- ❖ Prof^a. Dr^a. Débora Eleonora Pereira da Silva – UFS
- ❖ Prof. Dr. Geraldo Moreira Prado – IBICT
- ❖ Prof. Dr. Iuri Reblin – UNIEST
- ❖ Prof. M^o. Júlio César Rocha da Silva - UFS
- ❖ Prof. Dr. Napoleão dos Santos Queiroz – UFS
- ❖ Prof. Dr. Pablo Boaventura Sales Paixão – IFS
- ❖ Prof^a. Dr^a. Patrícia Horta Alves – UFS
- ❖ Prof. Dr. Roberto Elísio dos Santos – USCS
- ❖ Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro – USP

Equipe Editorial

- ❖ Cleide Aparecida Freires Belchior – Mestranda UFS
- ❖ Isis Carolina Garcia Bispo – Mestranda UFS
- ❖ Manuela do Nascimento Silva – Mestranda UFS
- ❖ Maria Abdilene Correia – Graduanda Biblioteconomia e Documentação - UFS
- ❖ Maria Vívian Gabrielly da Silva Santos – Graduanda Relações Internacionais - UFS
- ❖ Paula Caroline Mendes Soares – Graduanda Relações Internacionais – UFS
- ❖ Rafaela Ferreira Lopes – Graduanda Biblioteconomia e Documentação - UFS
- ❖ Rafaela Pereira dos Santos – Mestranda UFS
- ❖ Raul Felipe Silva Rodrigues – Mestrando UFS

Equipe de Capa, Design e Artes

- ❖ Prof^a. Dr^a. Germana Gonçalves de Araujo – UFS
- ❖ Marina Pedreira Munne – Graduada em Direito – UFBA
- ❖ Raul Felipe Silva Rodrigues – Mestrando UFS

SUMÁRIO

EDITORIAL

Editorial: Revista Cajueiro, v. 1, n. 2

Valéria Aparecida Bari

009

ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS

Impasses entre o Letramento e a cultura nas Humanidades:
uma visão filosófica da formação do leitor

Robson Aurélio Adelino Braga

020

O projeto gráfico do objeto-livro na cultura editorial

Germana Gonçalves de Araujo

041

Escrita e Leitura no Brasil da Década de 2010: Análise das
Políticas Públicas.

Rita de Cácia Santos Souza

078

Silvânia Meneses Gerônimo de Sá

Sidiney Menezes Gerônimo

Como um vilão brasileiro dos quadrinhos influenciou a criação do Batman: A Garra Cinzenta ataca!

Valéria Aparecida Bari 106

Redes neurais naturais, redes neurais artificiais e habilidades de aprendizagem sob o ponto de vista cibernético

Oswaldo Sangiorgi 181

ESTUDOS DE CASO E RELATOS DE PESQUISA

O que dizem as leitoras de histórias em quadrinhos de super-heróis sobre essa leitura.

Rubem Borges Teixeira Ramos 198

HOMENAGEM

Um gênio da Matemática se debruça sobre a Informação, Comunicações e Artes: Oswaldo Sangiorgi.

Valéria Aparecida Bari 226

EDITORIAL

Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari

Editora Científica Responsável

Sejam bem-vindos, leitores, ao segundo número, semestral e bilíngue, da Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura. Seu lançamento, no mês de maio de 2019, representou a continuidade dos esforços de editoração do GRUPO PLENA.

Nesse número, a Revista Cajueiro teve a predominância da observação da escrita, e da produção editorial, caracterizando a cultura leitora. Inclusive, com uma grande antecipação, o início dos estudos dos suportes digitais e sua influência na disseminação da cultura leitora. Apresentamos assim as seguintes contribuições, como componentes do segundo número do primeiro volume da publicação.

Robson Braga entra numa zona de conflito intelectual, ao analisar os impasses na apropriação da leitura e escrita, ou seja, o letramento, como fenômeno social influenciador na sobrevivência das culturas.

Mas, não é possível falar dos conflitos leitores sem tratar do objeto do desejo. Um objeto que protagoniza o papel de fonte de conhecimentos para a humanidade passa pelo momento de metamorfose em sua materialidade, e segue por novos caminhos no século XXI. Germana Viana descortina um panorama sobre esse impacto no projeto gráfico do objeto-livro, como preponderância na produção da cultura editorial, com ênfase nesse momento de transformação.

A formação leitora também precisa de observação, garantindo a formação de hábitos e gostos leitores, por meio da formação escolar. Rita de Cássia Souza, Silvânia Sá e Sidiney Gerônimo se debruçaram sobre as políticas públicas voltadas para a escrita e leitura no Brasil, verificando as tendências visíveis na segunda década do séc. XXI. Sua preocupação nos remete à constatação de que a alfabetização, o letramento e a cultura da leitura somente se concretizam sob as bases de uma escolarização que apoia a apropriação da língua e da produção literária.

A discussão que essa confluência de produções aprofunda, se refere ao acesso à informação e conhecimento. Sob as características de explicitação e registro do conhecimento hegemonicamente praticadas pela civilização ocidental, não é surpresa a coincidência entre o nível de letramento e o pleno exercício da cidadania.

O aniversário de 80 anos do Batman não passou em branco por essa edição. Bari investiga e contará para os leitores da Revista Cajueiro um detalhe inusitado, a influência de um vilão dos quadrinhos brasileiros na criação do inesquecível personagem dos quadrinhos, da televisão e do cinema: O Garra Cinzenta. Para complementar a investigação, oculta-se sob um pseudônimo a possível autoria feminina do roteiro dessa famosa trama da década de 1930.

Além das escritoras de quadrinhos, as leitoras também recebem um olhar diferenciado. Rubem Ramos investigou opinativamente as leitoras de quadrinhos de super-heróis, em âmbito internacional, contribuindo para a visão de um mercado editorial que considera a diversidade de seu público leitor.

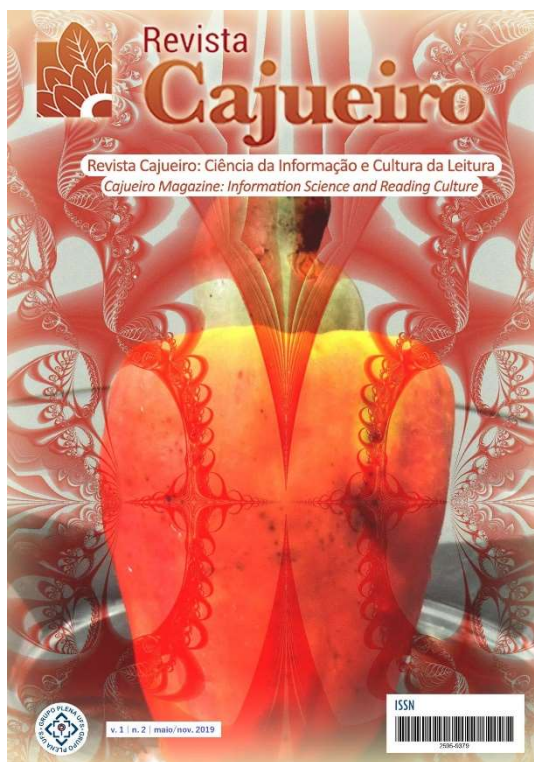
A nossa homenagem contempla um pensador brasileiro de influência vital para a cultura e ciência brasileira no século XX: Osvaldo Sangiorgi. Amplamente conhecido como um dos membros mais importantes do movimento escolanovista, Sangiorgi igualmente contribuiu para os campos da Educação, Arte, Comunicação e Informação. Seu trabalho sobre a cibernética pedagógica antecipou e implantou inúmeros procedimentos que hoje figuram em práticas sociais e científicas relevantes à construção do conhecimento e disseminação da informação.

Como publicação autoral de Osvaldo Sangiorgi, traremos o artigo inédito em português de sua autoria, Redes Neurais Naturais, Redes Neurais Artificiais e Habilidades de Aprendizagem Sob o Ponto de Vista Cibernético, como contribuição inédita de temática interdisciplinar em Ciência da Informação, publicado originalmente e exclusivamente em Esperanto, na Alemanha, em 2010. Agradecemos à revista GRKG¹ que, por meio de sua editora e responsável, Věra Barandovská-Frank, cedeu os direitos de tradução e publicação em novembro de 2018 à Revista Cajueiro. Posteriormente, em contato com a família de Sangiorgi, a sua publicação nesse periódico foi inteiramente autorizada por Sílvia Maria Cândido Sangiorgi, filha e representante da família nesse posicionamento, que merece a gratidão dos integrantes do GRUPO PLENA e se harmoniza com os objetivos da disseminação científica da Revista Cajueiro.

Para envolver toda essa cuidadosa produção, a capa desse número contou com a contribuição da Bel. Marina Pedreira Munne. Essa profissional do Direito se viu envolvida com as artes e os conhecimentos astronômicos, astrológicos e numerológicos, como *hobby* que a acompanhou por toda a vida.

¹ SANGIORGI, O. Neuro-naturaj retoj, neuro-artefaritaj retoj kaj lerninstruprocedo sub kibernetika vidpunkto. GRKG – (Grundlagenstudien aus Kybernetik und Geisteswissenschaft) Internacia Revuo por Modeligo kaj Matematikizo em la Homsciencoj. Berlin/Paderborn: Institut für Kybernetik/Academia Libroservo, v. 51, n. 3, set. 2010. p. 121-126.

Figura 1: Capa da Revista Cajueiro v. 1, n. 2



Fonte: Arte original de Marina Pedreira Munne e design de Raul Felipe Silva Rodrigues (2019).

A fotografia tornou-se uma expressão constante de sua fruição estética, também como passaporte de ingresso para as redes sociais digitais, à medida que sua técnica atualizada exigiu o domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), para o processo de produção da imagem fotográfica e suas intervenções artísticas, a partir dos anos 1990.

Inspirada por sua afinidade matemática, recentemente Munne passou a utilizar aplicativos de criação e sobreposição de fractais às imagens captadas no ambiente natural. Segundo a fotógrafa, a produção das imagens sobrepostas pelos fractais aumenta a concentração e traz o acesso aos pensamentos que permanecem dormentes ou ocultos na mente, quebrando a rotina do esquecimento e da distração. O exercício dessa arte criativa, além de produzir imagens belas, também se aproxima da fruição matemática e sintetiza imagens mentais que habitam a imaginação.

Como efemérides que geraram discussões e produções no GRUPO PLENA, temos o ato de censura ilegalmente imposto pela Prefeitura do Rio de Janeiro, durante a Bienal do Livro sediada nesse município, por meio de liminar concedida pelo Desembargador Claudio de Mello Tavares. O ato foi coibido rapidamente pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro

Dias Toffoli, e o ministro Gilmar Mendes que, em 8 de setembro de 2019 restabeleceram a proibição da Prefeitura do Rio de Janeiro de apreender livros na Bienal.

O ato ilegal de censura se referiu ao título da Graphic Novel voltada para público adolescente e adulto “Vingadores: a Cruzada das Crianças”, no qual figura um beijo homoafetivo. O conteúdo foi erradamente interpretado pelas autoridades fluminenses como infração mediante o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), quando na verdade essa questão não figura nessa legislação.

Figura 2: Capa do Jornal Folha de São Paulo em 7 de setembro de 2019



Fonte: Folha de São Paulo, ano 99, Edição 33.029, de 7/09/2019, primeiro clichê (2019).

A população mobilizou-se, considerando a medida arbitrária, levando à intervenção em diversos espaços públicos, mídias e redes sociais, reproduzindo a imagem do jovem casal de namorados se beijando, sobreposta às diversas a situações que exigiriam atenção das autoridades e políticos, na cidade do Rio de Janeiro e em todo país. No dia 7 de setembro, quando são feitos desfiles e demonstrações cívicas enfatizando a Independência do Brasil do regime colonial, a capa do Jornal Folha de São Paulo figurou o polêmico beijo e o final feliz para o lamentável ocorrido durante a Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2019 (Figura 2).

Porém, o despertar da discussão trouxe uma inusitada repercussão para a finalidade do evento Bienal do Livro, que teve uma venda recordista de material bibliográfico, assim como

para a crise das livrarias e editora do Brasil e do mundo, que se encontram fragilizadas pelas alterações no modo de produção e comercialização dos bens culturais escritos. As profundas modificações na maneira de editar e comercializar livros e quadrinhos, assim como as mudanças em sua materialidade, estão levando a profundas transformações nas características mercadológicas e nos modelos de negócios ligados a ela.

Grupos de distribuição e empresas voltadas para a editoração e o comércio de livros e revistas, como a Livraria e Editora Saraiva, não puderam arcar com os custos de sua tradicional participação na referida Bienal do Livro, chamando a atenção para a crise do setor.

Os fatos ocorridos também chamam a atenção para a questão da disseminação da informação para os leitores brasileiros. Recentes pesquisas do GRUPO PLENA verificaram que a prática da Classificação Indicativa nas revistas, álbuns e graphic novels publicadas no Brasil evitariam esse incidente e muitos outros, que progressivamente dificultaram a adoção das histórias em quadrinhos como fonte de informação e leitura em ambientes informacionais e educacionais. Em trabalho discutido nas 5^{as} Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, membros do grupo abriram a discussão de modo inédito e específico sobre a Classificação Indicativa aplicada aos quadrinhos, como procedimento de informação do público leitor, desmistificando o preconceito que vincula esse procedimento à censura². Ao contrário do senso comum, o alerta prévio de conteúdos considerados polêmicos representa fonte de interesse e demonstração de representação de aspectos e pontos de vista que muitos leitores têm expectativa de encontrar em sua leitura.

Como pesquisadores da leitura, escrita e narrativa, os membros do GRUPO PLENA observam com preocupação a extensão do fenômeno livreiro descrito e suas consequências para a formação da cultura leitora e a produção literária brasileira e mundial. Seguimos com nossos esforços para contribuir com a discussão e soluções, observando também a viabilidade social e econômica da leitura ao alcance de todos.

² Discussão apresentada por meio da comunicação: RODRIGUES, R. F. S. ; BARI, V. A. Luz aos corpos no conto em quadrinhos Ciranda da Solidão: enredos de sexo e nudez e classificação indicativa. Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, V, 2018. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP. São Paulo. **Anais...** Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/edicaoatual_.php . Acesso em 12 out. 2018.

VERSÃO INTEGRAL EM LINGUA INGLESA**EDITORIAL***PhD Professor Valéria Aparecida Bari*

Scientific Publisher

Welcome readers, to the second issue of Revista Cajueiro: Information Science and Reading Culture. Its release, in May 2019, represented the continuation of the publishing efforts of GRUPO PLENA.

In this issue, Revista Cajueiro had the predominance of observation of writing and editorial production, characterizing the reading culture. Including, with great anticipation, the beginning of studies of digital media and its influence on the spread of reading culture. We present the following contributions as components of the second issue of the first volume of the publication.

Robson Braga enters a zone of intellectual conflict, analyzing the impasses in the appropriation of reading and writing, that is, literacy, as a social phenomenon influencing the survival of cultures.

But it is not possible to speak of the reader conflicts without addressing the object of desire. An object that plays the role of source of knowledge for humanity goes through the moment of metamorphosis in its materiality and follows new paths in the 21st century. Germana Viana gives an overview of this impact on the graphic design of the book object, as a preponderance in the production of editorial culture, with emphasis on this moment of transformation.

Reading education also needs observation, ensuring the formation of habits and reading tastes through school education. Rita de Cássia Souza, Silvânia Sá and Sidiney Gerônimo focused on public policies focused on writing and reading in Brazil, verifying the visible trends in the second decade of the century XXI. His concern brings us to the realization that literacy, literacy and reading culture only materialize based on a schooling that supports the appropriation of language and literary production.

The discussion that this confluence of productions deepens refers to the access to information and knowledge. Under the characteristics of explicitation and registration of knowledge hegemonically practiced by Western civilization, it is not surprising the coincidence between the level of literacy and the full exercise of citizenship.

Batman's 80th birthday has not gone blank in this edition. Bari investigates and will tell readers of Cajueiro Magazine an unusual detail, the influence of a villain of Brazilian comics in the creation of the unforgettable character of comics, television and cinema: The Gray Claw. To complement the investigation, under a pseudonym is hidden the possible female authorship of the script of this famous plot of the 1930s.

In addition to comic book writers, readers also get a different look. Rubem Ramos has investigated the superhero comic readers internationally, contributing to the vision of an editorial market that considers the diversity of its reading public.

Our tribute includes a Brazilian thinker of vital influence for Brazilian culture and science in the twentieth century: Osvaldo Sangiorgi. Widely known as one of the most important members of the Scholovist movement, Sangiorgi has also contributed to the fields of Education, Art, Communication and Information. His work on pedagogical cybernetics anticipated and implemented numerous procedures that today feature in social and scientific practices relevant to knowledge construction and information dissemination.

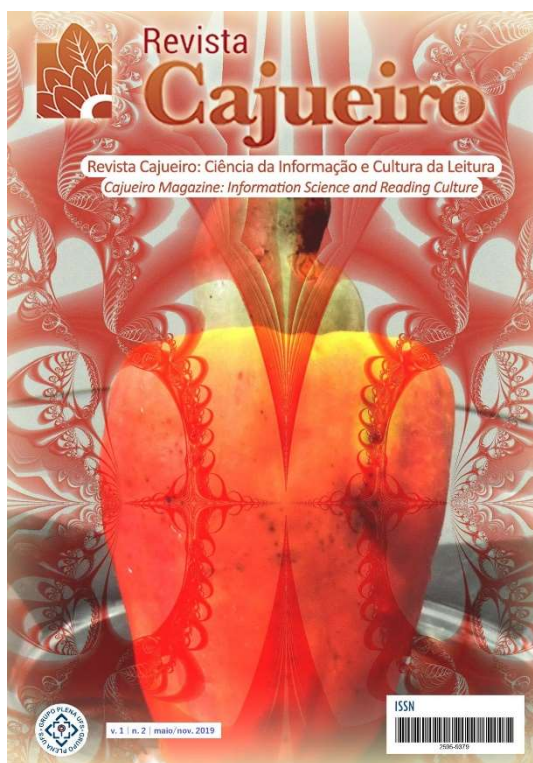
As Osvaldo Sangiorgi's authored publication, we will bring the unpublished article in Portuguese of his own, Natural Neural Networks, Artificial Neural Networks and Cyber-Learning Learning Skills, as an unpublished contribution of interdisciplinary Information Science theme, originally and exclusively published. in Esperanto, Germany, 2010. We thank GRKG³ magazine, which, through its editor and responsible, Věra Barandovská-Frank, assigned the translation and publication rights in November 2018 to Cajueiro Magazine. Subsequently, in contact with Sangiorgi's family, its publication in this journal was entirely authorized by Sílvia Maria Cândido Sangiorgi, daughter and family representative in this position, who deserves the gratitude of the PLENA GROUP members and harmonizes with the objectives of scientific dissemination. of the Cajueiro Magazine.

To involve all this careful production, the lawyer Marina Pedreira Munne contributed the cover of this issue. This legal professional was involved with the arts and astronomical, astrological and numerological knowledge, as a hobby that accompanied her throughout her life. Photography has become a constant expression of its aesthetic enjoyment and as a passport for entry to digital social networks, as its updated technique has required

³ SANGIORGI, O. Neuro-naturaj retoj, neuro-artefaritaj retoj kaj lerninstruprocedo sub kibernetica vidpunkto. GRKG – (Grundlagenstudien aus Kybernetik und Geisteswissenschaft) Internacia Revuo por Modeligo kaj Matematikizo em la Homsciencoj. Berlin/Paderborn: Institut für Kybernetik/Academia Libroservo, v. 51, n. 3, set. 2010. p. 121-126.

mastery of Information and Communication Technologies (ICT) for the process of image production, photography and its artistic interventions.

Figure 1: Revista Cajueiro's Cover



Source: Original art by Marina Pedreira Munne and Raul Felipe Silva Rodrigues's design (2019).

Inspired by his mathematical affinity, Munne began using fractal creation and overlay applications for images taken in the natural environment. According to the photographer, the production of images superimposed by fractals increases concentration and brings access to thoughts that remain dormant or hidden in the mind, breaking the routine of forgetting and distraction. The exercise of this creative art, in addition to producing beautiful images, also approaches mathematical enjoyment and synthesizes mental images that inhabit the imagination.

At this point, the invitation to Munne made the cover was also part of the tribute to the mathematician Osvaldo Sangiorgi, an admirer of Benoit B. Mandelbrot, cyberneticist and father of mathematical theory that enabled the creation of fractals, creator and intellectual mentor of fractal art, movement. which begins in 1979. Through the technological evolution of ICT, today's fractal art comprises the image, music and animations resulting from its combination (Figure 1).

As ephemerides that generated discussions and productions in GRUPO PLENA, we have the act of censorship illegally imposed by the City Hall of Rio de Janeiro, during the Book Biennial held in that municipality, through an injunction granted by Judge Claudio de Mello Tavares. The act was quickly restrained by the President of the Supreme Court, Minister Dias Toffoli, and Minister Gilmar Mendes, who, on September 8, 2019 reinstated the Rio de Janeiro City Hall's ban on seizing books at the Biennial.

Figure 2: Daily newspaper Folha de São Paulo's cover



Source: Folha de São Paulo, year 99, Edition 33.029, 7/09/2019, first clichê (2019).

The illegal act of censorship referred to the title of the Graphic Novel aimed at adolescent and adult audiences "Avengers: The Crusade of Children", which features a homosexual kiss. The Rio de Janeiro authorities misinterpreted the content as an infringement under the Child and Adolescent Statute (ECA), when in fact this issue is not included in this legislation.

The population mobilized in the country, considering the arbitrary measure, leading to intervention in various public spaces, media and social networks, reproducing the image of the young couple kissing over the various situations that would require attention of the Rio de Janeiro City's politicians. On September 7, when parades and civic demonstrations were held emphasizing Brazil's independence from the colonial regime, the cover of Jornal de Sao Paulo

newspaper featured the controversial kiss and the successful conclusion to what unfortunate happened during the Rio de Janeiro Book Biennial, 2019 (Figure 2).

However, the awakening of the discussion brought an unusual repercussion for the purpose of the Book Biennial event, which had a record sale of bibliographic material, as well as the crisis of bookstores and publishers in Brazil and the world, which are weakened by changes in the mode of production and marketing of written cultural goods. The profound changes in the way books and comics are published and marketed, as well as the changes in their materiality, are leading to profound changes in the marketing characteristics and business models associated with them.

The facts also draw attention to the issue of information dissemination to Brazilian readers. Recent researches from GRUPO PLENA have found that the practice of ratings in magazines, albums and graphic novels published in Brazil would prevent this incident and many others, which have made it difficult to adopt comics as a source of information and reading in informational and educational environments. In a paper discussed at the 5th International Comic Days⁴, members of the group opened the discussion in an unprecedented and specific way about the Indicative Rating applied to comics, as a procedure for informing the reading public, demystifying the prejudice that links this procedure to censorship. Contrary to common sense, early warning of content considered controversial represents a source of interest and demonstration of representation of aspects and points of view that many readers expect to find in their reading.

Distribution groups and companies focused on publishing and trade in books and magazines, such as Livraria and Editora Saraiva, could not bear the costs of their traditional participation in the referred Book Biennial, drawing attention to the crisis of the sector.

As researchers of reading, writing and narrative, members of GROUP PLENA observe with concern the extent of the described book phenomenon and its consequences for the formation of reading culture and the Brazilian and world literary production. We continue our efforts to contribute to the discussion and solutions, while noting the social and economic viability of reading available to all.

⁴ RODRIGUES, R. F. S. ; BARI, V. A. Luz aos corpos no conto em quadrinhos Ciranda da Solidão: enredos de sexo e nudez e classificação indicativa. Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, V, 2018. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP. São Paulo. Anais... Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/edicaoatual.php> . Acesso em 12 out. 2018.



**ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS:
FORMAÇÃO DO LEITOR E CULTURA DA
LEITURA**



**Impasses entre o Letramento e a Cultura Nas
Humanidades: Uma Visão Filosófica da Formação do
Leitor⁵**

*Stalemate Between Literacy and Culture in The
Humanities: A Philosophical View of Reader Training*

*Estancamiento Entre la Alfabetización y la Cultura en
las Humanidades: Una Visión Filosófica de la
Formación del Lector*

Robson Aurélio Adelino Braga⁶

⁵ Recebido em 19/01/19, versão aprovada em 19/03/19.

⁶ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Mestre em Ciências da Comunicação – USP; doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – UFPE; e-mail: escabeau@gmail.com.

RESUMO

Os chamados Novos Estudos sobre Letramento se apresentam como uma compreensão do papel da cultura escrita na educação e se apoiam em um legado teórico influenciado por correntes filosóficas contemporâneas marcadamente críticas em relação ao Humanismo educacional e sua visão logocrática. Tomando-se Steiner como um dos últimos defensores da cultura das humanidades como perspectiva de formação e os Novos Estudos sobre Letramento como atualização crítica do pensamento educacional sobre a leitura, a aproximação dessas perspectivas tão distintas mostra um impasse sobre o qual podemos refletir no sentido de extrair uma concepção mais lúcida e consequente sobre o que devemos entender por letramento. O presente artigo pretende tão somente esboçar algumas questões que dão forma a esse impasse.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Formação do Leitor. Cultura da Leitura. Ciências Humanas.

ABSTRACT

The so-called new literacy studies present themselves as an understanding of the role of culture written in education and rely on a theoretical legacy influenced by contemporary philosophical currents markedly critical in relation to humanism education and its logocratic vision. Taking Steiner as one of the last defenders of the culture of Humanities as a perspective of formation and the new studies on literacy as a critical update of educational thinking about reading training. The approximation of these perspectives so distinct shows a deadlock; about which we can reflect in order to extract a more lucid and consequent conception of what we should understand by literacy. This article intends to outline some issues that form this stalemate.

KEY WORDS: Literacy. Reader Training. Reading Culture. Humanities.

RESUMEN

Los llamados nuevos estudios de alfabetización se presentan como una comprensión del papel de la cultura escrita en la educación y dependen de un legado teórico influenciado por las corrientes filosóficas contemporáneas notablemente críticos en relación con el Humanismo Educación y su visión logocrática. Tomando a Steiner como uno de los últimos defensores de la cultura de las humanidades como una perspectiva de formación y los nuevos estudios sobre la alfabetización como una actualización crítica del pensamiento educativo sobre la lectura, la aproximación de estas perspectivas tan distintas Muestra un estancamiento sobre el cual podemos reflexionar para extraer una concepción más lúcida y consecuente de lo que debemos entender por la alfabetización. Este artículo tiene la intención de esbozar sólo algunas cuestiones que forman este estancamiento.

PALABRAS-CLAVE: Alfabetismo. Formación del Lector. Cultura de la Lectura. Humanidades.

INTRODUÇÃO

O Humanismo pode ainda nos orientar sobre o papel da literatura e da leitura na educação? Essa pergunta só adquire a configuração de um problema pertinente ao campo da educação se a colocarmos em face da constatação de que a compreensão a respeito do papel da literatura e da leitura que atualmente orienta a prática educacional é decisivamente influenciada por uma orientação filosófica pós-metafísica, pós-humanista. Assim sendo, os contornos da questão e, conseqüentemente, da solução que pudermos dar a ela (cumpre repetir: afinal, o) só podem ficar claros se apresentarmos simultaneamente os dois lados da questão:

- O Anti-Humanismo Contemporâneo, e visão pragmática sobre o Letramento;
- O Humanismo Pós-Moderno, e a relação entre a literatura e a leitura.

No apanhado provisório que apresentamos até aqui, o segundo tópico se dirige a uma apresentação da filiação de George Steiner a uma visão logocrática da linguagem e da primeira parte de sua elaboração de uma tese sobre uma recepção estética baseada na transcendência.

O primeiro tópico sugere um aprofundamento que, podendo aqui ser apenas indicado, apontaria para o exame dos textos de história da filosofia que captam o momento de consolidação do pós-estruturalismo e do desconstrucionismo, representados pelas figuras emblemáticas de Michel Foucault e Jacques Derrida, como configuração de um pensamento filosófico de inspiração heideggeriana marcado por uma forte conotação anti-humanista e anti-metafísica.

O texto não pretende expor por inteiro a constituição da perspectiva sob a qual pretendemos enfocar o problema da leitura em nossa tese. Mas pretende propor um tangenciamento dessa problemática, se levarmos em conta que a perspectiva do “letramento” é uma das formas que assume a compreensão das práticas de leitura sob a influência (frequentemente não declarada ou inconsciente) de um pensamento filosófico que recrimina a transcendência e faz da imanência e do relativismo a base de sua compreensão sobre o papel da leitura e da literatura na educação.

O ANTI-HUMANISMO CONTEMPORÂNEO E O LETRAMENTO

Pierre Bourdieu, na esteira do pensamento crítico em que se destaca o pós-estruturalismo como corrente intelectual dominante, nos defronta com um impasse. Os valores que durante muito tempo formaram o alicerce do projeto de subjetivação que a educação tentou levar a cabo são, segundo ele, arbitrários; não há neles nenhuma universalidade, nenhuma transcendência, noções que constituiriam apenas o álibi para o processo de dominação política e exclusão social a que servem como suporte ideológico.

A concepção humanista de educação, tal como tradicionalmente a conhecemos, é impensável sem o recurso às noções de universalidade e transcendência (além de outras como autoridade, tradição, transmissão, responsabilidade). Ao retirar do Humanismo suas prerrogativas e confiscar seus privilégios, demonstrando o caráter contingente e arbitrário do “capital cultural” que lhe dá suporte, Bourdieu confere lastro sociológico aos estudos sobre o letramento, na medida em que sua sociologia investe contra a supremacia dos valores culturais que outorgam a uma forma de leitura um status hierarquicamente superior às demais.

A crítica contemporânea ao Humanismo é uma quase unanimidade que se manifesta em muitas versões, sob a pena de muitos autores influentes. Essa crítica incide principalmente sobre o caráter elitista e o pendor autoritário do Humanismo. Um exemplo particularmente agressivo dessa crítica é expresso nos seguintes termos por um filósofo alemão contemporâneo:

O serviço militar obrigatório universal para os jovens do sexo masculino e a leitura obrigatória universal dos clássicos para ambos os sexos caracterizaram a época burguesa clássica, isto é, aquela era da humanidade armada e dedicada à leitura, para a qual os novos e velhos conservadores olham nostálgicos e ao mesmo tempo impotentes, totalmente incapazes de dar conta, em termos da teoria dos meios de comunicação, do sentido de um cânon literário (...). O Humanismo burguês, substancialmente, não foi mais do que o pleno poder de impingir os clássicos à mocidade e reivindicar o valor universal das leituras nacionais (SLOTERDIJK, Peter, p. 12-13 tradução livre do autor do artigo).

O Humanismo, esse “entusiasmo melancólico-esperançoso pelo poder civilizador e humanizador da leitura clássica” (SLOTERDIJK, 2000, p. 16), tem ainda alguma viabilidade como parte (já nem se dirá como eixo fundamental) de um projeto educacional, dadas as críticas virulentas que o acossam? Pode a noção de leitura moldada pelo cultivo dos clássicos ter ainda alguma viabilidade em face do postulado que está no centro da sociologia de Bourdieu e da crítica pós-estruturalista – a saber: a estreita relação entre a linguagem e a violência simbólica?

O Humanismo é refratário à noção de letramento (ou vice-versa)? Ele pode, de alguma forma, se beneficiar dos novos estudos sobre letramento? Ou estes, por sua inspiração

bourdieuriana, veem no Humanismo, na melhor das hipóteses, o objeto de uma crítica e uma expressão autoritária da dominação simbólica decorrente de uma visão hierarquizada dos textos e da leitura ou, na pior das hipóteses, um inimigo a combater?

As notas que seguem partem dessas perguntas, mas não alcançam uma resposta. Sua pretensão é apenas estabelecer as primeiras balizas de uma reflexão que se vê compelida a prosseguir, já que não podem acolher a hipótese de parar ou retroceder.

A problematização que instaura a mediação da leitura que podemos fazer sobre os estudos do letramento é a que incide sobre o sentido da obra de George Steiner. Em seu conjunto, essa obra oferece uma ampla problematização da perspectiva humanista da educação no quadro das transformações observadas na esfera da cultura no contexto do século XX marcado pelo desmoronamento da hierarquia de valores que configurava a tradição, pela emergência da catástrofe representada pelo holocausto e pela consolidação da cultura de massa.

É na modulação imposta por este cenário que Steiner instala sua reflexão sobre a cultura, indaga sobre o *status* da literatura, constata o empobrecimento geral da linguagem e a deterioração talvez irreversível das práticas de leitura, a perda dos hábitos compartilhados de referência que tornam possível a leitura de um clássico segundo o padrão da textualidade canônica.

O “texto” está se afastando da imediatez, do reconhecimento pessoal e vital, nos tamancos dos pés de página cada vez mais rudimentares, cada vez mais desavergonhados ao transmitir informação que outrora foi o abecedário da cultura (STEINER, 2001b, p. 23-24 tradução livre do autor do artigo).

Além da incidência particular desse tipo de questionamento, a obra de Steiner contém o estofo filosófico de uma concepção sobre o fundamento da educação baseada na tese da transcendência da linguagem. Essas características da obra de Steiner oferecem, a nosso ver, a oportunidade de um questionamento e de uma análise que abarca, de um lado, a indagação sobre a validade do fundamento filosófico de uma educação humanista e, de outro lado, sobre o sentido que uma tal perspectiva educacional pode ainda conferir às práticas relacionadas à linguagem, à literatura e à leitura na educação.

[...] a aposta sobre o sentido do sentido [*le sens du sens*], sobre o potencial de compreensão e de resposta que se manifestam quando a voz de um ser humano se dirige a um outro, quando estamos diante do texto, da obra pictórica ou da composição musical, isto é, quando encontramos o outro na sua condição de liberdade (...), essa aposta de fato incide sobre a transcendência (STEINER, 1991b, p. 22).

A concepção de letramento e o aparato teórico que lhe dá suporte pertencem a um registro fundamentalmente diverso daquele em que se situa o Humanismo e que se baseia numa explícita hierarquização dos conteúdos de leitura e das formas de significação que conformam a manifestação do canônico e da noção – por si só eloquente a respeito do ideal de distinção que está em jogo – de “alta cultura”.

É justo dizer que os estudos do letramento emergem e mantem seu *élan* discursivo como uma reiterada reação à distinção verticalizante preconizada pelo Humanismo e como uma contínua afirmação da horizontalidade de distinções não hierarquizadas, mas apenas diferenciais de conteúdos e processos de significação. Tais estudos constituem, portanto, uma oposição, no campo teórico assim como no da pesquisa empírica e na normatividade das práticas, às concepções exclusivistas sobre o papel da leitura e da escrita na educação. Eles refletem o reconhecimento da legitimidade de uma variedade ilimitada de práticas e usos da escrita e representam um deslocamento da normatividade estrita para a empiria das práticas, da escola para o cotidiano.

Qualquer tentativa de aproximação entre a perspectiva do letramento e as concepções de cultura, texto e leitura do Humanismo tal como se expressa na obra de George Steiner afigura-se, à primeira vista, uma incongruência e um despropósito, ao menos se o ponto de vista adotado for o do forte senso de antagonismo que se expressa no pensamento de Steiner como um todo e em inúmeras passagens de seus livros. Fazendo da exemplificação um exercício quase casual, observemos como, na passagem a seguir, Steiner adverte sobre a natureza distinta do ato de leitura praticado nos limites convencionais da cultura das humanidades, claramente contrastante em relação à multiplicidade de usos e práticas que podem ser agrupadas na acepção genérica de “leituras” ou de “letramentos”:

A maioria dos atos de leitura, digamos noventa e cinco por cento, simplesmente para exemplificar a esmagadora evidência, se dão em um contexto (advirta-se para as proximidades ininteligíveis, e sem embargo vitais, de “texto” e “contexto”), se objetivam com relação a fins que não podemos chamar senão de efêmeros, utilitários, mecânicos, quase sonâmbulos. Os bosques se convertem em celuloze em uma representação a um tempo palpável e alegórica, de esquecimento programado. Milhões de toneladas de papel, impressos, tinta, passam através de um ciclo diário de obsolescência instantânea (STEINER, 2001, p. 16, tradução livre do autor do artigo).

Nesse texto dos anos setenta, Steiner não podia prever ainda a quantidade de textos com sua nova e acentuada efemeridade que circulam hoje em dia nos meios digitais (que tem a seu favor o fato de que não dizem diretamente os bosques). A denominação “texto” na acepção dada por Steiner está reservada ao enunciado escrito propenso a inscrever-se na

memória dos seus leitores, e, num sentido mais amplo, a tornar-se memorável, nesses dois sentidos aptos a denotar, por um lado, a mobilização voluntária da memória individual e, por outro, a capacidade de vir a ocupar um lugar na esteira da tradição que faz perdurar o texto através dos sucessivos processos de transmissão característicos da educação humanista.

Podemos constatar a clara e talvez irreconciliável diferença de perspectiva entre a rígida normatividade da textualidade canônica segundo o padrão do Humanismo steineriano e a visão pluralista, receptiva, infensa a hierarquizações que marca a orientação teórica dos estudos do letramento. Compare-se a liberalidade com que os estudos do letramento questionam a distinção hierárquica entre os diferentes textos, bem como entre as noções de “letrado” e “iletrado” à seguinte caracterização de uma intrínseca correlação entre a noção de texto, tal como acabamos de ver, e a do leitor que lhe corresponde:

[...] um “texto” se gera quando o leitor é aquele que racionalmente se concebe a si mesmo escrevendo um “texto” comparável em importância e grau de exigência, ao que está lendo. Essencialmente, ler é sustentar uma relação ao mesmo tempo recreativa e competitiva com o texto do escritor. É uma afinidade sumamente ativa, cooperadora e, sem embargo, também agonística, cuja execução lógica, senão real, é um “texto de resposta. (STEINER, 2001, p. 18, tradução livre do autor do artigo)

“Talvez irreconciliável...”, dissemos há pouco. Pois, embora a visão steineriana se mostre resistente à fatores atenuações e relativizações, devemos insistir no fato de que toda normatividade se insere numa realidade que lhe impõe limites e inflexões e que é impossível desconsiderar esses limites se somos obrigados a confrontar a idealidade da norma com a real constituição do sujeito que a materializa ou modifica mas só o fará de modo parcial, sujeito (sem o risco de incorrer aqui em redundância) que está às injunções do mundo real, da concretude de sua condição de sujeito no mundo.

É no quadro dessa ponderação sobre limites, contextos, inflexões que podemos submeter as concepções de Steiner a um olhar que opera no horizonte dos estudos sobre letramento. Uma tal perspectiva exigirá, em primeiro lugar, que não se considere de modo unívoco, estático as noções de texto, leitor e leitura. Pensar essas categorias sob a ótica do letramento implica necessariamente em reconhecer uma ampla variedade de materialidades, formas e performances. Fica assim resguardada a possibilidade de pensar como texto realizações linguísticas que estão fora dos limites restritivos da textualidade canônica, que se prestam a variados usos e práticas e que ensejam a possibilidade de uma ampla tipologia de leitores e leituras. É apenas no terreno dessa diversidade que se pode pensar em termos de letramento.

Dito isto, a noção de letramento e a metodologia que dela decorre permitirão operar uma distinção em que a modalidade de texto, de leitura e de leitor descritos por Steiner poderia ser enfocada como um tipo particular de letramento, um “letramento humanista” como uma prática de letramento intensamente institucionalizada que poderia ser estudada e compreendida para dar ensejo a um trabalho pedagógico no sentido de formar leitores para essa modalidade particular de leitura.

O HUMANISMO PÓS-MODERNO E A LEITURA LITERÁRIA

No entanto, uma possível aproximação entre o Humanismo e os estudos sobre letramento não deixaria de parecer um extravagante sincretismo teórico. Do ponto de vista dos estudos pós-modernos, não haveria maiores dificuldades em assimilar os *studia humanitatis* como uma modalidade particular de letramento, uma variante da leitura literária, seja escolar, acadêmica ou de lazer social, instituída por uma indústria cultural em constante evolução.

Sua perspectiva pluralista e francamente aculturante confere-lhe um escopo virtualmente ilimitado: ali onde há padrões institucionalizados de comunicação mediada pela escrita há um objeto a ser estudado, uma prática de letramento a ser compreendida. Isso faz parecer que estamos realizando uma operação intelectual trivial em que uma teoria identifica um novo objeto e sobre ele faz recair seu aparato metodológico, as mídias e suas linguagens em convergência para os suportes digitais. Essa aparência se desfaz se levarmos em conta que o Humanismo não tem nada de “novo” e se atentarmos para a tensão paradigmática que resulta de uma aproximação entre modelos de compreensão fundamentalmente diferentes.

Por outro lado, os estudos sobre letramento refletem uma insurgência do pensamento pedagógico contra o caráter parcial e excludente de uma concepção tradicional de leitura literária, que enseja manifestações do “poder simbólico” tal como é concebido como objeto de severa crítica pela sociologia da educação de Bourdieu. Da estreita aliança com o legado da sociologia e da antropologia no que concerne à crítica às formas de dominação simbólica que operam por meio da linguagem decorre o interesse dos estudos do letramento nas manifestações da cultura escrita consideradas marginais ou ilegítimas se comparadas às formas hegemônicas:

[...] ali onde os teóricos da educação e da psicologia têm se centrado em elementos discretos das habilidades de leitura e da escrita, os antropólogos e os sócio-linguistas têm se concentrado nos letramentos: as práticas sociais e as concepções acerca da leitura e da escrita. A rica variação cultural dessas práticas e concepções nos leva a repensar seu significado e a sermos cautelosos na hora de supor um único letramento

onde podemos estar simplesmente impondo, no letramento dos outros, pressupostos derivados de nossa própria prática cultural. As investigações recentes acerca das culturas e que incidem sobre a leitura e a escrita nos levam a fixar nosso interesse nas maneiras originais e criativas com que as pessoas adaptam o letramento a suas preocupações e interesses próprios (STREET, 2004, p. 81, tradução livre do autor do artigo).

É de uma sociologia da educação e da cultura como a de Bourdieu, ou, de qualquer modo, do interesse antropológico e/ou sociológico em abordar a interação entre o social e simbólico, bem como a manifestação de relações de poder através da linguagem, que surge o ponto de vista que:

[...] permite focar as maneiras como a aparente neutralidade das práticas mascaram sua importância para a distribuição do poder na sociedade e para as relações de autoridade: a aquisição, o uso e o significado de diferentes letramentos têm um caráter ideológico que até pouco tempo não havíamos reconhecido suficientemente (STREET, 2004, p. 82, tradução livre do autor do artigo).

Mas (e aqui abrimos um parêntese francamente especulativo) a crítica bourdieuriana às manifestações do poder simbólico que operam por meio da linguagem pode se deparar com um último e intransponível obstáculo: a hipótese de que haja entre a linguagem e o poder uma relação intrínseca assente na natureza da linguagem. O que aventamos aqui em forma de hipótese, Roland Barthes expressou de forma categórica e provocadora: “...a língua, como performance de toda linguagem, não é nem reacionária nem progressista; ela é, simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.” Ou ainda: “por sua estrutura mesma, a língua implica uma relação fatal de alienação. Falar, e, com mais forte razão ainda, discorrer, não é comunicar, como se repete com muita frequência, é sujeitar: toda língua é uma reação generalizada” (BARTHES, 1978, p. 13-14, tradução livre do autor do artigo).

À sua maneira, George Steiner expressou um juízo semelhante dirigida à escrita (a longa citação me será perdoada):

No texto escrito, seja tabuinha de argila, mármore, papiro ou pergaminho, seja gravado no osso, enrolado ou impresso num livro, vigora um alto grau de autoridade (termo que, como sua origem latina *auctoritas*, recobre a palavra “autor”). O simples fato de escrever, recorrer a uma transmissão escrita, implica uma reivindicação do magistral e do canônico. De maneira evidente no caso de qualquer documento teológico-litúrgico, código penal, tratado científico ou manual técnico, de maneira igualmente muito forte, embora mais sutil, até mesmo autossubversiva, no caso dos textos cômicos ou efêmeros, todo texto escrito é contratual. Ele liga o autor e o seu leitor à promessa de um sentido. Por essência, o escrito é normativo. É “prescritivo”, termo cuja riqueza conotativa e semântica exige uma atenção particular. “Prescrever” significa ordenar, isto é, antecipar-se a, e circunscrever (outra locução eloquente) um domínio de conduta, ou de interpretação do consenso intelectual ou social. Os termos “inscrição”, “script”, “escriba”, e o riquíssimo campo semântico do qual derivam,

associam íntima e inevitavelmente o ato de escrever a modos de comando. “Proscrição”, termo aparentado, ressoa a exílio ou morte. De todas as maneiras possíveis, inclusive mascarados sob uma aparência ligeira, os atos da esfera do escrito, como que incrustados nos livros, expõem relações de poder. O despotismo exercido pelo clero, pelo político, pela lei sobre os iletrados ou subletrados só faz exprimir essa absoluta verdade cardeal. O envolvimento da autoridade com um texto, a apropriação e o uso exclusivo desses livros por uma elite de letrados são sinais de poder. Há uma perturbadora forma de verdade nos volumes acorrentados das bibliotecas monásticas medievais. O escrito ilude os sentidos (em São Jerônimo, o tradutor conquista o sentido, da mesma forma que o conquistador vitorioso leva os prisioneiros para casa) (STEINER, 2014, p. 79, tradução livre do autor do artigo).

Uma relação ontológica entre a linguagem e o poder sugere que façamos ressalvas ao intento de depurá-la em último grau, eliminando os traços de autoridade que lhe são próprios. Dir-se-á, no entanto, que, aquém dessa instância essencial, a linguagem é um instrumento de poder operando em situações concretas, em contextos específicos, viabilizando formas específicas de dominação. O aparato da crítica sócio-linguística recobra aqui a viabilidade de sua crítica: incidindo sobre contextos, usos e práticas específicos, entre os quais o da educação. É nesse sentido que entendemos o aporte dos estudos do letramento, como “descrições concretas de usos e concepções reais do letramento em contextos culturais específicos (STREET, 2004, p. 82). Aqui ressurgem o sonho bourdieuriano de uma educação não reprodutivista, capaz de desativar todos os mecanismos da violência simbólica. Mas surge também uma ressalva que só posso expressar, de momento, de maneira muito parcial e especulativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A eficácia reprodutivista (reprodução da desigualdade social e das formas de dominação) da educação escolar e das instituições culturais (museus, cinema, teatro, literatura etc.) foi rigorosamente demonstrada pelas pesquisas feitas ou dirigidas por Bourdieu. A questão, a nosso ver, e aí reside o impasse que a sociologia da educação e da cultura bourdieuriana lançou sobre a pedagogia, é saber se, ou em que medida, a reprodução pode ser extirpada do funcionamento dessas instituições ou se são uma característica intrínseca da qual elas não podem, em última instância, se desvencilhar. Por ora não podemos mais do que lançar e deixar em aberto essa questão de longo alcance e de solução improvável.

Pois não se trata aí apenas de duas formas de compreender a natureza do textual e das práticas de leitura, sendo uma mais plural, aberta, flexível e outra mais estrita, particular e severamente normativa. Trata-se também de duas filiações pedagógicas essencialmente diversas. De um lado, o Humanismo não é somente uma prática de leitura (ou de letramento),

mas um discurso formal e coerente sobre os modos de ler, sobre os valores implicados nesse ato e sobre o valor diferencial de um corpus canônico de aurores e obras consagrados por uma tradição.

Se os estudos do letramento podem, por assim dizer, dialogar com o Humanismo, temos que admitir que o termo “diálogo” tenha que soar retórico, uma vez que o Humanismo ocuparia aí uma posição assimétrica e subordinada, precisamente como objeto dos estudos sobre letramento e mais: como um objeto entre outros, revogado o *status* de uma forma superior de leitura que o Humanismo sempre reivindicou. Respondemos assim, a questão inicial que motivou a elaboração desse artigo, com um novo questionamento: como é possível promover o letramento, sem a apropriação da leitura literária, ou seja, sem que os discípulos tenham contato com a subjetividade que atribui sentidos à sistematização de conhecimentos?

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Leçon**. Paris: Éditions du Seuil, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. **Langage et pouvoir symbolique**. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parquet humano**: uma resposta à carta de Heidegger sobre o Humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- STEINER, George. O silêncio dos livros. **Revista Serrote**, São Paulo, n. 17, julho-2014, p. 77-107.
- STEINER, George. **Sobre la dificultad y otros ensayos**. Mexico, D: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- STREET, Brian. Los nuevos estudios de literacidad. In: ZAVVALA, V; NIÑO-MARCIA, M.; AMES, P. **Escritura y sociedade**: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales em el Perú, 2004.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA**Deadlock between literacy and culture at Sciences: a philosophical view of the reader's training⁷***Robson Aurelio Adelino Braga⁸***INTRODUCTION**

Humanism can still guide us about the role of literature and reading in education? This question only acquires the configuration of a relevant problem in the field of education to put in face of the fact that the understanding about the role of literature and reading that currently guides the educational practice is decisively influenced by a post-metaphysical philosophical orientation, post-humanist. Therefore, the question contours and hence we can give solution to it (again fulfills: after all,) can only be clear simultaneously introduce both sides of the question:

- Anti-Humanism Contemporary and pragmatic vision of literacy;
- The post-modern Humanism, and the relationship between literature and reading.

In the provisional caught that we present here, the second topic addresses a presentation of George Steiner membership in a logocrática view of language and the first part of its preparation of a thesis on an aesthetic reception based on transcendence.

The first topic suggests a deepening that may here be indicated only point to the examination of the history books of philosophy that capture the moment of consolidation of post-structuralism and deconstructionism, represented by the emblematic figures of Michel Foucault and Jacques Derrida, as configuration of a philosophical thought of Heidegger's inspiration marked by a strong anti-humanist connotation and anti-metaphysical.

The text does not intend to expose entirely the creation of the perspective from which we intend to focus on the reading problem in our thesis. But intends to propose a tangency of this problem, if we consider the prospect of "literacy" is one of the forms it takes an understanding of reading practices under the influence (often unstated or unconscious) of a

⁷ Received on 19/01/19, version approved in 03/19/19.

⁸ Federal University of Pernambuco - UFPE; Master in Communication Sciences - USP; doctoral student in Education at the Post-Graduate Education - UFPE; e-mail: escabeau@gmail.com.

philosophical thought that reproaches transcendence and It makes immanence and relativism the basis of his understanding of the role of reading and literature in education.

ANTI-HUMANISM CONTEMPORARY AND LITERACY

Pierre Bourdieu in the wake of critical thinking which highlights the post-structuralism as the dominant intellectual current, confronts us with an impasse. The values that have long formed the foundation of subjectivity project that education is tried to carry out, he said, arbitrary; I have no universality, no transcendence, notions that would constitute only the alibi for the process of political domination and social exclusion that serve as ideological support.

The humanist concept of education as traditionally we know it, is unthinkable without recourse to notions of universality and transcendence (as well as other authority, tradition, transmission, responsibility). By removing the Humanism its prerogatives and confiscate their privileges, demonstrating the contingent and arbitrary character of "cultural capital" that supports it, Bourdieu provides sociological ballast to studies on literacy, to the extent that his sociology invests against the supremacy of cultural values which grant a form of reading a superordinate status to others.

The contemporary critique of humanism is an almost unanimous that manifests itself in many versions, from the pen of many influential authors. This criticism focuses mainly on the elitist and authoritarian bent of Humanism. A particularly aggressive example of this criticism is expressed as follows by a contemporary German philosopher:

The universal compulsory military service for young men and universal compulsory reading the classics for both sexes characterized the classical bourgeois epoch, that is, the era of armed humanity and devoted to reading, to which the new and old conservatives look nostalgic and at the same time powerless, totally unable to account in terms of the theory of the media, the meaning of a literary canon (...) the bourgeois humanism substantially was no more than the full power to enforce the classical to youth and claim the universal value of national readings (SLOTERDIJK, Peter, p. 12-13).

Humanism, this "melancholy, hopeful enthusiasm for civilizing and humanizing power of classic reading" (SLOTERDIJK, 2000, p. 16), still have some viability as part (does not even tell you how fundamental axis) of an educational project, given the virulent criticism that beset? Can the notion of reading shaped by the cultivation of the classics still have some

viability in the face of the principle that is at the center of Bourdieu's sociology and post-structuralist criticism - namely, the close relationship between language and symbolic violence?

Humanism is refractory to the notion of literacy (or not instead)? It can somehow benefit from new studies of literacy? Or these, in bourdieuriana inspiration, see the Humanism, at best, the subject of a review and an authoritative expression of symbolic domination resulting from a hierarchical view of the lids and reading or, at worst, an enemy to fight?

The notes that follow leave these questions, but do not reach an answer. Their claim is only to establish the first beacons of a reflection that sees compelled to continue, since they can not accept the hypothesis to stop or rewind.

The questioning introducing the reading mediation we can do about the literacy studies is the one that focuses on the meaning of George Steiner's work. As a whole, this work offers a wide questioning of the humanist perspective on education in the context of the changes observed in the sphere of culture in the context of the twentieth century marked by the collapse of the hierarchy of values that configured to tradition, the emergence of the disaster represented by the Holocaust and the mass culture consolidation.

It is in the modulation imposed by this scenario that Steiner installs its reflection on culture, inquires about the status of literature, notes the general impoverishment of language and perhaps irreversible deterioration of reading practices, the loss of shared habits of reference that make it possible to reading a classic in the pattern of canonical textuality.

The "text" is moving away from immediacy, personnel and vital recognition in clogs the footnotes increasingly rudimentary increasingly shameless to transmit information that was once the crop alphabet (STEINER, 2001b, p. 23- 24).

In addition to the particular incidence of this type of questioning, Steiner's work contains philosophical padding of a conception of the foundation of education based on the theory of the transcendence of language. These Steiner's work features offer, in our view, the opportunity of a questioning and an analysis that includes, on the one hand, the question of the validity of the philosophical foundation of a humanistic education and on the other hand, about the meaning such an educational perspective can still afford the practices related to language, literature and reading education.

[...] to bet on the direction of meaning [le sens du sens] on the potential of understanding and response manifested when the voice of a human being is directed to another when we are in front of the text, pictorial work or musical composition, that is, when we find the other in his condition of freedom (...), this fact bet focuses on transcendence (STEINER, 1991b, p. 22).

The concept of literacy and the theoretical apparatus that supports you belong to a fundamentally different register from that in which is located the Humanism and is based on an explicit hierarchy of reading content and forms of meaning that make the manifestation of the canonical and the notion - by itself eloquent about the ideal distinction of what is at stake - "high culture."

It is fair to say that literacy studies emerge and keep your *not herdiscourse* as a reaction to repeated verticalizing distinction advocated by Humanism and as a continuous affirmation of horizontality of non-hierarchical distinctions, but only contents and significance of differential processes. Such studies are therefore an opposition, in theory as well as in the empirical research and normative practices, the exclusivist conceptions of the role of reading and writing in education. They reflect the recognition of the legitimacy of an unlimited variety of practices and uses of writing and represent a shift from strict normativity to empirical practices, from school to everyday life.

Any attempt to approach from the perspective of literacy and conceptions of culture, text and reading Humanism as expressed in the work of George Steiner it appears, at first glance, an incongruity and absurdity, at least if the point of view adopted is the strong sense of antagonism that is expressed in the thought of Steiner as a whole and in numerous passages of his books. Making the exemplification an almost casual exercise, observe how, in the following passage, Steiner warns of the distinct nature of the reading act performed in the conventional limits of the culture of the humanities, clearly contrasts with the multiplicity of customs and practices which can be grouped in general meaning of "readings" or "literacies":

Most of the acts of reading, say ninety-five percent, just to exemplify the overwhelming evidence, take place in a context (warn up to the vicinity unintelligible, and without vital embargo, "text" and "context"), They are aimed in relation to ends that can not call but ephemeral, utilities, mechanical, almost sleepwalking. The woods are converted into cellulose to a tangible representation allegorical time programmed forgetfulness. Millions of tons of paper, printing, ink, pass through a daily cycle of instant obsolescence (STEINER, 2001, p. 16).

In this text the seventies, Steiner could not predict the amount of text with your new and sharp ephemerality circulating today in digital media (which has in its favor the fact that not directly decimate the forests). The name "text" within the meaning given by Steiner is reserved to the statement written prone to subscribe to the memory of his readers, and, in a broader sense, to become memorable, these two senses able to denote on the one hand, voluntary mobilization of individual memory, and secondly, the ability to come to occupy a

place in the wake of the tradition that makes the text endure through successive characteristic transmission processes of humanistic education.

We can see the clear and perhaps irreconcilable difference of perspective between the rigid normativity of canonical textuality after the pattern of steineriano Humanism and pluralistic vision, receptive, infensa the hierarchies that marks the theoretical orientation of literacy studies. Compare the liberality with which literacy studies question the hierarchical distinction between the different texts, as well as between the notions of "literate" and "illiterate" to the following characterization of an intrinsic correlation between the notion of text, such as we have just see, and the player that corresponds to it:

[...] a "text" is generated when the player is the one who rationally conceives himself writing a "text" comparable in importance and level of demand, it is reading. Essentially, reading is to sustain a relationship at the same time recreational and competitive with the writer of the text. It is an extremely active affinity, cooperative and, nevertheless, also agonistic, whose logic execution, if not real, is a "response text." (STEINER, 2001, p. 18)

"Maybe irreconcilable ..." we said earlier. For although steineriana vision proves resistant to attenuation factors and relativizations, we must insist on the fact that all normativity is part of a reality that imposes limits and inflections and it is impossible to disregard those limits if we are forced to confront the ideality of the norm with the actual constitution of the subject that materializes or changes but will only do so partially, subject (without the risk of incurring here redundancy) that is to the injunctions of the real world, the concreteness of his subject condition in the world.

It is under this consideration of limits, contexts, inflections that we can submit Steiner designs to a look that operates on the horizon of studies on literacy. Such an approach will require, first, that does not consider a univocal way static text notion, reader and reading. Think these categories from the perspective of literacy necessarily entails recognizing a wide range of materiality, forms and performances. It is thus safeguarded the possibility of thinking as text language achievements that are outside the restrictive limits of canonical textuality, that lend themselves to different uses and practices that cause receivership possibility of a wide typology of readers and readings. It is only on the ground that diversity that one can think in terms of literacy.

That said, the concept of literacy and methodology that it follows allow to make a distinction in the form of text, reading and reader described by Steiner could be focused as a particular type of literacy, an "humanitarian literacy" as a practical intensely institutionalized

literacy that could be studied and understood to give rise to a teaching job in order to form readers for this particular mode of reading.

POST-MODERN HUMANISM AND LITERARY READING

However, a possible rapprochement between Humanism and studies on literacy would certainly seem an extravagant theoretical syncretism. From the point of view of postmodern studies, there would be no major difficulties in assimilating humanitatis studia as a particular form of literacy, a variant of literary reading, whether school, academic or social leisure, established by a cultural industry is constantly evolving.

Its pluralistic and frankly acculturating perspective gives you a virtually unlimited scope: there where there is institutionalized patterns of communication mediated by writing there is an object to be studied, a practice of literacy to be understood. This makes it look like we are doing a trivial intellectual operation in which a theory identifies a new object and it imposes on its methodological apparatus, media and languages in their convergence to digital media. This appearance vanishes if we consider that humanism is nothing "new" and if you look at the paradigmatic tension that results from a rapprochement between fundamentally different models of understanding.

On the other hand, studies on literacy reflect an insurgency of the pedagogical thought against partial and exclusionary character of a traditional conception of literary reading, which entails manifestations of "symbolic power" as it is conceived as a severe criticism object in the sociology of education Bourdieu. The close alliance with the legacy of sociology and anthropology regarding the criticism of forms of symbolic domination that operate through language stems from the interest of studies of literacy in the manifestations of written culture considered marginal or illegitimate compared to the hegemonic forms:

[...] there where the theoretical education and psychology have focused on discrete elements of reading and writing skills, anthropologists and sociolinguists have focused on literacies: social practices and conceptions of reading and writing. The rich cultural change these practices and concepts leads us to rethink the meaning and to be cautious at the time of assuming a single literacy where we can be simply imposing in the literacy of others, assumptions derived from our own cultural practice. Recent research about the cultures and that focus on reading and writing lead us to fix our interest in unique and creative ways in which people adapt literacy to their concerns and interests (STREET, 2004, p. 81).

It is a sociology of education and culture as Bourdieu, or in any way, the anthropological and/or sociological interest in addressing the interaction between social and

symbolic, as well as the manifestation of power relations through language that arises the view that:

[...] will focus on the ways in which the apparent neutrality of practices mask their importance to the distribution of power in society and the authority relations: the acquisition, use and meaning of different literacies have an ideological character which until recently time had not sufficiently recognized (STREET, 2004, p. 82).

But (and here we open a frankly speculative parenthesis) criticism bourdieuriana the manifestations of the symbolic power operating through language may come across one last insurmountable obstacle: the hypothesis that there is between language and power intrinsic relationship based on nature of language. What aventamos here in the form of hypothesis, Roland Barthes expressed categorically and provocatively: "... the language, such as performance of all language is neither reactionary nor progressive; it is, simply, fascist; because fascism is not to stop to say, it is to force saying "Or,". By its very structure, the language implies a fatal relationship of alienation. Talking, and with stronger reason yet, discourse, is not communicating, as is repeated too often, it is subject: every language is a generalized reaction "(Barthes, 1978, p.

In his own way, George Steiner expressed a similar judgment directed to writing (long quote I will be forgiven):

In written text, either clay tablet, marble, papyrus or parchment, is written in the bone, curled or printed in a book, there exists a high degree of authority (which term, as its origin Latin *auctoritas*, covers the word "author"). Simply write, use a written transmission, implies a claim masterful and canonical. Overtly in the case of any theological and liturgical document, penal code, scientific or technical manual treaty, equally very strongly, though more subtle, even autossubversiva in the case of comic or ephemeral texts, all written text is contractual. He calls the author and his reader to the promise of a meaning. In essence, the writing is normative. It is "prescriptive", a term whose wealth and connotative semantics requires particular attention. "Prescribe" means order, ie, to anticipate and limit (another eloquent expression) a domain of conduct or interpretation of the intellectual or social consensus. The terms "application", "script", "scribe" and the rich semantic field from which they derive, associate intimately and inevitably the act of writing the command modes. "Prohibition", akin term resonates to exile or death. In all possible ways, including masked under a slight appearance, the acts of writing ball, as if embedded in the books, expose power relations. The despotism exercised by the clergy, the political, the Law on uneducated or subletrados only does express the absolute truth cardinal. The involvement of authority with a text, ownership and the exclusive use of these books by a literate elite are power signals. There is a disturbing form of truth in chained volumes of medieval monastic libraries. The writing eludes the senses (in St. Jerome, the translator achievement sense, just as the victorious conqueror takes prisoners home (STEINER, 2014, p. 79).

An ontological relationship between language and power caveats suggest we do to attempt to debug it in the last degree, eliminating the authority traits of its own. It will say, however, that, short of this essential instance, language is an instrument of power operating in

concrete situations, in specific contexts, allowing specific forms of domination. The apparatus of socio-linguistic critical here regains the viability of his criticism: focusing on contexts, uses and specific practices, including the education. It is in this sense that we understand the contribution of literacy studies, like "concrete descriptions of uses and actual conceptions of literacy in specific cultural contexts (STREET, 2004, p. 82). Here emerges the bourdieuriano dream of a not reproductive education, able to disable all the mechanisms of symbolic violence. But also comes a caveat I can only express the moment, very partial and speculative way.

FINAL CONSIDERATIONS

The reproductivist effectiveness (reproduction of social inequality and forms of domination) of school education and cultural institutions (museums, cinema, theater, literature etc.) has been rigorously demonstrated by research conducted or directed by Bourdieu. The question, in our view, and therein lies the impasse that sociology of education and bourdieuriana culture released on pedagogy, is whether, or to what extent, playback may be cut off from operation of these institutions or are an intrinsic characteristic which they may not ultimately to disengage. For now, we can not more than launch and leave open the question of long-range and unlikely solution.

Because it is not there only two ways to understand the nature of textual and reading practices, and a more plural, open, flexible and a more strict, particular rules and severely. It is also two essentially different teaching affiliations. On the one hand, humanism is not only a practice of reading (or literacy), but a formal and coherent discourse on the ways of reading on the implied values in this act and the differential value of a canonical corpus Auror and works consecrated by tradition.

If the literacy studies can, so to speak, to dialogue with humanism, we must admit that the term "dialogue" has to sound rhetorical, since Humanism would take around an asymmetric and subordinated position, precisely as the object of studies on literacy and more: as an object among others, revoked the status of a higher form of reading that humanism has always claimed. Respond well, the initial question that motivated the preparation of this article, with a new question: how can promote literacy, without the appropriation of literary reading, that is, without the disciples have contact with the subjectivity that gives way to systematize knowledge?

REFERENCES

BARTHES, Roland. **Leçon**. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **Langage et pouvoir symbolique**. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parquet humano**: uma resposta à carta de Heidegger sobre o Humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

STEINER, George. O silêncio dos livros. In: **Revista Serrote**, São Paulo, n. 17, julho-2014, p. 77-107.

STEINER, George. **Sobre la dificultad y otros ensayos**. Mexico, D: Fondo de Cultura Económica, 2001.

STREET, Brian. Los nuevos estudios de literacidad. In: ZAVVALA, V; NIÑO-MARCIA, M.; AMES, P. **Escritura y sociedade**: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciências Sociales em el Perú, 2004.



**ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS:
HISTÓRIA E CULTURA EDITORIAL**



**O projeto gráfico do objeto-livro na cultura
editorial⁹**

*The graphic design of the object book in editorial
culture*

*El diseño gráfico del libro objeto en la cultura
editorial*

Germana Gonçalves de Araujo¹⁰

⁹ Recebido em 19/01/19, versão aprovada em 20/03/19.

¹⁰ Professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais e Design da Universidade Federal de Sergipe, DAVD/UFS.

RESUMO

Ensaio desenvolvido sob o contexto da história universal e local do livro, o qual teve por objetivo principal delimitar aspectos do projeto gráfico de um livro que possam ter propiciado à cultura editorial na história social da comunicação humana. Adentra em quais são os aspectos do design bibliográfico. Conclui que no mundo contemporâneo o público-leitor se torna a cada dia mais exigente diante da diversidade de linguagens que são expostas e que impregnam seu repertório imagético. Identifica que o profissional que atua na área do design editorial do século XXI deve estar atento as mudanças culturais da prática de leitura e na produção gráfica executada com softwares e com o uso da Internet, como fonte quase infinita de informação, o designer pode optar por não simplesmente escolher e empenhar-se em produzir os constructos gráficos; tornando-se, assim, além do gestor, de como o conteúdo será representado, um produtor gráfico que não abdica de propor com personalidade cultural e artística.

PALAVRAS-CHAVES: História do Livro. Projeto Gráfico. Editoração.

ABSTRACT

It is an essay developed in the context of the universal and local history of the book, whose primary objective was to delimit aspects of the graphic design of a book that may have propitiated editorial culture in the social history of human communication. Goes into what are the aspects of editorial's design. It concludes that in the contemporary world, the reader-public becomes increasingly demanding in view of the diversity of languages that are exposed and that pervade their imaginary repertoire. Identifies that the professional working in the field of 21st century editorial designer must be aware of the cultural changes of reading practice and the graphic production performed with software and the use of the Internet as an almost infinite source of information, the designer can choose to not simply choosing and striving to produce the graphic constructs; thus becoming, besides the manager, how the content will be represented, a graphic producer who does not give up proposing with cultural and artistic personality.

KEY-WORDS: Book History. Graphic Project. Publishing.

RESUMEN

Ensayo desarrollado en el contexto de la historia universal y local del libro, cuyo objetivo principal fue delimitar aspectos del diseño gráfico de un libro, que pueden haber propiciado la cultura editorial en la historia social de la comunicación humana. Se acerca en cuáles son los aspectos del dibujo editorial. Concluye que en el mundo contemporáneo, el público lector se vuelve cada vez más exigente en vista de la diversidad de idiomas que están expuestos y que impregnan su repertorio imaginario. Identifica que el profesional que trabaja en el campo del diseñador editorial del siglo XXI debe ser consciente de los cambios culturales de la práctica de lectura y la producción gráfica realizada con el software y el uso de Internet como una fuente casi infinita de información, el diseñador puede elegir no simplemente eligiendo y esforzándose por producir las construcciones gráficas; convirtiéndose así, además del gerente, en cómo se representará el contenido, un productor gráfico que no deja de proponer con personalidad cultural y artística.

PALABRAS CLAVE: Historia del Libro. Proyecto Grafico. Publicación

INTRODUÇÃO

Dos muros, aos *rollos*, para as páginas costuradas, a busca pelo registro e disseminação de conteúdo, além das constantes invenções tecnológicas, impulsionou o desenvolvimento de objetos apropriados para a comunicação humana até chegar ao livro que conhecemos hoje em dia.

Para aprimorar o uso do objeto-letrado, não se mediu esforço na experimentação de materiais e processos de reprodução; seja para conseguir suportes mais duráveis e portáteis, tinturas com ancoragem resistente ao tempo ou impressão mecanizada de textos e imagens. É fato que novos conhecimentos técnicos são explorados e implementados com o intuito de atender aos interesses de reter ou compartilhar a informação.

Releva-se, então, que até chegar ao objeto-livro que conhecemos hoje – o formato tradicional de páginas duplas encadernadas ao centro – o registro da informação passou por diversas modificações técnicas, tais como: linguagens visuais elaboradas em conexão as especificidades culturais; e processos de reprodução para multiplicar com precisão e velocidade conteúdos verbais e pictóricos.

Diante de tantas transformações tecnológicas, imagina-se que o projeto gráfico de uma página também tenha sido aprimorado com o tempo, considerando, inclusive, que os aspectos de interação entre leitor-leitura sofreram mudanças significativas em consequência das dinâmicas culturais. Mas na realidade, os princípios de composição de uma página não sofreram modificações efetivas com a história social da comunicação humana e, desde a Bíblia de 42 linhas do alemão Gutenberg (1398-1468), produzida em 1455, poucos elementos utilizados para dispor a informação em uma página foram repensados¹¹.

É certo que a história do livro, ou do registro de dizeres verbais e não-verbais (pictórico) em um instrumento de leitura, acompanha a história da alfabetização. Da escrita cuneiforme – 4º milênio a.C., sul do atual Iraque –, as escrituras em parede (Livro dos Mortos, 1.300 a.C., Egito), aos manuscritos (sécs. VII e XV d.C., Europa), ter acesso à informação sempre foi um privilégio do poder. Compreende-se que somente a partir do século XVIII é que se firma a necessidade da prática de leitura no cotidiano das sociedades, a ponto de impulsionar

¹¹ É certo que mesmo antes da Bíblia de Gutenberg (1398-1468), os manuscritos pelos escribas também apresenta, elementos que são utilizados até hoje em dia, tais como, por exemplo: as capitulares, para marcar o princípio de uma parágrafo ou parte, e o colofão, que era utilizado como assinatura do profissional, de um escrita.

a produção de livros com diversos gêneros de conteúdo. Com a Revolução Industrial, o letramento foi um movimento importante para formar uma classe trabalhadora e consumista.

Neste movimento, a figura do Editor ganha força como um gestor comercial da obra, interferindo, inclusive na característica do projeto gráfico; no final do século XVIII a preferência era dada aos projetos considerados mais dinâmicos, sob a perspectiva da leitura, “[...] em vez das decorações ostensivas da arte barroca” (Ibid., p. 110). Para configurar projetos gráficos em consonância com essa noção de dinamismo, além de excluir o modelo de página ornamentada herdada dos manuscritos, foi preciso investir na criação de novas tipografias, no uso da hierarquização da informação e em leiautes com margens generosas. A prática de leitura passa a ser um adestramento conectado ao ideário funcionalista, e a página de um livro tende a ser graficamente estruturada para exigir o mínimo de esforço possível do leitor.

O livro, ao longo da História, se torna um objeto com significados verificáveis por diversos aspectos: religioso ou místico, político, econômico, sociocultural, científico ou didático, e de entretenimento. Mas a formação de um público leitor é a questão que determina a caracterização desses aspectos, pois sem o leitor o livro perde o sentido.

Desta forma, o uso e circulação do livro está condicionado a um leitor e, por isso, a natureza da informação, assim, como, a linguagem utilizada para configurar um conteúdo, depende diretamente das características socioculturais, determinantes no processo de apreensão, da pessoa que fará a leitura. Por isso, juntamente com o conhecimento da tecnologia de produção do livro, o olhar sobre história social do saber letrado torna-se significativo para se obter a compreensão histórica da cultura editorial.

Esse ensaio tem o objetivo primeiro de delimitar aspectos do projeto gráfico de um livro que possam ter propiciado à cultura editorial na história social da comunicação humana. Após apontamentos necessários acerca da história universal e local do livro, passando obrigatoriamente pela história da escrita e da imprensa, o texto adentra em quais são os aspectos do Design Editorial que interferem na produção de bens letrados da atualidade; o livro do século XXI.

O LIVRO-OBJETO DAS COISAS SAGRADAS E CULTURAIS

Mesmo relevando que as primeiras escrituras cuneiformes já possuíam conteúdos organizados – inicialmente de caráter religioso, jurídico e econômico – interligados entre placas de argila; ou seja, em um sequenciamento de informação, neste estudo destaca-se a cultura de produzir livros dos mesoamericanos, encontrados pelos espanhóis no início do século XVI.

E essa escolha se dá, principalmente, porque foi nessa região, fora o Velho Mundo, que a arte de fazer códices¹², o formato de livro mais próximo do que se tem na atualidade, floresceu (LEÓN-PORTILLA, 2012, p. 15). Por isso, para o estudo da cultura editorial, essa produção de escritos mesoamericanos é relevante.

Quando os espanhóis invadiram o México e a América Central, em 1519, como o pesquisador Martyn Lyons desenvolve, tiveram que lidar com povos que já produziam manuscritos, escrituras feitas em suportes confeccionados com cascas de figueiras (LYONS, 2011, p. 84).

Os livros mesoamericanos, que foram praticamente destruídos pelos colonizadores – mais preocupados em converter os índios ao catolicismo – eram ricamente compostos com figuras e glifos e apresentavam guias de rituais divinatórios, calendários ou almanaques sagrados com conteúdo astrológico, tratados medicinais, mapas, genealogia reais e histórias locais (Ibid., p. 84-85).

O primeiro formato utilizado era o “livro-biombo”; uma tira dobrada formando uma sanfona que é também chamado por alguns autores por “livro sanfonado japonês”, pois no século XII os japoneses popularizaram esse formato por ser mais versátil que o *rollo*. A página sanfonada era repleta de figuras sequenciadas.

Os primeiros manuscritos faziam parte do universo das coisas divinas, mesmo quando se tratava de exaltar a memória política de governantes. Para os mesoamericanos, tanto a arte de escrever quanto a de produzir livros eram atividades pertencentes àqueles que possuíam dons dos deuses (LEÓN-PORTILLA, 2011, p. 21).

Revisitando a História, destaca-se que o primeiro formato considerado um livro era o *rollo* (ou *volumem*), que se caracterizava por um manuscrito feito em uma longa tira de papiro

¹² Miguel León-Portilla, na introdução de sua obra intitulada “Códice: os antigos livros do Novo Mundo” (2012), desenvolve que o significado da palavra códice, proveniente do vocabulário *codex*, pesquisado em várias fontes, pode ser compreendido como sendo “tábua onde se escreve”. Segundo o autor, no período da Idade Média (século V ao XV), *codex* referia-se ao livro manuscrito. Mesmo sem afirmar a origem do uso do termo, o autor explicita que a palavra códice apenas foi utilizada com frequência pelos europeus em meados do século XIX. (LEÓN-PORTILLA, 2012, p. 7-8).

ou pergaminho. O *rollo* era um objeto que tinha um manuseio dificultoso – podiam chegar a ter mais de 10 metros. Para abrir e ler, o usuário tinha que utilizar, simultaneamente, das duas mãos.

Encontrar passagens específicas era trabalhoso já que, nele, não possuía marcadores nem paginação. Fora que, a escrita somente era possível em uma das faces. Por isso, a busca por outro formato era justificada a partir da necessidade de facilitar a reprodução e uso de manuscritos. Surge, então, o objeto códice que propicia melhor interação entre leitor e leitura.

O códice é objeto-livro, que além de ser fácil de portar, tornava possível inserir conteúdos nas duas faces da página; foi uma invenção revolucionária e duradoura na produção de livros. Diferente do *rollo*, que podia ser longo e pesado demais e, por isso, de difícil manipulação, o códice tinha páginas individuais unidas por costura de um lado (geralmente o esquerdo).

Esse formato, no qual a página pode ser configurada separadamente antes de ser unida à outras para a confecção de um livro, facilitou, ao longo dos tempos, a produção em série e o acesso da informação. E mesmo que durante séculos os conteúdos depositados nos códices tratavam, quase que exclusivamente, de questões religiosas e de poder, é certo que também portavam relevantes testemunhos acerca do passado – até o modo de retratar, quer dizer, a linguagem visual das ilustrações sobre a cultura e vida social, elucida a respeito de como determinadas sociedades pensavam e conseguiam desenvolver a comunicação entre eles – estilo e técnicas concatenam a semântica do conteúdo verbais e da imagem.

Certamente, por esse propósito em manter viva a história sociocultural por meio de pinturas e caracteres, já que em um livro acontecimentos sociais podem ser revisitados ao longo dos tempos, é que os homens de Castela queimaram os códices originais mesoamericanos. Como explicita Martyn Lyons, “Eles [os livros mesoamericanos] oferecem uma valiosa reflexão sobre a vida a as culturas do México e da América Central antes e imediatamente após a chegada dos espanhóis” (LYONS, 2011, p. 86).

Sem conseguir ter compreensão na leitura sobre os conteúdos – já que se sabia pouco sobre o povo colonizado e se tinha pretensões adversas para a vida social deles –, a justificativa dos espanhóis foi que, nos códices pré-hispânicos produzidos pelos índios, haviam testemunhos falsos acerca da criação do mundo, apologia ao Diabo e práticas de sacrifícios e, por isso, a queima era o melhor destino para esses registros (LEÓN-PORTILLA, 2012, p. 61).

Destaca-se que a invasão dos Portugueses nas terras brasileiras ocorreu quase duas décadas antes da invasão dos Espanhóis na região da Mesoamérica. Entretanto, mesmo que se

compreenda que os grafismos encontrados nos artefatos do novo território português propõem rica visualidade e significação, não se tem registros que os índios que habitavam as terras do Brasil produziam figuras e caracteres em seus objetos para se comunicar.

As práticas dos nativos do Novo Mundo – “novo, porque ausente dos mapas europeus; novo porque repleto de animais e plantas desconhecidos; novo porque povoados por homens estranhos, que praticavam a poligamia andavam nus e tinham o costume de fazer a guerra e comer uns aos outros” (SCHWARCZ; STAEKIN, 2018, p. 21), também foram descritas como sendo decadentes e estavam longe dos valores da sociedade ocidental e, por isso, eram povos úteis na condição de escravos.

Nesta perspectiva, do argumento que legitima as ações de opressão dos invasores, a memória escrita dos mesoamericanos foi quase totalmente destruída em fogueiras pelos colonizadores.

Esses livros, pré-hispânicos, configurados principalmente por figuras; eram composições pictóricas que não eram inteligíveis aos invasores. Miguel León-Portilla amplia essa compreensão quando desenvolve que a oralidade dos povos mesoamericanos se relacionava diretamente com os códices de “pintura e caracteres” feitos por eles.

Esse autor expõe, em um capítulo intitulado “Binômio oralidade e códice na Mesoamérica”, que a linguagem pictórica deles podia ser apenas compreendida mediante a complementação oral sobre o que estava representado (LEÓN-PORTILLA, 2012, p. 91-110). Ou seja, o que o autor destaca é a relevância da tradição oral, ou oralidade, como sendo um suporte da escrita para a preservação e difusão da cultura desses povos.

Em se tratando da configuração gráfica, os códices mesoamericanos, encontrados no início do século XVI, apresentavam elementos (constructos gráficos) e disposição (leiautes) distintos do que estava sendo produzido na Europa da época; que em meados do século XV abandona os manuscritos e passou a produzir livros por meio dos tipos móveis, difundindo a cultura europeia para o mundo e interferindo de maneira substancial na comunicação da humanidade (Figura 1).

Figura 1 – Do rollo manuscrito à página impressa por Gutenberg.



rollo ou volumem
 mesoamericanos
 códice
 europeus
 livro
 Biblia de Gutenberg (B-42) - tipos móveis

Fonte: Arquivo de pesquisa de Germana Gonçalves de Araújo.

Destaca-se que a produção dos códices mesoamericanos não enfatizava a intelectualidade de um autor, mas sim os saberes e práticas socioculturais de um povo. Poucos

índios continuaram a produzir testemunhos pintados depois da invasão, motivados por acreditar que seu legado não teria sido encerrado mesmo depois da violenta intervenção dos espanhóis.

Depois da queima quase total dos códices pré-hispânicos, os colonizadores incentivaram a confecção de novos códices configurados por escribas nativos que tinham aprendido o alfabeto na escola dos frades. Entretanto, as intenções do colonizados eram diferentes. Quer dizer que enquanto para os índios, antes da invasão dos espanhóis, o importante era preservar suas raízes culturais; frades, funcionários reais e sábios indígenas, uniam-se com o intuito de “conhecer as antigas crenças e tradições e para discernir aquilo que se devia erradicar delas, na tarefa de implementar o cristianismo” (Ibid., p. 66).

CONFIGURAÇÃO GRÁFICA E REPRODUÇÃO TÉCNICA DA PÁGINA IMPRESSA

Até meados do século XV, copiar era uma atividade especializada na Europa. Já era compreendido que o escriba exercia uma atividade profissional, e não cabia a qualquer um a prática da cópia de manuscritos. Um escriba não era, necessariamente, um homem alfabetizado, mas sem dúvida um ilustrador que copiava as letras com talento e preocupava-se, deste sempre, tanto com a beleza da página ornamentada, como, também, com a clareza e legibilidade da informação. Sob a perspectiva de manufatura, esses livros apresentavam páginas repletas de artes com beleza autêntica.

Fatalmente a figura do escriba declina ao longo dos séculos. A cópia manuscrita é engolida pelos textos reproduzidos pelos tipos móveis, assim como novas técnicas de reprodução da imagem passam a sobrepor as ornamentações e ilustrações elaboradas manualmente pelos escribas europeus. Nos anos de 1440 a produção de livros copiados manualmente já estava intensa para suprir as demandas (LYONS, 2011, p. 56).

O objeto manual é artesanal, requer habilidade e conhecimento especializado que demanda tempo que interfere na produção em série e, de certa maneira, gera uma visualidade com características pessoais do profissional. No processo de alargar a produção de livros, um movimento imprescindível com o desenvolvimento da comunicação humana, as tarefas manuais formam, gradativamente, sendo substituídas pela produção automatizadas; e a personalização contida em uma página, por mais que existisse a apropriação um estilo dominante pelo profissional, deixou de ser importante. Em um movimento de limpeza pictórica, a página passou a ser configurada, cada vez mais, apenas por elementos tipográficos compondo textos.

Na busca de mecanizar a reprodução de textos, surge Johannes Gutenberg (1398-1468), o alemão que inventou uma prensa de tipo móvel¹³, século XV. Aprendiz de ourives, possivelmente matriculado na Universidade de Erfurt, passou décadas trabalhando como joalheiro, lapidando pedras preciosas e produzindo espelhos. Ele envolveu-se com experimentos para a forja de tipos móveis, misturando tipos diversos de metais. Suas inovações tecnológicas, que foram apoiadas por investidores interessados na produção em série de informações, incluíam: a tinta com alta viscosidade e secagem rápida para a impressão frente-verso em papel e pergaminho; corte e perfuração de papel; montagem de matrizes; fundição de tipos; composição e impressão. Suas técnicas foram usadas, praticamente sem alterações, por três séculos após sua morte.

Por cerca de três anos Gutenberg produziu uma Bíblia em dois volumes, considerada, pela literatura, o primeiro livro produzido por tipos móveis na Europa – possivelmente foi finalizada em 1450; ele trabalhou por 10 anos para obter a primeira impressão (MEGGS, 2009, p. 97). Segundo o pesquisador Martyn Lyons, enquanto um escriba teria levado cerca de três anos para produzir uma cópia da Bíblia de Gutenberg, o alemão fez 210 unidades neste mesmo tempo; 180 em papel e 30 em pelo de velino (Ibid., 101).

Destaca-se que nesta época, até o século XVIII, a tecnologia de produção do papel, na Europa, ainda era experimental e dispendiosa, ficando o custo do papel responsável por mais de 50% da produção de um livro (LYONS, 2011, p. 55). A técnica xilográfica ainda era bastante utilizada para a impressão de figuras com cores. (Ibid., p. 57). A obra desse alemão, também conhecida como B-42, foi composta por 1.282 páginas (30 x 40,5 cm) com 42 linhas cada e aproximadamente 3 milhões de caracteres (MEGGS, 2009, p. 1000). Tirando o peso visual do texto produzido pelo estilo da tipografia Textura; uma letra fortemente condensada e angulosa que se assemelhava a caligrafia manuscrita, e a linguagem medieval das ornamentações que passeiam pelas margens e medianiz, a visualidade da página da B-42 apresenta um leiaute familiar para leitores da atualidade; foi composta por malha em duas colunas totalmente justificadas.

Releva-se que, seis séculos após o declínio dos manuscritos e da invenção de Gutenberg, a configuração gráfica de um livro no século XXI ainda se utiliza de elementos e

¹³ É certo que a impressão utilizando tipos móveis em madeira – processo xilográfico –, já era utilizada a 200 anos antes da invenção de Gutenberg, na China, séc. XI, e na Coreia, séc. XIII. Entretanto, a produção de impressos na China não possuía projeção de mercado, pois seus livros circulavam apenas no Palácio do Imperador.

organização de conteúdo estipulados pelos antecedentes; os escribas e os impressores. A hierarquia de leitura para enfatizar um conteúdo; o uso da capitular para marcar o início de capítulo; o uso de malha, ou grade (*grid*), para dispor o texto; o frontispício para iniciar o livro; a aplicação de marcadores com o intuito de sinalizar a página; e o colofão para encerrar a leitura com informações técnicas sobre o livro. Quer dizer que existe um modo tradicional acerca da configuração de um livro que tem sido sustendo por séculos. E compreendendo que a visualidade proposta em uma página determina o resultado do processo de interação entre leitor e leitura, compreende-se, também, que o projeto gráfico da página, ou seja, o princípio de composição que maestra a forma como a página dispõe os conteúdos, pode inserir o leitor em um universo sógnico; assim, como, gera a manutenção da leitura pelo conforto propiciado por um leiaute ou uma tipografia adequada ao propósito do livro.

No início, a Igreja Católica, certamente, foi o maior cliente dos impressores. Entretanto, a Bíblia de Lutero (1534), teve grande êxito de vendas em seu tempo. Foram mais de 200 mil cópias e centenas de reimpressões foram produzidas antes da morte de Lutero, em 1546. Salienta-se que em 1534, cerca de 3% a 4% dos alemães sabiam ler e que Bíblia de Lutero completa custava o equivalente ao salário de um mês do trabalhador médio. Ou seja, para justificar o escoamento da quantidade significativa de cópias da Bíblia de Lutero a Igreja e governantes tiveram que investir e exigir o uso por pastores e escolas (*ibid.*, p. 69).

Depois dos tipos móveis de Gutenberg, durante dois séculos a imprensa se espalhou pela Europa rapidamente. Os impressos, agora padronizados e não mais configurados com detalhamento específico de algum profissional como um escriba, disseminaram a cultura europeia para o mundo todo. Cerca de 50 anos após a sua morte, estima-se quem em existiam tipografias em 200 cidades na Europa e, até aquela época, mais de 40.000 obras e cerca de 10 milhões de exemplares tinham sido impressos. A reprodução técnica de textos propiciou a formação de uma nova cultura de consumo de bens letrados para as sociedades, mas, também, a cultura do uso da comunicação impressa para, inclusive, “espalhar a heresia mais amplamente do que antes” (LYONS, 2011, p. 55).

A cultura editorial passa por classificação e, desde o início, determinados gêneros são compreendidos por suas linguagens verbais e não verbais; pelo como são configurados. Releva-se que ao final do século XVIII, editores dão preferência à projetos mais funcionais e passam a compreender que decorações são recursos ostensivos e desnecessários; os artistas das artes aplicadas, passam, necessariamente, a produzirem composições reconhecidas pela cadeia de profissionais ditos especialistas. Neste período, novas tipografias foram projetadas, as

margens ficaram mais generosas, e as malhas passam a organizar o conteúdo para propiciar uma leitura ordenada e funcional. A imagem se torna um elemento ausente e considerado desnecessário na maioria dos títulos direcionados para o público adulto. Deve-se ter em mente que, também neste período, textos considerados eruditos, se tornaram acessíveis e, assim, o desenvolvimento da pesquisa científica foi facilitada – a consulta dos resultados de estudos entre pesquisadores, geograficamente distantes, torna-se uma prática possível (LYONS, 2011, p. 71).

Recorda-se que a reprodução fidedigna de imagens apenas se torna possível com o processo litográfico, desenvolvido pelo diretor de teatro Aloysius Senefelder (1771-1834), em 1796. Nesse processo o desenho, efetuado com lápis gorduroso, é executado por um artista sobre uma superfície de pedra calcária que é entintada e, após tratamento químico, repassa para o papel a arte sem prejuízos. Na história da produção da imagem pode se encontrar outras experiências técnicas, por meio de entalhe em madeira ou placas de metal, que propiciavam reproduções com definições. Entretanto, somente com a litografia, no final do século XVIII, os artistas das artes aplicadas tiveram sua ilustração reproduzida por um procedimento que não comprometia a visualidade de detalhes e, por isso, a imagem passou a ser um elemento impresso necessário na comunicação e comercialização; exercendo diversas funções, mas, sem dúvida, articulando uma apreensão conjunta com o texto.

Com a litografia também foi possível fazer a impressão de textos e imagem utilizando uma mesma matriz. Ou seja, o processo de reprodução de texto não precisava, necessariamente, está separado da imagem. Certamente, para o artista visual, ou das artes aplicadas, ou ainda designer¹⁴, o uso de tecnologia de impressão associa texto e imagem em um mesmo processo que permite a configuração da página a serviço do que se pretende expressar. Quer dizer que a escolha dos elementos e forma de dispô-los tem relação direta com a produção de sentido anunciada pelo conteúdo.

Dando continuidade a uma prática local de produção de códices, os espanhóis inserem a imprensa no México em 1539, mas, já no Brasil, a invenção de Gutenberg, possivelmente um pouco mais aprimorada da original, apenas chega em 1808, juntamente com a chegada da Corte Portuguesa.

¹⁴ O termo designer para indicar o profissional-projetista, bi e tridimensional apenas se torna usual com a revolução industrial e a produção em série de objetos, em meados do século XVIII na Europa Ocidental.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA EDITORIAL NO BRASIL DO SÉCULO XIX

A produção de impressos no Brasil somente acontece quatro séculos depois da produção da B-42 na Alemanha. E pela ausência de uma produção anterior¹⁵ a chegada da corte Portuguesa, a origem dos impressos em terras brasileiras é absolutamente marcada pelos princípios da produção europeia, com ênfase nos impressos de Portugal.

A história gráfica do Brasil é, comumente, contada a partir de 1808, ano em que a família Real desembarca em terra brasileira e traz consigo uma equipamentos gráficos necessários para a implantação da Impressão Régia, hoje Imprensa Nacional – a primeira gráfica oficial do país¹⁶. A partir desta data, os prelos oficiais, responsáveis pela “relação de despachos publicados pela corte”, passaram a circular na capital da província do Rio de Janeiro.

Já em 1811, a primeira publicação oficial de iniciativa privada surgiu na Bahia, foi o jornal “A Idade d’Ouro do Brazil”. Em 1821, com a Impressão Régia sendo chamada de Real Oficina Tipográfica, foi encerrado o monopólio e diversas tipografias se instalaram no Brasil; sob forte censura que determinava “que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes” (RIZZINI, 1988, p. 317 apud MACHADO, 2017, p. 9).

Segundo pesquisa de Márcia Abreu, em seu artigo “Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros”, publicado na obra intitulada “Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros” (2010) organizado por ela e Aníbal Bragança, a Impressão Régia não se ocupou em publicar somente documentos oficiais mas, também, se envolveu com a impressão de vários tipos de escritos, tais como: “obras de Belas-Artes, de Medicina, de Economia, de Direito, de História e de Teologia, além dos periódicos e de livros didáticos” (ABREU, 2010, p. 44). Contudo, apesar do esforço de alguns pesquisadores, não se pode saber ao certo a totalidade dos títulos produzidos na Impressão Regia, pois neste mesmo tempo, o Brasil recebia títulos de Portugal que eram anunciados pela Gazeta do Rio de Janeiro juntamente e sem discriminação com a produção local.

¹⁵ O que a história oficial não declara – apesar da Fundação Biblioteca Nacional ter documentos que testemunham –, é que mesmo antes da chegada da Corte em 1808, já existiam impressores que publicavam periódicos clandestinos.

¹⁶ Segundo Ubiratan Machado explicita, no primeiro capítulo “Sessenta anos de solidão” de sua obra intitulada “A capa do livro no Brasil: 1920-1950” (2017), “a história do livro no Brasil começa em 1747, quando o tipógrafo português Antônio Isidoro da Fonseca imprimi no Rio de Janeiro a *Relação da Entrada* do bispo Dom Antônio do Desterro Malheiro na cidade” (MACHADO, 2017, p. 9). A obra, composta por 22 páginas, não chega a ser considerada um livro, mas sim um folheto. Neste mesmo ano, Isidoro foi deportado para a Metrópole e a impressão de papeis foi proibida na Colônia (MACHADO, op. Cit., 9).

Destaca-se que a atividade nas oficinas de tipografia, sejam administrativas ou na técnica de impressão, era tomada por homens; ou seja, a ausência da mulher nesse ambiente de produção pode, inclusive, ser sintoma da desproporcionalidade do alfabetismo entre gêneros.

Considerada a primeira grande editora brasileira, a Francisco Alves, que segundo Aníbal Bragança, em sua obra intitulada “Rei do Livro: Francisco Alves na história do livro e da leitura no Brasil”, foi fundada no Rio de Janeiro em agosto de 1854 como a Livraria Clássica, era voltada para o mercado escolar (BRAGANÇA, 2016, p. 15-16).

Nesta época, a partir da segunda metade do século XIX, alguns acontecimentos propiciaram a formação de um público leitor e, conseqüentemente, a ampliação do mercado de livro no Brasil, tais como: a formação de imprensa combativa e a instalação de novas escolas; em 1857, já existiam 2595 escolas públicas do ensino primário no país (PEIXOTO, 1942, p. 295 apud BRAGANÇA, 2016, p.17). No início do século XX a editora Francisco Alves continha um extenso e variado catálogo de obras literárias, livros técnicos e jurídico.

Essa editora estabelecia contratos que respeitavam os interesses dos autores e, por isso, “sua atuação como editor literário, embora sem a importância que teve como editor escolar, foi fundamental para o desenvolvimento da função de autor no Brasil” (Ibid., p. 27). Entretanto, como Aníbal Bragança desenvolve, a profissionalização de autores e editores nunca foi estabelecida com clareza no país, possivelmente devido a deficiência da formação de uma cultura letrada, ou mesmo porque a alfabetização popular tinha como foco preparar o leitor para o exercício da cidadania, mas principalmente para formar trabalhadores (Ibid., 31).

Deve-se ter em vista que alfabetizar a classe trabalhadora é, inclusive, condicioná-la à mecânica de consumo e não, necessariamente, propiciar a prática reflexiva sobre a realidade social na qual se está inserida. Esse pesquisador desenvolve que o país viveu os primeiros 100 anos de imprensa sem consagrar editoras ou obras literárias diante de um público-leitor e, que, somente na segunda metade do século XIX, é que se pode afirmar que no Brasil passou-se a ter compradores de livros, conseqüentemente, um indústria editorial desenvolvida (Ibid., 33).

Sobre a produção gráfica no país, corrobora-se com o pensamento de Rafael Cardoso, pesquisador em História da Arte e Design:

A tendência a supervalorização a memória do discurso como sendo, muitas vezes, escamoteando os aspectos ligados ao fazer e à técnica, talvez seja legado ainda ao bacharelismo, tão marcante em nossa tradição intelectual. Em nível profundo, pode ser que reflita também o menosprezo que a sociedade brasileira sempre reservou para os que sujam as mãos com o trabalho (CARDOSO, 2009, p. 9).

Cardoso ainda nos lembra que na atualidade existam algumas publicações que renovam a história gráfica do Brasil, entretanto, referindo-se as obras que passam a destacar a relação entre artistas gráficos com o discurso verbal contido –, ainda é carente os “estudos voltados para a cultura visual e material” dos impressos (CARDOSO, 2009, p. 9). Quer dizer que, o projeto gráfico de um livro não é amplamente discutido e, por isso, autores e editores mantêm-se distantes da atuação profissional de um designer ou artista visual; da compreensão sobre os elementos utilizados para compor a página.

Na história dos bens letrados no Brasil, a configuração gráfica da capa do livro já tem sido discutida em algumas obras, tais como: “Capas de Santa Rosa” (2015) de Luís Bueno, “A capa do livro brasileiro: 1920-1950” (2017) de Ubiratan Machado. Ambas obras enfatizam a atuação de artistas visuais na produção de capas que não eram, geralmente, os mesmos que configuravam o miolo das obras. A capa, um invólucro do livro, é o primeiro contato de leitura e tem a função de inserir o leitor no universo de sentido sobre o tema da obra em primeira instância, mas, também, de seduzir o observador ao consumo. Como Ubiratan Machado explicita,

No que se refere ao seu traje, o livro, como ocorre desde o século XVI, sai da gráfica tento como primeiro elemento visual a folha de rosto, sendo encadernado pelo livreiro ou entregue ao cliente no estado, para que este o encaderne ao seu gosto. A ideia de um revestimento protetor do livro, a capa de brochura, só surge na década de 1820 com o aumento vertiginoso das edições, coerente com o processo de industrialização do início do século XIX. É uma revolução que muda a apresentação do livro e sua relação com o leitor. A partir daí, a capa passa a ser imprescindível como proteção ao livro e como elemento de sedução visual ao leitor (MACHADO, 2017, p. 11).

Mesmo recebendo um revestimento, o livro no Brasil apenas passa a ter capas com ilustrações no final do século XIX; no momento as capas assemelhavam-se a folha de rosto, sendo mais elaborada por uma arte basicamente tipográfica diagramada com cercaduras e vinhetas, e até podiam receber tímidos desenhos (Ibid., p. 33). A trajetória de um capista, profissional que se responsabiliza pelo projeto gráfico de capas, surge, no Brasil, após os anos de 1890. E a partir da atuação do capista, a personalidade autoral de uma artista, como era evidenciado nos manuscritos produzidos anteriormente a invenção de Gutenberg, volta a fazer parte do projeto gráfico de um livro, mesmo que seja somente na capa. O artista de capas tem, até hoje, mais notoriedade do que o profissional que se ocupa em produzir o miolo do livro.

Destaca-se que, sendo a capa proposta por um artista consagrado a obra também passa a ser merecedora de mérito. No século XIX e início do século XX, o cenário era tomado por artistas estrangeiros que atuavam no Brasil, como o português Rafael Bordalo Pinheiro

(1846-1905) e o alemão Henrique Fleuiss (1824-1882), ambos também atuavam com expressividade como ilustradores de periódicos brasileiros que circulavam da segunda metade em diante do século XIX.

Destaca-se, também, o artista angolano Julião Machado (1863-1930), como o pioneiro a idealizar a capa padrão para coleções e inserir ilustrações no interior das obras. Devido a intensa produção dele, a atividade do capista passa a ter relevância social (Ibid., p. 74).

Deve-se lembrar que, em décadas anteriores, existia um movimento contrário ao “aflorescimento” da cultura visual que instigava a recusa da aplicação de ilustração em capas ou mesmo a inserção de imagens no miolo de um livro (Ibid., p. 34). Essa noção de que a imagem é fútil em relação a soberania de um texto (verbal *versus* não-verbal), na cultura editorial, reverbera até hoje principalmente quando se trata de determinados gêneros, tais como os livros técnicos e científicos. É como se a beleza ou eficiência provocativa que uma imagem pode diminuir ou desmerecer a produção intelectual verbal em um livro.

Essa constatação pode ser visível quando se analisa a produção gráfica de uma editora universitária comparando com a de uma editora comercial. Mesmo que se compreenda que hoje em dia os saberes do campo do Design Editorial têm propiciado para que os preconceitos com a imagem declinem, e que uma ilustração ou fotografia não põe em risco a seriedade da obra, no geral, o livro técnico-científico ainda é configurado dentro de uma métrica que exclui a imagem conceitual ou decorativa.

O preconceito com a beleza pictórica, ou o conforto visual proporcionado por um projeto em Design, também interfere, de maneira negativa, na configuração gráfica das páginas internas, o miolo, de livros. Desde a oficina de Gutenberg, meados do século XV, a atividade profissional responsável por compor o texto que é impresso, o compositor, era considerada técnica, distante de uma produção intelectual. E neste sentido, o compositor de antes pode ser equiparado ao diagramador da atualidade. A diferença é que hoje a diagramação responde ao projeto gráfico em Design. A figura do “produtor gráfico” já existia no Brasil desde os anos de 1920, e sua função era planejar e produzir o produto Editorial (LIMA; FERREIRA, 2005, p. 200). Entretanto, como é explicitado em artigo de Gilberto Freyre publicado no Diário de Pernambuco em 18/10/1925, os esforços dos editores brasileiros da época não foram suficientes para satisfazer as exigências dos leitores exigentes:

Este movimento de reabilitação da estética da tipografia e da impressão e da encadernação – da estética do livro, em suma – quase não nos atingiu, aos brasileiros

e aos portugueses. Não somos os países do livro feio. Do livro mal feito. Do livro incharacterístico. Principalmente o Brasil. O sr. Monteiro Lobato conseguiu animar de certa nota de graça o livro brasileiro. Mas ligeiríssima graça. Livro belo, não saiu nenhum de suas mãos ou de seus prelos (FREYRE, 1925 apud LIMA; FERREIRA, 2005, p. 200).

Freyre destaca, em sua fala, a produção editorial do Monteiro Lobato como sendo um editor importante para época e, que, de fato foi. Ubiratan Machado expõe que ele, a Monteiro Lobato & Cia, pode não ter sido o maior, mas foi, sem dúvida, o mais audacioso dos editores brasileiros dos anos de 1920, preocupando-se com a edição e distribuição de títulos. Preocupava-se ele, também, com o efeito que a visualidade do livro poderia provocar no leitor e selecionava artistas de formação clássica para ilustrar as capas de seus livros. Atendo aos negócios, Lobato habituou-se a fazer nova capa para um livro malsucedido nas vendas, com o intuito “malicioso” de ludibriar o público (MACHADO, 2017, p. 171). Deve-se ter em vista que nos de 1920 o movimento modernista das artes provocava a ira dos conservadores, e Monteiro Lobato custou a considerar o quão arrojado era a produção visual proposta por “um bando de rapazes alucinados que pretendiam mudar a literatura brasileira, dar a ela um *frisson* novo, em sintonia com o mundo moderno” (Ibid., p. 171).

Nesta perspectiva histórica, salienta-se a produção do artista paraibano Tomás Santa Rosa (1909-1956), que iniciou a carreira de artista visual para a produção editorial brasileira nos anos de 1930. A capa ilustrada já não era mais novidade no Brasil, apesar de ainda se manter as capas tipográficas como uma tendência dominante (BUENO, 2015, p. 26). Mas as capas configuradas por Santa Rosa se diferenciavam por alguns aspectos, tais como, por exemplo: a organização de conteúdo dando notoriedade ao nome do autor, uso amplo da ilustração, a aplicação de título com tipografia tridimensionais, ou mesmo, a habilidade em lidar com a impressão colorida usando apenas duas matizes para evitar altos custos de produção.

Sobre o processo criativo do artista, segundo o próprio Santa Rosa, “a ajuda do gosto literário é para o ilustrador o guia mais seguro” (ROSA, 1952, p. 27-28 apud BUENO, 2015, p. 36); ele destaca que para interpretar visualmente a obra, com intuito de estabelecer diálogo entre leitor e leitura, é preciso que o artista faça a leitura do texto (Ibid., p. 63). Ele passou a usar um leiaute “mais ou menos fixo” e, com capacidade de síntese, utilizava uma cena ou algum elemento para iluminar sua composição visual, com o propósito de inserir o leitor em uma “atmosfera espiritual”, ou seja: no universo sígnico da obra (Ibid., p. 64). A crítica que esse artista recebe tem relação com a versatilidade de técnicas e estilos que ele utilizava

para compor suas capas e, para alguns críticos, esse ecletismo pode parecer falta de personalidade artística.

É importante compreender que até os anos de 1960 as artes aplicadas no Brasil eram desenvolvidas por profissionais autodidatas, artistas formados em cursos técnicos, ou artistas consagrados no encadeamento de profissionais e instituições que legitimam a arte considerada maior; já que a primeira graduação em Design no Brasil foi a Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI, em 1963 – Rio de Janeiro. O designer editorial deve reunir as competências de alguns profissionais para desenvolver o projeto gráfico de um livro e atuar na definição do planejamento editorial, na conceituação, na escolha ou produção da tipografia, na definição do leiaute e das linguagens visuais apropriadas, na representação de códigos para determinado público-leitor, tanto para a capa quanto para o miolo.

Na realidade, um editor deveria disponibilizar as informações de mercado, principalmente sobre as características psicográficas do público que se pretende alcançar e, sendo assim, o designer editorial já teria critérios iniciais para desenvolver os estudos necessários que inspiram o processo criativo.

Mesmo assim, dar-se relevo que já em 1935 o artista visual Santa Rosa foi contratado pela Editora José Olympio como “produtor gráfico” e se torna responsável pela identidade visual da casa, como, também, pelo projeto gráfico dos livros: desenhando tipografias, planejando a mancha de texto e configurando a visualidade das capas (LIMA; FERREIRA, 2005, p. 208), ou seja, desempenhando uma função de designer.

Hoje, a atividade profissional de projetar um livro é realizada por um designer gráfico. Salienta-se que o Design Editorial é uma especialidade do campo e deve-se ter em mente que, na atualidade, o profissional tem se deparado com novos desafios, tal como compreender mudanças agressivas nos processos de interação entre leitor-leitura, provocadas pela vivência com instrumentos digitais tão presentes na realidade cotidiana de públicos-leitores. Trata-se do livro digital e *e-books*, que estão sendo cada vez mais produzidos e acessados, e propõem a incorporação de mecanismos de interatividade à experiência de leitura – instrumentos de busca e consulta; possibilidades de compartilhamento em redes; dispositivos animados e de games.

Os livros de visualização no ecrã¹⁷ podem apresentar conteúdos de maneira totalmente distinta dos livros impressos, oferecendo uma mudança radical no processo de leitura, mas, também, em todas as etapas da cadeia produtiva: da produção do projeto gráfico, da publicação, do armazenamento, da distribuição e do consumo.

Anterior a Era Digital, as editoras tinham a função de articular todos os passos para que o livro pudesse chegar ao consumidor. Com a produção digital de livros, na qual os custos são seguramente ínfimos em relação aos custos dos impressos, o próprio autor pode fazer a gestão de produção e distribuição de suas obras, independentemente de uma Editora; os autores passam a ter a possibilidade facilitada de auto publicação (*self publishing*).

No âmbito do projeto gráfico contemporâneo de um livro digital, as possibilidades de se utilizar de inúmeras linguagens com custos somente de produção, sem ter que arcar os altos valores da impressão, podem tornar a visualidade mais inusitada. Pensa-se, contudo, que na medida em que se compreende os requisitos que caracterizam ou dão “consistência e concretude ao entendimento da contemporaneidade como uma sociedade estruturada e ambientada pelas mídias” (RUBIM, 2000, p. 30), e isso quer dizer que o profissional em Design Editorial busca familiarizar-se com esse ambiente, procurando ter facilidades na produção devido ao acesso à informação em rede (*Internet*) e ferramentas digitais (softwares gráficos).

Contudo, contrariando uma produção criativa e inovadora, e isso também se aplica para a produção de livros impressos, o profissional do século XXI pode cair no abismo das possibilidades por não saber depurar as inúmeras informações obtidas. Isso quer dizer que mesmo com as possíveis facilidades de se obter dados e instrumentos, o profissional em design que releve a produção autêntica deve distanciar-se de elementos que já estão prontos e, que, geralmente, transformam o projeto gráfico em uma visualidade com resultados na fronteira da razoabilidade. Ou seja: tipografias prontas, *templates* disponíveis e bancos de imagens com licença de uso, podem tornar o trabalho de um designer com características de um gestor e não mais de um produtor gráfico.

No mundo contemporâneo o público-leitor se torna a cada dia mais exigente diante da diversidade de linguagens que são expostas e que impregnam o repertório imagético deles.

Diante disso, o designer editorial do século XXI deve buscar está atento, também, aos movimentos que provocam com frequências as mudanças culturais da prática de leitura. É

¹⁷ O termo ecrã é utilizado para designar diferentes formatos de telas, pressupondo a existência de um artefato emissor de imagem, à partir de uma mídia tradicional ou digital (nota da editora).

certo que, na história da cultura editorial, a mecanização dos processos, da produção gráfica à comercialização, distanciou os fazeres artesanais da realidade fabril e, com isso, conservando o livro sob a perspectiva do ideário funcionalista, mas sem personalidade artística.

Diferentemente do escriba, o designer, que na contemporaneidade passou a não controlar mais a produção de todos os elementos visuais que compõem a página de um livro, pode optar pelo uso de elementos que representam códigos socioculturais com generalidade. Contudo, na produção gráfica executada com softwares e com o uso da Internet como fonte, quase infinita de informação, o designer pode optar por não simplesmente escolher e empenhar-se em produzir os constructos gráficos; tornando-se, assim, além do gestor, de como o conteúdo será representado, um produtor gráfico que não abdica de propor com personalidade cultural e artística.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros (p. 41-65). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (ORG.). **Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BRAGANÇA, Aníbal. **Rei do Livro: Francisco Alves na história do livro e da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

CARDOSO, Rafael (org.). **Impressos no Brasil, 1008-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

LIMA, Edna Lúcia Cunha Lima; FERREIRA, Márcia Christina. **Santa Rosa: um designer a serviço da literatura** (p. 197- 232). In. CARDOSO, Rafael (org.). **O Design brasileiro antes do Design: aspectos da história gráfica, 1870-1960**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Códice: os antigos livros do novo mundo**. Tradução de Carla Carbone. Revisão técnica de Eduardo Natalino dos Santos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. 1º Ed. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.

MACHADO, Ubiratan. **A capa do livro Brasileiro: 1820-1950**. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.

MEGGS, Philip B. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **A contemporaneidade como idade mídia**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/icse/v4n7/03.pdf. Acessado em: 20 de mai. 2019.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA**The Graphic Design of The Book Object in The Publishing Culture¹⁸****Germana Gonçalves de Araujo¹⁹****INTRODUCTION**

The walls of the rolls for the sewn pages, the search for the recording and dissemination of content, in addition to constant technological inventions, spurred the development of appropriate objects for human communication to reach the book we know today. To improve the use of object-literate, not measured effort in experimenting with materials and processes of reproduction; is to achieve more durable and portable media, dyes with anchoring weather resistant or mechanized printing of texts and images. It is true that new technical knowledge is explored and implemented in order to meet the interests of retaining or share information.

It is noted, then, that to reach the object-book we know today - the traditional format of two-page bound to the center - the registration information has been through several technical changes, such as elaborate visual languages in connection cultural specificities; and reproduction processes to multiply with precision and speed verbal and pictorial content. With so many technology changes, imagine that the graphic design of a page has also been improved with time, also considering that aspects of interaction between reader-reading undergone significant changes as a result of cultural dynamics. But in reality, the principles of composition of a page did not suffer actual changes to the social history of human communication and,²⁰

It is true that the history of the book or record of verbal sayings and nonverbal (pictorial) into an instrument of reading, follows the story of literacy. Of cuneiform - 4th millennium BC, south of the current Iraq - Wall scriptures (Book of the Dead, 1300 BC, Egypt), the manuscripts (. Secs VII and XV AD, Europe), have access to information has always been a privilege of power. It is understood that only from the eighteenth century is that it stands the need for reading practice in the daily life of societies as to boost the production of books in

¹⁸ Received on 19/01/19, version approved in 03/19/19.

¹⁹ Adjunct Professor of Visual Arts and Design at the Federal University of Sergipe, DAVD / UFS.

²⁰It is true that even before the Gutenberg Bible (1398-1468), the manuscripts by the scribes also features elements that are used to this day, such as, for example, the chapter, to mark the beginning of a paragraph or part, and the colophon, it was used as a signature of the professional, a writing.

various genres of content. With the Industrial Revolution, literacy was an important move to form a working class and consumer.

In this movement, the position of Editor gains strength as a commercial project manager, interfering, including the graphic design feature; in the late eighteenth century the preference was given to projects considered the most dynamic, from the perspective of reading, "instead of ostentatious decorations of Baroque art" (Ibid., p. 110). To configure graphic designs in line with the notion of dynamism, and delete the model ornate page inherited the manuscripts, it was necessary to invest in creation of new printers, using the hierarchy information and layouts with generous margins. The practice of reading becomes a training connected to the functionalist ideas, and the page of a book tends to be graphically structured to require minimal effort possible to the reader.

The book, throughout history, becomes an object with verifiable meanings by various aspects: religious or mystical, political, economic, socio-cultural, scientific or educational, and entertainment. But the formation of a reading public is the issue that determines the characterization of these aspects, for without the reader the book is meaningless. Means that the use and book circulation is subject to a player and therefore the nature of the information, as well as the language used to configure content, directly depends on the socio-cultural, determining characteristics in the arrest process, the person that will read. So, along with the knowledge of book production technology, the look on social history of knowledge literate becomes significant to obtain a historical understanding of the publishing culture.

This essay is the first objective of limiting graphic design aspects of a book that might have provided the editorial culture in the social history of human communication. After necessary notes about world history and book the place, must to the history of writing and printing, the text enters in which aspects of the Editorial Design that interfere with the production of goods scholars of our time; the book of the twenty-first century.

THE BOOK-OBJECT OF SACRED AND CULTURAL THINGS

Even revealing that the first cuneiform scriptures already had organized content - initially religious, legal and economic character - interconnected clay tablets; ie an information sequencing in this study highlights the culture of producing books of the Mesoamerican found by the Spanish in the early sixteenth century. And that choice is made, mainly because it was

in this region, outside the Old World, the art of making codices²¹The nearest book format that has today blossomed (LEON-PORTILLA, 2012, p. 15). Therefore, to study the editorial culture, this production of Mesoamerican writing is relevant.

When the Spanish invaded Mexico and Central America in 1519, as the researcher Martyn Lyons develops, have had to deal with people who have produced manuscripts, deeds made on supports made of fig bark (LYONS, 2011, p. 84). Mesoamerican books, which were virtually destroyed by the colonists - more concerned to convert the Indians to Catholicism - were richly compounds with figures and glyphs and had divination rituals guides, sacred calendars or almanacs with astrological content, medicinal treaties, maps, real genealogy and local stories (Ibid., p. 84-85). The first format used was the "book-screen"; a strip folded to form a concertina which is also called by some authors as "Japanese accordion book" because in the twelfth century the Japanese popularized this format to be more versatile than the rollo. Fanfold page was filled with figures sequenced.

The first manuscripts were part of the universe of divine things, even when it came to exalt the political memory of rulers. For Mesoamerican both the art of writing as to produce books were activities belonging to those who had the gifts of the gods (LEON-PORTILLA 2011, p. 21).

Revisiting history, it is emphasized that the first format considered a book was the rollo (or Volumen), which was characterized by a manuscript done in a long strip of papyrus or parchment. The rollo was an object that had a dificultoso handling - could grow to be more than 10 meters. To open and read, you had to use simultaneously both hands. Find specific passages it was already laborious that in him had no markers or paging. Outside, the writing was possible only on one side. Therefore, the search for another format was justified from the need to facilitate the reproduction and use of manuscripts. Then comes the object codex which provides better interaction between reader and reading.

The codex is book-object, which in addition to being easy to carry, made it possible to insert content on both sides of the page; It was a revolutionary invention and lasting production of books. Unlike rollo, which could be long, too heavy and therefore difficult to

²¹Miguel León-Portilla, in introducing his work entitled "Codex: the old books of the New World" (2012), develops the meaning of the word codex, from the codex vocabulary, researched from various sources, it can be understood as "board where it is written." According to the author, during the Middle Ages (fifth century to the fifteenth), codex referred to the manuscript. Even without stating the origin of the use of the term, the author explains that the word codex was only used frequently by Europeans in the mid-nineteenth century. (LEON-PORTILLA, 2012, p. 7-8).

handle, the codex had individual pages together by sewing one side (usually the left). This format, in which the page can be configured separately before being joined to the other for making a book, facilitated, over time, series production and access information. And even though for centuries the contents deposited in the codices treated almost exclusively of religious and power issues, it is certain that also carried significant testimonies about the past - even the way to portray, that is,

Certainly, for this purpose in keeping alive the sociocultural history through paintings and characters, as in a book social events can be revisited over time, it is that men of Castile burned the original Mesoamerican codices. As Martyn Lyons explains, "They [the Mesoamerican books] offer a valuable reflection on the life of the cultures of Mexico and Central America before and immediately after the arrival of the Spaniards" (LYONS, 2011, p. 86). Unable to have reading comprehension on the contents - since little was known about the colonized people and had adverse claims to the social lives - the justification of the Spaniards was that in pre-Hispanic codices produced by the Indians, had false witnesses about the creation of the world, condoning the devil and sacrifice practices and therefore, burning was the best destination for these records (LEON-PORTILLA, 2012, p. 61)

It is noteworthy that the invasion of the Portuguese on Brazilian soil occurred almost two decades before the Spanish invasion in the Mesoamerican region. However, even though it is understood that the graphics found in the new Portuguese territory artifacts propose rich visuality and meaning, there is no record that the Indians who inhabited the lands of Brazil produced figures and characters in their objects to communicate. The practices of the natives of the New World - "again, because absent from European maps; again because full of unknown animals and plants; again because populated by strange men who practiced polygamy were naked and were wont to make war and eat each other" (SCHWARCZ; STAEBLIN, 2018, p. 21), they have also been described as decadent and were far from the values of Western society and, therefore,

In this perspective, the argument that legitimizes oppression actions of the invaders, the memory of the Mesoamerican writing was almost completely destroyed in fires by the colonizers. These books, pre-Hispanic mainly configured by figures; were pictorial compositions that were not intelligible to the invaders. Miguel León-Portilla extends this understanding develops when the orality of the Mesoamerican peoples related directly to the codices "painting and characters" made by them.

Figure 1: From rolo manuscript to the printed page by Gutenberg.



Source: File search by Germana Gonçalves de Araujo, 2018.

The author exposes, in a chapter entitled "Binomial orality and codex in Mesoamerica," the pictorial language of them could only be understood by oral

supplementation of what was represented (LEON-PORTILLA, 2012, p. 91-110). That is, what is the author highlights the importance of oral tradition, oral or,

It is noteworthy that the production of the Mesoamerican codices did not emphasize the intelligentsia of an author, but the knowledge and cultural practices of a people. Few Indians continued to produce witnesses painted after the invasion, motivated by believing that his legacy would not have been closed even after the intervention of the Spanish violet.

After the almost complete burning of the pre-Hispanic codices, settlers encouraged to make new codices configured by native scribes who had learned the alphabet in school Friars. However, the colonized's intentions were different. It means that while for the Indians before the Spanish invasion, the important thing was to preserve their cultural roots; brothers, real and indigenous wise employees, were united in order to "know the old beliefs and traditions and to discern what you should eradicate them, the task of implementing Christianity." (Ibid., p. 66).

In terms of graphic configuration, the Mesoamerican codices found in the early sixteenth century, had elements (graphics constructs) and disposal (layouts) different than was being produced in Europe at the time; that in the mid-fifteenth century manuscripts and leaves began to produce books using movable type, spreading European culture to the world and interfering substantially in the communication of humanity.

GRAPHICAL CONFIGURATION AND TECHNICAL REPRODUCTION OF THE PRINTED PAGE

Until the mid-fifteenth century copy was a specialized activity in Europe. It was understood that the scribe exercised an occupation, and it was not for any of the practice of copying manuscripts. A scribe was not necessarily a literate man, but certainly an illustrator who copied the letters with talent and was concerned, this always with both the beauty of the ornate page, as also with the clarity and readability of information. From the perspective of manufacturing, these books had pages full gear with authentic beauty.

Fatally scribe figure declines over the centuries. A manuscript copy is swallowed by the texts reproduced by movable type, as well as new image reproduction techniques begin to overlap the trimmings and hand drawn illustrations by European scribes. In 1440 in the production of copied books by hand it was already intense to meet the demands (LYONS, 2011, p. 56).

The manual object is handmade, requires skill and expertise that takes time to interfere in series production and, in a way, generates a visual personal with professional features. In the process of extending the production of books, an essential movement in the development of human communication, manual tasks form gradually being replaced by automated production; and the customization contained in a page, for more than existed ownership the dominant style by professional, is no longer important. In a pictorial cleaning movement, the page must be configured, increasingly, only typographic elements composing texts.

In seeking to mechanize the reproduction of texts, comes Johannes Gutenberg (1398-1468), the German who invented a movable type press²², XV century. goldsmith's apprentice, possibly enrolled at the University of Erfurt, has spent decades working as a jeweler, precious stones and chiseling producing mirrors. He became involved with experiments for the forging of movable type, mixing different types of metals. Its technological innovations, which were supported by investors interested in mass production of information, included: ink with high viscosity and quick drying-sided printing on paper and parchment; Paper cutting and drilling; mounting matrices; casting types; typesetting and printing. His techniques were used, practically changes, for three centuries after his death.

For about three years Gutenberg produced a Bible in two volumes, considered by literature, the first book produced by movable type in Europe - was possibly finished in 1450; he worked for 10 years to get the first impression (MEGGS, 2009, p. 97). According to researcherMartyn Lyons, while a scribe would have taken about three years to produce a copy of the Gutenberg Bible, the German made 210 units at the same time; 180 paper and 30 in the vellum (ibid., 101). Des taca that currently, until the eighteenth century, the paper production technology in Europe, it was still experimental and expensive, being the cost of paper accounts for over 50% of the production of a book (LYONS, 2011 p. 55). The Woodblock technique was still widely used for printing pictures with colors. (Ibid., P. 57). The work of this German, also known as B-42 was composed of 1,282 pages (30 x 40.5 cm) with 42 rows each, and approximately 3 million characters (MEGGS, 2009, p. 1000). Taking the visual weight of the text produced by letterpress style texture; one-letterstrongly condensed and angular that

²²It is true that printing using movable type in wood - xilográfico process - it was used 200 years before the invention of Gutenberg, China century. XI and Korea, sec. XIII. However, the production of printed in China had no market projection because his books circulated only in the Emperor's Palace.

resembled the handwritten calligraphy, and the medieval language of ornamentations wandering the margins and gutter, the visuality of the B-42's page features a layout familiar to today's readers; mesh was composed of two fully justified columns.

It is noted that, six centuries after the decline of the manuscripts and the invention of Gutenberg, the graphical configuration of a book in the twenty-first century is still used elements and organization of content stipulated by the record; the scribes and printers. Reading hierarchy to emphasize content; the use of the Chapter to mark the beginning of chapter; the use of mesh, or grid (grid) to wrap text; the frontispiece to start the book; the application of markers in order to signal the page; and the colophon to end the reading with technical information about the book. It means that there is a traditional way on setting up a book that has been sustaining for centuries. And including the visual motion in a page determines the result of the interaction process between the reader and read, understood, also, that the page graphic design, ie the composition principle maestra how the page has content, you can insert the reader into a universe signic; as well as generates the maintenance of reading the comfort afforded by a layout or typography adequate to the purpose of the book.

At the beginning, the Catholic Church, of course, was the largest customer of printers. However, the Luther Bible (1534), had great sales success in your time. There were more than 200 million copies and hundreds of reprints were produced before the death of Luther in 1546. It is noted that in 1534, about 3% to 4% of Germans and could read complete Luther Bible cost equivalent to the salary a month of the average worker. Ie, to justify the flow of significant amounts of copies of Luther's Bible and the Church leaders had to invest and require the use by pastors and schools (ibid., P. 69).

After the movable type Gutenberg, for two centuries the printed quickly spread throughout Europe. Printed, standardized and now no longer configured with specific detail some professional as a scribe, they spread European culture to the world. About 50 years after his death, it is estimated there were those in printing shops in 200 cities in Europe and, until that time, more than 40,000 works and about 10 million copies had been printed. The technical reproduction of texts led to the formation of a new culture of literate consumer goods for companies, but also the culture of the use of printed communication for even "spread the heresy more widely than before" (LYONS, 2011, p. 55).

The editorial culture undergoes classification, and from the beginning, certain genres are understood by their verbal and nonverbal languages; the like are set. It is noted that the end of the eighteenth century, editors give preference to the more functional designs and

come to understand that decorations are ostentatious and unnecessary features; artists of applied arts, go necessarily to produce compositions recognized by the chain of professional experts said. In this period, new printers are designed, the banks were more generous, and the stitches start to organize content to provide an orderly and functional reading. The image becomes a missing element and considered unnecessary in most titles targeted to adult audiences. It should be borne in mind that, in this period,

It is recalled that the faithful reproduction of images only becomes possible with the lithographic process, developed by theater director Aloysius Senefelder (1771-1834) in 1796. In the process design, made with greasy pencil, it is run by an artist on a limestone surface is inked and, after chemical treatment, transfers to the role art without losses. In the history of image production can meet other technical experiences through notch in wood or metal plates, that provided with reproductions settings. However, only with lithography, in the late eighteenth century, the artists of applied arts had their illustration reproduced by a procedure which did not compromise the details of visibility and therefore, the image has become a printed element needed in communication and marketing; in several positions, but undoubtedly articulating a joint concern with the text.

With lithography it was also possible to print text and images using the same matrix. That is, the text reproduction process did not necessarily is separated from the image. Certainly, for the visual artist, or applied arts, or designer²³The printing technology of use associated text and image in the same process that allows the page setup the service to be expressed. Means that the choice of the elements and how to arrange them is directly related to the production of meaning announced the content.

Continuing a local practice codices production, the Spanish insert printed in Mexico in 1539, but, as in Brazil, the invention of Gutenberg, possibly a little more refined the original, only comes in 1808 with the arrival of Portuguese Court.

²³ The term designer to indicate the professional-designer, two- and three-dimensional only becomes usual with the industrial revolution and mass production of objects in the mid-eighteenth century in Western Europe.

CONSIDERATIONS: EDITORIAL CULTURE IN NINETEENTH-CENTURY BRAZIL

The production of printed in Brazil only happens four centuries after the production of the B-42 in Germany. And the absence of a previous production²⁴ the arrival of the Portuguese court, the origin of the printed in Brazilian territory is absolutely marked by the principles of European production, with emphasis on printed Portugal.

Brazil's graphic story is commonly told from 1808, year in which the Royal Family arrives in Brazilian land and brings a graphics equipment needed for the implementation of Royal Printing, National Press today - the first official graphical country²⁵. From this date, the official presses, responsible for the "ratio of decisions issued by the court" began to circulate in the capital of the province of Rio de Janeiro. Already in 1811, the first official publication of the private sector came up in Bahia, was the newspaper "The Age d'Brazil Gold". In 1821, with the Royal Printing Real being called Typographic Workshop, it ended the monopoly and several printers were installed in Brazil; under heavy censorship that determined "that nothing from printing against religion, government and good morals" (RIZZINI, 1988, P. 317 apud MACHADO, 2017, p. 9).

According to research by Marcia Abreu, in his article "Two hundred years: the first Brazilian books" published in the book entitled "Printed in Brazil: two centuries of Brazilian books" (2010) organized by it and Aníbal Bragança, the Royal Printing did not mind to publish only official documents but also became involved with the printing of various types of writing, such as: "[...] works of Fine Arts, Medicine, Economics, Law, History and Theology, in addition to the journals and textbooks "(ABREU, 2010, p. 44). However, despite the efforts of some researchers, one can does not know for sure all the titles produced in the Regia printing because this same time, Brazil received titles of Portugal that were announced by the Januarys of Rio Gazette together and without discrimination on the local production.

²⁴ What the official story does not state - despite the National Library Foundation have documents that testify - is that even before the arrival of Corde in 1808, there were printers who published clandestine periodicals.

²⁵According Ubiratan Machado explains in the first chapter "Sixty years of solitude" of his work entitled "The book cover in Brazil: 1920-1950" (2017), "the story of the book in Brazil begins in 1747, when the Portuguese Antonio typographer Isidoro da Fonseca printed in Rio de Janeiro the bishop's input ratio Don Antonio do Desterro Malheiro in the city "(MACHADO, 2017, p. 9). The work consists of 22 pages, it is not even considered a book, but a brochure. That same year, Isidoro was deported to Metropolis and printing papers has been banned in Cologne (MACHADO, op. Cit., 9).

It is noteworthy that the activity in the printing workshops, whether administrative or printing technique, was taken by men; ie, the absence of women in this production environment may even be symptom of disproportionality of literacy gender.

Considered the first major Brazilian publisher, Francisco Alves, who according Aníbal Bragança, in his work entitled "King of the book: Francisco Alves in the history of books and reading in Brazil," was founded in Rio de Janeiro in August 1854 as the Classical Library, was aimed at the school market (BRAGANÇA, 2016, p. 15-16). At this time, from the second half of the nineteenth century, some events led to the formation of a reading public and hence the expansion of the book market in Brazil, such as the formation of combative press and the installation of new schools; in 1857, there were already 2595 public primary schools in the country (Peixoto, 1942, p. 295 cited in Bragança, 2016, p.17). In the early twentieth century, Francisco Alves publisher contained an extensive and varied catalog of literary, technical and legal books.

This publisher established agreements that respected the interests of authors and therefore "his work as literary editor, although without the importance it had as a school editor, was instrumental in the development of the role of author in Brazil" (Ibid., P. 27). However, as Aníbal Bragança develops, the professionalization of authors and publishers was never established clearly in the country, possibly due to deficiency of formation of a literate culture, or even because the popular literacy was focused on preparing the reader for the exercise of citizenship, but mainly to train workers (Ibid., 31). It should be borne in mind that literacy is the working class, including, condition it to mechanical consumption and not necessarily provide reflective practice on the social reality in which it operates.

On the graphic production in the country, corroborates with the thought of Rafael Cardoso, a researcher in History of Art and Design:

The tendency to overvaluation speech memory as often concealing aspects relating to making and technical, perhaps even the legacy jurisprudential pedantry, so striking in our intellectual tradition. In deep level, it might also reflect the contempt that Brazilian society always reserved for those who get their hands dirty with the work (CARDOSO, 2009, p. 9).

Cardoso also reminds us that at present there are some publications that renew the graphic history of Brazil, however, referring to the works that come to highlight the relationship between graphic artists with verbal speech contained - is still lacking the "studies aimed at the visual and material culture "of print (CARDOSO, 2009, p. 9). Means that the graphic design of

a book is not widely discussed and, therefore, authors and publishers remain far from professional activities of a designer or visual artist; the understanding of the elements used to compose the page.

In the history of literate property in Brazil, the graphic form of book cover has already been discussed in some works, such as "Smart Santa Rosa" (2015) by Luis Bueno, "*The cover of the book Brazil: 1920-1950*" (2017) of Ubiratan Machado. Both works emphasize the work of visual artists on the covers of production that were generally not the same that made up the core of the work. The cover, a book of the enclosure, is the first contactless read and has the function of inserting the reader into the universe of meaning on the subject of work in the first instance, but also to entice the viewer to consumption. As Ubiratan Machado explains,

With regard to his costume, the book, as it is from the sixteenth century, out of the graphic try as the first visual element to the cover sheet, being bound by the bookseller or delivered to the customer in the state, so that this Bind to your liking . The idea of a book backing, the brochure cover, arises only in the 1820s with the steep rise of issues, consistent with the process of industrialization of the early nineteenth century. It is a revolution that changes the presentation of the book and its relationship with the reader. Thereafter, the cover becomes essential to protect the book and how seductive visual element to the reader (MACHADO, 2017, p. 11).

Even getting a jacket, the book in Brazil just happens to have covers with illustrations in the late nineteenth century; when the covers resembled the cover page, and more elaborate by a basically typographic art diagrammed with beading and vignettes, and even they could receive shy drawings (Ibid., p. 33). The trajectory of a cover artist, professional responsible for the covers of graphic design, comes in Brazil, after the year 1890. And from the cover artist's performance, authorial personality of an artist, as previously produced was evidenced in manuscripts invention of Gutenberg, back part of the graphic design of a book, even if only on the cover. The artist covers have, to date, more notoriety than the professional who is concerned to produce the core of the book.

It is noteworthy that, with the cover proposed by a renowned artist's work also happens to be worthy of merit. In the nineteenth and early twentieth century, the stage was taken over by foreign artists who worked in Brazil, such as Portuguese Rafael Bordallo Pinheiro (1846-1905) and the German Fleuiss Henry (1824-1882), both also worked with expression as illustrators Brazilian journals that circulated on the second half of the nineteenth century. Noteworthy is also the Angolan artist Julião Machado (1863-1930) as the pioneer to idealize the standard cover for collections and insert illustrations inside the works. Due to intense production of it, the cover artist activity is replaced by social relevance (Ibid., p. 74).

It should be remembered that in previous decades, there was a movement contrary to "outcrop" of visual culture that instigated the refusal illustration of application covers or even inserting images in the core of a book (Ibid., P. 34). This notion that the image is futile over the sovereignty of a text (verbal versus nonverbal), the publishing culture, reverberates to this day especially when it comes to certain genres, such as technical and scientific books. It's like beauty or provocative efficiency that an image can diminish or belittle the verbal intellectual production in a book. This finding may be visible when looking at graphic production of a university press compared to a commercial publisher.

Prejudice with pictorial beauty, or the visual comfort provided by a project in Design also interferes negatively in the graphic configuration of the internal pages, the core of books. Since the workshop of Gutenberg, the mid-fifteenth century, the activity of the professional responsible for composing the text that is printed, the composer, was considered technically, far from an intellectual production. In this sense, the composer of before can be compared to today's graphic designer. The difference is that today the layout responds to graphic design Design. The figure of the "graphic producer" existed in Brazil since the 1920s, and its function was to plan and produce the product Editorial (LIMA; FERREIRA, 2005, p 200). However, as is explained in Gilberto Freyre's article published in the *Diario de Pernambuco* on 10/18/1925,

This aesthetic rehabilitation of movement of printing and printing and binding - the book's aesthetics, in short - hardly hit us, Brazilians and Portuguese. Node are the ugly book countries. Evil done book. The uncharacteristic book. Especially Brazil. Mr. Monteiro Lobato could animate a certain grace note Brazilian book. But very slight grace. Book beautiful, did not leave any of your hands or your presses (FREYRE, 1925 apud LIMA; FERREIRA, 2005, p 200.).

Freyre points out in his speech, the editorial production of the Monteiro Lobato as an important editor at the time, and that in fact was. Ubiratan Machato exposes it, the Monteiro Lobato & Cia, may not have been the greatest, but it was undoubtedly the most audacious of the Brazilian publishers of the 1920s, concerned with the publication and distribution of securities. he was concerned, too, with the effect that the visuality of the book would cause the player would select and classically trained artists to illustrate the covers of his books. Attend to business, Lobato accustomed to making new cover for an unsuccessful book sale, with "malicious" intent to deceive the public (MACHADO, 2017, p. 171). It should be borne in mind that in 1920 the modernist movement arts provoked the ire of conservatives,

In this historical perspective, we highlight the production of artist Thomas Paraiba Santa Rosa (1909-1956), who started the visual artist's career for the Brazilian editorial production in the year 1930. The illustrated cover was no longer novelty in Brazil, despite still keep the typographic covers as a dominant trend (BUENO, 2015, p. 26). But the caps set by Santa Rosa differed in some aspects, such as, for example, the content organization giving notoriety to the author's name, extensive use of illustration, by way of application with three-dimensional typography, or even the ability to deal with color printing using only two shades to avoid high production costs.

About the creative process of the artist, according to him Santa Rosa, "the literary taste of the aid is for Illustrator the surest guide" (ROSA, 1952, p 27-28 cited BUENO, 2015, p. 36.); he points out that to visually interpret the work, in order to establish dialogue between reader and reading, it is necessary that the artist scan the text (Ibid., p. 63). He went on to use a layout "more or less fixed" and capable of synthesis used a scene or some element to brighten your visual composition, in order to insert the player into a "spiritual atmosphere", ie in the universe signic the work (Ibid., p. 64). The criticism that this artist receives is related to the versatility of techniques and styles he used to compose their covers and for some critics, this may seem eclecticism lack of artistic personality.

It is important to understand that by the 1960s the applied arts in Brazil were developed by self-taught professionals, artists trained in technical courses, or established artists in the chain professionals and institutions that legitimize the larger art considered; since the first degree in Design in Brazil was the School of Industrial Design - ESDI in 1963 - Rio de Janeiro. The editorial designer should have the skills of some professionals to develop the graphic design of a book and act in defining the editorial planning, conceptualization, in choosing or typography production in defining the layout and appropriate visual languages, the codes of representation for a particular readership, both for the cover and to the core. Actually, an editor should provide market information, especially about the psychographic characteristics of the public to be achieved and, therefore, the editorial designer would have initial criteria to develop the necessary studies that inspire the creative process. Still, give relief already in 1935 the visual artist Santa Rosa was hired by Editora José Olympio as "graphic producer" and becomes responsible for the visual identity of the house, as also by the graphic design of books: Drawing printers, planning the text spot and setting the visuality of the covers (LIMA; Ferreira, 2005, p 208). Ie.: performing a designer role.

Today, the professional activity of designing a book is performed by a graphic designer. Please note that the Editorial Design is a specialty field and should be borne in mind that, at present, the professional has been faced with new challenges, such as understanding aggressive changes in the processes of interaction between reader-reading, caused by living with digital instruments so present in the daily reality of public-readers. This is the e-book and e-books, which are being increasingly produced and accessed, and propose the incorporation of interactivity mechanisms to reading experience - search tools and consultation; sharing possibilities in networks; animated and gaming devices. display of books on the screen may have a totally different way content of printed books,

Prior to the digital age, publishers had the function to articulate all the steps so that the book could reach the consumer. With digital book production, in which the costs are surely negligible compared to the cost of printing, the author himself can make the management of production and distribution of their works, regardless of a publishing house; the authors now have the possibility of facilitated self publishing (self publishing).

In the context of contemporary graphic design of a digital book, the possibilities of using numerous languages with only production costs, without having to bear the high values of printing, can make most unusual visuality. It is believed, however, that in that it comprises requirements that characterize or give "consistency and concreteness to the understanding of contemporary society as a structured and acclimated by the media" (RUBIM, 2000, p. 30), and that means Design professional in search Editorial familiar with this environment, seeking to have facilities in production due to access to networked information (Internet) and digital tools (graphics software). However, contrary to a creative and innovative production, and this also applies to the production of printed books, the professional of the twenty-first century can fall into the abyss of possibilities for not knowing the many debug information obtained. This means that even with the possible facilities to obtain data and tools, professional in design that falls within the authentic production should distance himself from elements that are ready, and which usually transform the graphic design in a visual with results on the border of reasonableness. Ie.: ready printers, templates available and image banks with license to use,

In the contemporary world the readership becomes increasingly demanding on the diversity of languages that are exposed and that pervade the imagery repertoire them. Thus, the editorial designer of the twenty-first century should look is attentive also to the movements that cause the frequencies cultural changes of reading practice. It is true that in the history of the

publishing culture, mechanization of the processes of graphic production to marketing, distanced artisanal doings of the industrial reality and, thus, keeping the book from the perspective of functionalist ideas, but without artistic personality. Unlike the scribe, the designer, which in contemporary times has not control over the production of all the visual elements that make up the page of a book, you may choose to use elements that represent socio-cultural codes generally. However, the graphic production performed with software and using the Internet as a source, almost infinite information, the designer can choose not to simply choose and strive to produce the graphics constructs; becoming thus beyond the manager, how the content will be represented, a graphic producer who does not give up proposing with cultural and artistic personality.

REFERENCES

- ABREU, Márcia. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros (p. 41-65). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (ORG.). **Impressos no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- BRAGANÇA, Aníbal. **Rei do Livro**: Francisco Alves na história do livro e da leitura no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- CARDOSO, Rafael (org.). **Impressos no Brasil, 1008-1930**: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.
- LIMA, Edna Lúcia Cunha Lima; FERREIRA, Márcia Christina. **Santa Rosa**: um designer a serviço da literatura (p. 197- 232). In. CARDOSO, Rafael (org.). **O Design brasileiro antes do Design**: aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Códice**: os antigos livros do novo mundo. Tradução de Carla Carbone. Revisão técnica de Eduardo Natalino dos Santos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.
- LYONS, Martyn. **Livro**: uma história viva. 1º Ed. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.
- MACHADO, Ubiratan. **A capa do livro Brasileiro**: 1820-1950. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.
- MEGGS, Philip B. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. **A contemporaneidade como idade média**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/icse/v4n7/03.pdf. Acessado em: 20 de mai. 2019.



**ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS:
LEITURA PÚBLICA, EQUIPAMENTOS,
DIRETRIZES E POLÍTICAS**



**Escrita e Leitura no Brasil da Década de 2010:
Análise das Políticas Públicas** ²⁶

*Writing and Reading in Brazil from the 2010s: Public
Policy Analysis*

*Escribir y leer en Brasil desde la década de 2010:
análisis de políticas públicas*

*Rita de Cácia Santos Souza*₂₇

*Silvânia Meneses Gerônimo de Sá*₂₈

*Sidiney Menezes Gerônimo*₂₉

²⁶ Recebido em 25/02/19, versão aprovada em 20/04/19.

²⁷ Professora com Mestrado em Educação pela UFS, Doutorado e Pós-doutorado pela UFBA, atua no Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), líder do Núcleo de Pesquisa e Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva- Núpita e é membro do Educon- CNPq/UFS/SE

²⁸ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe e Membro do Núcleo de estudos, extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva-Núpita Cnpq/UFS/SE.

²⁹ Professor com Mestrado em Sociologia pela UFS, Doutorado em Letras e Linguística pela UFAL, atua na Rede Estadual de Sergipe e Municipal de Aracaju-SE.

RESUMO

Buscando compreender as dificuldades que se apresentam no processo de alfabetização e letramento, sob a abordagem da proficiência em escrita e leitura do Português no Brasil, esta pesquisa qualitativa buscou analisar as políticas públicas para a questão da formação em leitura e escrita no Brasil, com base no documento da Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA (BRASIL, 2016) nas edições 2014 e 2016. A pesquisa concluiu que os dois eixos definidos pela ANA (BRASIL, 2016) como centrais no processo de leitura e escrita revelam uma concepção de alfabetização que considera o domínio do código um momento importantíssimo no trabalho de alfabetizar crianças. Porém, os usos sociais do código, através das práticas de leitura e escrita nas diversas situações sociais, aparece com menos ênfase no documento tomado como referência de nossa análise. Essa perspectiva releva ao segundo plano a apropriação da escrita e leitura, considerando os gostos pessoais, saberes e interesses individuais e coletivos dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Formação do Leitor. Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA).

ABSTRACT

Aiming to understand the difficulties that arise in the process of literacy and literacy, under the approach of proficiency in writing and reading Portuguese in Brazil, this qualitative research sought to analyze public policies for the issue of reading and writing training in Brazil based on document of the National Literacy Assessment - ANA (BRAZIL, 2016) in the 2014 and 2016 editions. The research concluded that the two axes defined by ANA (BRAZIL, 2016) as central to the reading and writing process reveal a conception of literacy that considers the mastery of code as an important moment in the work of literacy children. However, the social uses of the code, through reading and writing practices in various social situations, appears with less emphasis on the document taken as reference for our analysis. This perspective brings to the background the appropriation of writing and reading, considering the personal tastes, knowledge and individual and collective interests of the students.

KEYWORDS: Literacy. Reader Formation. Brazilian National Literacy Assessment (ANA).

RESUMEN

Con el objetivo de comprender las dificultades que surgen en el proceso de alfabetización y alfabetización, bajo el enfoque de dominio de la escritura y la lectura del portugués en Brasil, esta investigación cualitativa buscó analizar las políticas públicas para el tema de la lectura y la escritura de la formación en Brasil sobre la base de un documento de Evaluación Nacional de Alfabetización - ANA (BRASIL, 2016) en las ediciones 2014 y 2016. La investigación concluyó que los dos ejes definidos por ANA (BRASIL, 2016) como centrales para el proceso de lectura y escritura revelan una concepción de la alfabetización que considera el dominio del código como un momento importante en el trabajo de los niños de alfabetización. Sin embargo, los usos sociales del código, a través de las prácticas de lectura y escritura en diversas situaciones sociales, aparecen con menos énfasis en el documento tomado como referencia para nuestro análisis. Esta perspectiva trae a un segundo plano la apropiación de la escritura y la lectura, considerando los gustos personales, el conocimiento y los intereses individuales y colectivos de los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Alfabetización. Formación de lectores. Evaluación Nacional de Alfabetización de Brasil (ANA).

INTRODUÇÃO

A proficiência em escrita e leitura do Português no Brasil têm sido temáticas que cada vez mais exigem uma compreensão mais efetiva. Ao definirmos o objeto de estudo, tomamos o documento base da Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA (BRASIL, 2016) como texto referencial para as nossas análises acerca das políticas públicas para a questão da formação em leitura e escrita no Brasil. Passamos então a perscrutar o texto da ANA (BRASIL, 2016) com o intuito de verificar, tanto pelo que foi dito quanto por aquilo que ficou silenciado, as nuances teóricas e ideológicas que revelam uma maneira de interpretar o problema. O presente estudo é considerado uma Pesquisa Qualitativa porque há uma relação entre o mundo real e o indivíduo.

Marconi e Lakatos (2011, p. 269) descrevem que:

O método qualitativo difere do quantitativo não só por não empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise dos dados. A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.

No processo de pesquisa qualitativa se interpreta fenômenos e é atribuído significados sem requerer o uso de técnicas e métodos estatísticos. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, foram utilizados para este estudo os procedimentos de pesquisa bibliográfica, documental.

Gil (2010, p.29) conceitua pesquisa bibliográfica da seguinte forma:

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet.

Como técnica de análise, utilizamos a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), procurando analisar conteúdos que adquirem relevância na perspectiva assumida pelo MEC no tocante à avaliação da alfabetização.

Para melhor compreender as dificuldades que se apresentam no processo de alfabetização e letramento, optamos por revisitar a ANA (BRASIL, 2016), documento produzido pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Nossa atenção se voltou para o documento base da Avaliação Nacional da Alfabetização (BRASIL, 2013) e para as edições da ANA de 2014 e 2016, a fim de analisar o olhar institucional do

Ministério da Educação (MEC) para o problema. Dessa maneira, esperamos apresentar aqui como o poder público tem pensado o ato de ler e escrever, bem como as dificuldades que lhe são inerentes, de maneira que, mais adiante, possamos confrontar a perspectiva institucional do MEC com a perspectiva teórica de estudiosos do objeto em análise.

É importante ressaltar que a ANA surgiu no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Esse Pacto – estabelecido entre Governo Federal, Distrito Federal, Estados e Municípios – é uma política pública de âmbito nacional, que tem a ambição de que as crianças brasileiras estejam alfabetizadas ao final do 3º ano do Ensino Fundamental, considerado o momento de fechamento do Ciclo de Alfabetização. A ANA (BRASIL, 2016) foi pensada como uma ferramenta que tem o objetivo de aferir os níveis de alfabetização em Língua Portuguesa e em Matemática das crianças de escolas públicas matriculadas regularmente no terceiro ano do Ensino Fundamental.

No entanto, essa avaliação não se restringe a uma prova aplicada a estudantes, uma vez que ela objetiva também produzir indicadores sobre as condições de escolaridade, incluindo, além da dimensão social, a gestão escolar, a formação docente e a organização do trabalho pedagógico. Para avaliar estudantes e obter dados relativos às condições de alfabetização, são utilizados questionários que são respondidos não apenas pelas crianças, mas também por gestores e docentes. A abrangência da ANA (BRASIL, 2016) revela que, segundo o olhar institucional, o processo de ensino-aprendizagem ocorre em determinadas condições, que podem facilitar ou dificultar a aquisição da língua escrita e, portanto, esse processo não se realiza apenas no plano da cognição do sujeito aprendiz.

O documento base da Avaliação Nacional da Alfabetização (BRASIL, 2013), que funciona como um embrião para o que veio a ser a Avaliação Nacional da Alfabetização, define eixos para cada uma das duas matrizes de conhecimento implicadas no trabalho de alfabetizar: Língua Portuguesa e Matemática. A matriz de Língua Portuguesa se bifurca em dois eixos estruturantes: leitura e escrita, os quais pressupõem o desenvolvimento de habilidades consideradas essenciais para que uma criança seja considerada alfabetizada.

No plano da leitura, considera-se alfabetizado o estudante que conseguir ler palavras com sílabas canônicas e não canônicas, reconhecer com que finalidade um texto foi escrito, bem como localizar informações explícitas e fazer inferências a partir de informações dadas, entre outras. No plano da escrita, as habilidades esperadas são a capacidade de grafar palavras cuja relação grafema/fonema seja direta (correspondências regulares diretas) ou

variável conforme o contexto linguístico (correspondências regulares contextuais), bem como produzir textos a partir de determinadas situações.

Já a matriz da Matemática se divide em quatro eixos estruturantes: eixo numérico e algébrico, eixo de geometria, eixo de grandezas e medidas e eixo de tratamento de informação. Como nosso trabalho focaliza os problemas de alfabetização relacionados especificamente ao eixo da Língua Portuguesa, não entraremos em detalhes sobre as habilidades na matriz da Matemática. A seguir, faremos uma análise dos dados concernentes aos níveis de alfabetização diagnosticados pela ANA (BRASIL,2016) em suas edições de 2013, 2014 e 2016, tendo em vista os eixos da proficiência em leitura e escrita.

A PROFICIÊNCIA EM LEITURA DO PORTUGUÊS NO BRASIL

A nossa análise dos dados relativos à proficiência em leitura toma como referência o ANA, que foi realizada no período de 14 a 25 de novembro daquele ano. Outras duas edições foram efetivadas nos anos de 2013 e 2014, mas, como os dados recolhidos se mantêm similares, optamos por analisar a edição mais recente, de maneira que o nosso banco de informações seja o mais atual possível. A ANA (BRASIL,2016) avaliou a proficiência em leitura de 2.160.201 (dois milhões, cento e sessenta mil e duzentos e um) estudantes, distribuídos em 105.000 (cento e cinco mil) turmas de 48.000 (quarenta e oito mil) escolas públicas brasileiras. Tais números representam quase a totalidade das escolas públicas com turmas de 3º ano do Ensino Fundamental, isto é, turmas que fecham o Ciclo de Alfabetização.

Em se tratando da perspectiva institucional do MEC acerca do que avaliar, ou seja, acerca daquilo que tal instituição tem considerado as habilidades indispensáveis à formação de um leitor proficiente, a Edição de 2016 apresenta uma planilha na qual faz uma “DESCRIBÇÃO DA ESCALA DE PROFICIÊNCIA”. Nessa descrição, temos a oportunidade de conhecer o que é um leitor proficiente segundo a concepção do MEC e quais são os conhecimentos que ele deve dominar para poder ler bem textos de diversos gêneros com competência.

Segue, pois, o quadro 1, com a descrição dos níveis de proficiência estabelecidos pelo MEC:

Quadro 1 – Níveis de Proficiência

NÍVEL	DESCRIÇÃO DO NÍVEL	
1. Elementar	INSUFICIENTE	Ler palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas com estruturas silábicas canônicas, com base em imagem. Ler palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas com estruturas silábicas não canônicas, com base em imagem.
2. Básico		Identificar a finalidade de textos como convite, cartaz, texto instrucional (receita) e bilhete. Localizar informação explícita em textos curtos (com até cinco linhas) em gêneros como piada, parlenda, poema, tirinha (história em quadrinhos em até três quadros), texto informativo e texto narrativo. Identificar o assunto de textos, cujo assunto pode ser identificado no título ou na primeira linha em gêneros como poema e texto informativo. Inferir o assunto de um cartaz apresentado em sua forma estável, com letras grandes e mensagem curta e articulação da linguagem verbal e não verbal.
3. Adequado	SUFICIENTE	Inferir o assunto de texto de divulgação científica para crianças. Localizar informação explícita, situada no meio ou final do texto, em gêneros como lenda e cantiga folclórica. Identificar o referente de um pronome pessoal do caso reto em gêneros como tirinha e poema narrativo. Inferir relação de causa e consequência em gêneros como tirinha, anedota, fábula e texto de literatura infantil. Inferir sentido com base em elementos verbais e não verbais em tirinha. Reconhecer significado de expressão de linguagem figurada em gêneros como poema narrativo, texto de literatura infantil e tirinha.
4. Desejável		Inferir sentido de palavra em texto verbal. Reconhecer os participantes de um diálogo em uma entrevista ficcional. Inferir sentido em texto verbal. Reconhecer relação de tempo em texto verbal. Identificar o referente de pronome possessivo em poema.

Fonte: Adaptado de Avaliação Nacional da Alfabetização - ANA (BRASIL, 2016).

É possível compreender como o MEC tem pensado as questões da alfabetização no Brasil a partir de uma análise da planilha na qual ele estabelece os níveis de proficiência em leitura com suas respectivas habilidades. Dedicamos as considerações a seguir a essa tarefa.

A ANA (BRASIL, 2016) apresenta uma classificação que divide a capacidade de leitura dos alfabetizandos em níveis mais gerais como proficiência “insuficiente” e “suficiente”. A essa classificação ampla, segue outra que subcategoriza a proficiência em leitura em quatro níveis: “elementar”, “básico”, “adequado” e “desejável”. No entanto, se há um salto qualitativo entre os níveis apresentados na planilha de proficiência supracitada, esse salto acontece no interior do nível “insuficiente”, entre o “elementar” e o “básico”. No mais, muitas das

habilidades pressupostas na categoria “suficiente” estão muito próximas de habilidades encontradas na categoria “insuficiente”, conforme demonstraremos a seguir.

DO NÍVEL ELEMENTAR AO NÍVEL BÁSICO: UM SALTO QUALITATIVO

Começamos por analisar os dois primeiros níveis considerados “insuficientes”. Um olhar cuidadoso reconhece que, do nível “elementar” para o nível “básico”, há um salto qualitativo no plano das habilidades a serem adquiridas por um estudante em final do Ciclo de Alfabetização, embora esses dois níveis sejam considerados “insuficientes”. Realmente ler sílabas canônicas e não canônicas em palavras (nível “elementar”) ainda é muito pouco, de tal forma que um estudante preso a esse nível não consegue ir além do gesto mecânico de decodificar grafemas e fonemas. Nesse nível, o MEC ainda não apresenta o texto como objeto útil no processo de alfabetizar, apenas reproduz a concepção de alfabetização como um gesto mecânico de decodificar a palavra escrita, pronunciando suas sílabas, a silabação como uma ferramenta que prepara para o letramento em geral.

Já o nível “básico” pressupõe habilidades para além do domínio da mecânica do código linguístico. A primeira delas é a capacidade que tem o leitor proficiente de identificar a intencionalidade discursiva de um texto. Essa habilidade pressupõe uma ampliação dos horizontes do olhar leitor, na medida em que, mais do que a mecânica do código, o que está em jogo é a relação entre os usos da linguagem e suas finalidades, isso pressupõe o reconhecimento dos vínculos existentes entre os usos linguísticos e as diversas esferas da vida social, as quais produzem diferentes gêneros de texto conforme suas necessidades de interação comunicativa, tal como ensina Mikhail Bakhtin e Volochínov (2010).

A segunda habilidade do nível “básico”, localizar informação explícita no texto, também está alguns degraus acima da leitura mecânica de palavra, pois o objeto de estudo passa ser a informação, ainda que explícita, no interior de um gênero textual específico. No fundo, o texto já constitui o objeto primordial para ampliar a capacidade de interpretação dos alfabetizandos. Como ninguém consegue se comunicar sem ter um assunto em comum, a terceira habilidade do nível “básico” estabelece que o leitor proficiente deve ser capaz de identificar o conteúdo ou o assunto dos textos lidos. Dessa forma, ler é compreender os sentidos do que se leu, muito mais do que apenas pronunciar sílabas canônicas e não canônicas de palavras (nível “elementar”). A quarta habilidade coloca para o leitor o desafio de saber inferir o assunto de texto que articula o verbal e o não verbal. Nesse caso, o olhar leitor precisa

apreender sentidos que extrapolam o domínio do sistema alfabético, alcançando a significação de outros sistemas simbólicos, como as imagens que constituem cartazes.

A NEBULOSA FRONTEIRA ENTRE OS NÍVEIS “BÁSICO” E “ADEQUADO”

A ANA (BRASIL, 2016) salienta que o escalonamento do processo de alfabetização em níveis atende a uma necessidade metodológica de produzir instrumentos que possam ajudar a diagnosticar quais das habilidades inerentes aos atos de ler e escrever os alunos já assimilaram ou ainda precisam assimilar. Como o domínio da leitura e da escrita não acontece instantaneamente, mas por meio de um aprendizado que apresenta graus crescentes de complexidade, a ANA pretende ser uma ferramenta para monitorar o desempenho dos estudantes da escola pública brasileira no tocante aos níveis de proficiência em leitura e escrita. Entretanto, uma questão a ser aqui problematizada diz respeito exatamente à dificuldade de se estabelecer critérios claros que nos permitam determinar o que é um leitor ou uma leitora com proficiência “insuficiente” ou “suficiente”.

Esse problema nos faz interrogar quais habilidades de um leitor ou de uma leitora enquadrados no nível “adequado” faltariam a um leitor ou uma leitora classificados no nível “básico” na perspectiva assumida pelo MEC, uma vez que a passagem deste nível àquele corresponde a um salto do nível da insuficiência para o da suficiência, em se tratando de proficiência em leitura. Conforme o leitor pode rever na planilha dos níveis de proficiência, citada acima, o nível “adequado” apresenta como primeira habilidade necessária a inferência do assunto de um texto. Contudo, essa habilidade já estava prevista no nível “básico”, que coloca a obrigação de o estudante saber identificar o assunto de um texto. A única diferença está nos gêneros textuais usados para que os alfabetizandos identifiquem ou infiram o assunto: em textos de divulgação científica para crianças (nível “adequado”) ou em “poemas” (nível “básico”). Inferir ou identificar o assunto são habilidades muito próximas cujas diferenças de nuances semânticas apresentadas por esses dois verbos não são assaz claras para nos permitir dizer que um estudante saltou do nível de proficiência “insuficiente” para o nível “suficiente”.

Localizar informação explícita em textos constitui a segunda habilidade exigida tanto no nível “básico” quanto no nível “adequado”. O que diferencia um nível do outro é apenas a extensão do texto (curto ou não) e o gênero em que ele se materializa. Novamente, não há uma habilidade nova cuja assimilação justifique a passagem do nível “insuficiente” para o “suficiente”, de tal forma que o critério adotado se desloca para os gêneros de texto lidos ou

para a parte do texto onde a informação explícita precisa ser localizada (início, meio ou fim). Tal deslocamento apenas revela que a habilidade exigida em ambos os níveis é a mesma.

Há três habilidades novas apresentadas no nível “adequado” em relação aos níveis anteriores: 1. identificação do referente de um pronome do caso reto; 2. inferência de relações de causa e consequência e 3. reconhecimento de significados expressos em linguagem figurada. De fato, essas operações são mais complexas do que a simples atividade de localizar uma informação na superfície textual. Mas seguramente são tão abstratas quanto identificar a finalidade de um texto, habilidade pressuposta no nível “básico”.

Na verdade, o MEC fundamenta sua análise dos níveis de proficiência nas contribuições da Linguística Textual e distribui hierarquicamente o domínio de alguns elementos da textualidade em diferentes níveis. No entanto, os elementos da textualidade constituem um todo harmonicamente integrado que fazem o texto adquirir sentido, de maneira que fatores como a “informatividade” e seu estudo (identificar o assunto ou localizar informação no texto), a “intencionalidade” e sua análise (identificar a finalidade do texto), a “coesão” e sua investigação (identificar o referente, inferir causa e consequência) não podem ser hierarquizados como componentes de níveis diferentes. Essas habilidades podem e devem ser assimiladas progressivamente, mas é um equívoco pensá-las em termos de níveis, colocando uma acima da outra, já que elas funcionam articuladamente no corpo do texto como um todo.

Assim, ficamos com a impressão de que, em relação ao nível “elementar”, os dois níveis seguintes – “básico” e “adequado” – exigem habilidades mais complexas, mas entre estes não há um salto qualitativo no conjunto das operações esperadas ao ponto de haver uma cisão rotulada de “suficiente” ou “insuficiente”. Como as fronteiras entre o “básico” e o “adequado” são nebulosas, o que se percebe é apenas um nível como a continuidade do outro, ambos preocupados com a textualidade, ora ressaltando um aspecto (finalidade, coesão etc.), ora outro (causalidade e consequência, coerência etc).

A POBREZA DO NÍVEL “DESEJÁVEL”

O nível mais elevado da escala de proficiência da ANA (BRASIL,2016), o “desejável”, também não traz habilidades tão complexas que nos imponha a necessidade de reconhecer um salto de uma capacidade leitora “insuficiente” para outra “suficiente”. A primeira habilidade deste nível apenas espera que o leitor ou a leitora sejam capazes de inferir o sentido das palavras no texto verbal, ao passo que a terceira habilidade amplia essa exigência

para a inferência do sentido do texto em sua totalidade. Portanto, a primeira e a terceira habilidades do nível “desejável” focalizam a questão do sentido, da palavra e do texto respectivamente.

No entanto, já no nível “básico”, exigiu-se que o leitor ou a leitora identificassem o assunto de um texto, operação tão complexa quanto a inferir o seu sentido, uma vez que, para identificar o objeto de que se ocupa qualquer texto, faz-se necessário mobilizar os sentidos produzidos pelo conjunto da textualidade como um todo. Ou seja, só podemos identificar o assunto de um texto se tivermos a capacidade de compreender os sentidos do que nele foi dito. Novamente fica o alerta de que a inferência do conteúdo do texto já está posta para o nível “básico” da proficiência em leitura, o que descredencia a interpretação segundo a qual a atividade de inferir o sentido de um texto constitua uma operação que demarque um salto para um nível superior em termos de abstração.

Isso é pouco para o nível mais elevado da escala de proficiência em análise, que não parte de critérios claros para estabelecer diferenças entre “insuficiência” e “suficiência”. Resta-nos analisar a descrição da escala de proficiência para a produção escrita, tal como proposto pela ANA (BRASIL,2016), a fim de verificar se o escalonamento dos níveis e suas respectivas habilidades apresentam critérios que, de fato, permitam identificar os diferentes graus de complexidade do processo de alfabetização e letramento.

RESULTADOS DE PROFICIÊNCIA EM ESCRITA DO PORTUGUÊS

Conforme o quadro 2, na qual a ANA (BRASIL,2016) descreve os níveis de proficiência em escrita com suas habilidades correspondentes. Os especialistas do MEC, como se pode verificar acima, dividiram os níveis de proficiência em duas categorias: insuficiente (do Elementar 1 ao Elementar 3) e suficiente (Adequado e Desejável). Em seguida, selecionaram as habilidades essenciais a um estudante proficiente em escrita a partir de dois eixos: a palavra e o texto. Passemos, pois, a análise das habilidades alocadas em cada nível, a fim de apreender os critérios que determinaram a classificação do desempenho dos estudantes em se tratando de sua competência em escrita.

Para a análise dos resultados da proficiência em escrita do Português, tomamos como referência o mesmo documento oficial que nos serviu para analisar a proficiência em leitura no ANA. Assim como o fez para avaliar as práticas de leitura de alunos da escola pública brasileira em final do Ciclo de Alfabetização, o Ministério da Educação também produziu uma

escala de níveis que pretendem diagnosticar os diferentes graus implicados no processo de aquisição da escrita. Da mesma forma, estabeleceu cinco níveis de proficiência em escrita: “elementar 1”, “elementar 2”, “elementar 3”, “adequado” e “desejável”.

Quadro 2 – Níveis de escrita

Nível	Descrição do nível	
Elementar 1	INSUFICIENTE	Em relação à <u>escrita de palavras</u> , os estudantes que se encontram neste nível provavelmente não escrevem as palavras ou estabelecem algumas correspondências entre as letras grafadas e a pauta sonora, porém ainda não escrevem palavras alfabeticamente. Em relação à <u>produção de textos</u> , os estudantes provavelmente não escrevem o texto ou produzem textos ilegíveis.
Elementar 2		Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem alfabeticamente palavras com trocas ou omissão de letras, alterações na ordem das letras e outros desvios ortográficos. Em relação à produção de textos, os estudantes provavelmente não escrevem o texto ou produzem textos ilegíveis.
Elementar 3		Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem ortograficamente* palavras com estrutura silábica consoante-vogal, apresentando alguns desvios ortográficos em palavras com estruturas silábicas mais complexas. Em relação à produção de textos, provavelmente escrevem de forma incipiente ou inadequada ao que foi proposto ou produzem fragmentos sem conectivos e/ou recursos de substituição lexical e/ou pontuação para estabelecer articulações entre partes do texto. Apresentam ainda grande quantidade de desvios ortográficos e de segmentação ao longo do texto.
Adequado	SUFICIENTE	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem ortograficamente* palavras com diferentes estruturas silábicas. Em relação à produção de textos, provavelmente atendem à proposta de dar continuidade a uma narrativa, embora possam não contemplar todos os elementos da narrativa e/ou partes da história a ser contada. Articulam as partes do texto com a utilização de conectivos, recursos de substituição lexical e outros articuladores, mas ainda cometem desvios que comprometem parcialmente o sentido da narrativa, inclusive por não utilizar a pontuação ou utilizar os sinais de modo inadequado. Além disso, o texto pode apresentar alguns desvios ortográficos e de segmentação que não comprometem a compreensão.
Desejável	SUFICIENTE	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem ortograficamente* palavras com diferentes estruturas silábicas. Em relação à produção de textos, provavelmente atendem à proposta de dar continuidade a uma narrativa, evidenciando uma situação central e final. Articulam as partes do texto com conectivos, recursos de substituição lexical e outros articuladores textuais. Segmentam e escrevem as palavras corretamente, embora o texto possa apresentar alguns desvios ortográficos e de pontuação que não comprometem a compreensão.

Fonte: Adaptado de Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA (BRAZIL, 2016).

“A BARREIRA DA PALAVRA ALFABÉTICA NO NÍVEL “ELEMENTAR 1”

No entendimento do MEC, estão no nível “Elementar 1” os alfabetizados que ainda não conseguem escrever palavras alfabeticamente, isto é, não conhecem as convenções ortográficas implicadas no uso do alfabeto. Ora, se não escrevem uma palavra alfabética, logicamente estão inaptos a produzir textos. É possível inferir que o alfabetizado classificado nesse nível ainda está zerado em termos de proficiência em escrita, não tendo conseguido ainda superar essa barreira no processo de alfabetização. O importante, para nossa reflexão, é perceber a incapacidade de escrever a palavra alfabética como critério definidor do nível “Elementar 1”.

A capacidade de escrever a “palavra alfabética” é a habilidade que determina a passagem do nível “Elementar 1” ao nível “Elementar 2”, ainda que o alfabetizado cometa equívocos ortográficos. Assim, a escrita da palavra alfabética funciona como um trampolim para o segundo nível da proficiência em escrita. E tal como o estudante do primeiro nível, o do segundo também não está apto para a produção de textos. Causa estranheza que o MEC admita que os alfabetizados possam, em ambos os níveis, escrever “textos ilegíveis”, na medida em que só podemos considerar como texto uma articulação de palavras que produzam sentidos. Nenhuma sequência de palavras inelegíveis, portanto sem sentido, pode ser considerada como um texto.

A passagem do “Elementar 2” ao “Elementar 3” não está determinada pelo eixo da palavra, mas pelo eixo do texto. Nesses dois níveis, o MEC espera que os estudantes saibam escrever a palavra ortográfica. Mas, para ser classificado no “Elementar 3”, o alfabetizado precisa saber escrever texto, ainda que de forma incipiente. Portanto, o critério que determina a transição do nível “Elementar 2” ao nível “Elementar 3” é a capacidade de produzir textos, mesmo que sua produção textual apresente problemas de coesão, isto é, problemas na articulação ou na conexão entre frases, períodos e parágrafos.

Os três níveis da proficiência em escrita até então analisados constituem ainda um desempenho “insuficiente”, segundo a classificação elaborada pelo MEC. A nossa análise agora focalizará os outros dois níveis rotulados de “suficientes” pelo referido ministério: o “adequado” e o “desejável”.

“NÍVEL ADEQUADO”: A ÊNFASE NO TEXTO NARRATIVO E NA COESÃO TEXTUAL

Para o MEC, estão alocados no nível “adequado” os alfabetizandos cujas habilidades de escrita permitem dar continuidade a uma narrativa iniciada por outrem. Tal narrativa, embora possa não conter todos os elementos desejáveis, deve estar com suas partes devidamente articuladas mediante o uso de recursos coesivos, isto é, através da utilização de conectivos que estabelecem relações entre as partes de uma narrativa escrita. Desse modo, o texto narrativo escrito e a coesão textual aparecem como habilidades que o aluno deve dominar, a fim de saltar qualitativamente da categoria da “insuficiência” para a suficiência, ainda segundo a perspectiva assumida pelo MEC. A indagação inevitável consiste em querer saber a razão pela qual o tipo textual narrativo foi escolhido para determinar a passagem para a categoria da suficiência. Terá o MEC reproduzido a ideia bastante contestada de que o tipo dissertativo é abstrato para ser ensinado no Ensino Fundamental, razão pela qual deveria ser trabalhado apenas no Ensino Médio? A escolha parece ter elevado grau de arbitrariedade, na medida em que a maioria dos gêneros textuais socialmente produzidos tem na coesão um elemento fundamental de sua constituição.

A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO NO NÍVEL “DESEJÁVEL”

Da palavra ortográfica à produção de textos narrativos; do uso de recursos coesivos à capacidade de pontuar sem comprometer os sentidos do texto. Eis as habilidades desejadas pelo MEC para o alfabetizando que se encontra no final do Ciclo de Alfabetização. De todas as habilidades presentes nos níveis anteriores, a garantia de que o texto faça sentido adquire ênfase apenas no nível “Desejável”. Está implícita nessa orientação a ideia básica de que o ato de linguagem é essencialmente um ato comunicativo, isto é, parte-se do pressuposto de que a eficácia do uso da linguagem deve atender a uma necessidade de interação para a qual concorre a compreensão recíproca entre os interlocutores, o falante e o ouvinte, quem escreve e quem lê, um compreendendo os sentidos do que o outro escreve, em se tratando de proficiência em escrita.

De fato, a linguagem é um instrumento que promove a interação social dos sujeitos em cada esfera de atuação da vida em sociedade. Não podemos mais ficar presos à forma da língua, sob o pretexto de que basta conhecer sua estrutura gramatical para saber usá-la. Além de forma, língua é ferramenta de interação social e seus usos seguem padrões textuais

conhecidos como gêneros de texto, os quais são produzidos em diferentes circunstâncias geradoras de diferenciadas necessidades comunicativas e, sem o entendimento dessa plasticidade da língua frente aos seus contextos de uso, as atividades em língua escrita podem se reduzir a exercícios escolares mecânicos, sem quaisquer vínculos com a vida fora da escola, o que sabota completamente a dimensão dos sentidos do texto.

Por tudo o que vimos até aqui, o processo de alfabetização, tal como o MEC o tem pensado, coloca a capacidade de escrever textos, concebidos como uma unidade linguística significativa, como meta do processo de alfabetização. Isso não quer dizer que a palavra seja uma unidade desprezível, mas que seu estudo é apenas um degrau para chegar a patamares mais elevados quanto à capacidade de produção escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso de nossas análises, ficou evidente que o MEC parte do pressuposto de que a alfabetização pode ser vista como um processo que apresenta fases, níveis de desenvolvimento, sob a forma de um *continuum* que vai do desconhecimento completo até a aquisição dos saberes relativos às habilidades para se tornar um cidadão ou uma cidadã proficiente em leitura e escrita. Essa compreensão da alfabetização como um processo pode ser tomada como um lugar pacífico, uma vez que nos parece relativamente estável a leitura de que alguém se alfabetiza paulatinamente por meio da assimilação de conhecimentos do código e, progressivamente, dos usos que dele se pode fazer em nossa vivência social.

Entretanto, não nos parece pacífica e estabilizada a forma como o MEC categoriza os saberes que são adquiridos ao longo do processo de alfabetização. As fronteiras entre os níveis de proficiência em leitura foram definidas pelo Documento da Avaliação Nacional da Alfabetização – Edição 2016 com um grau de arbitrariedade que pouco convence. Em muitas situações, habilidades com o mesmo potencial de complexidade foram separadas e hierarquizadas, sem que houvesse uma justificativa teórica razoável para sua hierarquização.

Os dois eixos definidos pela ANA (BRASIL, 2016) como centrais no processo de alfabetização – leitura e escrita – revelam uma concepção de alfabetização que considera o domínio do código um momento importantíssimo no trabalho de alfabetizar crianças. Os usos sociais do código, através das práticas de leitura e escrita nas diversas situações sociais, aparece com menos ênfase no documento tomado como referência de nossa análise. Prova disso é que, para cada nível de proficiência em leitura e escrita, primeiro se coloca a necessidade do domínio

da palavra escrita, o texto aparecendo posteriormente, como se o estudo daquela necessariamente precedesse a análise deste. Lembramos, porém, que ninguém se comunica através de palavras, mas por meio de textos, concebidos como unidades linguísticas comunicativas que atendem às necessidades de interação social.

Vale lembrar também que a ANA (BRASIL,2016) padroniza um saber que se pretende universal para todas as crianças brasileiras em processo de alfabetização. Essa perspectiva releva ao segundo plano a apropriação da escrita e leitura, desconsiderando os gostos pessoais, saberes e interesses individuais e coletivos dos educandos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14ª Edição. Hucitec, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2016. 225 p. Original francês.

BRASIL, Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Avaliação Nacional da Alfabetização – Edição 2013**. Disponível em <<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/ana/resultados/2013/nota_explicativa_na_2013.pdf>>. Acesso em 08 jun. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Avaliação Nacional da Alfabetização – Edição 2016**. Disponível em <<<http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2017-pdf/75181-resultados-ana-2016-pdf/file>>>. Acesso em 05 nov. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas: 2011.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA**Writing and Reading in Brazil from the 2010s: Public Policy Analysis****Rita de Souza Santos Cácia³⁰****Silvânia Geronimo Meneses de Sá³¹****Sidiney Menezes Geronimo³²**

Proficiency in writing and reading of Portuguese in Brazil have been issues that increasingly require a more effective understanding. By defining the object of study, we take the base document of the Brazilian National Literacy Assessment - ANA (BRAZIL, 2016) as a reference text for our analyzes of public policies for the issue of training in reading and writing in Brazil. We then proceeded to scrutinize the text of the ANA (BRAZIL, 2016) in order to verify, both from what was said as for what was muted, the theoretical and ideological nuances that reveal a way of interpreting the problem. This study is considered a qualitative research because there is a relationship between the real world and the individual.

Marconi and Lakatos (. 2011, p 269) describes that:

The qualitative method differs not only the quantitative not employ statistical tools, but also the way of collecting and analyzing data. The qualitative methodology is concerned with analyzing and interpreting deeper aspects, describing the complexity of human behavior. It provides more detailed analysis of the investigations, habits, attitudes, behavior, trends etc.

In the qualitative research process and interpret phenomena is assigned meanings without requiring the use of techniques and statistical methods. From the standpoint of technical procedures were used for this study procedures literature search, documents.

Gil (2010, p.29) conceptualizes literature as follows:

The literature is prepared based on published material. Traditionally, this type of research includes printed material such as books, magazines, newspapers, theses, dissertations and scientific events. However, because of the spread of new information formats, these studies have come to include other types of

³⁰ Teacher with a Master's in education at the UFS, PhD and Post-doctorate from UFBA, operates in the Department of Education of the Federal University of Sergipe (UFS), leader of the Center for Research and Educational Inclusion and Technology Assistiva- Núpita and is Educon- CNPq member / UFS / SE

³¹ Degree in Education from the Federal University of Sergipe and member of the Center for Studies, Research and Extension Educational Inclusion and Assistive Technology-Núpita Cnpq / UFS / SE.

³² Teacher with a Masters in Sociology from UFS, PhD in Literature and Linguistics from UFAL, operates in the State of Sergipe and Municipal Network of Aracaju-SE.

sources, such as disks, tapes, CDs, as well as the material available over the Internet.

As analysis technique, we used the analysis of Bardin content (2016), trying to analyze contents that become relevant in the perspective taken by the MEC regarding the evaluation of literacy.

To better understand the difficulties that present themselves in literacy and literacy process, we chose to revisit the ANA (BRAZIL, 2016), a document produced by the Institute of Educational Studies Teixeira (INEP). Our attention turned to the basic document of the National Literacy Assessment (BRAZIL, 2013) and the ANA's editions of 2014 and 2016 in order to analyze the institutional look of the Ministry of Education (MEC) to the problem. In this way, we hope to present here as the government has thought the act of reading and writing, as well as the difficulties inherent in it, so that later we can confront the institutional perspective of the MEC with the theoretical perspective of scholars object under review.

It is important to note that the ANA came under the National Pact for Literacy in the Age One (PNAIC). This Compact - established between the Federal Government, Federal District, states and municipalities - is a public policy nationwide, which has the ambition that Brazilian children are literate by the end of the 3rd year of elementary school, considered the Cycle closing time Literacy. ANA (BRAZIL, 2016) was designed as a tool that aims to measure literacy levels in English Language and Mathematics of public-school children regularly enrolled in the third year of elementary school.

However, this assessment is not restricted to one test applied to students, since it aims also produce indicators on education conditions, including, in addition to social, school management, teacher training and the organization of the pedagogical work. To assess students and obtain data on the literacy conditions, questionnaires are used that are answered not only by children but also by managers and teachers. The scope of the Brazilian National Literacy Assessment - ANA (BRAZIL, 2016) shows that, in the institutional look, the teaching-learning process takes place in certain conditions, which may facilitate or hinder the acquisition of written language and therefore this process is not just on the plane cognition of the learner.

The basic document of the National Literacy Assessment (BRAZIL, 2013), which functions as an embryo for what became the National Assessment Literacy defines axes for each of the two arrays of knowledge involved in the work of literacy: Portuguese and Mathematics. The Portuguese matrix bifurcates into two structural axes: reading and writing, which require the development of skills considered essential for a child to be considered literate.

In Reading Plan, it is considered literate student who can read words with syllables canonical and non-canonical, recognized for what purpose a text was written and find explicit information and make inferences from information given, among others. In the written plan, expected skills are the ability to spell words which the grapheme / phoneme either directly (direct regular mail) or variable as the linguistic context (contextual regular mail) as well as produce texts from certain situations.

Already the mother of mathematics is divided into four structural axes: numerical and algebraic axis, geometry axis, axis of quantities and measures and information processing axis. As our work focuses on literacy problems specifically related to the axis of the Portuguese language, we will not go into details about the skills matrix mathematics. Next, we will make an analysis of data pertaining to literacy levels diagnosed by ANA (BRAZIL, 2016) in their 2013 editions, 2014 and 2016, in view of the axes of proficiency in reading and writing.

PROFICIENCY IN READING THE PORTUGUESE IN BRAZIL

Our analysis of data on reading proficiency has referred to the ANA, which was held from 14 to 25 November of that year. Two other issues were affected in the years 2013 and 2014, but as the data collected remain similar, we chose to analyze the most recent edition so that our bank information is as current as possible. ANA (BRAZIL, 2016) assessed the reading proficiency of 2,160,201 (two million one hundred and sixty thousand two hundred and one) students, distributed in 105,000 (one hundred and five thousand) class 48,000 (forty-eight thousand) schools Brazilian public. These figures represent almost all the public schools with classes of 3rd year of elementary school, that is, classes that close the Literacy Cycle.

In the case of MEC institutional perspective about what to evaluate, that is, about what such an institution has considered the skills necessary for the formation of a proficient reader, the 2016 edition provides a worksheet in which makes a "DESCRIPTION PROFICIENCY SCALE ". In this description, we have the opportunity to know what a proficient reader is according to the MEC design and what are the knowledge that he must master to be able to read texts from various genres and competently. It follows, therefore, the description of proficiency levels established by MEC.

Table 1 - Proficiency Levels

LEVEL	LEVEL DESCRIPTION	
1. ELEMENTARY	INSUFFICIENT	Read two-syllable words, three syllables and polysyllabic with canonical syllable structures, based on image. Read two-syllable words, three syllables and polysyllabic with non-canonical syllable structures, based on image.
2. BASIC		Identifying the purpose of texts as invitation, poster, instructional text (income) and ticket. Find explicit information in short texts (up to five lines) in genres like joke, rhymes, poem, comic (comic book up to three frames), informative text and narrative text. Identify the subject of texts, whose subject can be identified in the title or first line in genres like poem and informative text. Infer the subject of a poster presented in his stable, with big letters and short message and articulation of verbal and nonverbal.
3. SUITABLE	ENOUGH	Infer the popular science text subject for children. Find explicit information, located in the middle or end of the text in genres like folk legend and song. Identify the referent of a personal pronoun in genres such as comic and narrative poem. Infer cause and consequence in genres such as comic, anecdote, fable and children's literature text. Infer meaning based on verbal and non-verbal elements in strip. Recognize meaning of figurative language expression in genres like narrative poem, children's literature text and strip.
4. DESIRABLE		Infer word meaning in verbal text. Recognize the participants in a dialogue in a fictional interview. Infer meaning in verbal text. Recognizing time relationship in verbal text. Identify the referent pronoun possessive poem.

Source: Adapted from Brazilian National Literacy Assessment - ANA (BRAZIL, 2016).

You can understand how the MEC has thought literacy issues in Brazil from a spreadsheet analysis in which it establishes the reading proficiency levels with their respective skills. We dedicate the following considerations to the task.

Brazilian National Literacy Assessment - ANA (BRAZIL, 2016) presents a classification that divides the reading ability of learners in more general level proficiency as "insufficient" and "sufficient". By this broad classification, which follows another subcategoriza proficiency in reading in four levels: "basic", "Basic", "adequate" and "desirable". However, if there is a qualitative leap between the levels shown in the above proficiency spreadsheet that leap happens inside the level "insufficient", between "basic" and "basic". No more, many of the assumed skills in the "sufficient" are very close skills found in the category "insufficient", as we demonstrate below.

FROM THE ELEMENTARY LEVEL AT THE BASIC LEVEL: A QUALITATIVE LEAP

Let us first consider the first two levels considered "insufficient". A careful look recognizes that the "elementary" to "basic" level level, there is a qualitative leap in terms of the

skills to be acquired by a student at the end of the Literacy cycle, although these two levels are considered "insufficient". Actually, read canonical and non-canonical syllables in words (level "Elementary") is still very little, so that a prisoner student at that level can not go beyond the mechanical gesture of decoding graphemes and phonemes. At this level, the MEC has not presented the text as useful object in the process of literacy, only reproduces the design of literacy as a mechanical gesture to decode the written word, pronouncing its syllables, the hyphenation patterns as a tool that prepares for literacy in general .

But the "basic" level requires skills beyond the field of mechanics of the language code. The first is the ability of the skilled reader to identify the discursive intentionality of a text. This ability requires an extension of the look reader horizons, in that, more than the code mechanics, what is at stake is the relationship between the uses of language and its purposes, this presupposes recognition of the links between the linguistic uses and the various spheres of social life, which produce different text genres as their communicative interaction needs, such as Mikhail Bakhtin and teaches Volochínov (2010).

The second ability of the "basic" level, locate explicit information in the text, is also a few steps above the word machine-readable, as the object of study is passing the information, although explicit, within a specific genre. Basically, the text already is the primary object to expand the capacity of interpretation of literacy. How anyone can communicate without having a common subject, the third skill of the "basic" level requires the proficient reader should be able to identify the content or subject of the texts read. Thus, reading is to understand the meanings of what is read, a lot more than just pronounce canonical and non-canonical syllables of words (level "Elementary"). The fourth skill sets for the reader to know the challenge infer the text subject that articulates the verbal and nonverbal. In this case, the look reader must understand the senses that go beyond the domain of the alphabetic system, increasing the significance of other symbolic systems, such as images that are posters.

THE BLURRED BOUNDARIES BETWEEN "BASIC" LEVELS AND "ADEQUATE"

ANA (BRAZIL, 2016) points out that the escalation of the literacy process in levels meets a methodological need to produce tools that can help diagnose which of the skills inherent to acts of reading and writing students have already assimilated or still need to assimilate. As the reading and writing domain does not happen instantly, but through learning that has increasing degrees of complexity, ANA aims to be a tool to monitor the performance of students

in Brazilian public schools regarding proficiency levels in reading and writing. However, a question to be problematic here relates exactly to the difficulty of establishing clear criteria that allow us to determine what is a reader or a reader with proficiency "insufficient" or "enough."

This problem makes us wonder what skills a reader or a reader squarely in the "appropriate" level would miss a player or reader classified as "basic" level on the perspective taken by the MEC, since the passage of this level than corresponds to a jump in the level of failure to fill, when it comes to reading proficiency. As the reader can review the spreadsheet of proficiency levels, cited above, the "appropriate" level features as the first skill required to infer the subject of a text. However, this ability is already included in the "basic" level, which places an obligation on the student able to identify the subject of a text. The only difference is in the genres used so that the learners identify or infer the subject: in popular science texts for children ("adequate" level) or "poems" ("basic" level). Infer or identify the subject are very close skills whose differences of semantic nuances presented by these two verbs are unclear rather to allow us to say that a student jumped proficiency level "insufficient" for the "sufficient" level.

Find explicit information in texts is the second skill required in both the "basic" level as the "appropriate" level. What sets a level of the other is only the text length (short or otherwise) and the genre in which it materializes. Again, there is a new skill which assimilation justify the passage of level "insufficient" to "enough", so that the criterion adopted is moving to read text genres or part of the text where the explicit information must be located (top, middle or end). This shift shows that only the required skill levels in both is the same.

There are three new skills presented in the "appropriate" level compared to previous levels: 1. identification of the referent of a pronoun case straight; 2. inference of cause and effect relationships, and 3. recognition meanings stated in figuratively. In fact, these operations are more complex than the simple activity to locate any information on the textual surface. But it is surely so abstract as to identify the purpose of a text, ability presupposed in the "basic" level.

In fact, the MEC bases his analysis of the levels of proficiency in the contributions of linguistics and textual hierarchy distributes the domain of some textuality elements at different levels. However, textuality elements constitute an integrated whole harmony that make the text acquire sense, so that factors such as the "informativeness" and its study (identify the subject or locate information in the text), the "intentionality" and its analysis (identify the purpose of the text), the "cohesion" and his research (to identify the referent, infer cause and

consequence) can not be prioritized as different levels of components. These skills can and should be treated progressively, but it is a mistake to think of them in terms of levels, placing one above the other,

Thus, we get the impression that, for the "basic" level, the following two levels - "basic" and "adequate" - require more complex skills, but between them there is a qualitative leap in all operations expected to point labeled to be a spin-off of "sufficient" or "insufficient." As the boundaries between "basic" and "right" are nebulae, which is perceived as only one level is the continuation of the other, both concerned with Textuality, emphasizing either one aspect (purpose, cohesion etc.), then the other (causality and consequence, consistency etc.).

THE POVERTY LEVEL "DESIRABLE"

The highest level of ANA proficiency scale (BRAZIL, 2016), the "desirable" also does not bring such complex skills we impose the need to recognize a jump of an "insufficient" to another reading capacity "enough." The first ability of this level only expects the reader or the reader to be able to infer the meaning of words in the verbal text, while the third ability extends this requirement to the inference of the text's meaning in its entirety. Therefore, the first and third level skills "desirable" focus on the question of the meaning of the word and text respectively.

However, since the "basic" level, it was required that the reader or the reader to identify the subject of a text, as complex operation and to infer its meaning, since, to identify the object that occupies any text, it is necessary to mobilize the meanings produced by the whole textuality as a whole. That is, we can only identify the subject of a text if we have the ability to understand the meanings of what it was told. Again it is warned that the inference from the text content is already set for the "basic" level of proficiency in reading, which descredencia the interpretation that the activity to infer the meaning of a text constitutes an operation that demarcate a jump to a higher level in terms of abstraction.

That's just for the highest level of proficiency scale analysis, which not part of clear criteria to differentiate between "insufficient" and "sufficient". It remains for us to analyze the description of the proficiency level for writing production, as proposed by the ANA (BRAZIL, 2016) in order to verify that the analysis of levels and their skills have criteria that, in fact, to identify the different degrees of complexity of literacy and literacy process.

PROFICIENCY RESULTS IN WRITING PORTUGUESE

For the analysis of the results of proficiency in writing Portuguese, we will take as a reference the same official document that served us to analyze the reading proficiency in ANA. Just as he did to assess students reading practices of Brazilian public school at the end of the Literacy Cycle, the Ministry of Education has also produced a range of levels that claim to diagnose different degrees involved in the writing acquisition process. Likewise, set five levels of proficiency in writing: "elemental 1", "Elemental 2", "Elemental 3", "right" and "desirable".

The MEC experts, as can be seen above, the levels of proficiency divided into two categories: short (1 to elemental Elemental 3) and enough (and desirable suitable). Then selected the essential skills to a proficient student in writing from two axes: the word and the text. Let us, therefore, the analysis of allocated skills at each level, in order to grasp the criteria which determined the classification of the performance of students when it comes to their competence in writing.

In the opinion of the MEC, are at the level "Elementary 1" the learners still can not write words alphabetically, that is, do not know the spelling conventions involved in the alphabet use. Now, if you do not write an alphabetical word, they are logically unfit to produce texts. It is possible to infer that the literate rated at this level is still zero in terms of proficiency in written and has not yet been able to overcome this barrier in the literacy process. What is important for our reflections, is to realize the inability to write the alphabetical word as a defining criterion level "Elementary 1".

The ability to write the "alphabetical word" is the skill that determines when the level "Elementary 1" level "Elementary 2", although the comet literate spelling mistakes. Thus, the word alphabetical writing acts as a springboard for the second level of proficiency in writing. And as the student of the first level, the second is also not suitable for the production of texts. It is strange that the MEC admits that the learners can, at both levels, write "illegible" to the extent that we can only consider text as an articulation of words that produce senses. No sequence ineligible words, so meaningless, can be regarded as a text.

Below worksheet in which the ANA (BRAZIL, 2016) describes proficiency levels in writing with your matching skills:

Table 2 - Writing Levels

LEVEL	LEVEL DESCRIPTION	
ELEMENTARY 1	INSUFFICIENT	Regarding the writing of words, students who are at this level probably did not write the words or establish some correspondences between letters spelled and sound agenda but not yet write words alphabetically. In the production of texts, students probably do not write the text or produce illegible output.
ELEMENTARY 2		Regarding the writing of words, students who are at this level probably write words alphabetically exchanges or omission of letters, changes in the order of the letters and other spelling errors. In the production of texts, students probably do not write the text or produce illegible output.
ELEMENTARY 3		Regarding the writing of words, students who are at this level probably write * spelled words with consonant-vowel syllable structure, with some spelling deviations in words with more complex syllabic structures. In the production of texts probably write incipient or inadequate to what was proposed or produce fragments without connective and / or lexical substitution of resources and / or punctuation to establish links between parts of the text. They also feature large amount of spelling deviations and segmentation throughout the text.
SUITABLE	ENOUGH	Regarding the writing of words, students who are at this level probably write * spelled words with different syllabic structure. In the production of texts probably meet the proposal to continue a narrative, although they may not cover all elements of the narrative and / or parts of the story to be told. Articulate the parts of the text with the use of connective, lexical replacement resources and other articulators, but still make deviations that partially impair the sense of the narrative, including not to use punctuation or use improperly signals. In addition, the text may have some spelling deviations and segmentation that is not committed to understanding.
DESIRABLE		Regarding the writing of words, students who are at this level probably write * spelled words with different syllabic structure. In the production of texts probably meet the proposal to continue a narrative, showing a central and final situation. Articulate the parts of the text with connective, lexical replacement resources and other textual articulators. Segment and write words correctly, although the text may present some spelling and punctuation deviations that do not compromise understanding.

Source: Adapted from Brazilian National Literacy Assessment - ANA (BRAZIL, 2016).

The passage of "Elementary 2" to "Elementary 3" is not determined by the word of the shaft, but the text of the shaft. In these two levels, the MEC expects students to know to write the spelling word. But to be classified as "Elementary 3," the literate need to know how to write text, albeit in nascent form. Therefore, the criterion determining the transition level "Elementary 2" to the level "Elemental 3" is the ability to produce texts, even his textual

production presents cohesion problems, namely problems in the joint or connection between sentences, periods and paragraphs.

Three in writing proficiency levels previously analyzed still a performance "insufficient", according to the classification developed by MEC. Our analysis focus now labeled the other two levels of "sufficient" by the former: "adequate" and "desirable".

"APPROPRIATE LEVEL": THE EMPHASIS ON NARRATIVE TEXT AND TEXT COHESION

For the MEC, they are allocated in the "appropriate" level the learners whose writing skills allow to continue a narrative begun by others. Such a narrative, although it may not contain all the desirable elements shall be with parts properly articulated through the use of cohesive resources, ie, through the use of connective establishing relationships between the parts of a written narrative. Thus, the narrative text writing and the textual cohesion appear as skills that students must master in order to qualitatively jump from the category of "failure" to fill, according to the perspective taken by the MEC. The inevitable question is to wonder why the narrative text type was chosen to determine the passage to the category of reliance. MEC will play a highly contested idea that argumentative type is abstract to be taught in elementary school, why should only be worked in high school? The choice seems to have high degree of arbitrariness, in that most socially produced genres have in cohesion a key element of its constitution.

THE CONSTRUCTION OF THE TEXT DIRECTIONS AT THE "DESIRABLE"

Spell word to the production of narrative texts; the use of cohesive resources the ability to score without compromising the text directions. These are the skills desired by the MEC for teaching literacy that is at the end of the Literacy Cycle. Of all the skills present in previous levels, ensuring that the text makes sense only acquires emphasis at the "Desirable". Implicit in this guidance the basic idea that the speech act is essentially a communicative act, that is, it starts from the assumption that the effectiveness of the use of language must meet a need for interaction for which competes mutual understanding between the interlocutors, the speaker and the listener, who writes and who reads an exhaustive way than the other writes, when it comes to in writing proficiency.

In fact, language is a tool that promotes social interaction of subjects in each sphere of action of social life. We can not get stuck to the language of the form, under the pretext that enough to know its grammatical structure to learn to use it. In addition to the form, language is social interaction tool and its uses follow textual standards known as text genres, which are produced in different generating circumstances of different communication needs and without an understanding of this plasticity of language in front of their contexts of use, activities in written language can be reduced to mechanical school exercises without any ties to life outside the school, which completely undermines the size of the text directions.

For everything we've seen so far, the process of literacy, such as the MEC have thought, puts the ability to write texts, designed as a significant linguistic unity as a goal of the literacy process. This does not mean that the word is a negligible unit, but that his study is only a steppingstone to reach higher levels on the writing production capacity.

FINAL CONSIDERATIONS

During the course of our analysis, it became clear that the MEC assumes that literacy can be seen as a process that has stages, levels of development, in the form of a continuum that goes from complete ignorance to the acquisition of knowledge related the skills to become a citizen or citizen proficient in reading and writing. This understanding of literacy as a process can be taken as a peaceful place, since it seems relatively stable reading that someone is literate gradually through the code knowledge assimilation and progressively uses that it can be done in our social life.

However, there seems peaceful and stabilized in the way the MEC categorizes knowledge that are acquired during the literacy process. The boundaries between the reading proficiency levels were defined Document of the National Literacy Assessment – Edition 2016 – with a degree of arbitrariness that little convincing. In many situations, skills with the same potential for complexity were separated and hierarchical, with no reasonable justification for its theoretical hierarchy.

The two axes defined by ANA (BRAZIL, 2016) as central to the process of literacy – reading and writing – reveal a conception of literacy that considers the code domain an important moment in the work of literate children. The code of social uses, through the reading and writing practices in different social situations, appears with less emphasis on the document taken as a reference for our analysis. Proof of this is that for each level of reading proficiency

and writing, first arises the need for the written word domain, the text later appearing as if the study of that necessarily precede the analysis of this. We remember, however, that no one communicates through words, but through texts, conceived as communicative language units that meet the needs of social interaction.

Remember also that the ANA (BRAZIL, 2016) standardizes a knowledge that is to be universal for all Brazilian children in the literacy process. This perspective seems to perform under the shield of neutrality as if there was knowledge that had the same relevance to the sons and daughters of all social classes.

REFERENCES

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14^a Edição. Hucitec, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2016. 225 p. Original francês.

BRASIL, Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Avaliação Nacional da Alfabetização – Edição 2013**. Disponível em <<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/ana/resultados/2013/nota_explicativa_na_2013.pdf>>. Acesso em 08 jun. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Avaliação Nacional da Alfabetização – Edição 2016**. Disponível em <<<http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2017-pdf/75181-resultados-ana-2016-pdf/file>>>. Acesso em 05 nov. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas: 2011.



**ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS:
NARRATIVA SEQUENCIAL GRÁFICA EM
ANÁLISE**



Como um vilão brasileiro dos quadrinhos influenciou a criação do Batman: A Garra Cinzenta ataca!³³

How a Brazilian comic book villain influenced Batman's creation: The Gray Claw attacks!

Cómo un villano de cómic brasileño influyó en la creación de Batman: ¡El Garra Gris golpea!

Valéria Aparecida Bari³⁴

³³ Recebido em 19/03/19, versão aprovada em 19/04/2019.

³⁴ Doutora em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) – Docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Pesquisadora Líder do PLENA: Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: Cultura, Mediação, Apresentação Gráfica, Editoração e Manifestações. Aracaju, Sergipe, Brasil. **E-mail:** <valbari@gmail.com>.

RESUMO

Analisa a “A Garra Cinzenta”, título de história em quadrinhos brasileira, publicada em mídia jornalística entre os anos 1937 e 1939, cujas qualificações da Arte (novidade, recursos semiológicos, narrativos e estéticos) levou à publicação internacional e gerou influências que se perpetuam no universo de produção internacional *mainstream*, como a criação do Batman. Como características de criação, tem a particularidade de ser supostamente uma das mais importantes produções femininas do gênero, pois as pesquisas indicam que a autoria de Francisco Armond é pseudônimo da jornalista e poetisa Helena Ferraz. Quanto ao quadrinhista Renato Silva, foi considerado um profissional eclético e consagrado à época da publicação. Por meio da análise inicial, será elaborado estudo contrastivo, verificando as principais influências da Garra Cinzenta, na produção de histórias em quadrinhos *mainstream* nos setenta anos posteriores à publicação.

PALAVRAS-CHAVE: História em Quadrinhos - Brasil. A Garra Cinzenta. Renato Silva. Francisco Armond. Helena Ferraz.

ABSTRACT

It analyzes the "Grey Claw", a Brazilian comic book, published in journalistic media between the years 1937 and 1939, whose qualifications of art (novelty, semiological, narrative and aesthetic resources) led to the international publication and generated Influences that perpetuate themselves in the universe of mainstream international production, like Batman's creation. As characteristics of creation, it has the particularity of being supposedly one of the most important feminine productions of the genre, because the researches indicate that the authorship of Francisco Armond is the pseudonym of journalist and poet Helena Ferraz. As for comic book artist Renato Silva, he was considered an eclectic professional and consecrated at the time of publication. Through the initial analysis, it will be elaborated a contrastive study, verifying the main influences of Grey Claw, in the production of mainstream comics in the 70 years after the publication.

KEY WORDS: Brazilian Comics. The Grey Claw. Renato Silva. Francisco Armond. Helena Ferraz.

RESUMEN

Analiza la "Garra Gris", un cómic brasileño, publicado en medios periodísticos entre los años 1937 y 1939, cuyas calificaciones de arte (novedad, semiológica, narrativa y recursos estéticos) condujeron a la publicación internacional y generaron. Influencias que se perpetúan en el universo de la producción internacional convencional, cómo la creación de Batman. Como características de la creación, tiene la particularidad de ser supuestamente una de las producciones femeninas más importantes del género, porque las investigaciones indican que la autoría de Francisco Armond es el seudónimo de la periodista y poeta Helena Ferraz. En cuanto al dibujante de cómics Renato Silva, fue considerado un profesional eclético y consagrado en el momento de la publicación. A través del análisis inicial, se elaborará un estudio contrastivo, verificando las principales influencias del Garra Gris, en la producción de cómics convencionales en los 70 años posteriores a la publicación que apunta al estudio.

PALABRAS-CLAVE: História del tebeo – Brasil. La Garra Gris. Renato Silva. Francisco Armond. Helena Ferraz.

INTRODUÇÃO

No Brasil dos anos 1930, a evolução do jornalismo impresso trouxe a público uma extensa variedade de periódicos, voltados para os desejos e as necessidades informacionais de uma população que expandia seu letramento. Isso ocorreu por uma série de fatores sociais que criaram um contexto propício a aumentar entre a população o número de potenciais leitores e consumidores para essas publicações. A modificação do modo de produção econômica, a industrialização e a aceleração da urbanização fomentaram o ingresso de crianças, jovens e adultos na educação formal e no universo alfabetizado. Nesse contexto, a promulgação da Constituição de 1934, em seu Artigo 150, faz com que o Estado Brasileiro assuma o dever e a responsabilidade pela implantação da educação em todos os níveis, inclusive para os adultos.

Assim, as publicações de histórias em quadrinhos passam a acompanhar a tematização proposta pelos seriados cinematográficos hollywoodianos, que se apresentavam como uma das opções de lazer mais interessantes nos grandes centros urbanos. Integravam os chamados suplementos dos jornais em circulação e motivavam a progressão de seu consumo. Histórias em quadrinhos passaram a ocupar as atividades de lazer cultural dos brasileiros, principalmente dos adolescentes e jovens que ingressavam no mercado de trabalho e passavam a ter poder aquisitivo para o consumo regular de jornais.

Todo o contexto conspirava para a eclosão de material inédito brasileiro, num ambiente de oportunidades e de concorrência entre os diversos jornais. Os suplementos representaram, entre as iniciativas de inovação da linguagem e mídia jornalística, a maior aproximação com o entretenimento e a arte que os brasileiros já haviam desfrutado, à exceção da musicalidade e programação radiofônica efervescente da década de 1930. Para Vergueiro e Santos:

Pode-se considerar a Gazeta Infantil, do jornal paulista A Gazeta, como o ponto inicial e o mais importante dos suplementos de quadrinhos no Brasil. Inicialmente uma seção do periódico, criada em 1928, tornou-se um suplemento semanal a partir de 12 de setembro do ano seguinte, com o título A Gazeta Edição Infantil, tendo passado, até 1950, por três fases. [...] É possível perceber a influência dos *comics* norte-americanos sobre a edição de quadrinhos no Brasil, e não só pelas tiras republicadas por aqui, mas, principalmente, nas mudanças introduzidas na linguagem das narrativas gráficas sequenciais: o quadrinho de humor com histórias curtas e autocontidas dá lugar aos enredos de aventura, serializados em vários capítulos. O modelo então vigente, derivado do quadrinho europeu, em que as legendas eram colocadas sob as vinhetas, foi substituído pelo americano, que emprega os balões de fala para os diálogos e os recordatórios para textos narrativos e as passagens de tempo e espaço. A incorporação desses elementos nas páginas de A Gazeta Edição Infantil – que, em agosto de 1939 recebeu o subtítulo Edição Juvenil d’A Gazeta – passou pelo concurso realizado em maio de 1930, que apresentava uma tira de quadrinhos sem texto nos balões, os quais

os leitores deveriam preencher para ganhar os prêmios oferecidos (VERGUEIRO; SANTOS, 2016. p.114-116).

Ao longo dos anos 1930, uma equipe de quadrinhistas amadureceu nesse ambiente profícuo de influências internacionais e transliteração de conteúdos de outras mídias e linguagens, com ênfase na cinematográfica e dramaturgicamente radiofônica. As soluções imagéticas e semânticas tinham como principal referência as histórias em quadrinhos norte-americanas. Contudo, o formato de seriado ganhou características inovadoras, assim como a criatividade brasileira entrou em ação para a superação dos temas e esquemas que o cinema hollywoodiano havia incorporado como “clichês”. Essa inovação teve como ápice a elaboração de um título desigual, que gerou uma efetiva influência ao mercado europeu e norte-americano. Estamos falando de “A Garra Cinzenta”:

Outra narrativa gráfica sequencial de grande relevância na história dos quadrinhos brasileiros foi *A Garra Cinzenta*, elaborada por Francisco Armond (roteiro) e Renato de Azevedo Silva (arte), lançada pela *Gazetinha* em julho de 1937. Uma mistura de policial, terror e ficção científica, o enredo era protagonizado pelo gênio criminoso Garra Cinzenta, vilão vestido com roupa e chapéu pretos e com uma máscara de caveira, que desafiava a polícia com seus delitos. Essa história, desenhada com estilo realista (como o dos principais artistas que realizaram as *adventure-strips*, a exemplo de Alex Raymond e Harold Foster), chegou a ser publicada no México e na França e foi reeditada na década de 1970, no sexto número do *Almanaque do Gibi* (série *Nostalgia*), de maio de 1977 (VERGUEIRO; SANTOS, 2017, p. 120-121).

Com o objetivo de aprofundamento da verificação do espectro de influência internacional das histórias em quadrinhos brasileiras, esta comunicação científica se propõe a analisar a *A Garra Cinzenta*, título de história em quadrinhos brasileira, publicada em mídia jornalística brasileira entre os anos 1937 e 1939, cujas qualificações da Arte (novidade, recursos semiológicos, narrativos e estéticos) levou à publicação internacional e gerou influências que se perpetuam no universo de produção internacional mainstream³⁵ norte-americana, influenciando inclusive a criação de Batman, um dos mais importantes personagens da cultura dos quadrinhos do séc. XX.

Comemorando oitenta anos de vida do Homem-Morcego em 30 de março de 2019³⁶, o mundo produz inúmeras homenagens ao inesquecível Batman. Mas, nos caminhos da

³⁵ A produção de Histórias em Quadrinhos pode ser subdividida, segundo o seu modo de produção, em *mainstream* (produzida de forma coletiva, editada, artefinalizada, generalista) e *underground* (autoral).

³⁶ Data adotada oficialmente pela DC Comics. O porquê? Bem, segundo depoimentos, esta é a data histórica em que, de acordo com o Registro de Marcas, a *Detetive Comics* número #27 chegou às bancas trazendo a primeira história do Batman.

produção editorial, não podemos deixar passar em branco a vibrante história de seu brilhante antecessor: O Garra Cinzenta ataca novamente!

A Europa também foi influenciada e existem indícios pesquisáveis a partir da publicação franco-belga de A Garra Cinzenta (*Griffe Grise*) na revista *Le Moustique*. Porém, por razões metodológicas, esse segmento de publicações será reservado para pesquisas futuras.

CARACTERÍSTICAS ORIGINAIS DE PRODUÇÃO DE A GARRA CINZENTA

Como anteriormente citado, A Garra Cinzenta foi publicada no Suplemento *A Gazetinha*³⁷, entre 1937 e 1939, tendo em seguida sua edição internacional e a estruturação de um esquema imagético que vem sendo reaproveitado na produção *mainstream* de HQs e animações ao longo do século XX.

As razões pelas quais *A Garra Cinzenta* criou um amplo espectro de influência, que trouxe caracterizações de enredo e esquema corporal de personagens são justamente aquelas que indicam a criatividade brasileira e a propriedade de ressignificação cultural. A obra criou uma caracterização de personagens inédita e posteriormente reproduzida sem grandes alterações, principalmente na produção em quadrinhos e cinematográfica norte-americana. O título também é considerado um dos primeiros enredos literários com temática *serial killer*, acompanhando a produção *de pulp fiction* norte-americana das primeiras décadas do séc. XX. Mas, o seu maior mistério ainda não foi desvendado. Possivelmente, é uma obra com roteiro de autoria feminina.

Como mídia jornalística que ofereceu suporte para o desenvolvimento de *A Garra Cinzenta*, *A Gazetinha* oferecia as melhores condições para a experimentação de inovações e o desenvolvimento de argumentos brasileiros. Contudo, os enredos buscavam a identificação com a indústria cinematográfica, e acabavam trazendo para o seu vocabulário e repertório conceitual referências e elementos do modo de vida norte-americano ou europeu. Para Vergueiro e Santos:

É possível notar nessas histórias de aventura e suspense serializadas elementos da modernidade e da urbanidade nos objetos e cenários, a exemplo de automóveis, telefones e edifícios, em conformidade com os filmes e seriados cinematográficos produzidos em Hollywood e os *comics* estadunidenses distribuídos pelos syndicates para publicações de vários países, inclusive no Brasil (até mesmo os nomes dos personagens eram anglófilos) (VERGUEIRO; SANTOS, 2017, p. 121).

³⁷ Foi a denominação adotada pela Gazeta Infantil, a partir de setembro de 1933, suplemento que integrava a publicação do jornal Paulistano *A Gazeta* desde 1928.

Por sua vez, a equipe de *A Gazetinha* contava com uma equipe de quadrinhistas competente e motivada pela representatividade do periódico à época: Jerônimo Monteiro, Messias de Melo e Renato Silva. A produção de várias séries inéditas, que se perenizaram pela qualidade e também se tornaram um produto-exportação, demonstram que o Brasil já havia se apropriado das narrativas sequenciais gráficas em seu mais recente contexto internacional.

Os títulos policiais e de terror dominaram a preferência do público, e ainda abria a possibilidade para que se produzissem no Brasil enredos híbridos desses dois gêneros. Referenciando o caso da obra de Edgar Allan Poe *Os Assassinos da Rua Morgue*³⁸, demarcatória do início de ambos os gêneros na literatura mundial, verifica-se que é possível a produção de bens culturais ficcionais sob ambas as égides, sem prejuízos na qualidade do enredo e da arte.

Mas, o principal mistério de *A Garra Cinzenta* permanece insolúvel, muito embora gerações de pesquisadores brasileiros persistam em decifrá-lo. Como características de criação, tem a particularidade de ser supostamente uma das mais importantes produções femininas do gênero, pois as pesquisas indicam que Francisco Armond é provavelmente um pseudônimo da jornalista e poetisa Helena Ferraz de Abreu. Worney Almeida de Souza cria a seguinte hipótese: “Quanto a ela nunca ter assumido tal autoria, a explicação estaria no fato de que havia não só o preconceito contra os quadrinhos, mas também o preconceito maior ainda contra as mulheres que escrevessem tal coisa” (SOUZA, 2011, p. 25). Outros pesquisadores, como Francisco Dourado, defendem a hipótese de que o nome Francisco Armond era uma combinação do nome do filho mais velho de Helena com as iniciais de seu sobrenome de casada “Ferraz Abreu” (DOURADO, 2017)³⁹.

³⁸ É um conto escrito por Edgar Allan Poe e que foi publicado pela primeira vez na *Graham's Magazine*, em abril de 1841. Conta a história de dois brutais assassinatos de mulheres na Rua Morgue, em Paris, casos que parecem insolúveis até que o detetive C. *Auguste Dupin* assume o caso [...], as histórias policiais em que aparece, encontram-se no período da gênese da literatura policial internacional (ASSASSINATOS, 2017).

³⁹ A afirmação de Dourado foi corroborada por outro quadrinhista e pesquisador, Rod Gonzalez, como comentário da própria postagem da mesma em matéria de 2017.

Figura 1 – Foto de Helena Ferraz de Abreu [1964]



Fonte: ALMEIDA (2017, p. 10).

Helena Ferraz era filha de Manoel Bastos Tigre⁴⁰, um comunicador pujante, que possuía um círculo de amizades formado pela elite intelectual e artística do Rio de Janeiro (TIGRE, 1992). Contudo, sendo uma criança gerada fora do casamento, aproximou-se do pai apenas na juventude. Mesmo assim, tornou-se a herdeira intelectual de Bastos Tigre e inclusive deu prosseguimento à grande parte das ações profissionais culturais, lutas pelos direitos autorais, gestão e fomento à criação de bibliotecas, publicidade, narrativas sequenciais gráficas e a poesia. Sua exposição pública, contudo, é muito discreta. A pesquisadora Almeida consegue, após extensa pesquisa, uma única e rara foto publicada na imprensa, por volta de 1964, época em que Helena assumiu a diretoria da *Associação Brasileira de Imprensa* (ABI), numa roda de conversa com jornalistas (figura 1).

Os filhos, por direta influência, se tornaram todos grandes intelectuais a seu tempo. Em particular, Helena Ferraz se destacou pela contribuição à imprensa e a poesia, demarcando um espaço social de produções intelectuais femininas, mesmo que fosse necessária uma estratégia de ocultamento identitário. Sendo filha de um grande jornalista e chargista,

⁴⁰ Patrono da Biblioteconomia no Brasil; primeiro publicitário brasileiro; jornalista, colunista, chargista de renome na imprensa fluminense; poeta modernista, o “Poeta da Saudade”; compositor; militante pela defesa dos direitos autorais dos artistas brasileiros; primeiro engenheiro de combate às secas no Brasil.

convivendo com jornalistas, chargistas e quadrinhistas, sendo casada com um jornalista consagrado, atuando na tradução de histórias em quadrinhos norte-americanas,

Helena Ferraz se destaca entre as possíveis opções da autoria de *A Garra Cinzenta*, de forma praticamente indiscutível. Seu filho, Arnaldo Ferraz (*apud* COSER, 2011), afirmou desconhecer tal relação, pois via a mãe incapaz de trabalhar com gênero “terror”. Porém, a exemplo de outros depoimentos historicamente tomados, a autora deste artigo considera que o filho, mesmo sendo detentor da memória das produções da mãe, a idealizou pela convivência doméstica, sem atentar para a sua vida pública, cuja marcante carreira intelectual e comunicacional desafiou o atraso de sua época em relação às relações de gênero.

Apesar de todos os indícios, não é possível afirmar que “Francisco Armond” é um pseudônimo da jornalista e poetiza Helena Ferraz de Abreu. Contudo, pesquisadores exaustivos sobre *A Garra Cinzenta*, como Worney Almeida de Souza (2011), Gedeone Malagola (2008 *apud* GARRA, 2017)⁴¹ além de depoimentos à mídia por parte de Athos Eichler Cardoso e Sylvia Tigre, indicam que essa é a melhor possibilidade. Outros pesquisadores, como Sergio Augusto, indicam que não é possível determinar ao certo a identidade de Francisco Armond, muito embora Helena Ferraz tivesse contato regular com a produção das histórias em quadrinhos à época, tendo sido inclusive a tradutora inicial da publicação do título *Fantasma* no Brasil:

Citado por Malagola, Sérgio Augusto, hoje colunista do Sabático, dá o banho de água fria final: “A única vez em que mencionei Helena foi num texto sobre o Fantasma. Nunca soube de qualquer outra conexão dela com quadrinhos, salvo traduzir as primeiras aventuras da série” (COSER, 2011).

Helena Ferraz de Abreu poderia ser mais um dos casos brasileiros de mulheres que se utilizaram de pseudônimos para evitar a carga de preconceitos contra as produções femininas à época, situação que vem se perpetuando para as mulheres quadrinhistas até os dias de hoje. Seu pseudônimo público legitimado pelas fontes e pela família era Álvaro Armando (o nome de seus dois filhos). Nasceu em 1906 e faleceu em 1969, tendo vivido na cidade do Rio de Janeiro e contribuído com a imprensa carioca e paulistana. Além de poetiza, foi uma renomada jornalista, articulista e colaboradora da *Revista A Cigarra* (ALMEIDA, 2015, *passim*). Entre seus trabalhos predecessores, também contribuiu regularmente para o *Correio Universal*, nas

⁴¹ Segundo a jornalista Raquel Cozer do jornal O Estado de S. Paulo, a hipótese foi levantada pelo quadrinista e jornalista Gedeone Malagola em artigo escrito em 2008, à revista Mundo dos Super-Heróis da Editora Europa, Gedeone viria a falecer seis meses depois da publicação do artigo (GARRA, 2017).

décadas de 1920 a 1940, compartilhando o pseudônimo Álvaro Armando com o seu marido Maurício Ferraz, sendo esse um periódico pioneiro na publicação de histórias em quadrinhos em padrão norte-americano:

De acordo com Santos (2010, p. 23), a primeira publicação a seguir o padrão dos *comics* foi o semanário carioca *Correio Universal*, lançado em 1929, que em suas páginas trazia comic-strips de *Os Sobrinhos do Capitão*, *Pinduca*, de Carl Anderson (1865-1948), e *Pafúncio e Marocas*, de George McManus (1884-1954), entre outros personagens, além de material nacional (SANTOS, 2010, *apud* VERGUEIRO; SANTOS, 2017, p. 114).

Quanto ao quadrinhista Renato de Azevedo Silva, foi considerado um artista competente e profissional eclético. Tem o traço autoral, de profundidade, criando vários planos e fazendo uso rico dos recursos de contraste do preto e branco, ao mesmo tempo que também trabalhava muito bem com o esquema de quatro cores (CMYK)⁴². Foi influenciado pelo cinema norte-americano dos anos 1920-1930, como os seus pares. Nasceu no Rio de Janeiro em 28 de Janeiro de 1904, ingressando em 1920 na Escola Nacional de Belas Artes. A partir de 1925, trabalhou como ilustrador na imprensa carioca e paulistana, na qual passou a ser quadrinhista consagrado. Além de autor, também contribuiu com a formação de novos artistas, por meio das obras *A Arte de Desenhar* e *Manual Prático de Desenhos*. Faleceu no dia 6 de agosto de 1981, no Rio de Janeiro.

CARACTERÍSTICAS DA OBRA A GARRA CINZENTA

Segundo Gombrich, a arte em todos os aspectos não é completamente explicável ou autorreferente, ela depende diretamente da formação do repertório do leitor, suas experiências e preferências. Os teóricos e críticos podem apenas qualificar os conteúdos artísticos, mediante a experiência pessoal de seu vasto repertório, por analogia (GOMBRICH, 2005, p. 25).

Se, na década de 1930, a humanidade apenas vivia a experiência das histórias em quadrinhos havia menos de meio século, supomos que a nossa interpretação da atualidade deve evidenciar o frescor dessa experiência junto aos leitores e quadrinhistas daquela época. Ou seja, uma obra de êxito estabelecia um grande impacto e âmbito de influência, assim como grande parte dos escritores literários do passado foram influenciados por poucas obras, qualificadas como cânones (KICK, 2014). O que sabemos ao certo, após cerca de 24 anos de pesquisa sobre

⁴² CMYK é a abreviatura do sistema de cores subtrativas formado por Ciano (Cyan), Magenta (Magenta), Amarelo (Yellow) e Preto (Key).

A Garra Cinzenta, é que foi uma narrativa sequencial gráfica determinante no desenvolvimento do gênero super-heróis e terror das histórias em quadrinhos de produção norte-americana e latino-americana em geral.

A obra tem características que permitem vislumbrar o modo de produção, as características de ambientação, as preferências e perfil do público leitor. Verificou-se que o ambiente de desfecho da trama é uma cidade de “Nova York” fictícia, que se utiliza do referencial imagético da São Paulo dos anos 1930. A pesquisa de Souza estabelece comparação com fotos da cidade de São Paulo na década de 1930, evidenciando a inspiração de Renato Silva nessa paisagem urbana brasileira (2011, p. 5-25 *passim*).

A ambientação é urbana e trabalha predominantemente com o plano médio e plano americano, criando uma ambientação intimista. As poucas cenas campestres denotam a frequência às paisagens de cinturões verdes, ou seja, áreas próximas de grandes cidades, com parcial urbanização. Características de região serrana, como aclives e declives, indicam que também se trata de cenários baseados nas cercanias das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, desprezando o dado essencial de que Nova York é uma cidade insular, localizada na ilha de Manhattan.

Quanto à questão da caracterização das personagens, existe uma predominância da etnia caucasiana. A aparição de um personagem chinês se configura como exceção, de forma caricata. Não se distinguem personagens de outras etnias no desenho de Renato Silva, provavelmente pelo referencial cinematográfico supracitado que adota, aplicado ao esquema imagético das pessoas retratadas de modo naturalista. Segundo Álvaro de Moya:

Da década de 30, de todos os quadrinhos brasileiros, o *Garra Cinzenta* foi o mais surpreendente. Os desenhos, em especial mais perto do fim, atingem padrão internacional”, avalia Moya. O pesquisador vê na HQ influência das fitas em série, histórias de aventura que passavam em capítulos no cinema, antes dos longas-metragens. Naquele momento, os grandes sucessos em quadrinhos do gênero eram quase todos estrangeiros, como *Flash Gordon* e *Tarzan*, seriados no carioca Suplemento Juvenil. Isso explica por que o brasileiríssimo vilão *Garra* andava pelos subterrâneos de Nova York e intimidava inspetores de nomes como Higgins e Miller. O fato de ecoar o estilo das pulp fictions americanas causou confusão até no exterior, diz Moya. Na França, onde o personagem ficou conhecido como *La Griffé Grise*, acreditava-se que a origem era mexicana (MOYA *apud* COSER, 2011).

A Garra Cinzenta (quadro 1) apresenta-se como um criminoso com estratégias terroristas, motivado pela sua própria sede de violência. Armond conjuga em sua caracterização a utilização de artes marciais, armamentos químicos, tecnologias, uma requintada arte do disfarce e manipulação da vida, se torna um inimigo invencível para a tradicional força policial


da época. Avisa previamente, por meio de cartas e bilhetes, a ação que vai perpetrar, com data, local e horário. Apesar do cerco policial, seu planejamento impecável permite que sempre concretize seus objetivos e fuja, ainda deixando bilhetes e pistas que confirmam a autoria.

Seus comparsas não conhecem sua verdadeira identidade, mas recebem remuneração chamativa, o que indica o poder econômico do contratante. Nos últimos episódios, consegue avançar em suas ações por meio de recursos científicos, que se somam à sua prodigiosa inteligência. Também utiliza elementos sobrenaturais. Seu bordão “A Garra Ataca” é explorado como gancho do enredo, frequentemente reforçando a eficiência criminosa da personagem. Foi adotado e permaneceu na fala popular e na memória oral dos brasileiros ao longo do séc. XX. Segundo Rodrigo Gonzalez:

O Garra Cinzenta publicado no Brasil em 1937, é considerada a primeira hq de terror do Brasil e também a primeira hq de Super-Herói do mundo, antes do Super-Homen. Apesar de não haver super-heróis, há um super-vilão, e não existem os heróis sem os vilões. Também na hq a primeira vilã do mundo, a Dama de Negro. Republicado diversas vezes, o Garra Cinzenta foi plagiado diversas vezes pelo mundo inteiro, entre eles por norte-americanos (The Blazing Skull, Mr. Bones, Ossos Cruzados, Esqueleto), italianos (Kriminal, Satanik, Killing), japoneses (Fantomas), e seus direitos autorais já foram roubados por mexicanos, franceses e belgas, o que o torna o personagem mais importante, influente e plagiado de todos os tempos. Criação de Francisco Armond e Renato Silva, reapareceu nos anos 80 numa hq de Marcelo Marat e Marcio Sennes enfrentando super-heróis brasileiros clássicos do calibre de Raio Negro, Homem-Lua, Mystiko e Golden Guitar (GONZALEZ, 2007).

Quanto ao esquema imagético, a *Garra Cinzenta* oferece à imaginação toda a sorte de hipóteses, pois a caracterização permite ocultar a identidade, a faixa etária e inclusive o sexo do vilão (quadro 1). Por meio da arte de Renato Silva, temos a sua caracterização como pessoa alta e atlética, de identidade indistinguível. Utiliza uma máscara com formato de caveira, que lhe cobre o rosto e o crânio, com um dispositivo interno que atua distorcendo sua voz. Utiliza luvas com formato de garras. Sobre a cabeça, um capuz sobreposto por um chapéu Panamá. Veste uma capa preta, que lhe cai até a altura dos joelhos, de pano fosco; uma camisa cinza chumbo brilhante sobreposta a um peitoral preto fosco, com a aplicação de uma caveira e dois ossos cruzados (símbolo do perigo de vida); uma faixa em estilo espanhol em sua cintura; calças e sapatos pretos. Devido a máscara da caveira ser associada ao elemento folclórico da personagem cultural *Morte* no México, muitos pesquisadores e fontes equivocadamente atribuem aos autores a nacionalidade mexicana.

Quadro 1 – Ficha técnica de personagem *A Garra Cinzenta*

<p>A Garra Cinzenta</p>	
<p>Criação: Francisco Armond e Renato Silva</p>	
<p>Alinhamento: Vilão</p>	
<p>Primeira aparição: 1937, edição brasileira do Suplemento <i>A Gazetinha</i>, editado pela editora <i>A Gazeta</i>.</p>	
<p>Esquema original: Máscara de caveira branca, cobrindo todo o rosto, sem articulações; camisa cinza-chumbo de tecido acetinado, sobreposto um peitoral preto-fosco com a estampa de uma caveira e dois ossos entrecruzados; capa preta e rodada, que cai à altura dos joelhos, com capuz que cobre a cabeça; chapéu Panamá cinza-chumbo sobreposto ao capuz; cinto em formato de tira de tecido, à moda espanhola; calças de corte social, vincadas; luvas em forma de garra, bem aderentes às mãos; sapatos sociais em cromo preto, no estilo mocassim.</p>	
<p>Atua nos títulos: <i>Gazetinha, Le Moustique, Sayrol, Gibi Semanal, Almanaque Gibi Nostalgia, Seleções do Quadrix, A Garra Cinzenta, Horizonte Zero.</i></p>	

Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustração: (ARMOND; SILVA, 2011, p. 67).

Como coadjuvante não menos importante, o *Inspetor Higgins* é um membro da força policial de Nova York, com funções investigativas de campo. Utiliza critérios científicos e vestígios para determinar a autoria e buscar a possível localização da Garra Cinzenta. É também um homem muito vaidoso, que oculta a calvície com o uso de peruca, assim como tem facilidade para se disfarçar utilizando recursos de maquiagem e apliques. Seu esquema imagético nos traz um homem branco, alto, com cabelos vestigiais curtos e claros, pronunciada calvície (que permanece oculta a maior parte dos episódios), bigode fino, testa alta, olhar penetrante (figura 2).

Figura 2 – Vinhetas com o Inspetor Higgins



Fonte: A Garra Cinzenta (ARMOND; SILVA, 2011, p. 39).

Higgins veste vários ternos e até meio-fraque, usa chapéu Panamá na rua e em transportes, mas o retira em ambientes fechados. A autora desse estudo acredita que a calvície denota um sinal de distinção de faixa etária de *Higgins*, para justificar sua superioridade intelectual, prática de campo e liderança, em relação aos colegas da força policial de Nova York. Armond constrói um personagem “redondo”, inteligente e perspicaz. É o protagonista que vai “juntar as peças” e descobrir a verdadeira identidade da Garra Cinzenta, conjugando erudição e atributos físicos distintos. Seu requinte também denota a origem social diferenciada e o coloca em proximidade com as famílias abastadas investigadas. É personagem livremente inspirado em *Sherlock Holmes*⁴³, mas se mostra como ativo fisicamente e livre de vícios e frivolidades, além da eventual utilização de uma máscara negra que lhe cobre os olhos, à moda

⁴³ *Sherlock Holmes* é um personagem de ficção da literatura britânica criado pelo médico e escritor Arthur Conan Doyle. Holmes é um investigador do final do século XIX e início do século XX que aparece pela primeira vez no romance *Um Estudo em Vermelho*, editado e publicado originalmente pela revista *Beeton's Christmas Annual* em novembro de 1887 (SHERLOCK, 2017).

espanhola, lembrando a caracterização do personagem *Zorro*⁴⁴ na cinegrafia da época (figura 3).

Figura 3 – Vinhetas com Higgins utilizando máscara



Fonte: A Garra Cinzenta (ARMOND; SILVA, 2011, p. 39).

Como principal ajudante, temos o jovem secretário *Miller*. Renato Silva também o caracteriza como homem branco, alto, com cabelos curtos e escuros, testa alta, olhar penetrante.

Miller possui esquema corporal e trajes muito semelhantes aos de *Higgins*, mas a sua estatura é ligeiramente mais baixa (figura 4). Porém, é mais jovem, mais falante e gesticulador. Utiliza o chapéu Panamá com mais frequência, ligeiramente voltado para trás. É um profissional de campo e denota ter menos experiência e mais empolgação. Apoia a investigação de *Higgins*, mas não tem suas habilidades para o disfarce e uso de recursos de investigação.

É certo que *Miller* tem participação importante na *Garra Cinzenta*, mas tende a ficar cada vez mais ausente, mediante a evolução do relacionamento entre *Higgins* e *Kay Tornhill*. O desejo de isolar-se com *Kay* tem o intuito ambíguo de cortejá-la e, ao mesmo tempo, eliminar os fortes indícios de seu envolvimento nos crimes. Mas, tudo o que se mostra à *Higgins* na presença de *Kay* parecem truques para fortificar seu álibi, já que o traje da *Garra Cinzenta* não permite identificar quem o está trajando e a voz é distorcida pelo dispositivo da máscara.

⁴⁴ *Zorro* é um personagem de ficção, criado em 1919 pelo escritor norte-americano Johnston McCulley. Ele é apresentado como o alterego de *Don Diego de La Vega*, um jovem membro da aristocracia californiana, em meados do século XIX, durante a era do domínio mexicano (entre 1821 e 1846), algumas adaptações para o cinema da história de *Zorro* o colocam durante a época em que era colônia da Espanha (ZORRO, 2017).

Figura 4 – Vinhetas com Secretário Miller



Fonte: A Garra Cinzenta (ARMOND; SILVA, 2011, p. 30).

Outro homem jovem, mas com traços e características diversas, é o *dandy Henry Tornhill* (figura 5). Renato Silva o caracteriza com aparência mais informal, um homem branco, alto, louro, atlético e jovem. Tem aparência de esportista. No entanto, apresenta-se como uma pessoa pacífica e avessa à luta e violência. Armond o inclui na trama, como um jovem de família abastada que é ameaçado de morte pela *Garra Cinzenta*.

Figura 5 – Vinhetas com Henry Tornhill



Fonte: A Garra Cinzenta (ARMOND; SILVA, 2011, p. 59).

A família *Tornhill* possui uma personagem que vai crescendo em protagonismo e se mantém na lembrança dos leitores, *Kay Tornhill*. Renato Silva a caracteriza de uma forma ligeiramente diversa às divas hollywoodianas dos anos 1930, pois seu papel no enredo será inovador (figura 6). Ela aparece como uma mulher branca, alta, com cabelos castanho claro na altura dos ombros e ligeiramente encaracolados. Muito atlética e forte, com aparência de esportista. Tem a mesma altura de *Higgins*, sem salto alto. Utiliza roupas de aparência cara e alinhada, ao mesmo tempo prática, como os modelos Chanel⁴⁵.

Armond a faz sorridente e bela, valente e disposta a defender o seu irmão caçula, Henry, inclusive com as próprias mãos. Declara praticar tiro, florete, Jiu-Jitsu e é vista com trajes de montaria e praticando natação. É autoritária e proativa, demonstrando que, de fato, pode literalmente lutar para defender a si e ao irmão *Henry*, sua família e até a cidade de Nova York.

Figura 6 – Vinheta com Kay Tornhill



Fonte: *A Garra Cinzenta* (ARMOND; SILVA, 2011, p. 60).

A Garra Cinzenta, com seu enredo e personagens, inverteu o fluxo de influência da cultura massiva nas américas, levando esse bem cultural desenvolvido em terras brasileiras a marcar a produção norte-americana. Por meio de uma pormenorizada pesquisa, foi possível determinar os rastros dessa influência e verificar que a obra de Armond e Silva se trata de um

⁴⁵ Gabrielle Bonheur Chasnel (1883 - 1971), cujo nome social é Coco Chanel, foi uma estilista francesa e fundadora da marca Chanel. É a única estilista presente na lista das cem pessoas mais importantes da história do século XX da revista Time. Também foi perfumista, cantora e atriz. A sua roupa extremamente elegante e simples, apoiava as atividades da mulher no mercado de trabalho e atividades esportivas.

verdadeiro modelo de influência perene, ao nos depararmos com as singularidades apresentadas no desenho de animação *Batman: A Máscara do Fantasma* (1993).

ESTUDO CONTRASTIVO E EVIDÊNCIAS DE REPERCUSSÃO

No período de 1939 a 2017, é possível verificar a influência de A Garra Cinzenta no cenário das Histórias em Quadrinhos *mainstream*. A produção norte-americana é especialmente influenciada, gerando personagens derivados no esquema corporal e alinhamento vilânico, assim como nas possibilidades de alterego. Segundo Coser:

O vilão desenhado por Renato Silva teria sido covardemente plagiado por ilustradores de séries muito mais bem-sucedidas em âmbito internacional, como a americana Terror Negro. O encerramento da trama, apesar de se dar num redondíssimo capítulo número 100, envolveria motivações nunca reveladas (COSER, 2011).

Muito embora não acreditemos no “plágio covarde”, mas sim no âmbito de influência, pudemos verificar ao longo de aproximadamente vinte e quatro anos de pesquisa vários padrões que se estabelecem nas narrativas sequenciais gráficas *mainstream* norte-americanas, nas quais podemos identificar vestígios fortes e fracos. Partindo o mais óbvio, que seria a caracterização da personagem *Garra Cinzenta*, como alterego possível para personagens de ambos os gêneros e diversas faixas etárias, chegamos ao *modus operandi*⁴⁶ do criminoso. Em paralelo, também se percebe o aproveitamento de outros personagens e características, como é o caso mais frequente do Inspetor *Higgins* e seu secretário Miller; ou a primeira vilã dos quadrinhos, a *Dama de Negro*.

As similaridades na aparência apontadas são referentes ao uso da máscara de caveira, o uso do peitoral escuro com a caveira e ossos cruzados, o modelo da roupa e os acessórios. Os padrões de cinza ou azul-marinho empregados também correspondem às versões colorizadas de *A Garra Cinzenta*, como publicadas sazonalmente na *Gazetinha*. Referentes ao modo de operação do vilão, temos similaridades na psicopatologia de cometer “o crime pelo crime” (prazer ao ameaçar autoridades, assumir a autoria, planejar com eficiência e sair livre e ileso, uso de conhecimentos sobre química, tecnologias e manipulação da vida por processos obscuros e sobrenaturais). Então, verificando o sucesso da série e a busca de leitores pelas

⁴⁶ *Modus operandi* é uma expressão em latim que significa "modo de operação". Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos. No caso dos assassinos em série, o mesmo modo é usado para matar as vítimas: este modo identifica o criminoso como o mesmo autor de vários outros crimes (MODUS, 2017).

edições, a Gazetinha também tratou de organizar uma coletânea subdividida em dois álbuns, como explica Coser:

As conjecturas acerca do Garra Cinzenta evocam o status de cult atingido pela saga nas décadas seguintes à publicação, quando possui-la na totalidade era regalia de poucos colecionadores. Durante os dois anos em que circulou no suplemento A Gazetinha, a história que a princípio saía três vezes por semana teve a veiculação interrompida em mais de uma oportunidade, chegando a ficar meses sem dar sinal de existência. O grande interesse do público – restrito a São Paulo, num momento em que os cariocas Suplemento Juvenil e O Globo Juvenil eram as mais importantes publicações de quadrinhos do País – levou A Gazeta a publicar, em dezembro de 1939 e janeiro de 1940, dois álbuns com a íntegra da aventura (COSER, 2011).

Provavelmente, o acesso à obra *A Garra Cinzenta* nos Estados Unidos se deu a partir da publicação mexicana, pela Editora Sayrol, ainda no período entre 1937 a 1940. Segundo Souza, a pirataria ocorria com mais frequência e pode ter sido aplicada na disseminação da obra nos periódicos norte-americanos (SOUZA, 2011, p. 7). Fica mais evidente que a hipótese de Souza é verossímil, quando executamos a pesquisa e verificamos as ocorrências de indícios de influência a partir de 1940.

Como se trata de estudo contrastivo, foram verificadas igualmente as divergências em relação ao modelo de personagens e sua caracterização na produção *mainstream* norte-americana. As diferenças na aparência são referentes à aplicação das cores vivas às peças da indumentária e a ênfase nos calçados (botas grandes e destacadas). Algumas capas ganham golas altas e rígidas até o meio da cabeça, em estilo Médicis. As roupas são mais colantes e muitas vezes sobrepostas, mas isso se constitui numa desvantagem no ocultamento da verdadeira identidade, da qual *A Garra Cinzenta* não padeceu.

O modo de operação permanece muito similar, embora a questão dos bilhetes da *Garra* siga como fator de distinção da obra no Brasil. Eventualmente, o alinhamento da personalidade da *A Garra Cinzenta* é a de um vilão convicto, perverso, consciente e organizado. Os personagens que categorizamos como derivativos possuem também outros alinhamentos. Ou seja, também desponta a presença de justiceiros, que têm intencionalidade de combater o crime com as próprias mãos, o que retira o personagem do alinhamento vilânico, mas o faz permanecer nos alinhamentos de personalidade transgressora.

Por meio de fichas técnicas, faremos a exposição dos principais personagens que apresentam evidências de influência de *A Garra Cinzenta*, dentro da cronologia de seu surgimento. Alertamos que, com o passar do tempo, a influência se torna indireta em alguns casos, ou seja, os autores mais recentes sofrem influência de personagens derivativos. Porém,

como poderá ser constatado, a obra *A Garra Cinzenta* seguirá aparecendo como fonte principal de influência.

O primeiro e mais longevo personagem verificado é *O Espectro* (CLARC, 1991, p. 64-65). Seu modo de operação é mais voltado para os poderes sobrenaturais e utiliza um anel que o liga ao além (quadro 2).

Quadro 2 – Ficha técnica de personagem *O Espectro*

O Espectro / The Specter	
Criação: Jerry Siegel e Bernard Bailly	
Alinhamento: Justiceiro	
Primeira aparição: 1940, edição norte-americana do título <i>Fun Comics</i> , número 52, editado pela DC Comics.	
Esquema original: Máscara de caveira, macacão cinza sobreposto com short preto, capa azul marinho com capuz sobre a cabeça, luvas e botas pretas. Em artes posteriores, adota capa, luvas e botas verdes. É o fundador do Supertime Sociedade da Justiça das Américas, ainda na década de 1940.	
Atua nos títulos: Liga da Justiça e Batman	

Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustração: <www.comixology.com>.

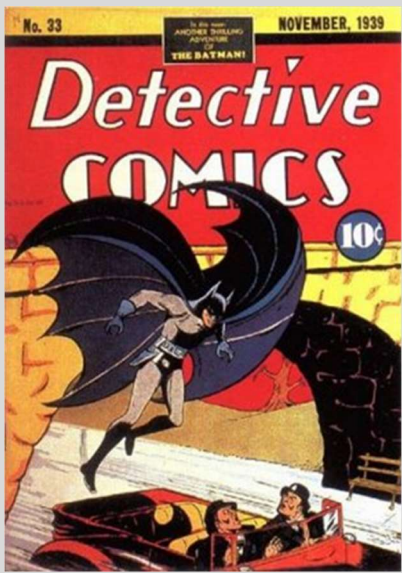
A influência da obra *A Garra Cinzenta* em outro personagem da Era de Ouro das Histórias em Quadrinhos se revela no enredo e esquema corporal de um dos mais proeminentes personagens da *Era de Ouro dos Quadrinhos*, *Batman* (quadro 3). Não possui alinhamento vilânico, mas age fora da lei como justiceiro (MOYA, 2003, p. 151; GOULART, 2004, p. 34-38; GOULART, 2000, p. 43-47; CLARK; CLARK, 1991, p. 62-70). Funde características de dois personagens de *A Garra Cinzenta* e seus *modus operandi*: o Batman possui inúmeras características da *Garra*, enquanto seu alterego Bruce Wayne identifica-se com *Inspetor Higgins*. Como já havíamos comentado, as semelhanças entre *Higgins* e *Sherlock Holmes* se dão apenas na metodologia, sendo que o inspetor é atlético, saudável, sociável e bem relacionado, com hábitos de vestimenta e consumo caros, mas sem excentricidades notáveis. *Bruce Wayne*, muito embora tenha sido declarado como um sucessor de *Holmes*, é certamente mais qualificável como um sucessor de *Higgins*.

Outro dado interessante, divulgado pela *Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo* (AQC), é a comparação entre as características do

Batman com outro personagem anteriormente criado no Brasil, o *Homem-Morcego* de Osvaldo Storni, publicado em *O Tico-Tico* a partir de 1937. A fonte dessa informação é a constatação do pesquisador e quadrinhista José Roberto Pereira, também conhecido pelo pseudônimo de “BK” ou pela assinatura com suas iniciais (JRP) a inúmeras matérias cotidianas sobre as Histórias em Quadrinhos no Brasil.

Então, podemos estabelecer a possibilidade da criação do personagem *Batman* como uma combinação de ideias anteriores de sucesso editorial. Nas origens da história em quadrinhos da atualidade, no séc. XIX, até a primeira metade do século XX isso se constituía em prática inerente ao modo de produção das narrativas sequenciais gráficas. Até mesmo em processos jurídicos sobre a questão dos direitos autorais⁴⁷.

Quadro 3 – Ficha técnica de personagem *Batman*

Batman	
Criação: Bob Kane e Bill Finger	
Alinhamento: Justiceiro	
Primeira aparição: 1939, edição norte-americana do título <i>Detective Comics</i> , número 27, editado pela <i>DC Comics</i> .	
Esquema original: Máscara negra que cobre a cabeça e parcialmente o rosto, com orelhas de morcego, em continuidade à capa negra; macacão cinza sobreposto com short preto, peitoral gravado com morcego estilizado em preto; luvas e botas cinza-chumbo; cinto prateado com diversos compartimentos, coldre para arma de fogo, suporte para corda metálica.	
Atua nos títulos: <i>Batman</i> , <i>Liga da Justiça</i> e diversas séries <i>crossover</i> .	

Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustração: <www.comixology.com>.

O personagem Terror Negro (quadro 4), criado no início da década de 1940, se tornou extremamente famoso no Brasil e alcançou um grande índice de publicações, recebendo inclusive título próprio. Contudo, sua aproximação da *Garra Cinzenta* foi evidente até entre o público leitor da época. Sob o contraste do alinhamento, que também deixa de ser vilânico e o torna um personagem justiceiro, as demais características são demasiado semelhantes. Inclusive, sua relação e aplicação de conhecimentos no campo da Química.

⁴⁷ Como exemplo principal, em processo impetrado contra Richard Felton Oultcault, o personagem *Yellow Kid* teve seus direitos de publicação divididos no título *Hogan's Alley*, publicado pelo *The New York Word* e o título “*Yellow Kid*”, que seguiu sob sua autoria, para publicação no *The New York Journal*, em 1896.

Quadro 4 – Ficha técnica de personagem *Terror Negro*

<p>Terror Negro/ Black Terror/ Holy Terror/ Terrorist</p>	
<p>Criação: Elmer, Wexler, Patricia Highsmith.</p>	
<p>Alinhamento: Justicheiro</p>	
<p>Primeira aparição: 1941, edição norte-americana do título <i>Exciting Comics</i>, número 9, editado pela <i>Nedor Comics</i>.</p>	
<p>Esquema original: Macacão preto, com braçadeiras e perneiras douradas, estampa de caveira com ossos cruzados no peito; cinto prateado com fivela dourada, capa azul marinho, forrada de vermelho, presa com cordão dourado; luvas e botas de cano alto pretas, debruadas de dourado.</p>	
<p>Atua nos títulos: Exciting Comics, Black Terror, Americomics, Tom Strong, Terra Obscura, Project Superpowers, Terror Negro.</p>	

Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustração: <www.evolor.com>.

O *Terror Negro* (GOULART, 2000, p. 90-112) era o alterego do farmacêutico *Bob Benton*, desenvolvedor da fórmula química que chamou de "éteres fórmicos" (*formic ethers*) e que lhe dava vários superpoderes. Ele os usou para lutar contra o crime com seu parceiro, *Tim Roland*, formando a dupla *Terror Twins* (BLACK, 2017). No Brasil, o título *O Terror Negro* foi publicado como encarte no periódico *O Cômico Colegial*, em formato magazine. Segundo Gonçalo Júnior:

O *Terror Negro* chegou às bancas em julho de 1950. No começo, a revista não trouxe múmias, vampiros e mortos-vivos, como acontecia no cinema – e, claro, como o nome sugeria. As histórias, na verdade, eram aventuras policiais com ingredientes de pavor dos obscuros heróis *Águia Americana*, *Homem-Maravilha*, *Pirata Estrela*, *Detetive Fantasma*, *Doc Strange* e outros. O número de estreia saiu como suplemento extra da revista *O Cômico Colegial*. A capa reproduzia um desenho tosco do herói que dava nome à revista, feito pelo brasileiro José Lanzellotti (GONÇALO JR., 2004, p.172).

Talvez, em virtude do grande aproveitamento das características da *Garra Cinzenta* na composição do *Terror Negro*, o mesmo seja hoje classificado como fruto de plágio. Porém, ressaltamos que essa prática fez parte do processo editorial das histórias em quadrinhos e está presente na concepção de diversos super-heróis e super-vilões.

Inclusive, a própria imprensa norte-americana cunhou o termo *second-banana*⁴⁸, para designar o personagem claramente derivado de outro anteriormente publicado, dentro das possibilidades de estratégia editorial e mercadológica. Segundo essa lógica, supomos que o *Terror Negro* seria um *second-banana* do *Batman*, bebendo muito mais de sua referência de criação, que aqui alegamos ser *A Garra Cinzenta*.

Quadro 5 – Ficha técnica de personagem Doutor Destino

Doutor Destino/Doctor Destiny	
Criação: Gardner Fox e Mike Sekowsky	
Alinhamento: Vilão	
Primeira aparição: 1961, edição norte-americana do título <i>Justice League of America</i> , número 5, editado pela <i>DC Comics</i> .	
Esquema original: Máscara de caveira, cristal de rocha vermelho no peito, túnica e capa azul royal até a altura dos joelhos, com capuz cobrindo a cabeça, luvas e botas de cano alto azul marinho.	
Atua nos títulos: Liga da Justiça e diversas séries <i>crossover</i> .	

Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustração: <<https://evilgeeks.com/2015/10/23/doctober-spotlight-doctor-destiny/>>.

Uma criação posterior, mais alinhada com o perfil vilânico da *Garra Cinzenta* é a do personagem *Doutor Destino* (ROVIN, 1987, p. 90), também criado pela equipe da *Detective Comics* (DC), cerca de trinta anos depois, integrando a chamada *Era de Prata dos Quadrinhos*, iniciada em 1956. *Doutor Destino* (quadro 5) se tornaria um importante vilão no título *Liga da Justiça*, que integra vários personagens nascidos à *Era de Ouro* com outros inéditos, na criação dos Super-times. Esta foi uma estratégia de revitalização dos quadrinhos de Super-heróis, que se adequava à nova mentalidade e regras de mercado do público leitor *Babyboomer*⁴⁹.

⁴⁸ O termo *second-banana* tem sua origem no teatro de comédia norte-americana do séc. XX, designando um papel secundário, mas essencial à formação da piada, o que no Brasil denominamos “escada”. O mercado editorial dos quadrinhos norte-americanos apropriou o termo na *Era de Prata*, designando perjurativamente os títulos criados por concorrentes para aproveitar o sucesso de vendas de determinado personagem.

⁴⁹ Leitores da geração “Baby Boom”, pós Segunda Guerra Mundial, nascidos entre 1943 e 1960, são indivíduos que foram jovens durante as décadas de 60 e 70.

Livremente inspirado, o *Lorde Homem Morte* (SIMS, 2010) é um personagem que guarda poucos elementos de semelhança em sua aparência e esquema corporal com *A Garra Cinzenta* (quadro 6).

Quadro 6 – Ficha técnica de personagem *Lorde Homem Morte*

Nome: Lorde Homem Morte/Lord Death-Man	
Criação: Robert Kanigher e Sheldon Moldoff	
Alinhamento: Vilão	
Primeira aparição: 1966, edição norte-americana do título <i>Batman</i> , número 180, editado pela DC Comics.	
Esquema original: Máscara de caveira, macacão preto com ossos brancos estampados, cinto branco, luvas brancas.	
Atua nos títulos: Batman e diversas séries <i>crossover</i> , produção de Mangás nas décadas de 1960 e 1970.	


Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustrações: <<http://comicsalliance.com/lord-death-man-batman-inc/>>.

Sua verossimilhança é sobretudo nos métodos utilizados para perpetrar os crimes e na capacidade de subjugar todo o sistema de segurança pública, por meio da inteligência e erudição. A sua derrocada somente é possível pela ação de um justiceiro que atua às margens da lei, o seu inimigo *Batman*, que logra êxito utilizando os mesmos fundamentos. Então, como explicado por Freud, o sentimento de culpa é o diferencial que nos permite classificar o herói e o vilão ou anti-herói, guardadas as semelhanças em todas as demais características (FREUD, 2011). É um personagem muito utilizado na produção de Mangás com os personagens *Batman* e *Robin* no Japão das décadas de 1960 e 1970 (SIMS, 2010).

O Ceifador (quadro 7) também se apresenta como outro vilão muito semelhante à *Garra Cinzenta*, tanto em aparência quanto em *modus operandi*. É alterego do personagem *Erik Williams*, considerado ruim até pela própria mãe (ROVIN, 1987, p. 150). Ele manipula e influencia seu irmão, *Simom Williams*, químico competente e gestor do negócio de família, o

laboratório *Williams Innovations*, que acaba se tornando *O Mestre do Mal*, um vilão sem talento e malsucedido, mas muito querido pelos companheiros de crime.

Quadro 7 – Ficha técnica de personagem *O Ceifador*

<p>O Ceifador/Grim Reaper</p>	
<p>Criação: John Buscema e Roy Thomas</p>	
<p>Alinhamento: Vilão</p>	
<p>Primeira aparição: 1968, edição norte-americana do título <i>The Avengers</i>, número 52, editado pela <i>Marvel Comics</i>.</p>	
<p>Esquema original: Máscara de caveira; macacão cinza azulado com caveira e ossos brancos cruzados no peito em branco; cinturão preto com fivela prateada; capa vinho ou azul-marinho até a altura dos joelhos com tecido desgastado nas pontas e capuz cobrindo a cabeça; luva da mão esquerda e botas de cano alto azul marinho ou prata. Na mão direita, um implante que propicia a adaptação de uma foice, em metal prateado. Posteriormente, aparece sem a capa e com um capacete prateado com chifres estilizados.</p>	
<p>Atua nos títulos: <i>The Avengers</i>, <i>Os Vingadores</i>, <i>Iron Man</i>, <i>Homem de Ferro</i>. <i>War Machine</i>.</p>	

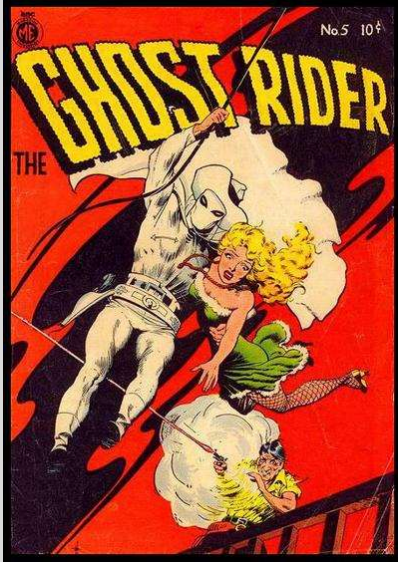
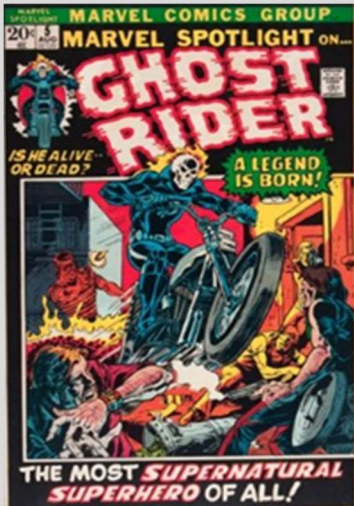
Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustração: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Grim_Reaper_\(comics\)>](https://en.wikipedia.org/wiki/Grim_Reaper_(comics)>).

Quando *Simom* morre durante um experimento desenvolvido por outro vilão, o *Barão Zemo*, durante uma prática sobrenatural, cabe à *Erik* destruir os *Vingadores*. Para isso, ele vai seguir utilizando elementos químicos, também obter uma nova propriedade para sua foice: o poder de induzir ao coma suas vítimas. Ao morrer em batalha com o *Visão* e ser ressuscitado por *Nekra*, outro vilão com poderes de necromancia, *Erik* tem uma perda intelectual e psicológica, que o assemelha a concepção de outra personagem de *A Garra Cinzenta*: a *Dama de Negro*.

Quanto ao próximo possível personagem com influências da *Garra Cinzenta*, temos um caso de reformulação: *The Ghost Rider* (quadro 8). Em sua criação, foi um justiceiro errante do *Wild Western*, que cavalga um cavalo branco. Seu esquema corporal é muito semelhante ao da *Garra Cinzenta*, com a diferença essencial da utilização do branco e dos metais prateados (GOULART, 2004, p. 170); foi publicado no Brasil com o nome *Fantasma Vingador*, nos anos 1950. Nos anos 1970, com o declínio do mercado consumidor de quadrinhos com temática do

“oeste bravo”, o personagem sofre reformulação, adaptando-se para o uso da motocicleta (GOULART, 2004, p. 171).

Quadro 8 – Ficha técnica de personagem Fantasma Vingador/Motoqueiro Fantasma

<p align="center">Fantasma Vingador/Ghost Rider</p> <p>Criação: Primeira fase: Ray Krank e Dick Ayers. Segunda fase: Roy Thomas, Gary Friedric e Dick Ayers.</p> <p>Alinhamento: Justiceiro</p> <p>Primeira aparição: 1949, edição norte-americana da revista <i>Tim Holt</i>, número 11, editado por <i>Vincent Sullivan</i>. Aparição com título próprio: 1967, edição norte-americana do título <i>Ghost Rider</i>, número 1, editado pela <i>Marvel Comics</i>.</p> <p>Esquema original: Máscara branca que cobre todo o rosto; macacão branco; cinturão branco com fivela prateada; capa branca rodada que cai até a altura dos joelhos e capuz cobrindo a cabeça; luvas e botas de cano alto brancas; coldres brancos e armas prateadas.</p> <p>Atua nos títulos: <i>Tim Holt</i>, <i>Ghost Rider</i>, <i>Fantasma Vingador</i>.</p>	
<p align="center">Motoqueiro Fantasma/Ghost Rider</p> <p>Criação: Mike Ploog, Roy Thomas e Gary Friedrich</p> <p>Alinhamento: Justiceiro</p> <p>Primeira aparição: 1972, edição norte-americana do título <i>Spotlight</i>, número 5, editado pela <i>Marvel Comics</i>.</p> <p>Esquema original: No lugar do rosto: caveira em chamas, roupa de couro preta, com fivelas e detalhes em metal prateado. Ocasional uso de correntes de elo zincadas sobre os ombros.</p> <p>Atua nos títulos: <i>Tim Holt</i>, <i>Ghost Rider</i>, <i>Spotlight</i>, <i>Fantasma Vingador</i>, <i>Motoqueiro Fantasma</i>.</p>	

Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustrações: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavaleiro_Fantasma>; <www.comixology.com>.

No Brasil, este personagem reformulado foi publicado como o *Motoqueiro-Fantasma*. Os esquemas original e reformulado o tornam semelhante à *Garra Cinzenta*, mas o

seu modo de vida “estradeiro” e seu *modi operandi* são totalmente diferentes. Nossa opção por inseri-lo na cronologia proposta a partir de sua reformulação nos anos 1970 se relaciona a repercussão internacional do personagem, tanto nos hábitos leitores quanto na transversalização das manifestações a partir do texto-fonte para outras mídias e linguagens, como por exemplo o cinema. Por vezes, a caracterização de um personagem vem acompanhado de uma explicação que remete às questões do prolongamento da vida.

O Doctor Demonicus (ROVIN, 1987, p. 88) é um vilão que sofre as consequências da tentativa de manipular o corpo com o uso de tecnologias. Contaminado com altos índices de radiação, desenvolve um câncer de pele agressivo (melanoma) e trabalha contra sua evolução, por meio do uso da roupa tecnologicamente modificada. Ele é o alterego do geneticista *Douglas Birely*, que trabalha continuamente com manipulações da vida e consegue criar um exército de répteis mutantes (quadro 9).

Quadro 9 – Ficha Técnica de personagem Dr. Demônicus

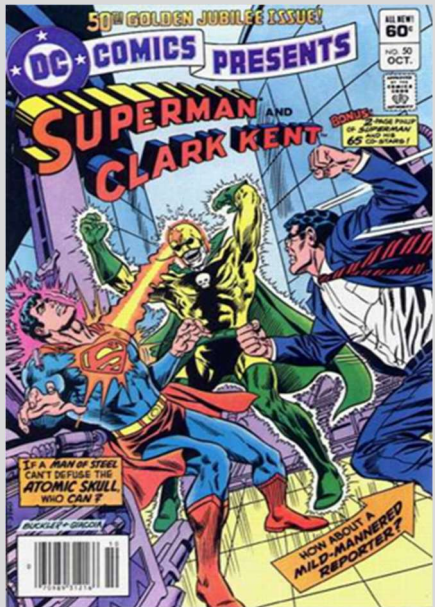
Dr. Demônicus/ Doctor Demonicus	
Criação: Doug Moench e Tom Sutton	
Alinhamento: Vilão	
Primeira aparição: 1977, edição norte-americana do título <i>Godzilla, King of the Monsters</i> , número 4, Marvel Comics.	
Esquema original: Máscara de caveira com chifres ósseos; <i>body</i> preto, com peitoral de estampa de ossos estilizado em branco, sobreposto à macacão roxo com capuz; cinto preto com friso azul turquesa, capa azul turquesa até os pés com gola dura até a cabeça, luvas e botas azul turquesa de cano alto dobrado.	
Atua nos títulos: <i>Godzilla, King of the Monsters; Shogun Warriors, The Avengers, Iron Man; New Avengers, Godzilla, Vingadores, Os Novos Vingadores.</i>	

Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustração: <https://marvel.com/universe/Doctor_Demonicus>.

O Super-Homem, por sua vez, já teve de enfrentar um dos vilões influenciados pela *Garra Cinzenta*, o *Atomic Skull* (ROVIN, 1987, p. 11). É o alterego do cientista *Albert Michaels*, diretor dos S.T.A.R. (*Scientific and Technological Advanced Research*) Laboratories. Semelhante à *Garra Cinzenta* na aparência e utilização de armas tecnológicas portáteis, se diferencia por meio da emissão de raios coma energia cerebral. Sua capa se torna um manto de invisibilidade, apoiando suas fugas espetaculares. Também se diferencia pelo par romântico

com *Felícia*, uma pantera transformada em ser humano por meio de manipulação genética e radioativa. Ambos se vestem com a predominância das cores verde e amarelo. No Brasil, *Atomic Skull* (quadro 10) recebeu o título de *Caveira Atômica*.

Quadro 10 – Ficha técnica de personagem Caveira Atômica

Caveira Atômica/ Atomic Skull	
Criação: Gerry Conway e Curt Swan	
Alinhamento: Vilão	
Primeira aparição: 1978, edição norte-americana do título <i>Superman</i> , número 323, editado pela <i>DC Comics</i> .	
Esquema original: Máscara de caveira branca articulada (que pode ser o rosto desfigurado), sobreposta por capuz amarelo à altura dos olhos; macacão amarelo com caveira branca estampada no peito, capa rodada verde até a altura dos joelhos com gola dura até a cabeça; luvas verdes; botas verdes de cano alto ou meia-calça verde sobrepondo calçado verde.	
Atua nos títulos: <i>Superman</i> , <i>Super-Homem</i> .	


Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustrações: <<http://www.guiadosquadrinhos.com>>; <www.comixology.com>.

O mais recente personagem analisado é *Spawn: o soldado do inferno* (quadro 11). Muito embora seja o menos semelhante, possui características importantes renovada, em relação à concepção do *Garra Cinzenta*. Se observa que o autor, Todd McFarlane, é um quadrinhista experiente e um artista consagrado, muito voltado para a busca de características distintas. Inclusive, por ter reagido em relação à falta de domínio dos autores e colaboradores sobre os títulos e as personagens na editoração de quadrinhos *mainstream*, liderou a fundação da *Editora Image*, em formato de cooperativa (XAVIER, 2004, p. 24-25).

Spawn é o alterego de *Al Simmons*, um jovem superdotado, com altas habilidades cognitivas e físicas, assim como dotado de patriotismo. Porém, ao ingressar na CIA (Central de Inteligência Norte-Americana), enfrenta um dilema moral ao receber ordem de cometer assassinatos. A sua resistência a obedecer ordens que considerava inadequadas levou ao seu próprio assassinato, executado pelos agentes *Chapel* e *Priest*, que o incineraram. No inferno, faz um acordo com *Malebolgia* e volta à terra dos vivos, como um soldado do inferno, que lhe proporcionou ainda um traje que recobria seu corpo deformado pelo fogo e lhe dava superpoderes (XAVIER, 2004, p. 26-30). Uma vez na ativa, perpetua a sua rebeldia da vida

passada e segue questionando as ordens de *Malebolgia*, que parece ter feito um péssimo negócio. Como morto-vivo, também padece dos sintomas descritos pela personagem *Dama de Negro* de *A Garra Cinzenta*, ou seja, memória truncada, confusão mental, falta de distinção entre o bem e o mal.

Quadro 11 – Ficha Técnica de personagem Spawn: o soldado do inferno

<p>Spawn: o soldado do inferno/ Spawn: the hell soldier</p>	
<p>Criação: Todd McFarlane</p>	
<p>Alinhamento: Justiceiro</p>	
<p>Primeira aparição: 1992, edição norte-americana do título <i>Spawn: The Hell Soldier</i>, número 1, editado pela <i>Image</i>.</p>	
<p>Esquema original: Máscara cinza-chumbo com ossos estampados em branco, macacão de cinza-chumbo, estampado com ossos brancos formando uma letra “V” com fivelas em formato de caveira e detalhes em metal prateado. Perneiras e braceiras em couro vermelho, com espetos de metal prateado. Ocasional uso de correntes de elo zincadas sobre os ombros e ventre.</p>	
<p>Atua nos títulos: <i>Spawn: the hell soldier</i>, <i>Spawn: o soldado do inferno</i>.</p>	

Fonte: Síntese da pesquisa de Valéria Aparecida Bari. Ilustração: <<https://comicvine.gamespot.com/spawn>>.

Além dos personagens presentemente analisados como os mais importantes da produção *mainstream* norte-americana sob suposta influência direta e indireta de *A Garra Cinzenta*, a pesquisa ainda levantou vários outros livremente inspirados, que relacionaremos para efeito de referência:

- *Red Skull* – Vilão - *Captain América*, 1941, *Marvel Comics*.
- *Blazing Skull* – Justiceiro - *Avengers*, 1941, *Marvel Comics*.
- *Crimson Ghost* – Vilão - *pulp ficcion cinema*, 1946, *Republic Pictures*.
- *Black-Mask* – Vilão - *Batman*, 1970, *DC Comics*.
- *Dormammu* – Vilão - *Doctor Strange*, 1978, *DC Comics*.
- *Crimelord* – Vilão - *Wonder-Woman*, 1981, *DC Comics*.
- *Skeletor* – Vilão - *He-Man*, 1982, *Mattel Toys*.
- *Mumm-Ra* – Vilão - *Thundercats*, 1985, *LJN Toys*.

Como havíamos discutido até este ponto, a influência na criação de personagens, enredos e formatos de publicação fez parte do modo de produção das histórias em quadrinhos

e suas manifestações em outras mídias e linguagens até o final do século XX. A partir de então, a convergência das mídias para o suporte digital alterou profundamente o processo de criação, comercialização e editoração. A questão da falta de controle e do compartilhamento de personagens e suas características parou de fazer sentido, já que a concorrência mercadológica se compõe por um ambiente leitor diversificado e mais bem qualificado. A organização da Editora *Image* nos anos 1990, como já relatada, foi demarcatória em uma nova fase de relacionamentos entre os quadrinhistas, suas criações e a editoração.

Mas, existem casos no séc. XXI que perpassam a questão da ética, mesmo sabendo de antemão que a tradição no campo de produção de histórias em quadrinhos fragiliza a questão da autoria. Temos o caso em análise final desse artigo, que demonstra uma cópia clara e completa da obra de Armond e Silva, com direito a apenas uma alteração em seu final.

MASK OF THE PHANTASM: UMA VERSÃO DE A GARRA CINZENTA?

No natal de 1993, a animação do Universo ficcional *Batman*, elaborada com muito esmero e qualificada como uma das mais exitosas experiências do gênero, chegou aso cinemas. Apesar de ser um trabalho de apenas 55 minutos, teve grande repercussão e altos índices de bilheteria à época. Na atualidade, continuam sendo produzidas críticas positivas ao trabalho desenvolvido pela equipe comandada pelos cineastas Bruce Timm e Erik Radomsky. É a primeira animação do personagem com formato cinematográfico, sendo a precursora pelo universo criado pela *DC Entertainment* e *Warner Animation* no mercado de vídeos cinematográficos conversíveis para domésticos, ou seja, *home-video*. O que chama a atenção, contudo, é a ênfase dos especialistas na excelência do roteiro apresentado, atípico em relação a outros trabalhos desenvolvidos para o protagonismo do super-herói. Segundo Monteiro:

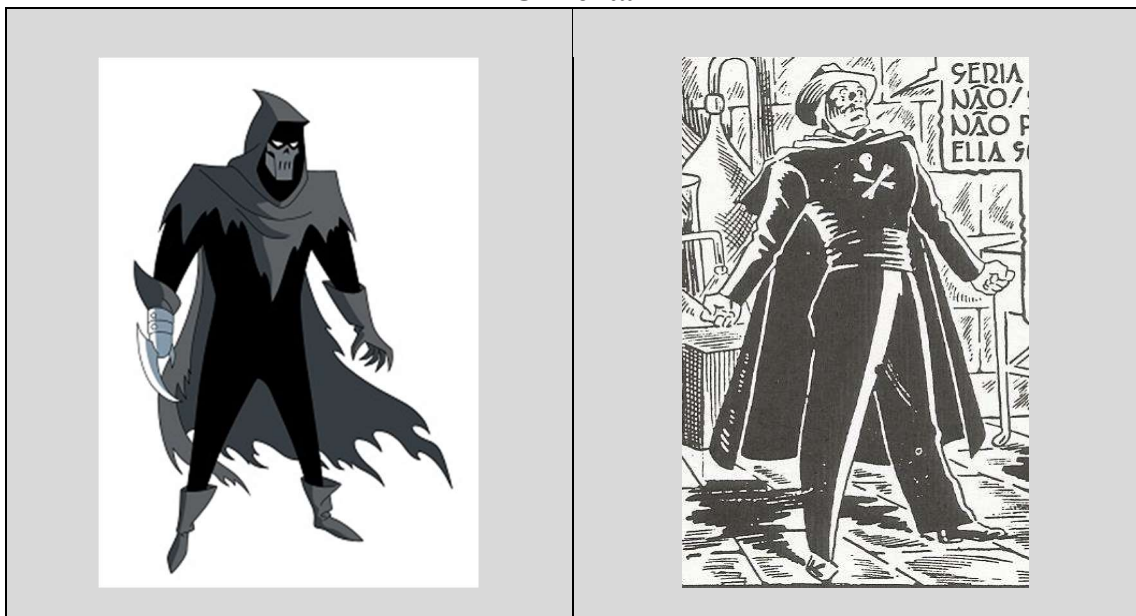
A impressão que temos quando assistimos ao longa é que estamos diante de um material exaustivamente pensado e calculadamente desenvolvido. Temos uma identidade conceitual que perpassa não somente o enredo, como também se faz presente em todos os elementos visuais e sonoros do filme. A Gotham que ambienta toda a história é repleta de detalhes que ajudam a caracterizá-la de acordo com o já habitual estilo *noir*. Os personagens são traçados de maneira bastante específica e, assim, cada um ganha uma abordagem mais justa e completa. A qualidade sonora também não fica atrás, mas o que marca *A Máscara do Fantasma* é, sem dúvida, o roteiro (MONTEIRO, 2015).

Corroboramos totalmente a impressão desse e outros críticos predecessores, pois, ao assistir a referida película em 1993, constatamos que este roteiro é amplamente baseado na obra *A Garra Cinzenta*. Nos perguntávamos, na ocasião, como aquela história chegara até ali,

tão perfeita e praticamente intocada, somente com a alteração do desfecho final, sem perder a coerência com a trama apresentada nos anos 1930 por Armond e Silva.

Começando pelos elementos imagéticos, comparamos o esquema corporal do *Fantasma* e da *Garra Cinzenta* (figura 7), vemos as semelhanças, mas também diferenças que reforçam uma relação evolutiva. Por exemplo, a garra presente na mão direita do *Fantasma* apresenta similaridade com a foice do *Ceifador* (quadro 7), outro *second-banana* presente nesse estudo.

Figura 7 – Estudo comparativo entre os esquemas corporais do Fantasma e da Garra Cinzenta



Fonte das ilustrações: <<http://www.hobbyconsolas.com/reviews/batman-mascara-fantasma-critica-pelicula-animacion-142342>>; (ARMOND; SILVA, 2011, p. 92).

Porém, o *modus operandi* enfatiza as mesmas estratégias criminosas e de ocultação da identidade da *Garra Cinzenta*, com uma discreta atualização tecnológica. Sua forma de se apresentar não deixa claro o sexo do criminoso, o que se apresenta como elemento vital na trama de *A Garra Cinzenta*, tanto quanto na trama de *A Máscara do Fantasma*.

Como elementos novos, a presença de *Batman*, confundido com o *Fantasma*, e o *Coringa*, reduzido a um criminoso inquestionável, que sofre nas mãos dos dois justiceiros. Pois, se o *Fantasma* é a própria figura e *modus operandi* da *Garra Cinzenta* (figura 7), o *Batman* tem características já descritas nesse estudo, que o colocam como um dos primeiros personagens criados sob sua direta influência, ou seja, um *second-banana*. E o *Coringa* se apresenta como síntese execrável do vilão acima da lei, cuja função é aproximar os dois justiceiros e estabelecer o verdadeiro conflito, que viabiliza o novo enredo.

Mas, a estrutura do roteiro é muito mais aproximada à *Garra Cinzenta*, preservando elementos dialógicos, narrativos e até a estilização imagética e física dos personagens. A ambiguidade da identidade do *Fantasma*, investigado por *Bruce Wayne*, se estabelece com hipótese equivalente à do investigador *Higgins*, ao conhecer *Kay Tornhill*. Da mesma forma que *Kay* e *Higgins* estão cada vez mais próximos na trama de *A Garra Cinzenta*, num relacionamento que mescla atração e desconfiança, *Wayne* e *Andrea* viverão seu romance. Segundo Monteiro:

Se a trama por si só já é boa, vemos que o resultado final é brilhante, quando o roteiro nos mostra que esse plot é apenas o plano de frente de uma história ainda mais densa e interessante. Com uma ótima intercalação de flashbacks, voltamos a momentos cruciais na evolução de Bruce Wayne como Batman, bem como sua relação com a estonteante Andrea Beaumont, elemento de fundamental importância durante todo o longa (MONTEIRO, 2015).

Para o que consideramos um melhor aproveitamento das ações investigativas de *A Garra Cinzenta* na película *A Máscara do Fantasma*, a figura de *Bruce Wayne* se destaca às ações praticadas, para viabilizar a utilização da investigação desenvolvida por *Higgins* nos quadrinhos e sua aproximação com a principal suspeita dos crimes, uma mulher arrojada, inteligente e determinada a tomar a lei em suas próprias mãos. Comparativamente, cenas são reproduzidas ou suas principais ideias são aproveitadas.

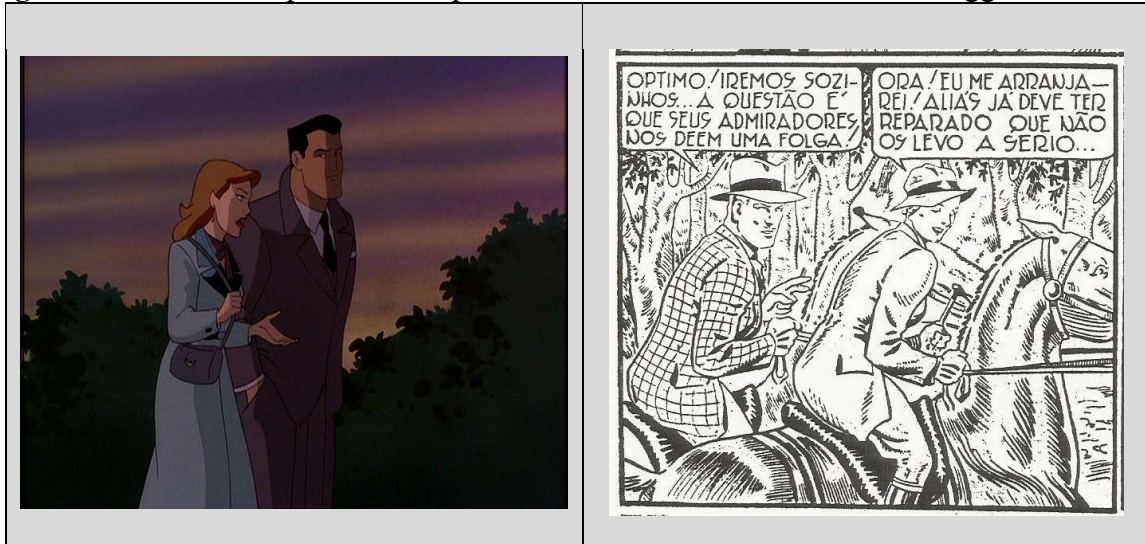
Os esquemas corporais dos personagens principais e secundários da película remetem às décadas de 1920 a 1930, à moda do traço de Renato Silva em *A Garra Cinzenta*. Os críticos apontam esse traço da vestimenta, da decoração, dos objetos e costumes, atribuídos como influência dos romances *noir* e do cinema dos anos 1920... Essa influência está presente conjuntamente na criação da *Garra Cinzenta*, mas não faz parte da conjuntura dos anos 1990. Estes elementos contrastam com as atualizações tecnológicas promovidas pela adaptação do enredo e são visíveis pela crítica. Para Siqueira:

Ambientado em uma Gotham bastante estilizada, tal qual a mostradas nos filmes de Burton, o cenário da produção é bastante atemporal. A despeito de contar com veículos e prédios cujos designs remetem aos anos 1930 (década na qual o homem-morcego foi criado), os personagens têm acesso a computadores e tecnologias mais avançadas. Tal decisão, tomada pelos diretores Bruce Timm e Eric Radomski, acaba por dar ao espectador uma sensação bastante interessante, na qual o filme (e, conseqüentemente, a série) poderia se passar em qualquer época (SIQUEIRA, 2015).

Mas, observando a arte de Renato Silva, fica clara a procedência desse “cenário atemporal”, quando a cidade de *Gotham*, reproduz em muitos planos a nossa São Paulo dos anos 1930, até com a garoa da tarde. Quanto aos passeios no campo, concebidos por Silva, são

inseridos em trechos significativos da animação de Timm. Contudo, as cenas no cemitério são inovadoras, embora sirvam apenas para caracterizar outro espaço campestre, com potencial de aproveitamento da obra de Armond e Silva.

Figura 8 – Estudo comparativo dos pares românticos Wayne e Beaumont/Higgins e Tornhill



Fonte das ilustrações: <<http://www.hobbyconsolas.com/reviews/batman-mascara-fantasma-critica-pelicula-animacion-142342>>; (ARMOND; SILVA, 2011, p. 100).

Para fundamentar melhor a tese apresentada nesse estudo, procederemos ao estudo do protagonismo feminino, presente em ambas as histórias, verificando que o conteúdo também traz para a discussão as questões de gênero que perpassaram todo o século XX. Para tal, estabeleceremos a comparação entre *Andrea* e *Kay*, separadas por 56 anos e o continente americano, em sua concepção.

Kay Tornhill nasce nova-iorquina, mas a vemos como uma paulistana requintada dos anos 1930, de personalidade forte, atlética, praticante de esportes, lutas, natação e equitação, guiando seu próprio carro e disposta a defender sua família, cujos negócios são questionáveis à sociedade. *Andrea Beaumont*, meio século depois, é uma mulher arrojada, apresentada com a rapidez exigida à linguagem da película, mas igualmente cônica de seu valor e pronta para defender sua cidade e, eventualmente, sua família que tem envolvimento no submundo do crime. Ambas, a seu tempo, são tão semelhantes em personalidade quanto em aparência (figura 8), se vestindo também com um figurino muito aproximado. Um olhar mais atento nos permite afirmar que não é possível criar uma sem conhecer a outra.

Figura 9 – Estudo comparativo entre cenas com Andrea Beaumont e vinhetas com Kay Tornhill



Fonte das ilustrações: <<http://www.hobbyconsolas.com/reviews/batman-mascara-fantasma-critica-pelicula-animacion-142342>>; (ARMOND; SILVA, 2011, pp. 60, 94, 62).

Quanto à *Bruce Wayne*, se transforma num requintado e festeiro home rico dos anos 1930, aparecendo em muitos planos coincidentes com *Higgins* (figura 9). Entre dúvidas e certezas, ambos vivem o conflito da vida que o mundo lhes oferece e o combate aos criminosos, que provavelmente vai afastá-los da mulher amada.

Figura 10 – estudo comparativo de cena com Batman e vinheta com Higgins



Fonte das ilustrações: <<http://www.hobbyconsolas.com/reviews/batman-mascara-fantasma-critica-pelicula-animacion-142342>>; (ARMOND; SILVA, 2011, p. 34).

Ambos conseguem superar o seu próprio interesse pessoal, renunciando ao amor em favor da justiça. Porém, somente aí os resultados diferem. Ou seja, no final, *A Garra Cinzenta* apresenta-se como o alterego de suspeitos diferentes de *A Máscara do Fantasma*. Para que o leitor desse artigo saiba os diferentes desfechos, sugerimos a leitura de ambas as obras analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que originou esse artigo ainda não se encontra concluída, já que segue a busca pela verdadeira identidade de Francisco Armond. A parceria entre Armond e Silva ainda gerou outras séries de quadrinhos do gênero policial e terror, publicadas posteriormente na *Gazetinha*. Porém, as constatações conclusivas aparecem, já que a pesquisa de campo nos títulos em quadrinhos e a sondagem bibliográfica em obras referenciais sobre quadrinhos permitiu constituir uma frisa histórica, corroborando a hipótese da influência da obra *A Garra Cinzenta* na produção de quadrinhos *mainstream* norte-americanos do séc. XX. Para além da mera apropriação do esquema imagético, temos o alinhamento vilânico e o *modus operandi* como referencial na criação de novos vilões e justiceiros, em três gêneros distintos das histórias em quadrinhos: policial, terror e fantasia.

O quadrinhista Renato Silva, foi considerado um profissional eclético e também já era reconhecido à época da publicação. Com utilização estética da linha clara, características naturalistas e uma ambientação teatralizada, sua arte na “A Garra Cinzenta” cria personagens redondos de ambos os sexos, utilizando os recursos da linguagem dos quadrinhos para

literalmente mascarar o protagonismo dos crimes e criar um clima de mistério onde todos são prováveis criminosos. O enredo roteirizado por Armond tem caráter inédito e personifica a figura do *serial killer*, que posteriormente ganhará caráter hegemônico nas narrativas de ficção detetivesca e de terror, sobretudo nos Estados Unidos da América.

De fato, Renato Silva era sobretudo um profissional virtuoso da arte, enquanto Armond e outros parceiros cuidavam dos roteiros, ao longo de sua carreira quadrinhística. Foi também, a seu tempo, um mestre do desenho no Brasil.

Quanto à película de animação *Batman: A Máscara do Fantasma*, se constitui num exitoso começo para a produção de *home-video* da *DC Entertainment*, devido ao seu brilhante roteiro e aspecto visual dos anos 1920-1930, que definitivamente partem da adaptação da obra *A Garra Cinzenta*. Não existiria demérito na apropriação dos elementos fundamentais do referido quadrinho por Timm e Radomsky, desde que a obra fosse devidamente citada entre os créditos e ficha técnica da animação. Mas, ainda devemos salientar que a autoria e origem de *A Garra Cinzenta* foram dissipadas pela política editorial da época e os cineastas podem ter concluído que se tratava de um bem cultural de origem indeterminada. Também não é possível determinar se o acesso de Timm e Radomsky foi completo, pois se ativeram ao enredo desenrolado nos primeiros episódios, talvez por desconhecer a reviravolta que *A Garra Cinzenta* dá nos episódios finais.

Pairando sobre esse cenário marcante, temos Helena Marília Bastos Tigre ou, após seu casamento, Helena Ferraz de Abreu. Essa intelectual brasileira se apresenta como um mistério à parte, que com certeza, vai render muita investigação. Os indícios de sua produção e o uso de diferentes pseudônimos permeiam toda a produção cultural brasileira, nas décadas de 1930 a 1970, quando desapareceu prematuramente e nos legou sua obra eclética, inovadora e crítica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jaqueline Moraes de. **Madames e mocinhas em revista: corpo, gênero e moda em *A Cigarra* (1940-1955)**. 2015, 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP). Campinas, 2015. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000962812>>. Acesso em 18/02/2017.

ALMEIDA, Jaqueline Moraes de. “A ‘favor’ das mulheres, mas nunca ‘contra’ os homens”: as trajetórias de Elza Marzullo e Helena Ferraz De Abreu. Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores – velhos e novos desafios (XXVIII ANPUH). **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 27 a 31 de julho de 2015. Disponível em:
<http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428365359_ARQUIVO_Afavordasmulheresmasnuncacontraoshomens-Anpuh2015.pdf>. Acesso em 25 de abril de 2017.

ARMOND, Francisco ; SILVA, Renato. **Garra Cinzenta: 1937-1939**. São Paulo: Conrad, 2011.

ASSASSINATOS DA RUA MORGUE, OS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Os_Assassinatos_da_Rua_Morgue&oldid=44558792>. Acesso em: 22 jan. 2016.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu**. 2008. 248 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/pt-br.php>>. Acesso em 25/06/2016.

BATMAN: a máscara do fantasma. Título Original: Batman: Mask of the Phantasm. Direção: Bruce W. Timm; Eric Radomski. Produção: Tom Ruegger; Michael E. Uslan; Benjamin Melkiner; Arnon Milchan. Roteiro: Alan Burnett; Bob Kane. Los Angeles: Warner Brothers. 25 dez. 1993. 1 DVD (76 min.), 4x3 *fullscreen*, colorido.

BLACK TERROR. WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em:
<https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Black_Terror&oldid=786235110>. Acesso em: 28 jun. 2017.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos, linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial**. São Paulo, Criativo, 2016.

CLARK, Alan ; CLARK, Laurel. **Comics: Uma história ilustrada da B.D**. Sacavém: Distri Cultural, 1991.

COCO CHANEL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Coco_Chanel&oldid=49094846>. Acesso em: 21 jun. 2017.

COSER, Raquel. O mistério da Garra Cinzenta. **O Estado de São Paulo: Cultura**. 11 de julho de 2011, 15:23 h., São Paulo: OESP, 2011. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/a-biblioteca-de-raquel/o-misterio-do-garra-cinzenta/>>. Acesso em 20/05/2017.

DOURADO, Francisco. Quem escreveu "A Garra Cinzenta"? E o nascimento de um projeto. **HQ Retrô**. Fortaleza, 13 março 2017. Disponível em: <<http://agaqueretro.blogspot.com.br/2017/03/quem-escreveu-garra-cinzenta-e.html>>. Acesso em 23 jun. 2017.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras/Penguin Books, 2011. ISBN 9788563560308.

GARRA CINZENTA, A. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=A_Garra_Cinzenta&oldid=48528179>. Acesso em: 12 abr. 2017.

GOMBRICH, Ernst H. **Arte e ilusão**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

GOMBRICH, Ernst H. Sobre a interpretação da obra de arte: O quê, o porquê e o como. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 12, n. 13, p. 11-26, dez. 2005.

GONÇALO JÚNIOR. **A Guerra dos Gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos: 1933-64**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONZALEZ, Rodrigo. Dez momentos mais importantes das HQs. **CQB: Quadrinhos Brasileiros**. 2 dez. 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090219215529/http://geocities.com/quadrinhos_cqb/novissima1.htm>. Acesso em 25 de jun. 2017.

GOULART, Ron. **Comic book encyclopedia: the ultimate guide to characters, graphic novels, writers, and artists in the comic book universe**. New York: Harper Collins, 2004.

GOULART, Ron. **Comic book culture: an illustrated history**. Portland: Collectors Press, 2000.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos Quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

IANONNE, Leila Rentroia; IANONNE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Editora Moderna, 1994. (Coleção Desafios)

KICK, Russ (org.) **Cânone Gráfico**: clássicos da literatura universal em quadrinhos - desde a *Epopéia de Gilgamesh* até Shakespeare e *As Ligações Perigosas*. São Paulo: Barricada, 2014. (Coleção Cânone Gráfico, v. 1)

LANDUCCI, Alexandre. Mais de 20 anos desde o melhor filme do Batman: um filme para sacramentar um universo. **Metagene**: Filmes e séries. 06 de abril de 2015. Disponível em: <<http://www.metagene.com.br/mais-de-20-anos-desde-o-melhor-filme-do-batman/>>. Acesso em 25 jun. 2017.

MCCLLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos**: os segredos das narrativas de quadrinhos, mangás e graphic novels. São Paulo: M. Books, 2008.

MODUS OPERANDI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Modus_operandi&oldid=49104050>. Acesso em: 22 jun. 2017.

MONTEIRO, Filipe. Crítica: Batman – A máscara do Fantasma. **Plano Crítico**. Publicado em 6 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.planocritico.com/critica-batman-a-mascara-do-fantasma/>>. Acesso em 25 de maio de 2017.

MOYA, Álvaro de. **Vapt-Vupt**. São Paulo: Clemente e Gramani, 2003.

ROVIN, Jeff. **The Encyclopedia of Super Villains**. New York: Facts On File Publications, 1987.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández ; LUCIO, Maria Del Pilar Baptista. **Metodologia da Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SHERLOCK HOLMES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sherlock_Holmes&oldid=48917561>. Acesso em: 29 mai. 2017.

SILVA, Diamantino da. **Quadrinhos dourados**: a história dos suplementos no Brasil. São Paulo, SP: Opera Graphica, 2003.

SIMS, Chris. Lord Death Man of ‘Bat-Manga’ Gets Resurrected for ‘Batman, Inc.’. **Comics Alliance**. 20 set. 2010. Disponível em: <<http://comicsalliance.com/lord-death-man-batman-inc/>>. Acesso em 20 abr. 2015.

SIQUEIRA, Thiago. Batman: a máscara do fantasma – críticas. **Cinema com rapadura**. Postado em 2015. Disponível em: <<http://cinemacomrapadura.com.br/criticas/84051/batman-a-mascara-do-fantasma-1993-84051/>>. Acesso em 30 abr. 2017.

SOUZA, Maria Ester Vieira de. **Leitura: entre proibições, desejos e encantamentos**. João Pessoa, UFPB, 2013.

SOUZA, Worney Almeida de. A cidade e seu monstro. In: ARMOND, Francisco ; SILVA, Renato. **Garra Cinzenta**: 1937-1939. São Paulo: Conrad, 2011. p. 5-25.

TIGRE, Manoel Bastos. **Reminiscências: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente.** Brasília: Thesaurus, 1992.

VERGUEIRO, Waldomiro ; SANTOS, Roberto Elísio dos. A Gazetinha e os suplementos de histórias em quadrinhos no Brasil. **Imaginário!** Paraíba: Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games - GP-HQG/UFPB, número 2, dez de 2016. p. 103-124. ISSN 2237-6933. Disponível em: < <http://marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario-11-20/imaginario-11/6-A%20Gazetinha%20e%20os%20suplementos.pdf>>. Acesso em 18 jun. 2017.

VIANA, Nildo. **Quadrinhos e crítica social:** o universo ficcional de Ferdinando. Rio de Janeiro: Pensamento Brasileiro/ Editora Azougue, 2013. (Série Invenção e Crítica)

XAVIER, Cristina Levine Martins. **Spawn: o soldado do inferno** – mito e religiosidade nos quadrinhos. São Caetano do Sul: Difusão, 2004.

ZORRO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Zorro&oldid=49002172>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA**How a Brazilian Comic Villain Influenced 20th Century North American Cultural Production: The Gray Claw attacks!⁵⁰****Valéria Aparecida Bari⁵¹****INTRODUCTION**

Brazil in 1930, the evolution of print journalism brought the public a wide variety of periodicals, facing the desires and informational needs of a population that expanded their literacy. This occurred for several social factors that have created an environment conducive to increase among the population the number of potential readers and consumers to these publications. The modification of the economic mode of production, industrialization and accelerated urbanization have fueled the entry of children, youth and adults in formal education and literacy universe. In this context, the promulgation of the 1934 Constitution, in Article 150, makes the Brazilian State to assume the duty and responsibility for the implementation of education at all levels, including for adults.

Thus, the publications of comic books come to accompany the theming proposed by Hollywood film series, who presented themselves as one of the most interesting leisure options in large urban centers. Integrated so-called supplements of newspapers in circulation and motivated progression of consumption. Comic books have occupied the cultural leisure activities of Brazilians, especially adolescents and young people who entered the labor market and went to have purchasing power to regular consumption of newspapers.

All conspired context for the emergence of Brazilian new material in an environment of opportunity and competition among newspapers. Supplements represented among the innovation initiatives of language and news media, the closer to the entertainment and art that Brazilians had already enjoyed, except for the musicality and effervescent radio programming in the 1930s to Vergueiro and Santos:

It can be considered the Children's Gazette, the São Paulo newspaper The Gazette, as the starting point and the most important comic supplements in Brazil. Initially a section of the journal, created in 1928, became a weekly supplement from September

⁵⁰ Received on 19/03/19, version approved in 19.04.2019.

⁵¹PhD in Information Science from the School of Communications and Arts of the University of São Paulo (ECA / USP) - Professor and dean of the Federal University of Sergipe (UFS) and Researcher FULL leader: Reading Research Group, Writing and Storytelling: Culture, Mediation, Presentation Graphics, Publishing and manifestations. Aracaju, Sergipe, Brazil. E-mail: <valbari@gmail.com >.

12 of the following year, entitled The Children's Edition Gazeta, having passed, until 1950, by three phases. [...] You can see the influence of American comics about editing comics in Brazil, not only by strips reprinted here, but mainly on the changes introduced in the language of sequential graphic narratives: the comic mood with self-contained short stories and gives way to the plots of adventure, serialized in several chapters. The then current model, derived from European comics, where legends were placed under the vignettes, it was replaced by the US, which employs the speech bubbles for dialogue and reminders for narrative texts and passages of time and space. The incorporation of these elements in the pages Gazeta Children's Edition - which in August 1939 received the Youth Edition subtitle of The Gazette - passed the competition held in May 1930, which featured a comic strip without text in the balloons, which readers should meet to win the prizes offered (VERGUEIRO; SANTOS, 2016 p.114-116).

Throughout the 1930s a comic team matured this fruitful environment of international influences and transliteration content from other media and languages, with an emphasis on film and dramaturgical radio. The imagery and semantic solutions had as main reference the stories in American comics. However, the show format gained innovative features, as well as Brazilian creativity came into action to overcome the issues and schemes that Hollywood cinema had incorporated as "clichés". This innovation was to summit the preparation of an unequal basis, which generated an effective influence in European and North American market. We're talking about "The Gray Claw":

Another graphical sequential narrative of great importance in the history of Brazilian comic was The Gray Claw, designed by Francisco Armond (screenplay) and Renato de Azevedo Silva (art), launched by Gazetinha in July 1937. A mixture of police, terror and science fiction the plot was performed by the criminal genius Gray Claw dressed villain with clothes and black hat and with a skull mask, which defied the police with their crimes. This story, drawn with realistic style (such as major artists who performed the adventure-strips, like Alex Raymond and Harold Foster), came to be published in Mexico and France and was reissued in the 1970s, the sixth number Almanac of Gibi (Nostalgia series), May 1977 (VERGUEIRO; SANTOS, 2017, p 120-121.).

With the aim of deepening the verification of the spectrum of international influence of Brazilian comics, this scientific communication intends to analyze the A Gray Claw, title of Brazilian comic, published in Brazilian journalistic media between 1937 and 1939, whose Art qualifications (novelty, semiological, narrative and aesthetic resources) led to international publication and generated perpetuating influences in the American mainstream international ⁵² production universe, including influencing the creation of Batman, one of the most important characters in the comic book culture of the century XX.

⁵² The production of comics can be subdivided, according to their mode of production, into mainstream (collectively generated, edited, artefinalizada, general) and underground (copyright).

Celebrating eighty years of the Batman's life on March 30, 2019, the world produces countless tributes to the unforgettable Batman. But in the ways of editorial production, we cannot let the vibrant story of its brilliant predecessor go blank: *The Gray Claw strikes again!*

Europe was also affected and there is searchable evidence from the Franco-Belgian publication of *The Gray Claw* (Griffe Grise) in the magazine *Le Moustique*. However, for methodological reasons, this segment of publications will be reserved for future research.

FEATURES PRODUCTION ORIGINAL GRAY CLAW

As previously mentioned, *The Gray Claw* was published in Supplement A *Gazetinha*⁵³, Between 1937 and 1939, and then its international editing and structuring an imagistic scheme that has been repurposed into mainstream production comics and animations throughout the twentieth century.

The reasons why *The Gray Claw* created a broad spectrum of influence that brought plot and characterizations body schema characters are precisely those that indicate Brazil's creativity and cultural redefinition property. The work has created an unprecedented characterization of characters and subsequently reproduced without major changes, mainly in the production of comics and American film. The title is also considered one of the first literary plots with serial killer theme, following the production of American pulp fiction of the first decades of the century. XX. But his greatest mystery has not yet been unraveled. Possibly, it is a work with female authorship script.

As news media that offered support for the development of *The Gray Claw*, *The Gazetinha* offered the best conditions for experimenting with innovations and the development of Brazilian arguments. However, the plots sought to identify with the film industry, and ended up bringing your vocabulary and conceptual repertoire references and elements of American or European way of life. To Vergueiro and Santos:

You may notice these stories of adventure and suspense serialized elements of modernity and civility in the objects and scenarios, the car example, phones and buildings in accordance with the movies and movie series produced in Hollywood and American comics distributed by syndicates for publications several countries, including Brazil (even the character names were Anglophile) (VERGUEIRO; SANTOS, 2017, p 121).

In turn, the staff of *The Gazetinha* had a team of competent and motivated by the comic representation of the journal at the time: Jerome Monteiro de Melo Messiah and Renato

⁵³ It was the name adopted by the *Children's Gazette* from September 1933 supplement, which included the publication of the *Paulistano The Gazette* newspaper since 1928.

Silva. The production of several new series, which perenizaram for quality and also become a product-export show that Brazil already had appropriated the graphic sequential narrative in its most recent international developments. The police and horror titles dominated the preference of the public, and also opened up the possibility to produce it in Brazil plots hybrid of these two genres. Referencing the case of the work of Edgar Allan Poe *The Murders in the Rue Morgue*⁵⁴, Demarcating the beginning of both genders in the literature, it appears that it is possible to produce fictional cultural property under both égides, without reducing the quality of the story and art.

But the main mystery of *The Gray Claw* remains unresolved, even though generations of Brazilian researchers persist in deciphering it. As a creative characteristic, it has the distinction of being supposedly one of the most important women of the genre productions, as research indicates that Francisco Armond is probably a pseudonym of a journalist and poet Helena Ferraz de Abreu. Worney Almeida de Souza creates the following hypothesis: As for her never assumed such authorship, the explanation lies in the fact that there was not only prejudice against comics, but also the largest prejudice still against women to write such a thing (SOUZA, 2011, p. 25). Other researchers, such as Francisco Armond⁵⁵.

Helena Ferraz was the daughter of Manuel Bastos Tigre⁵⁶, a vibrant communicator, who had a circle of friends formed the intellectual and artistic elite of Rio de Janeiro (TIGRE, 1992). However, being a child generated outside of marriage, she approached the father only in youth. Still, became the intellectual heir of Bastos Tigre and even continued most of the cultural professional actions, struggles for copyright management and fostering the creation of libraries, advertising, graphic sequential narrative and poetry. Public exposure, however, is very discreet. The Almeida researcher can, after extensive research, a unique and rare photo published in the press, by 1964, at which Helena took over the board of the Brazilian Press Association (ABI), a round of conversation with reporters (Figure 1).

⁵⁴ It is a short story by Edgar Allan Poe and was first published in *Graham's Magazine* in April 1841. It tells the story of two brutal murders of women in the Rue Morgue in Paris, cases that seem unsolvable until the detective C. Auguste Dupin takes the case [...], the detective stories in which it appears, are in the period of the genesis of international police literature (mURDERS, 2017).

⁵⁵ The statement was corroborated by another Golden comic artist and researcher, Rod Gonzalez, commented's own posting the same in respect of 2017.

⁵⁶ Patron of librarianship in Brazil; first Brazilian advertising; journalist, columnist, renowned cartoonist in the state press; Modernist poet, "Poeta da Saudade"; composer; militant for the defense of copyrights of artists; first combat engineer drought in Brazil.

Figure 11: Photo of Helena Ferraz de Abreu [1964]



Source: ALMEIDA (2017, p. 10).

The children, by direct influence, have become all great intellectuals in time. In particular, Helena Ferraz stood out for their contribution to the press and poetry, marking a social space of female intellectual productions, even if a concealing identity strategy was needed. Being the daughter of a great journalist and cartoonist, living with journalists, cartoonists and comic artists, being married to an acclaimed journalist, working on the translation of stories in American comics, Helena Ferraz stands out among the possible options written by The Gray Claw almost indisputably. His son, Arnaldo Ferraz (cited COSER, 2011), she said ignoring such a relationship, because I saw the mother unable to work with gender "terror". However, like other testimonies historically taken, the author of this article considers that her son, despite having the memory of his mother's productions, idealized her for domestic life, without paying attention to her public life, whose remarkable intellectual and communicational career challenged her. the backwardness of his time in relation to gender relations.

Despite all the evidence, it is not possible to say that "Armond Francisco" is a pseudonym of a journalist and poet Helena Ferraz de Abreu. However, extensive research on The Gray Claw, as Worney Almeida de Souza (2011), Gedeone Malagola (2008 cited GRAB,

2017)⁵⁷ as well as statements to the media by Athos Eichler Cardoso and Sylvia Tigre, indicate that this is the best chance. Other researchers, such as Sergio Augusto, indicate that it is not possible to determine the right to the identity of Francisco Armond, even though Helena Ferraz had regular contact with the production of comics at the time, having also been the initial translator title publication of Ghost in Brazil:

Quoted by Malagola Sergio Augusto, now a columnist for the Sabbath, gives the final bath of cold water: "The only time I mentioned Helena was a text about the Phantom. I never knew any of her connection to comics, except translate the first adventures of the series "(COSER, 2011).

Helena Ferraz de Abreu could be one of the Brazilian cases of women who used pseudonyms to avoid the charge of bias against female productions at the time, a situation that continues to exist for women comic artists to this day. His public pseudonym legitimized by the sources and the family was Álvaro Armando (the name of his two sons). He was born in 1906 and died in 1969, having lived in the city of Rio de Janeiro and contributed to the Rio and Sao Paulo press. Besides poet, he was a renowned journalist, writer and collaborator of the magazine *The Cicada* (ALMEIDA, 2015, *passim*). Among his predecessor's work, also contributed regularly to the *Universal Mail*, in the decades from 1920 to 1940, sharing the pseudonym Armando Álvaro with her husband Mauricio Ferraz,

According to Santos (2010, p. 23), the first publication to follow the pattern of the comics was the Rio weekly *Universal Mail*, launched in 1929, which in its pages featured comic-strips of the nephews of Captain, Pinduca, Carl Anderson (1865-1948), and Paphnutius and Marocas, George McManus (1884-1954), among other characters, as well as national materials (SANTOS, 2010, cited VERGUEIRO; SANTOS, 2017, p 114.).

As for the comic artist Renato de Azevedo Silva, was considered a competent artist and eclectic professional. It has the copyright dash, deep, creating various plans and making use of rich black and white contrast features, while also working very well with the four-color scheme (CMYK)⁵⁸. It was influenced by American cinema of the years 1920-1930, as their peers. Born in Rio de Janeiro on January 28, 1904, joining in 1920 at the National School of Fine Arts. From 1925, he worked as an illustrator in Rio and São Paulo press, which has become established comic book. In addition to the author, also contributed to the formation of new

⁵⁷ According to the journalist Raquel Bake the newspaper *O Estado de S. Paulo*, the possibility was raised by the cartoonist and journalist Gedeone Malagola in an article written in 2008, the magazine *World of Super-Heroes* Publisher Europe, Gedeone died six months after the publication Article (GRAB, 2017).

⁵⁸ CMYK is the abbreviation of the subtractive color system formed by Cyan (Cyan), Magenta (Magenta), Yellow (Yellow) and Black (Key).

artists, by works *The Art of Drawing and Manual Drawings Practical*. He died on August 6, 1981, in Rio de Janeiro.

CHARACTERISTICS OF WORK CLAW GRAY

According to Gombrich, the art in every respect is not fully explainable or self-referential, it depends directly on the formation of the reader's repertoire, his experiences and preferences. Theorists and critics can only qualify the artistic content through the personal experience of his stunning, by analogy (GOMBRICH, 2005, p. 25).

If, in the 1930s, humanity only lived the experience of comics there were fewer than half a century, we assume that our interpretation of today must show the freshness of the experience with readers and comic artists of that time. That is, a work of successfully established a great impact and scope of influence, as well as much of the literary writers of the past were influenced by a few works, described as canons (KICK, 2014). What we know for sure, after about 24 years of research on *The Gray Claw*, that was a graphic sequential narrative determinant in the development of superheroes and horror genre of comics of North American production and Latin America in general.

The work has features that allow a glimpse of the production mode, the setting characteristics, preferences and readership profile. It was found that the outcome of the plot environment is a city of "New York" fictitious, which uses the imagery reference of São Paulo 1930s Souza research establishes compared to photos of the city of São Paulo in the 1930s, showing the inspiration of Renato Silva this Brazilian urban landscape (2011, p. 5-25 *passim*).

The setting is urban and works predominantly with the median plane and American plan, creating an intimate ambiance. The few country scenes denote the frequency to the landscapes of green belts, that is, areas close to major cities, with partial urbanization. Features mountain region, such as uphill and downhill indicate that also deal with scenarios based around the cities of São Paulo and Rio de Janeiro, disregarding the essential fact that New York is an island city, located on Manhattan Island.

On the question of the characterization of the characters, there is a predominance of Caucasians. The appearance of a Chinese character is configured as an exception, the caricatured form. Characters are not distinguished from other ethnic groups in the design of Renato Silva, probably by the aforementioned cinematic framework that adopts applied to imagery scheme of people portrayed in a naturalistic way. According to Álvaro de Moya:

"Of the 30, from all Brazilian comics, the Gray Claw was the most surprising. The drawings, especially closer to the end, reach international standards" said Moya. The researcher sees the influence of HQ series tapes, adventure stories that went into chapters in the theater before the feature films. At that time, the big hits in the genre comics were almost all foreigners like Flash Gordon and Tarzan series in Rio Youth Supplement. This explains why the very Brazilian villain Claw walked through the underground of New York and intimidate inspectors from the likes of Higgins and Miller. The fact echo the style of the American pulp fictions caused confusion even abroad, says Moya. In France, where the character was known as La Griffe Grise, it was believed that the origin was Mexican (MOYA cited COSER, 2011).

The Gray Claw (Table 1) presents itself as a criminal with terrorist strategies, motivated by their thirst for violence. Armond combines in its characterization using martial arts, chemical weapons, technology, fine art of disguise and manipulation of life, it becomes an invincible enemy to the traditional police force of the time. Warns in advance by means of letters and cards, the action that will commit, with date, time and place. Despite the police siege, his impeccable planning allows always materialize their goals and run away, still leaving tickets and clues that confirm authorship. His cronies do not know his true identity, but receive compensation striking, indicating the contractor's economic power.

Panel 12: Imprint character *The Gray Claw*

<p>The Gray Claw</p>	
<p>Creation Francisco Armond and Renato Silva</p>	
<p>Alignment: Villain</p>	
<p>First apparition: 1937 Brazilian edition of <i>The Supplement Gazetinha</i>, published by The Gazette publisher.</p>	
<p>Original Scheme: White skull mask covering the entire face without joints; lead-gray shirt satin fabric superimposed a black-matte chest with the picture of a skull and two interlocking bones; black coat and round, falling to the knees, with hood that covers the head; Panama hat lead-gray superimposed on the hood; belt fabric strip format, the Spanish fashion; social pants cut, creased; gloves-shaped claw, close-fitting to the hands; dress shoes in black chrome, style moccasin.</p>	
<p>It operates in titles: <i>Gazetinha</i>, <i>Le Moustique</i>, <i>Sayrol</i>, <i>Gibi Week</i>, <i>Gibi Almanac</i> <i>Nostalgia Selections Quadrix</i>, <i>The Gray Claw</i>, <i>Horizon Zero</i>.</p>	

Source: Summary of Valéria Aparecida Bari research. Illustration: (Armond; SILVA, 2011, p. 67).

In recent episodes, can advance their shares through scientific resources, that add up to his prodigious intelligence. It also uses supernatural elements. His staff "Claw Attack" is explored as the plot hook, often reinforcing the efficiency of criminal character. It was adopted and remained in popular speech and oral memory of Brazilians throughout the century. XX.

According to Rodrigo Gonzalez:

The Gray Claw published in Brazil in 1937, is considered the first horror HQ of Brazil and also the first hq Superhero in the world before the Super-Men. Although there are no superheroes, there is a super-villain, and there are no heroes without villains. Also, in hq the first villain in the world, the Black Lady. Republished several times, the Gray Claw was plagiarized several times all over the world, including by US (The Blazing Skull, Mr. Bones, Crossbones, Skeleton), Italian (Kriminal, Satanik, Killing), Japanese (Fantomas) and their copyrights have been stolen by Mexican, French and Belgian, making it the most important character, influential and plagiarized of all time. Creating Francisco Armond and Renato Silva

As for the imagery scheme, the Gray Claw offers to the imagination all sorts of hypotheses, for the characterization lets you hide the identity, age and even the villain of sex (Panel 1). Through the art of Renato Silva, we have its characterization as tall and athletic person, indistinguishable identity. Uses a mask formed skull, covering his face and skull with an internal device that acts distorting his voice. Uses gloves with claws format. On the upside, a hood superimposed by a Panama hat. She wears a black cloak, that falls to the knees, matte cloth; a gray lead superimposed bright shirt to a matte black breastplate, with the application of a skull and crossbones (life- threatening symbol); a track in Spanish style around his waist; pants and black shoes.

Figure 12: Vignettes with the Inspector Higgins



Source: The Gray Claw (Armond; SILVA, 2011, p. 39).

As an adjunct not least, the Inspector Higgins is a member of the police force of New York, with investigative functions field. Uses scientific criteria and trace to determine the authorship and seek the possible location of the Gray Claw. It is also a very vain man, that hides baldness using wig, and has easy to disguise using makeup and hairpieces resources. His imagery scheme brings us a white man, tall, with short hair and clear trace pronounced baldness (which remains hidden most of the episodes), thin mustache, high forehead, penetrating gaze (Figure 2).

Higgins wears several suits and halfway-tails, uses Panama hat on the street and in transport, but removes indoors. The author of this study believe that baldness denotes an age distinction signal Higgins, to justify his intellectual superiority, practice field and leadership in relation to the colleagues of the police force of New York. Armond builds a character "round", intelligent and insightful. It is the protagonist who will "put the pieces together" and find out the true identity of the Gray Claw, combining scholarship and distinct physical attributes. Its refinement also denotes the different social background and places it in close proximity to the affluent families investigated. It is freely inspired character in Sherlock Holmes⁵⁹ But it shows how physically active and free of vices and frivolity, in addition to the possible use of a black mask covering his eyes, the Spanish fashion, recalling the characterization of the character Zorro⁶⁰ filmmaking in the season (Figure 3).

Figure 13: Vignettes with Higgins using mask



Source: The Gray Claw (Armond; SILVA, 2011, p. 39).

⁵⁹Sherlock Holmes is a fictional character of British literature created by the doctor and writer Arthur Conan Doyle. Holmes is a researcher of the late nineteenth century and early twentieth century that first appears in the novel *A Study in Scarlet*, edited and published originally by the magazine Beeton's Christmas Annual in November 1887 (SHERLOCK, 2017).

⁶⁰Zorro is a fictional character, created in 1919 by American writer Johnston McCulley. He is presented as the alter ego of Don Diego de la Vega, a young member of the California aristocracy in the mid-nineteenth century, during the era of Mexican control (between 1821 and 1846), some film adaptations of the story of Zorro the place during the time when it was a colony of Spain (ZORRO, 2017).

As the main helper, we have the young secretary Miller. Renato Silva also characterizes as a white man, tall, with short, dark hair, high forehead, penetrating gaze.

Figure 14: Vignettes with Secretary Miller



Source: The Gray Claw (Armond; SILVA, 2011, p. 30).

Miller own body structure and similar garments to Higgins, but its height is slightly lower (Figure 4). However, it is younger, more talkative and gesturer. Use the Panama hat more often, slightly rear facing. It is a field of professional and denotes having less experience and more excitement. Supports research Higgins, but do not have your skills to disguise and use of research resources.

It is true that Miller has an important role in Gray Claw, but tends to become increasingly absent, by the evolving relationship between Higgins and Kay Tornhill. The desire to isolate themselves with Kay has the ambiguous order to woo her and at the same time, eliminate the strong evidence of his involvement in the crimes. But all that is shown to Higgins in the presence of Kay tricks seem to strengthen his alibi, as the costume of the Gray Claw does not identify who is wearing and the voice is distorted by the mask device.

Another young man, but with features and different characteristics, is the dandy Henry Tornhill (Figure 5). Renato Silva characterizes more informal look, a white man, tall, blond, athletic and young. Sportsman appearance. However, it presents itself as a peaceful

person and averse to fighting and violence. Armond includes it in the plot, as a young man from a wealthy family who is threatened with death by Gray Claw.

Figure 15: Vignettes with Henry Tornhill



Source: The Gray Claw (Armond; SILVA, 2011, p. 59).

The Tornhill family has a character that is growing in prominence and remains in the minds of readers, Kay Tornhill. Renato Silva characterizes it in a slightly different way to Hollywood divas of the 1930s, for his role in the plot will be innovative (Figure 6). It appears as a white woman, tall, with light brown hair shoulder length and slightly curly. Very athletic and strong, with sportsman appearance. It has the same height Higgins without high heels. Uses face and lined looking clothes at the same time practical, such as Chanel models⁶¹. Armond is smiling and beautiful, brave and willing to defend his younger brother, Henry, including his own hands. Declares practice shooting, foil, Jiu-Jitsu and is seen riding with costumes and practicing swimming. It is authoritative and proactive, demonstrating that, in fact, can literally fight to defend himself and his brother Henry, his family and to the city of New York.

⁶¹Gabrielle Bonheur Chasnel (1883 - 1971), whose corporate name is Coco Chanel was a French fashion designer and founder of the Chanel brand. It is the only stylist in the list of the hundred most important people of the twentieth century history of Time magazine. He was also performer, singer and actress. Its extremely elegant and simple clothes, supported women's activities in the labor market and sports activities.

Figure 16: Vignette with Kay Tornhill



Source: The Gray Claw (Armond; SILVA, 2011, p. 60).

The Gray Claw with its plot and characters, reversed the flow of influence of mass culture in the Americas, taking this cultural well-developed in Brazilian land to mark the North American production. Through a detailed study, it was possible to determine the traces of that influence and verify that the work of Armond and Silva is not a true model of perennial influence, when faced with the singularities presented in Batman animation design: Mask of the Phantasm (1993).

CONTRASTIVE STUDY AND EVIDENCE REBOUND

In the period from 1939 to 2017, you can check the influence of *The Gray Claw* in the scenario of Comics mainstream. U.S. production is influenced especially by generating characters in the body and derivatives vilânico alignment scheme, as well as the possibilities alter ego. According Coser:

The villain designed by Renato Silva would have been cowardly plagiarized by series illustrators much more successful internationally, as the American Black Terror. The closure of the plot, although they give a redundissimo chapter number 100, would involve never revealed motivations (COSER, 2011).

Although we do not believe in "cowardly plagiarism", but in the sphere of influence, we observed over approximately twenty-four years of research various patterns that are established in the graphic sequential narrative American mainstream, in which we can identify strengths remains and weak. Starting from the most obvious, it would be the characterization of the character Gray Claw as possible alter ego for characters of both genders and different

age groups, we come to the *modus operandi*⁶² the criminal. In parallel, also realizes the use of other characters and characteristics, as is most often the case the inspector Higgins and his secretary Miller; or the first villain of the comics, the Black Lady.

The similarities in appearance are indicated for the use of the skull mask, the use of dark chest with skull and crossbones, the model of clothing and accessories. The gray patterns or navy employees also correspond to versions of the colorized Gray Claw, as published in seasonally *Gazetinha*. For the villain's mode of operation, we have similarities in the psychopathology of committing "the crime for crime" (pleasure to threaten authorities take ownership, plan effectively and go free and unharmed, using knowledge of chemistry, technology and manipulation of life by dark and supernormal processes). So checking the success of the series and the search for readers by editions, *Gazetinha* also tried to organize a collection divided into two albums, as explained Coser:

Conjectures about Gray Claw evoke the cult status attained by the saga in the decades after publication, as have her in full regalia was a few collectors. During the two years that circulated in the supplement *The Gazetinha*, the story which first came out three times a week had stopped serving on more than one occasion, coming to stand months without giving existence signal. The great interest of the public - restricted to São Paulo, at a time when the locals *Youth Supplement* and *The Youth Globo* were the most important comic publications in the country - led *Gazette* to publish in December 1939 and January 1940, two albums with full of adventure (COSER, 2011).


Probably the access to the work *The Gray Claw* in the United States took from the Mexican publication by Editora Sayrol even in the period between 1937 to 1940. According to Souza, piracy occurred more frequently and may have been applied in the dissemination of the work in American journals (SOUZA, 2011, p. 7). It is evident that the hypothesis Souza is believable when we run a search and check instances of influence of evidence from 1940.

As it is contrastive study were also checked the divergence from the model of characters and their characterization in the American mainstream production. The differences in appearance are for the application of vivid colors of the clothing pieces and the emphasis on footwear (large and prominent boots). Some covers earn high and stiff collars to the middle of the head, in Medici style. The clothes are stickier and sometimes overlapping, but this constitutes a disadvantage in the concealment of true identity, which *The Gray Claw* not suffered.

⁶²Modus Operandi is a Latin expression meaning "operating mode". Used to designate a way of acting operate or an activity generally following the same procedures. In the case of serial killers, the same method is used to kill the victims: this mode identifies the criminal as the same author of several other crimes (MODUS, 2017).

The operating mode remains very similar, although the issue of Claw tickets go work as the distinguishing factor in Brazil. Eventually, the alignment of the personality of The Gray Claw is a villain convinced, perverse, conscious and organized. The characters which we categorize as derivatives also have other alignments. That is, also emerges the presence of vigilantes, who have intention of fighting crime with his bare hands, which removes the character vilânico alignment, but does remain in transgressive personality alignments. Through technical specifications, we will show the main characters who have evidence of influence from The Gray Claw, within the chronology of their appearance. We caution that, over time, the influence becomes indirect in some cases, ie, the latest authors are influenced by derivative characters.

Panel 13: Imprint character *The Spectrum*

The Spectrum / The Specter	
Creation Jerry Siegel and Bernard Baily	
Alignment: Punisher	
First apparition: 1940 North American edition title Fun Comics, Number 52, published by DC Comics.	
Original Scheme: Skull mask, gray coveralls overlaid with black shorts, navy blue hooded cloak over his head, gloves and black boots. In later arts, adopts hood, gloves and green boots. It is the founder of Supertime Justice Society of America, even in the 1940s.	
It operates in titles: Justice League and Batman	

Source: Summary of Valéria Aparecida Bari research. Illustration: <www.comixology.com>.

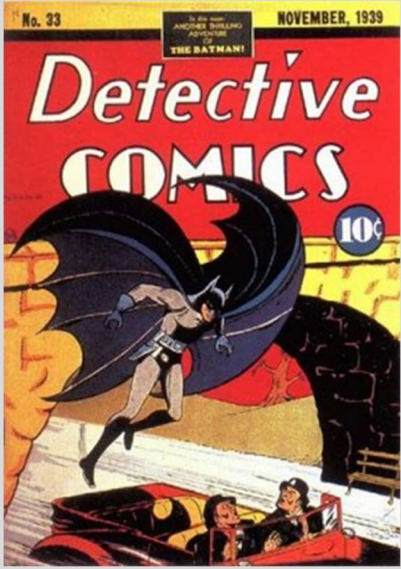
However, as can be seen, the work The Gray Claw follow appearing as the main source of influence. The first and longest lived the character is checked Spectrum (CLARK, 1991, p. 64-65). Its mode of operation is more oriented to the supernormal powers using a ring and connecting it to the well (Panel 2).

The influence of the work The Gray Claw in another character's Golden Age of Comics is revealed in the plot and scheme body of one of the most prominent characters from the Golden Age of Comics, Batman (Panel 3). It does not have vilânico alignment, but acts as outlaw vigilante (MOYA, 2003, p 151; GOULART, 2004, p 34-38; GOULART, 2000, p 43-47; CLARK; CLARK, 1991, p 62 -70). Merges features two characters in The Gray Claw and

his modus operandi: Batman has numerous features Claw, as his alter ego Bruce Wayne is identified with Inspector Higgins. As we already mentioned, the similarities between Higgins and Sherlock Holmes are given only in the methodology, and the inspector is athletic, healthy, sociable and well connected with dress habits and expensive consumer, but without notable eccentricities.

Another interesting data released by the Association of comic artists and Cartoonist of the State of São Paulo (AQC) is the comparison of the Batman character with another character created earlier in Brazil, Batman Osvaldo Storni, published in The Tico-Tico from 1937.

Panel 14: Imprint character *Batman*

Batman	
Creation Bob Kane and Bill Finger	
Alignment: Punisher	
First apparition: 1939 North American edition title Detective Comics, number 27, published by DC Comics.	
Original Scheme: Black mask covering the head and partly the face with bat ears, continuing the black cloak; gray coveralls overlaid with black shorts, chest engraved with stylized bat black; gloves and lead-gray boots; silver belt with several magazines, holster for a firearm, support for metal cord.	
It operates in titles: Batman, Justice League and several crossover series.	

Source: Summary of Valéria Aparecida Bari research. Illustration: <www.comixology.com>.


The source of this information is the finding of research and comic artist José Roberto Pereira, also known by the pseudonym "BK" or by signing with your initials (JRP) to countless everyday matters on Comics in Brazil.

Then we can establish the possibility of the Batman character creation as a combination of previous ideas of editorial success. In the origins of the story in today's comics, in the century. XIX, until the first half of the twentieth century it was constituted in practice

inherent in the mode of production of graphic sequential narrative. Even in legal proceedings on the issue of copyright⁶³.

The Black Terror character (Panel 4), created in the early 1940s, became extremely famous in Brazil and achieved great content of publications, including getting very title. However, his approach the Gray Claw was evident even among the reading public of the time. Under the alignment of the contrast, which also ceases to be vilânico and becomes a vigilante character, the other characteristics are too similar. Including their relationship and application of knowledge in the field of chemistry.

Panel 15: Imprint character *Black Terror*

<p>Terror Black / Black Horror / Holy Terror / Terrorist</p>	
<p>Creation Elmer, Wexler, Patricia Highsmith.</p>	
<p>Alignment: Punisher</p>	
<p>First apparition: 1941 North American edition title Exciting Comics, Number 9, edited by Nedor Comics.</p>	
<p>Original Scheme: Black Jumpsuit, with clamps and gold leggings, picture of skull and crossbones chest; silver belt with gold buckle, navy blue cape lined with red, fastened with gold cord; gloves and knee-high black boots, trimmed with gold.</p>	
<p>It operates in titles: Exciting Comics, Black Terror, Americomics, Tom Strong, Terra Obscura, Project Superpowers, Terror Negro.</p>	

Source: Summary of Valéria Aparecida Bari research. Illustration: <www.evolvor.com>.

Black Terror (GOULART, 2000, p. 90-112) was Bob's alter pharmaceutically Benton developer chemical formula called "formic ethers" (formic ethers) and gave her various power-ups. He used them to fight crime with her partner, Tim Roland, forming the double Terror Twins (BLACK, 2017). In Brazil, the title The Black Terror was published as a booklet in the journal The Comic College in magazine format. According to Gonçalo Junior:


The Black Terror hit newsstands in July 1950. At first, the magazine did not bring mummies, vampires and the undead, as in the cinema - and of course, as the name suggested. The stories actually were police adventures with dread ingredients of

⁶³ As a prime example, in the process filed against Richard Felton Oultcault, the Yellow Kid character had its publishing rights divided the title Hogan's Alley, published by The New York Word and the title "Yellow Kid", who followed in his own, to be published in The New York Journal in 1896.

obscure heroes American Eagle, Man Wonder, Star Pirate Ghost Detective, Doc Strange and others. The opening number came out as extra supplement of the magazine The Comics College. The cover reproduces a rough drawing of the hero who gave name to the magazine by the Brazilian José Lanzellotti (GONÇALO JR., 2004, p.172).

Perhaps, due to the large use of Gray Claw features in the Black Terror composition, it is classified today as plagiarism. However, we emphasize that this practice was part of the editorial process of comics and is present in the design of various superheroes and supervillains. Including the very American press imprint the second-banana term⁶⁴To designate clearly derived character from another previously reported, within the possibilities of publishing and marketing strategy. According to this logic, we assume that the Black Terror would be a Batman second-banana, drinking more of his creation of reference, we claim here is The Gray Claw.

Panel 16: Imprint character *doctor Doom*

Doctor Doom / Doctor Destiny	
Creation Gardner Fox and Mike Sekowsky	
Alignment: Villain	
First apparition: 1961 North American edition of the title Justice League of America, Number 5, published by DC Comics.	
Original Scheme: Skull mask, red rhinestone chest, robe and royal blue cover to the knees, with hood covering her head, gloves and knee-high boots navy blue.	
It operates in titles: Justice League and several crossover series.	

SOURCE: Summary of Valeria Aparecida Bari research. Illustration: <<https://evilgeeks.com/2015/10/23/doctober-spotlight-doctor-destiny/>>.

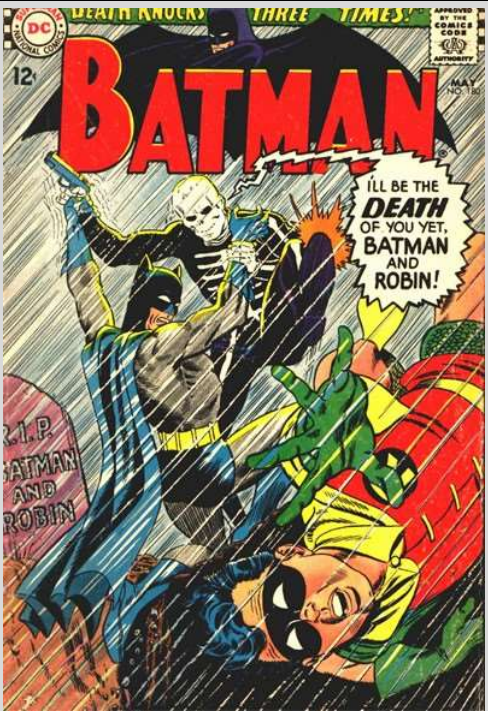
A later creation, more aligned with vilânico profile of Gray Claw is the character Doctor Doom (Rovin, 1987, p. 90), also created by the team of Detective Comics (DC), about thirty years later, integrating the call was Silver of Comics, which began in 1956. Doctor Doom (panel 5) would become a major villain in the title Justice League, which includes several characters born the Golden Age with other unpublished, in the creation of super-teams. This

⁶⁴The second-banana term has its origin in the American comedy-century theater. XX, assigning a secondary role, but essential to the formation of the joke, which in Brazil call "ladder". The publishing of American comics appropriated the term in the Silver Age, designating perjorativamente the titles created for competitors to take advantage of the sales success of a particular character.

was a revitalization strategy of Super-Heroes comics, which suited the new mentality and market rules of the reading public Babyboomer⁶⁵.

Inspired freely, Lord Death Man (SIMS, 2010) is a character who keeps few elements of similarity in their appearance and body image with The Gray Claw (Table 6). Their likelihood is particularly the methods used to perpetrate crimes and the ability to subdue the entire system of public security through intelligence and erudition. Its collapse is possible only by the action of a vigilante that acts of lawlessness, his enemy Batman, who achieves success using the same fundamentals. Then, as explained by Freud, guilt is the difference that allows us to classify the hero and the villain or anti-hero, saved the similarities in all other characteristics (Freud, 2011).

Panel 17: Imprint character Lord Death Man

<p>Lord Death Man / Lord Death Man</p>	
<p>Creation Robert Kanigher and Sheldon Moldoff</p>	
<p>Alignment: Villain</p>	
<p>First apparition: 1966 North American edition of Batman title, number 180, published by DC Comics.</p>	
<p>Original Scheme: Skull mask, black jumpsuit with printed white bones, white belt, white gloves.</p>	
<p>It operates in titles: Batman and several crossover series, production of Mangas in the 1960s and 1970s.</p>	

Source: Summary of Valéria Aparecida Bari research. Illustrations: <<http://comicsalliance.com/lord-death-man-batman-inc/>>.

The Reaper (panel 7) also has as another very similar gray claw villain in both appearance and modus operandi. Alter ego of the character Erik Williams considered bad even by the mother (Rovin, 1987, p. 150). He manipulates and influence his brother Simom Williams, chemical and competent family business manager, Williams Innovations Lab, which

⁶⁵ generation of readers "Baby Boom" after World War II, born between 1943 and 1960, are individuals who were young during the 60s and 70s.

eventually becomes the Master of Evil, a villain with no talent and unsuccessful, but well liked by fellow crime.

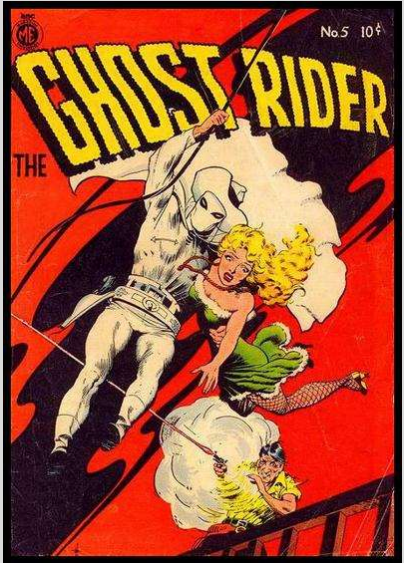
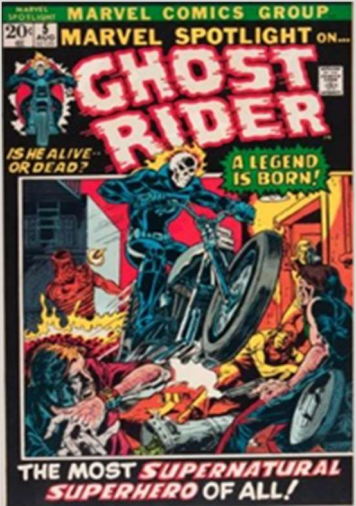
Panel 18: Imprint character *The Reaper*

<p>The Grim Reaper / Grim Reaper</p>	
<p>CreationJohn Buscema and Roy Thomas</p>	
<p>Alignment: Villain</p>	
<p>First apparition: 1968 North American edition of The Avengers title, number 52, published by Marvel Comics.</p>	
<p>Original Scheme: Skull mask; bluish gray jumpsuit with white skull and cross bones on white chest; black belt with silver buckle; Cover wine or navy to the knees with worn fabric on the edges and hood covering her head; left-hand glove and boots knee-high navy blue or silver. In his right hand, an implant that provides the adaptation of a sickle in silver metal. Later, it appears without the cover and with a silver helmet with stylized horns.</p>	
<p>It operates in titles: The Avengers, The Avengers, Iron Man, Iron Man. War Machine.</p>	

Source: Summary of Valéria Aparecida Bari research. Illustration: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Grim_Reaper_\(comics\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Grim_Reaper_(comics))>.

When Simom dies during an experiment developed by another villain, the Baron Zemo for a supernatural practice, it is up to Erik destroy the Avengers. For this, he will continue to use chemicals and also get a new property to his sickle: the power to induce coma victims. When he died in battle with the vision and be resurrected by nekra, another villain with necromantic powers, Erik has an intellectual and psychological loss, which resembles the design of another character The Gray Claw: the Black Lady.

Panel 19: Character Sheet Ghost Avenger / Ghost Rider

<p>Avenger Phantom / Ghost Rider</p> <p>Creation: First phase: Ray Krank and Dick Ayers. Second phase: Roy Thomas, Gary Friedrich and Dick Ayers.</p> <p>Alignment: Punisher</p> <p>First apparition: 1949 North American edition of the Tim Holt magazine, No. 11, edited by Vincent Sullivan. Appearance with its title: 1967 American edition title Ghost Rider, Number 1, published by Marvel Comics.</p> <p>Original Scheme: White mask that covers the entire face; white overalls; Belt buckle with silvery white; round white cover that falls to her knees and hood over his head; gloves and white pipe high boots; white holsters and silver weapons.</p> <p>It operates in titlesTim Holt, Ghost Rider, Ghost Avenger.</p>	
<p>Ghost Rider / Ghost Rider</p> <p>CreationMike Ploog, Roy Thomas and Gary Friedrich</p> <p>Alignment: Punisher</p> <p>First apparition: 1972 North American edition of Spotlight title, number 5, published by Marvel Comics.</p> <p>Original Scheme: In the face of the place: skull on fire, black leather clothing with buckles and details in silver metal. Occasional use of zinc-plated link chains on the shoulders.</p> <p>It operates in titlesTim Holt, Ghost Rider, Spotlight, Phantom, Ghost Rider.</p>	


Source: Summary of Valéria Aparecida Bari research. Illustrations: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavaleiro_Fantasma>; <www.comixology.com>.

As for the next possible character with influences of Gray Claw, we have a case of reformulation: The Ghost Rider (panel 8). In its creation, it was a wandering vigilante Wild Western, who rides a white horse. Its body structure is very similar to the Gray Claw, with the essential difference of white and use of silver metal (GOULART, 2004, p 170.); was published in Brazil under the name Phantom Avenger, in the 1950s In the 1970s, with the decline of the

consumer market comic-themed "wild west", the character undergoes reshaping, adapting to the use of motorcycles (GOULART, 2004, p. 171).

In Brazil, this redesigned character was published as the Rider-Ghost. The original and reformulated schemes make it similar to Gray Claw, but their way of life "Roadster" and their modi operandi are totally different. Our decision to enter it in the chronology proposal from its reformulation in 1970 relates to international repercussions of the character, both in readership habits as the mainstreaming of events from the source text to other media and languages, such as movie theater.

Panel 20: Sheet Technical character Dr. Demônicus

Dr. Demônicus / Doctor Demonicus	
Creation Doug Moench and Tom Sutton	
Alignment: Villain	
First apparition: 1977 North American edition of Godzilla title, King of the Monsters, number 4, Marvel Comics.	
Original Scheme: Skull mask with bony horns; body black, with chest-print stylized bones in white, superimposed on the purple jumpsuit with hood; Black belt with turquoise trim, turquoise cape to his feet with a hard collar to the head, gloves and turquoise boots high-top folded.	
It operates in titles: Godzilla, King of the Monsters; Shogun Warriors, The Avengers, Iron Man; New Avengers, Godzilla, Avengers, The New Avengers.	


Source: Summary of Valéria Aparecida Bari research. Illustration: <https://marvel.com/universe/Doctor_Demonicus>.

Sometimes, the characterization of a character is accompanied by an explanation that refers to the prolongation of life issues. The Doctor Demonicus (Rovin, 1987, p. 88) is a villain who suffers the consequences of trying to manipulate the body with the use of technology. Contaminated with high levels of radiation, develops an aggressive skin cancer (melanoma) and works against its evolution, using technologically modified clothing. He is the alter ego Geneticist Douglas Birely, working continuously with manipulations of life and can create an army of mutant reptiles (panel 9).

Superman, meanwhile, has had to face one of the villains influenced by Gray Claw, Atomic Skull (Rovin, 1987, p. 11). It is the alter ego of scientist Albert Michaels, director of STAR (Scientific and Technological Advanced Research) Laboratories. Similar to Gray Claw in appearance and use of mobile technology weapons, it differs by issuing rays eat brain power. Its cover becomes a cloak of invisibility, supporting its spectacular trails. It also differs by romantic couple with Felicia, a panther transformed into a human being through genetic manipulation and radioactive. Both are dressed with a predominance of green and yellow colors. In Brazil, Atomic Skull (panel 10) received the title Atomic Skull.

The latest character is analyzed Spawn: the soldier of hell (panel 11). Although it is the least similar, it has important features renewed in relation to the design of Gray Claw. It is observed that the author, Todd McFarlane, is an experienced comic and a celebrated artist, very focused on the search for distinctive features. Including, for reacting in relation to the lack of knowledge of the authors and collaborators on the titles and characters in mainstream comics publishing, he led the founding editor of Image, in a cooperative format (XAVIER, 2004, p. 24-25).

Panel 21: Imprint character Atomic Skull

Skull Atomic / Atomic Skull	
Creation Gerry Conway and Curt Swan	
Alignment: Villain	
First apparition: 1978 North American edition of Superman title, number 323, published by DC Comics.	
Original Scheme Articulated white skull mask (which may be disfigured), overlapped by yellow hood at eye; Yellow printed overall with white skull chest, green round to cover the knees with hard collar until the head; green gloves; green boots knee high or green tights overlapping green shoes.	
It operates in titles Superman, Superman.	

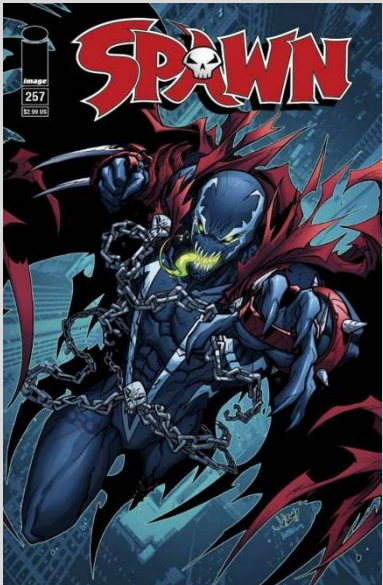
Source: Summary of Valéria Aparecida Bari research. Illustrations: <<http://www.guiadosquadrinhos.com>>; <www.comixology.com>.

Spawn is the alter ego of Al Simmons, a young man gifted with high cognitive and physical abilities, as well as endowed with patriotism. However, by joining the CIA (Central

American intelligence) faces a moral dilemma to be ordered to commit murder. Their resistance to obey orders he considered inadequate led to his own murder, executed by the Chapel and Priest agents that incinerated. In hell, it makes a deal with Malebolgia and return to the land of the living, as a soldier of hell, that you even gave a costume that covered her body deformed by fire and gave him superpowers (XAVIER, 2004, p. 26-30).

Once active, perpetuates their defiance of past life and following questioning Malebolgia orders, which seems to have made a bad deal. As undead, also suffers from the symptoms described by the Black Lady character The Gray Claw, ie truncated memory, confusion, lack of distinction between good and evil. Their resistance to obey orders he considered inadequate led to his own murder, executed by the Chapel and Priest agents that incinerated. In hell, it makes a deal with Malebolgia and return to the land of the living, as a soldier of hell, that you even gave a costume that covered her body deformed by fire and gave him superpowers (XAVIER, 2004, p. 26-30).

Panel 22: Plug Spawn character Technique: the soldier of hell

<p>Spawn: Soldier Hell / Spawn: the hell soldier</p>	
<p>CreationTodd McFarlane</p>	
<p>Alignment: Punisher</p>	
<p>First apparition: 1992 North American edition of Spawn title: The Hell Soldier, Number 1, published by Image.</p>	
<p>Original Scheme: Lead-gray mask with white patterned bones, lead-gray suit, emblazoned with white bones forming a letter "V" with buckles in skull shape and details in silver metal. Leggings and braceiras in red leather, with silver metal skewers. Occasional use of zinc-plated link chains on the shoulders and belly.</p>	
<p>It operates in titles: Spawn: the hell soldier, Spawn: the soldier of hell.</p>	

Source: Summary of Valéria Aparecida Bari research. Illustration: <<https://comicvine.gamespot.com/spawn>>.

As undead, also suffers from the symptoms described by the Black Lady character The Gray Claw, ie truncated memory, confusion, lack of distinction between good and evil. which seems to have made a bad deal. As undead, also suffers from the symptoms described by the Black Lady character The Gray Claw, ie truncated memory, confusion, lack of distinction between good and evil. In addition to the characters presently considered as the most important

of the American mainstream production under alleged direct and indirect influence of The Gray Claw, the survey also raised several other freely inspired, we list for reference purpose:

- *Red Skull* - Villain - Captain America, in 1941, Marvel Comics.
- *Blazing Skull* - Punisher - Avengers, 1941, Marvel Comics.
- *Crimson Ghost* - Villain - pulp ficcion cinema, 1946, Republic Pictures.
- *Black-Mask* - Villain - Batman, 1970, DC Comics.
- *Dormammu* - Villain - Doctor Strange, 1978 DC Comics.
- *Crimelord* - Villain - Wonder-Woman, 1981 DC Comics.
- *Skeletor* - Villain - He-Man 1982, Mattel Toys.
- *Mumm-Ra* - Villain - Thundercats 1985, LJN Toys.

As we have discussed up to this point, the influence in the creation of characters, plots and publishing formats was part of the mode of production of comics and its manifestations in other media and languages by the end of the twentieth century. Since then, the convergence of media for digital media profoundly changed the process of creating, marketing and publishing. The issue of lack of control and sharing of characters and their characteristics stopped making sense, since the marketing competition is composed by a diverse player and best qualified environment. The organization of the Image Editor in the 1990s, as reported, was demarcating a new phase relationship between comic artists, their creations and publishing.

But there are cases in the century. XXI which underlie the issue of ethics, knowing in advance that tradition in comic book production field weakens the question of authorship. We have the case in the final analysis of this article, which shows a clear and complete copy of the work of Armond e Silva, entitled to only one change at the end.

MASK OF THE PHANTASM: A VERSION OF GRAY CLAW?

At Christmas 1993, the animation of the fictional Batman universe, made with great care and qualified as one of the most successful experiences of gender, arrived aso cinemas. Despite being one of only 55 minutes work, we had great impact and high levels of box office at the time. Today, still produced positive reviews the work of the team led by Bruce Timm and filmmakers Erik Radomsky. It is the first character animation with cinematic format, being the precursor for the universe created by DC Entertainment and Warner Animation in convertible cinematic video market for domestic, ie home-video. What draws attention, however, is the

emphasis on excellence of experts presented the script, atypical compared to other works developed for the role of the superhero.

The impression we have when we watch the film is that we are facing a thoroughly thought out and calculatedly developed material. We have a conceptual identity that pervades not only the plot, but also is present in all visual and sound elements of the film. The Gotham Ambienta that all history is full of details that help to characterize it according to the customary noir style. The characters are drawn in a very specific way and thus each win a fairer and more comprehensive approach. The sound quality is also not behind, but what brand Mask of the Phantasm is undoubtedly the script (MONTEIRO, 2015).

Fully corroborate the impression that and other predecessors critical because, when watching said film in 1993, we find that this script is largely based on the work Claw Gray. We wondered at the time how the story had come this far, so perfect and virtually untouched, with only changing the final outcome, without losing consistency with the plot presented in the 1930s by Armond e Silva.

Figure 17 Comparative study between the body and the ghost schemes Gray Claw



Source of illustrations: <<http://www.hobbyconsolas.com/reviews/batman-mascara-fantasma-critica-pelicula-animacion-142342>>; (Armond; SILVA, 2011, p 92.).

Starting with the pictorial elements, comparing the body structure and Gray Ghost claw (Figure 7), we see the similarities but also differences which enhance an evolutionary relationship. For example, this claw in the right-hand ghost shows similarity with sickle Reaper (panel 7), another second-banana present in this study.

However, the modus operandi emphasizes the same criminal strategies and concealment of the identity of the Gray Claw, with a discrete technology upgrade. The way you present not clear the criminal sex, which is presented as a vital element in the plot of The Gray

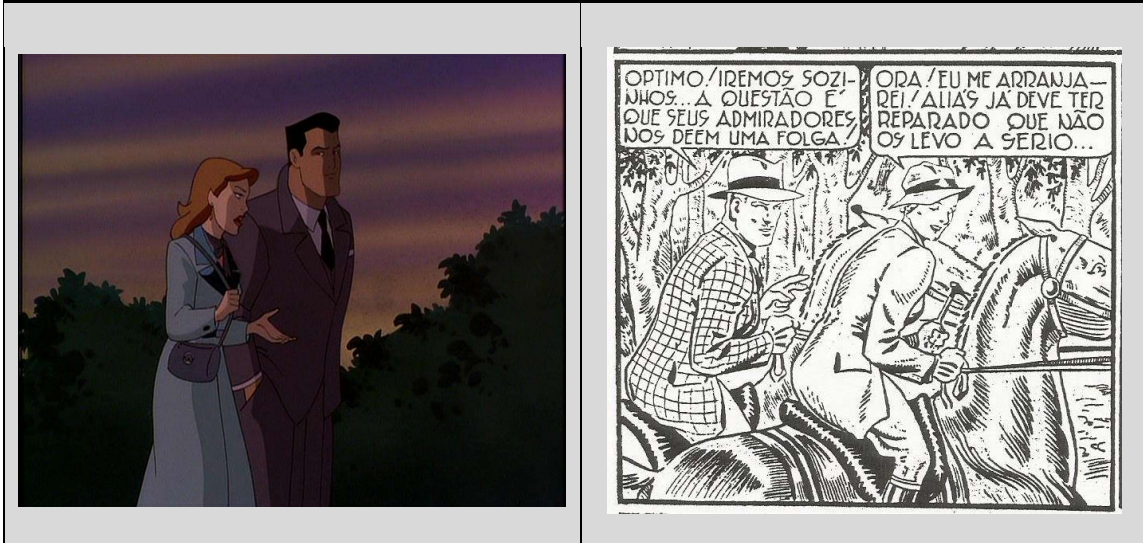
Claw as far as the plot of *Mask of the Phantasm*. As new elements, the presence of Batman, confused with the Phantom, and the Joker, reduced to an unquestionable criminal who suffers at the hands of the two vigilantes. For if the ghost is the very figure and *modus operandi* of the Gray Claw (Figure 7), Batman has features already described in this study, that place as one of the first characters created under their direct influence, is a second-banana. And the Joker appears as execrable villain synthesis above the law, whose function is to bring the two vigilantes and establish the true conflict, which enables the new plot.

But the structure of the script is much closer to the Gray Claw, preserving dialogic elements, narrative and even styling and physical imagery of the characters. The Ghost of identity ambiguity, investigated by Bruce Wayne, established with equal chance to the Higgins investigator to meet Kay Tornhill. Just as Kay and Higgins are increasingly coming in the plot of *The Gray Claw*, a relationship that merges attraction and distrust, Wayne and Andrea live their romance. According to Monteiro:

If the plot itself is already good, we see that the end result is bright, when the script tells us that this plot is just the opposite plan of a story even more dense and interesting. With a great merge flashbacks, we return to key moments in the evolution of Bruce Wayne as Batman, as well as its relationship with the stunning Andrea Beaumont, fundamentally important element throughout the long (MONTEIRO, 2015).

For what we consider a better use of investigative actions of *The Gray Claw* in the film *Mask of the Phantasm*, Bruce Wayne figure stands out the actions taken, to enable the utilization of research developed by Higgins in the comics and his approach to the prime suspect of crimes, a bold woman, intelligent and determined to take the law into their own hands. By comparison, scenes are played, or its main ideas are harnessed. The body diagrams of major and minor characters in the film recall the decades 1920-1930, stylish dash Renato Silva in *The Gray Claw*.

Figure 18: Comparative study of romantic couple Wayne Beaumont and / Higgins and Tornhill



Source of illustrations: <<http://www.hobbyconsolas.com/reviews/batman-mascara-fantasma-critica-pelicula-animacion-142342>>; (Armond; SILVA, 2011, p 100.).

Critics point out that trait of clothing, decoration, objects and customs attributed to the influence of noir novels and 1920s cinema ... This influence is present circumstantially in the creation of the Gray Claw, but not part of the situation the years 1990. These elements contrast with the technological updates promoted by adapting the plot and are visible by critics. For Smith:

Set in one Gotham very stylized, like the films shown in Burton, the setting of production is quite Timeless. Despite rely on vehicles and buildings whose designs refer to the 1930s (decade in which the man-bat was created), the characters have access to more advanced computers and technology. Such a decision taken by the directors Bruce Timm and Eric Radomski, ends up giving the viewer a very interesting feeling, in which the film (and hence the series) could pass at any time (Siqueira, 2015).

But watching the art of Renato Silva, clear provenance is this "timeless setting" when the city of Gotham, plays many plans our São Paulo 1930, even with the drizzle in the afternoon. As for walks in the countryside, designed by Silva, are entered in significant portions of Timm animation. However, the scenes in the cemetery are innovative, but serve only to characterize other space country, with potential for exploitation of the work of Armond e Silva.

To better support the thesis presented in this study, we will study the role of women, present in both stories, verifying that the content also brings to the discussion of gender issues permeate the entire twentieth century. To this end, we will establish a comparison between Andrea and Kay, separated by 56 years and the American continent in its design.

Figure 19: Comparative study between scenes with Andrea Beaumont and vignettes with Kay Tornado



Source of illustrations: <<http://www.hobbyconsolas.com/reviews/batman-mascara-fantasma-critica-pelicula-animacion-142342>>; (Armond; SILVA, 2011, pp 60, 94, 62.).

Kay Tornhill born New York, but we see it as an exquisite São Paulo 1930s, a strong personality, athletic, sports practitioner, wrestling, swimming and horse riding, driving his own car and willing to defend his family, whose businesses are questionable to society. Andrea Beaumont, half a century later, it is a bold woman, presented with the speed required to film language, but also aware of its value and ready to defend their city and eventually his family which has implications in the criminal underworld. Both, in time, are so similar in personality and in appearance (Figure 8), also wearing costumes with a very approximate. A closer look allows us to say that you can not create one without knowing the other.

As for Bruce Wayne, becomes a refined and partying home rich 1930s, appearing in many plans coincide with Higgins (Figure 9). Between doubts and certainties, both live the conflict of life that the world offers them and the fight against criminals, which will likely drive them away from the woman he loves.

Figure 20: Comparison of scene with Batman and vignette with Higgins



Source of illustrations: <<http://www.hobbyconsolas.com/reviews/batman-mascara-fantasma-critica-pelicula-animacion-142342>>; (Armond; SILVA, 2011, p. 34).

Both manage to overcome their own personal interest, renouncing love for justice. However, only then the results differ. That is, in the end, The Gray Claw appears as the alter ego of different suspects Mask of the Phantasm. For the reader of this article knows the different outcomes, we suggest reading both works analyzed.

FINAL CONSIDERATIONS

The research that originated this article is not yet complete, since it follows the search for the true identity of Francisco Armond. The partnership between Armond and Silva also led other police genre and horror comic series, later published in *Gazetinha*. But the conclusive findings appear as the field research in the titles in comics and literature survey in

reference works about comics permitted constitute stresses historical, confirming the hypothesis of the influence of the work *The Gray Claw* in comic production mainstream Americans century. XX. Beyond the mere appropriation of imagery scheme, we have vilânico alignment and modus operandi as a reference in creating new villains and vigilantes in three separate comics genres: thriller, horror and fantasy.

The comic artist Renato Silva was considered an eclectic professional and also was known at the time of publication. With aesthetic use of light line, naturalistic features and a theatrical setting, his art in "*The Gray Claw*" create round characters of both sexes, using the resources of the comic language to literally mask the role of the crimes and create a mystery atmosphere where all are likely criminals. The plot scripted by Armond has unprecedented character and personifies the figure of the serial killer, who later gain hegemonic character in the narrative of detective fiction and terror, especially in the United States. Indeed, Renato Silva was above all a virtuoso of the art professional while Armond and other partners took care of the scripts, throughout his career quadrinhística. It was also, in time, a drawing master in Brazil.

As for the animation film *Batman: Mask of the Phantasm*, constitutes a successful start to produce home-video of DC Entertainment, due to its brilliant script and visual appearance of the years 1920-1930, which definitely leave the adaptation of the work *A Gray claw*. There would be no demerit in the appropriation of the fundamental elements of the comic by Timm and Radomsky, since the work was properly made between loans and technical specifications of the animation. But we should also point out that the authorship and origin of *The Gray Claw* were dispelled by the editorial policy of the time and the filmmakers may have concluded that it was a cultural property of unknown origin. It is also not possible to determine whether the access and Timm Radomsky was full because clung to the plot unfolded in the early episodes,

Hovering over this striking setting, we Marilia Helena Bastos Tigre or after her marriage, Helena Ferraz de Abreu. This Brazilian intellectual presents as a mystery aside, sure, will yield a lot of research. The evidence of its production and the use of different pseudonyms permeate the whole Brazilian cultural production in the decades from 1930 to 1970, when prematurely disappeared and left us his eclectic, innovative and critical.

REFERENCES

ALMEIDA, Jaqueline Moraes de. **Madames e mocinhas em revista: corpo, gênero e moda em *A Cigarra* (1940-1955)**. 2015, 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP). Campinas, 2015. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000962812>>. Acesso em 18/02/2017.

ALMEIDA, Jaqueline Moraes de. “A ‘favor’ das mulheres, mas nunca ‘contra’ os homens”: as trajetórias de Elza Marzullo e Helena Ferraz De Abreu. Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores – velhos e novos desafios (XXVIII ANPUH). **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 27 a 31 de julho de 2015. Disponível em:
<http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428365359_ARQUIVO_Afavordasmulheresmasnuncacontraoshomens-Anpuh2015.pdf>. Acesso em 25 de abril de 2017.

ARMOND, Francisco ; SILVA, Renato. **Garra Cinzenta: 1937-1939**. São Paulo: Conrad, 2011.

ASSASSINATOS DA RUA MORGUE, OS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Os_Assassinatos_da_Rua_Morgue&oldid=44558792>. Acesso em: 22 jan. 2016.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu**. 2008. 248 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/pt-br.php>>. Acesso em 25/06/2016.

BATMAN: a máscara do fantasma. Título Original: Batman: Mask of the Phantasm. Direção: Bruce W. Timm; Eric Radomski. Produção: Tom Ruegger; Michael E. Uslan; Benjamin Melkiner; Arnon Milchan. Roteiro: Alan Burnett; Bob Kane. Los Angeles: Warner Brothers. 25 dez. 1993. 1 DVD (76 min.), 4x3 *fullscreen*, colorido.

BLACK TERROR. WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em:
<https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Black_Terror&oldid=786235110>. Acesso em: 28 jun. 2017.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos, linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial**. São Paulo, Criativo, 2016.

CLARK, Alan ; CLARK, Laurel. **Comics: Uma história ilustrada da B.D**. Sacavém: Distri Cultural, 1991.

COCO CHANEL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Coco_Chanel&oldid=49094846>. Acesso em: 21 jun. 2017.

COSER, Raquel. O mistério da Garra Cinzenta. **O Estado de São Paulo: Cultura**. 11 de julho de 2011, 15:23 h., São Paulo: OESP, 2011. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/a-biblioteca-de-raquel/o-misterio-do-garra-cinzenta/>>. Acesso em 20/05/2017.

DOURADO, Francisco. Quem escreveu "A Garra Cinzenta"? E o nascimento de um projeto. **HQ Retrô**. Fortaleza, 13 março 2017. Disponível em: <<http://agaqueretro.blogspot.com.br/2017/03/quem-escreveu-garra-cinzenta-e.html>>. Acesso em 23 jun. 2017.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras/Penguin Books, 2011. ISBN 9788563560308.

GARRA CINZENTA, A. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=A_Garra_Cinzenta&oldid=48528179>. Acesso em: 12 abr. 2017.

GOMBRICH, Ernst H. **Arte e ilusão**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

GOMBRICH, Ernst H. Sobre a interpretação da obra de arte: O quê, o porquê e o como. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 12, n. 13, p. 11-26, dez. 2005.

GONÇALO JÚNIOR. **A Guerra dos Gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos: 1933-64**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONZALEZ, Rodrigo. Dez momentos mais importantes das HQs. **CQB: Quadrinhos Brasileiros**. 2 dez. 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090219215529/http://geocities.com/quadrinhos_cqb/novissima1.htm>. Acesso em 25 de jun. 2017.

GOULART, Ron. **Comic book encyclopedia: the ultimate guide to characters, graphic novels, writers, and artists in the comic book universe**. New York: Harper Collins, 2004.

GOULART, Ron. **Comic book culture: an illustrated history**. Portland: Collectors Press, 2000.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos Quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

IANONNE, Leila Rentroia; IANONNE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Editora Moderna, 1994. (Coleção Desafios)

KICK, Russ (org.) **Cânone Gráfico**: clássicos da literatura universal em quadrinhos - desde a *Epopéia de Gilgamesh* até Shakespeare e *As Ligações Perigosas*. São Paulo: Barricada, 2014. (Coleção Cânone Gráfico, v. 1)

LANDUCCI, Alexandre. Mais de 20 anos desde o melhor filme do Batman: um filme para sacramentar um universo. **Metagene**: Filmes e séries. 06 de abril de 2015. Disponível em: <<http://www.metagene.com.br/mais-de-20-anos-desde-o-melhor-filme-do-batman/>>. Acesso em 25 jun. 2017.

MCCLLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos**: os segredos das narrativas de quadrinhos, mangás e graphic novels. São Paulo: M. Books, 2008.

MODUS OPERANDI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Modus_operandi&oldid=49104050>. Acesso em: 22 jun. 2017.

MONTEIRO, Filipe. Crítica: Batman – A máscara do Fantasma. **Plano Crítico**. Publicado em 6 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.planocritico.com/critica-batman-a-mascara-do-fantasma/>>. Acesso em 25 de maio de 2017.

MOYA, Álvaro de. **Vapt-Vupt**. São Paulo: Clemente e Gramani, 2003.

ROVIN, Jeff. **The Encyclopedia of Super Villains**. New York: Facts On File Publications, 1987.

SAMPIERI, Roberto Hernández ; COLLADO, Carlos Fernández ; LUCIO, Maria Del Pilar Baptista. **Metodologia da Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SHERLOCK HOLMES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sherlock_Holmes&oldid=48917561>. Acesso em: 29 mai. 2017.

SILVA, Diamantino da. **Quadrinhos dourados**: a história dos suplementos no Brasil. São Paulo, SP: Opera Graphica, 2003.

SIMS, Chris. Lord Death Man of ‘Bat-Manga’ Gets Resurrected for ‘Batman, Inc.’. **Comics Alliance**. 20 set. 2010. Disponível em: <<http://comicsalliance.com/lord-death-man-batman-inc/>>. Acesso em 20 abr. 2015.

SIQUEIRA, Thiago. Batman: a máscara do fantasma – críticas. **Cinema com rapadura**. Postado em 2015. Disponível em: <<http://cinemacomrapadura.com.br/criticas/84051/batman-a-mascara-do-fantasma-1993-84051/>>. Acesso em 30 abr. 2017.

SOUZA, Maria Ester Vieira de. **Leitura: entre proibições, desejos e encantamentos**. João Pessoa, UFPB, 2013.

SOUZA, Worney Almeida de. A cidade e seu monstro. In: ARMOND, Francisco ; SILVA, Renato. **Garra Cinzenta**: 1937-1939. São Paulo: Conrad, 2011. p. 5-25.

TIGRE, Manoel Bastos. **Reminiscências: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente.** Brasília: Thesaurus, 1992.

VERGUEIRO, Waldomiro ; SANTOS, Roberto Elísio dos. A Gazetinha e os suplementos de histórias em quadrinhos no Brasil. **Imaginário!** Paraíba: Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games - GP-HQG/UFPB, número 2, dez de 2016. p. 103-124. ISSN 2237-6933. Disponível em: < <http://marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario-11-20/imaginario-11/6-A%20Gazetinha%20e%20os%20suplementos.pdf>>. Acesso em 18 jun. 2017.

VIANA, Nildo. **Quadrinhos e crítica social: o universo ficcional de Ferdinando.** Rio de Janeiro: Pensamento Brasileiro/ Editora Azougue, 2013. (Série Invenção e Crítica)

XAVIER, Cristina Levine Martins. **Spawn: o soldado do inferno** – mito e religiosidade nos quadrinhos. São Caetano do Sul: Difusão, 2004.

ZORRO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Zorro&oldid=49002172>>. Acesso em: 9 jun. 2017.



**ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS:
TEMÁTICA INTERDISCIPLINAR EM
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**



Redes neurais naturais, redes neurais artificiais e habilidades de aprendizagem: sob o ponto de vista cibernético⁶⁶

Natural neural networks, artificial neural networks and learning skills: under the cybernetics viewpoint

Redes neurales naturales, redes neurales artificiales y habilidades de aprendizaje: bajo el punto de vista del cibernético

Oswaldo Sangiorgi⁶⁷

⁶⁶ Recebido em 28/02/19, versão aprovada em 28/03/2019. Originalmente publicado em Esperanto, legendado em Alemão, na seguinte fonte: SANGIORGI, Oswaldo. Neuro-naturaj retoj, neuro-artefaritaj retoj kaj lerninstruprocedo sub kibernetica vidpunkto. **GRKG** – (Grundlagenstudien aus Kybernetik und Geisteswissenschaft) - Internacia Revuo por Modeligo kaj Matematikizo em la Homsciencoj. Berlin/Paderborn: Institut für Kybernetik/Academia Libroservo, v. 51, n. 3, set. 2010. p. 121-126. Traduzido e reproduzido integralmente na Revista Cajueiro, com autorização dos responsáveis pelo periódico e pela família do autor, em 2019.

⁶⁷ 09/05/1921 - 07/07/2017. Graduação tripla pela Universidade de São Paulo - USP, em Matemática, Linguística e Educação (1943), Especialização pela University of Kansas (1960), Mestrado pela University of Kansas (Lawrence, EUA) (1961), Doutorado em Linguística e Matemática pela USP (1973) e Pós-Doutorado pela Universität Gesamthochschule Paderborn (1979).

RESUMO

O objetivo fundamental desta comunicação é desenvolver um paradigma adaptativo, baseado no conceito de Redes Neuro-Artificiais (NAR) para resolver problemas em relação à disciplina de aprendizagem. O conhecimento humano é adquirido por meio de uma rede social analógica ou digital. O cérebro humano se constitui como modelo ideal de processamento de informação, servindo como fundamento do modelo matemático da rede neural-artificial. As propriedades de operabilidade e agradabilidade são essenciais na concepção das mídias e linguagens, com o objetivo da melhor acessibilidade dos usuários das NAR, em diferentes situações de aprendizagem, aprendizado, ensino e compartilhamento de informação e conhecimento em suporte digital. Conclui que, adotando o princípio de que nas aplicações tradicionais de um computador não se pode efetivamente representar uma das grandes habilidades humanas mentais, o NAR é um modelo matemático que tem capacidade de testar novas teorias do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência da Informação. Rede Neural Artificial. Cibernética Pedagógica.

ABSTRACT

The aim of this paper is to develop an adaptive paradigm based on the concept of Neuro-Artificial Networks (NAR) to solve problems in relation to the learning discipline. Human knowledge is acquired through an analog or digital social network. The human brain constitutes itself as an ideal model of information processing, serving as the foundation of the mathematical model of the artificial neural network. The properties of operability and pleasantness are essential in the design of media and languages, with the goal of better accessibility of NAR users, in different situations of e-learning, learning, teaching and sharing information and knowledge in digital support. It concludes that by adopting the principle that in traditional computer applications one cannot effectively represent one of the greatest human mental abilities, NAR is a mathematical model that has the ability to test new theories of knowledge.

KEYWORDS: Information Science. Artificial Neural Network. Pedagogical Cybernetics.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es desarrollar un paradigma adaptativo basado en el concepto de Redes Neuroartificiales (NAR) para resolver problemas relacionados con la disciplina de aprendizaje. El conocimiento humano se adquiere a través de una red social analógica o digital. El cerebro humano se constituye como un modelo ideal de procesamiento de información, sirviendo como la base del modelo matemático de la red neuronal artificial. Las propiedades de operabilidad y placer son esenciales en el diseño de medios y lenguajes, con el objetivo de una mejor accesibilidad de los usuarios de NAR, en diferentes situaciones de aprendizaje electrónico, aprendizaje, enseñanza e intercambio de información y conocimiento en soporte digital. Concluye que al adoptar el principio de que en las aplicaciones informáticas tradicionales no se puede representar efectivamente una de las mayores habilidades mentales humanas, NAR es un modelo matemático que tiene la capacidad de probar nuevas teorías del conocimiento.

PALABRAS CLAVE: Ciencias de la Información. Red Neuronal Artificial. Cibernética Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O objetivo fundamental desta comunicação é desenvolver um paradigma adaptativo, baseado no conceito de Redes Neuro-Artificiais (NAR) para resolver problemas em relação à disciplina de aprendizagem. De acordo com o paradigma, que é usado aqui -NAR - o conhecimento é adquirido por meio de uma rede social analógica ou digital, em sintonia com o que mostra o paradigma convencional, através do qual o conhecimento adquirido é apresentado por uma organização.

Também os conceitos de *inteligência* e sua *medida* estendida, conforme a mesma ordem crescente em que os avanços do cérebro estão avançados. Atualmente, há um ótimo momento da cibernética (Uma ciência que aprende a comunicação e o controle em relação aos vivos e às massas, antes do alto nível de aprendizagem cerebral cruzada - especialmente em sua vida - no presente, em todo um mundo da ciência).

O cérebro humano que pode ser moldado pelo ritmo cardíaco decisivo de natureza racional, é também uma *tarefa aberta* em relação a um problema-desafio neste paradigma escolhido pela NAR nessa comunicação.

COMO O CÉREBRO FAZ O QUE FAZ?

George Boole (1815-1864), no campo da lógica matemática, contribuiu muito para uma resposta teórica através de sua obra "*Legiões do Pensamento*" (1854), criando um sistema axiomático, mais tarde conhecido como Álgebra de Boole, no qual ele expressou *ações do pensamento*, governado pelo cérebro humano. Atualmente, a aplicação desta álgebra usa o computador como o melhor ajudante para o trabalho intelectual do próprio homem. *Alan Turing* e *John von Neumann* sempre indicou, a partir de Boole, a natureza essencial da *inteligência*.

No presente momento da NAR é possível apresentar, mas ainda não na sua totalidade, estudos essenciais para responder à questão acima mencionada. Por esta razão, precisamos considerar algumas informações sobre o cérebro humano. Talvez o cérebro cumpra sua função independentemente de outros órgãos do corpo que sustentam o próprio cérebro. É através de um enorme desafio de bilhões de alvos nervosos - *os neurônios* - que o cérebro transmite substâncias químicas eletrônicas para outros órgãos sensoriais.

A organização de bilhões de neurônios é tão complexa que o cérebro humano gerencia muitos computadores mais rapidamente do que os computadores digitais mais rápidos, por meio desse vasto universo de neurônios ($\sim 10^{12}$) e suas interações ($\sim 10^{16}$). Por sua vez, um fato factual é notado: cada neurônio está reagindo aproximadamente um milhão de vezes mais

lentamente que a porta lógica mais simples do silício. Portanto, a intensidade da pesquisa científica sobre o funcionamento do cérebro é desenvolvida nos centros de pesquisa científica de diferentes países. Nos Estados Unidos, por exemplo, a década de 1990 foi denominada “década do cérebro” (bem como os anos 1960 foram chamados de década da conquista lunar).

Assim, o cérebro - o mais complexo, em relação ao *ambiente*, ao *procedimento* e ao *controle* das notificações - desenvolve um funcional, ainda não totalmente adaptável, que está constantemente exercendo todo o sistema nervoso humano. Tomaso Poggio, matemático e pesquisador científico do Instituto de Tecnologia de Massachussets (IMT), está debruçado sobre o tema desde a década do cérebro (1994), como diretor do Centro de Aprendizagem Biológica e Informática, que une a biologia e a matemática, a fim de construir no futuro o cérebro artificial.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Aqui falaremos sobre o novo campo da pesquisa científica:

- *Neuro-Computação*: um aprendizado tecnológico através do qual os sistemas de procedimentos são estudados, que desenvolvem habilidades autonomamente como uma resposta adaptável ao ambiente da informação. Na verdade, há uma nova maneira de proceder as notificações, ao contrário da computação tradicional, que governou o processo durante os últimos quarenta e cinco anos. *John Hofield* introduziu a imprecisão quando escreveu seu famoso “artigo” em 1986, que também explicava os problemas dos sistemas ou redes neuronais, com a ajuda de matemáticos, biólogos, neurologistas e engenheiros de computação.
- *Redes de Neurônios*: Redes de Neurônios Biológicos ou Redes Neuro-Naturais (NNR): A estrutura do cérebro, como um universo de neurônios interconectados por eixo e creme dental, nos mostra uma rede mais conhecida como *Rede Nuclear* (entendida como biológica) ou NNR. As interconexões correspondem diretamente à função dessa rede; o *aprendizado* da rede se reflete no sangue dessas interconexões.
- *Redes Neuro-Artificiais (NAR)*: Ao contrário das redes neuro-artificiais, existem sistemas de monitoramento feitos com unidades de processo simples, semelhantes aos neurônios biológicos, *interconectados*, bem construídos e bem integrados em um computador. A principal característica do NAR é a enorme

rede interconectada de procedimentos que o compõem. As estruturas NAR atualmente em uso são baseadas na compreensão atual do funcionamento e organização dos sistemas nervosos biológicos.

A aplicação de algoritmos NAR parece ser uma solução apropriada para problemas para os quais os métodos tradicionais ainda não são uma solução prática ou não têm desempenho ou velocidade suficiente. Muitos algoritmos NAR também podem adaptar os pesos (biologicamente associados à sinapse) das interconexões para melhorar o desempenho com base em resultados conhecidos.

Assim, a adaptação ou aprendizado são especialmente os tópicos da pesquisa científica da NAR. O conceito de comunicação NAR usada nesta comunicação é caracterizada pelo seguinte:

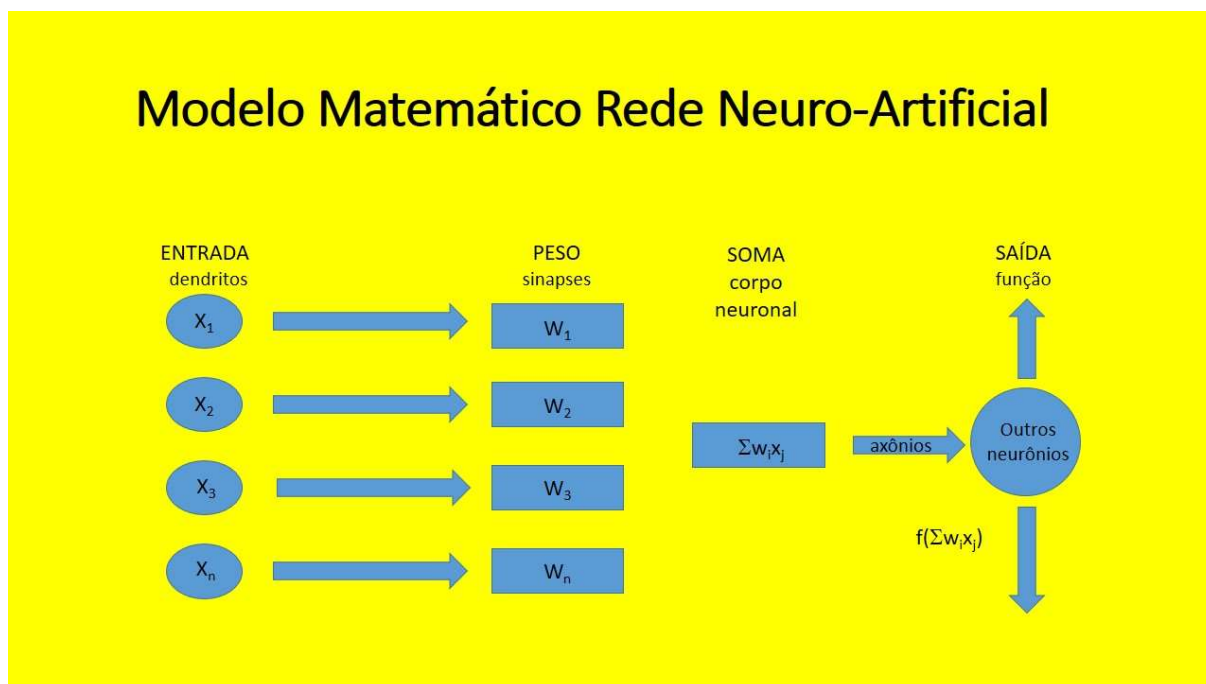
- Grande número de unidades interconectadas muito simples, assim como os neurônios naturais;
- Grande número de comunicações pesadas entre os elementos; os pesos das comunicações codificam o conhecimento da rede;
- Controle distributivo e paralelo;
- Ênfase na aprendizagem automatizada a distância.

O procedimento paralelo foi introduzido em particular para aumentar a eficiência do procedimento (neurônios) para que muitas unidades procedurais, devidamente interconectadas, trabalhassem simultaneamente na mesma memória, participando no tempo.

Ao contrário do que no computador de Von Neumann, ao executar um programa concorrente de ensinamentos sequenciais, o NAR contém muitas hipóteses concorrentes ao mesmo tempo, usando redes de muitas unidades computacionais (neurônios) interconectadas através de conexões de vários pesos (sinapses). Os pesos dessas conexões (agradáveis) codificam o conhecimento da rede (modelo de conexão).

O NAR também pode ser usado para adicionar capacidade aos sistemas de computador, para que possam ler, entender, controlar ou até mesmo tomar decisões. Assim, o NAR, que representa a tecnologia emergente, agora enraizada em muitas ciências, é considerado uma boa ferramenta pela qual se pretende simular o modo pelo qual as pessoas se esforçam. O NAR pode ser descrito como um conjunto de "neurônios" e suas *interconexões*, *ativações* e *funções de transferência*.

Figura 1 - Modelo matemático NAR simples



Fonte: Elaborado por Osvaldo Sangiorgi, em 1998.

Os "neurônios" são individualmente modulados a partir de vários insumos, cada um pesado por um peso específico (sinapse, W_i , S). O resultado deste resumo é uma entrada para uma função de transferência $f(\sum w_i x_j)$, também chamada de função de saída, cuja saída (axônios) é a saída do próprio "neurônio".

A sinapse ou pesos, o aprendizado da NAR, é uma medida de importância de suas respectivas vias "neurônais". Para aprender a resolver um problema, o NAR requer apenas exemplos específicos, compostos de valores de entrada e os respectivos valores de saída do problema, para os quais nenhuma programação particular é necessária. Alguém basicamente ensina a responder os exemplos específicos corretamente, e depois disso o NAR fará regras para funcionar bem no universo de situações que são similares aos exemplos dados; assim, generaliza as regras dadas.

O modo como os neurônios estão interconectados tem um aspecto cibernético no funcionamento da rede. A partir da especificação das comunicações, é o tipo de *procedimento que ocorrerá*. O tipo mais normal de procedimento de retroajuste conecta todas as unidades de uma camada a todas as unidades da camada anterior.

Em cada junção na entrada do "neurônio" há um peso que é análogo ao neurônio real. O peso controla o modo como o respectivo sinal de entrada afeta o "neurônio". O peso de

uma conexão particular é representado por W_{ij} , onde i é o "neurônio" receptor e j é o "neurônio" enviado.

O axônio (canal de saída) pode realizar funções matemáticas complexas; seu ponto de origem é usado para criar *impulsos* através de um axônio, a partir da *soma*. O impulso atravessa a rede, de 0,5 m / seg a 100 m / seg.

Para concluir esta informação sobre NAR - Redes Neuro-Artificiais, deve-se mencionar Tomasso Poggio, que está nos periódicos "Current Biology" e "Neural Computation" (1995):

As redes neuro-artificiais não se parecem em nada com as redes neurais biológicas; são apenas expressões matemáticas. Mas esse tipo de rede tem uma interpretação justa dos neurônios.

OPERABILIDADE

Informações sobre processos psicológicos de aprendizagem e condicionamento físico serão necessariamente utilizadas para o funcionamento da NAR, relacionadas a problemas do processo de aprendizagem e aprendizado. Alguns tipos de pesos referem-se a conceitos de lógica formal ou aritmética (por exemplo: fazer um balanço em um cecotal); mas a maioria de nossos pensamentos, como um lembrete de coisas ou eventos do passado, ou como decidir o que pedir em um restaurante, envolve outras questões processuais.

O uso da linguagem ou o reconhecimento de imagens e pessoas ainda são tarefas mais complexas. Tentativas de fazer computadores convencionais fazer essas tarefas ainda não foram bem-sucedidas, no entanto, é possível realizar essas tarefas, na verdade, facilmente, mesmo se não pensar em como operá-los, estes são fatos que estão sendo estudados pelo *conhecimento*.

A palavra *agradabilidade* refere-se às habilidades do nível da mentalidade: os procedimentos de conhecimento, a percepção de pensamentos ou percepções, a compreensão e o raciocínio. Hoje em dia, a consciência relaciona os estados mentais com algumas outras funções mentais. Ao unir o conhecimento de cibernéticos, neurocientistas, cientistas da computação, linguistas e outros especialistas, os cientistas esperam encontrar um conjunto básico de processos mentais que expliquem o modo como nossos pensamentos e sentimentos emergem da atividade física de nosso cérebro.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que nas aplicações tradicionais de um computador não se pode efetivamente representar uma das grandes habilidades humanas mentais, que é a capacidade de analisar o ambiente circundante e compará-lo a um modelo mental do mundo. Mas o NAR, no entanto, tem uma capacidade inata de inserir informações, relacioná-las a outras informações e generalizar todas as informações. Desta forma, o NAR pode ser usado para testar novas teorias do conhecimento. Em parte, a razão para construí-las é testar algumas das ideias atuais de pesquisa em ciências biológicas e novas teorias baseadas em matemática, como o Centro de Biologia e Ciência da Computação, uma área central de pesquisa durante a década do cérebro nos Estados Unidos.

A cognição humana parece ser um processo sucessivo, quando é entendido sob um ponto de vista que leva segundos e minutos.

Por exemplo: você tem uma ideia, então você pode pensar, então você pode revisá-la, expressá-la e até jogá-la fora. Nesse processo, tudo acontece, mais ou menos, por dois ou três segundos. Mas ambos, computadores e cérebros biológicos, são muito lentos, se compararmos a velocidade do pensamento humano, se usarmos um procedimento em que vamos passo a passo.

O que realmente parece ser um procedimento sucessivo é um sistema paralelo interconectado. É suficiente considerar o exemplo clássico de digitar uma palavra. Um datilógrafo bem treinado antecipará a próxima letra e colocará um dedo na posição de digitação, mesmo antes de terminar a digitação da palavra. A decisão de digitar uma palavra é uma decisão simples que traz à mente cada letra da palavra; quando uma letra é digitada individualmente, ao mesmo tempo, as mãos e cada dedo já estão preparados para as letras seguintes. Este é um exemplo de um processo paralelo, quando muitas coisas são consideradas, processadas e enviadas simultaneamente.

Se todos os dedos estiverem prontos para digitar suas respectivas letras, por que não o fazer ao mesmo tempo? Isso se refere à maneira como cada vocabulário está mentalmente relacionado às outras letras.

No NAR, isso realmente se referiria ao modelo de pesos de sinapse, que é a maneira pela qual os "neurônios" se interconectam. Imaginemos que a partida do "neurônio", que se origina da digitação da primeira letra, impeça toda a atividade do "neurônio da segunda letra, assim como o neurônio da terceira letra, e assim por diante. Portanto, se o primeiro "neurônio"

for ativado, o segundo será menos ativo que o primeiro, o terceiro será ainda menos ativo que o segundo e, portanto, para os outros "neurônios". Portanto, o dedo da primeira letra aciona a chave, enquanto o dedo da segunda letra ainda está se preparando para ela.

Após a atividade do primeiro "neurônio" e após a operação da respectiva chave, o segundo "neurônio" ficará mais ativo, o terceiro será menos ativo que o segundo e assim por diante. Desta forma, a estrutura sequencial de nivelamento nos é apresentada como resultado de interconexões inibitórias dos "neurônios".

REFERÊNCIAS

- ARISAWA, R; WATADA, J. Enhanced back-propagation and its applications to business evaluation. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON NEURAL NETWORKS (IEEE), 1994, Orlando, USA. **Anais [...]**, Orlando, FL, USA: IEE, jun. 1994. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/document/374127>. Acesso: jan. 2019.
- HOPPIFLELD, J.J.; TANK, D. W. Computing with Neural Circuits: a model. **Proceedings of the National Academy of Science**, vol. 233, n. 4764, aug. 1986. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/19407192_Computing_with_Neural_Circuits_A_Model. Acesso: maio 2019.
- KOVACS, Z. L. Reliability Aspects of a Neural Network Based Process Controlsystem. **Proceedings of the COMCON**, v.3, Victoria, Canada, 1991.
- KOVACS, Z. L. **Redes Neurais Artificiais: fundamentos e aplicações**. São Paulo: Editora Acadêmica, 1996
- MINSKY, M., PAPPERT, S. **Perceptrons**. Oxford, England: MIT Press, 1964.
- PARK, J.; SANDBERG. I. W. Universal approximation using radial basis function network. **Neural Computation**. v.3, p. 246-257, 1991. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.461.8356&rep=rep1&type=pdf>. Acesso: fev. 2019.
- RUMELHART, D. E.; HINTON, G.; WILLIAMS, R. W. Learning internal representations by Error Propagation. In: **Parallel Distributed Processing: explorations in the microstructure of cognition**. Cambridge: MIT Press, 1986.
- SANGIORGI, O. Neuro-naturaj retoj, neuro-artefaritaj retoj kaj lerninstruprocedo sub kibernetica vidpunkto. **GRKG – (Grundlagenstudien aus Kybernetik und Geisteswissenschaft) - Internacia Revuo por Modeligo kaj Matematikizo em la Homsciencoj**. Berlin/Paderborn: Institut für Kybernetik/Academia Libro servo, v. 51, n. 3, set. 2010. p. 121-126.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

Natural neural networks, artificial neural networks and learning skills: under the cybernetics viewpoint ⁶⁸

Oswaldo Sangiorgi⁶⁹

INTRODUCTION

The fundamental objective of this paper is to develop an adaptive paradigm based on the concept of Neuro-Artificial Networks (NAR) to solve problems in relation to the learning discipline. According to the paradigm, which is used here -NAR - knowledge is acquired through an analog or digital social network, in line with what the conventional paradigm shows, through which acquired knowledge is presented by an organization.

Also, the concepts of intelligence and their extended measure, in the same ascending order in which the advances of the brain are advanced. Today is a great time for cybernetics (A science that learns communication and control over the living and the masses, before the high level of cross-brain learning - especially in your life - in the present, in a whole world of science).

The human brain that can be shaped by the rational heart rate of rational nature is also an open task in relation to a challenge problem in this paradigm chosen by NAR in this communication.

HOW DOES BRAIN DO WHAT IT DOES?

George Boole (1815-1864), in the field of mathematical logic, contributed greatly to a theoretical response through his work "Legions of Thought" (1854), creating an axiomatic

⁶⁸ Received on 02/28/19, version approved in 03/28/2019. Originally published in Esperanto, subtitled in German, from the following source: SANGIORGI, Oswaldo. Neuro-naturaj retoj, neuro-artefaritaj retoj kaj lerninstruprocedo sub kibernetika vidpunkto. GRKG – (Grundlagenstudien aus Kybernetik und Geisteswissenschaft) - Internacia Revuo por Modeligo kaj Matematikizo em la Homsciencoj. Berlin/Paderborn: Institut für Kybernetik/Academia Libroservo, v. 51, n. 3, set. 2010. p. 121-126. Translated and reproduced in its entirety in Revista Cajueiro, with permission of the authors of the journal and the author's family, in 2019.

⁶⁹ 09/05/1921 - 07/07/2017. Triple degree from the University of São Paulo - USP, in Mathematics, Linguistics and Education (1943), specialization from the University of Kansas (1960), master's degree from the University of Kansas (Lawrence, USA) (1961), PhD in Linguistics and Mathematics from USP (1973) and postdoctoral degree from the Universität Gesamthochschule Paderborn (1979).

system, later known as Boole Algebra, in which he expressed thought actions, governed by the human brain. Today, the application of this algebra uses the computer as the best helper for man's own intellectual work. Alan Turing and John von Neumann always indicated from Boole the essential nature of intelligence.

At the present time of NAR it is possible to present, but not yet in its entirety, essential studies to answer the above question. For this reason, we need to consider some information about the human brain. Perhaps the brain performs its function independently of other organs of the body that support the brain itself. It is through a huge challenge of billions of nerve targets - the neurons - that the brain transmits electronic chemicals to other sensory organs.

The organization of billions of neurons is so complex that the human brain manages many computers faster than faster digital computers, through this vast universe of neurons ($\sim 10^{12}$) and their interactions ($\sim 10^{16}$). In turn, a factual fact is noted: each neuron is reacting approximately one million times slower than silicon's simplest logic gate. Therefore, the intensity of scientific research on brain functioning is developed in the scientific research centers of different countries. In the United States, for example, the 1990s were called the "brain decade" (just as the 1960s were called the lunar conquest decade).

Thus, the brain — the most complex in terms of the environment, the procedure, and the control of notifications — develops a functional, yet not fully adaptable, function that is constantly exerting the entire human nervous system. Tomaso Poggio, a mathematician and scientific researcher at the Massachusetts Institute of Technology (MIT), has been addressing the topic since the brain decade (1994), as director of the Center for Biological and Computer Learning, which links biology and mathematics, order to build the artificial brain in the future.

THEORETICAL FOUNDATIONS

Here we will talk about the new field of scientific research:

- **Neuro-Computing:** A technological learning through which procedural systems are studied, which develop skills autonomously as an adaptive response to the information environment. In fact, there is a new way to proceed with notifications, unlike traditional computing, which has governed the process for the last forty-five years. John Hofield introduced inaccuracy when he wrote his famous "article" in 1986, which also

explained the problems of neuronal systems or networks, with the help of mathematicians, biologists, neurologists, and computer engineers.

- Neuron Networks: Biological Neuron Networks or Neuratural Networks (NNR): The structure of the brain, as a universe of neurons interconnected by axis and toothpaste, shows us a network better known as Nuclear Network (understood as biological) or NNR. The interconnections correspond directly to the function of this network; network learning is reflected in the blood of these interconnections.
- Neuro-Artificial Networks (NAR): Unlike neuro-artificial networks, there are monitoring systems made with simple process units, similar to well-constructed, well-built, well-integrated biological neurons in a computer. The main feature of NAR is the huge interconnected network of procedures that compose it. NAR structures currently in use are based on the current understanding of the functioning and organization of biological nervous systems.

Applying NAR algorithms seems to be an appropriate solution to problems for which traditional methods are not yet a practical solution or lack sufficient performance or speed. Many NAR algorithms can also adapt the interconnect weights (biologically associated with the synapse) to improve performance based on known results.

Thus, adaptation or learning is especially the topic of NAR's scientific research. The concept of NAR communication used in this communication is characterized by the following:

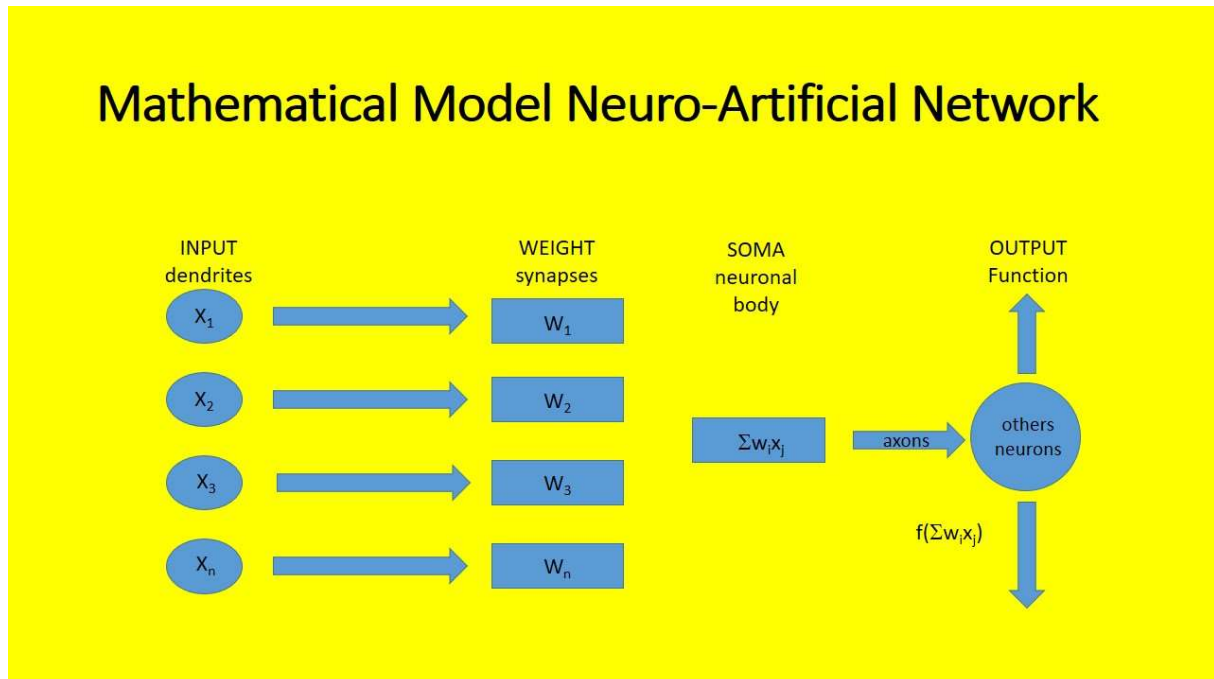
- Large number of very simple interconnected units, as well as natural neurons;
- A large number of heavy communications enter the elements; the weights of communications encode network knowledge;
- Distributive and parallel control;
- Emphasis on automated distance learning.

The parallel procedure was introduced in particular to increase the efficiency of the procedure (neurons) so that many procedural units, properly interconnected, worked simultaneously in the same memory, participating in time.

Unlike in von Neumann's computer, when running a concurrent program of sequential teachings, NAR contains many concurrent hypotheses, using networks of many

computational units (neurons) interconnected through connections of various weights (synapses). The weights of these (nice) connections encode network knowledge (connection model).

Figure 1: Simple NAR Mathematical Model



Source: Prepared by Osvaldo Sangiorgi in 1998.

NAR can also be used to add capacity to computer systems so they can read, understand, control, or even make decisions. Thus, NAR, which represents emerging technology, now rooted in many sciences, is considered a good tool by which to simulate the way people strive. NAR can be described as a set of "neurons" and their interconnections, activations and transfer functions.

"Neurons" are individually modulated from various inputs, each weighed by a specific weight (synapse, W_i , S). The result of this summary is an input to a transfer function $f(\sum w_i x_j)$, also called an output function, whose output (axons) is the output of the "neuron" itself.

Synapse or weights, the learning of NAR, is a measure of importance of their respective "neuronal" pathways. To learn how to solve a problem, NAR requires only specific examples, composed of input values and their problem output values, for which no particular programming is required. Someone basically teaches how to answer specific examples

correctly, and after that NAR will make rules to work well in the universe of situations that are similar to the given examples; thus, generalizes the rules given.

The way neurons are interconnected has a cybernetic aspect to network operation. From the specification of communications, it is the type of procedure that will occur. The most common type of retrofit procedure connects all units of a layer to all units of the previous layer.

At each junction at the entrance of the "neuron" there is a weight that is analogous to the actual neuron. Weight controls how its input signal affects the "neuron." The weight of a particular connection is represented by W_{ij} , where i is the receiving "neuron" and j is the sent "neuron".

The axon (output channel) can perform complex mathematical functions; Its point of origin is used to create impulses through an axon from the sum. The pulse crosses the net from 0.5 m / sec to 100 m / sec.

To conclude this information about NAR - Neuro-Artificial Networks, it should be mentioned Tomasso Poggio, who is in the journals "Current Biology" and "Neural Computacion" (1995):

Neuro-artificial networks are nothing like biological neural networks; they are just mathematical expressions. But this kind of network has a fair interpretation of neurons.

OPERABILITY

Information on psychological learning processes and fitness will necessarily be used for the functioning of the NAR, related to learning process problems. Some types of weights refer to concepts of formal or arithmetic logic (for example: taking a cecotal balance); but most of our thoughts, as a reminder of past things or events, or how to decide what to order in a restaurant, involve other procedural issues.

Using language or recognizing images and people is still a more complex task. Attempts to make conventional computers do these tasks have not yet been successful, however, it is possible to accomplish these tasks easily indeed, even if you do not think how to operate them, these are facts that are being studied by knowledge.

The word pleasantness refers to mentality-level skills: the procedures of knowledge, the perception of thoughts or perceptions, the understanding and reasoning. Nowadays, consciousness relates mental states to some other mental functions. By bringing together the knowledge of cybernetics, neuroscientists, computer scientists, linguists, and other experts,

scientists hope to find a basic set of mental processes that explain the way our thoughts and feelings emerge from the physical activity of our brain.

FINAL CONSIDERATIONS

It is well known that in traditional computer applications one cannot effectively represent one of the great human mental abilities, which is the ability to analyze the surrounding environment and compare it to a mental model of the world. But NAR, however, has an innate ability to enter information, relate it to other information, and generalize all information. In this way, NAR can be used to test new theories of knowledge. Partly, the reason for building them is to test some of the current ideas of life science research and new mathematical-based theories, such as the Center for Biology and Computer Science, a central area of brain research during the United States.

Human cognition seems to be a successive process when it is understood from a point of view that takes seconds and minutes.

For example, you have an idea, so you can weigh it, so you can revise it, express it, and even throw it away. In this process, everything happens for about two or three seconds. But both computers and biological brains are very slow if we compare the speed of human thinking, if we use a procedure where we go step by step.

What really seems to be a successive procedure is an interconnected parallel system. It is sufficient to consider the classic example of typing a word. A well-trained typist will anticipate the next letter and place a finger in the typing position even before the word is finished typing. The decision to type a word is a simple decision that brings to mind every letter of the word; When a letter is typed individually at the same time, the hands and each finger are already ready for the next letters. This is an example of a parallel process, when many things are considered, processed and sent simultaneously.

If all fingers are ready to type their letters, why not do it at the same time? This refers to the way each vocabulary is mentally related to the other letters.

In NAR, this would really refer to the synapse weight model, which is the way "neurons" interconnect. Suppose that the departure of the "neuron", which originates from the typing of the first letter, impedes all activity of the "second letter neuron, as well as the third letter neuron, and so on. Therefore, if the first" neuron " is activated, the second will be less active than the first, the third will be even less active than the second, and therefore for the other

“neurons.” Therefore, the first letter finger activates the key, while the second letter finger still is getting ready for her.

After the activity of the first "neuron" and after the operation of the respective key, the second "neuron" will become more active, the third will be less active than the second, and so on. In this way, the sequential leveling structure is presented to us as a result of inhibitory "neuron" interconnections.

REFERENCES

ARISAWA, R; WATADA, J. Enhanced back-propagation and its applications to business evaluation. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON NEURAL NETWORKS (IEEE), 1994, Orlando, USA. **Anais [...]**, Orlando, FL, USA: IEE, jun. 1994. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/document/374127>. Acesso: jan. 2019.

HOPPIFLELD, J.J.; TANK, D. W. Computing with Neural Circuits: a model. **Proceedings of the National Academy of Science**, vol. 233, n. 4764, aug. 1986. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/19407192_Computing_with_Neural_Circuits_A_Model. Acesso: maio 2019.

KOVACS, Z. L. Reliability Aspects of a Neural Network Based Process Controlsystem. **Proceedings of the COMCON**, v.3, Victoria, Canada, 1991.

KOVACS, Z. L. **Redes Neurais Artificiais: fundamentos e aplicações**. São Paulo: Editora Acadêmica, 1996

MINSKY, M., PAPPERT, S. **Perceptrons**. Oxford, England: MIT Press, 1964.

PARK, J.; SANDBERG. I. W. Universal approximation using radial basis function network. **Neural Computation**. v.3, p. 246-257, 1991. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.461.8356&rep=rep1&type=pdf>. Acesso: fev. 2019.

RUMELHART, D. E.; HINTON, G.; WILLIAMS, R. W. Learning internal representations by Error Propagation. In: **Parallel Distributed Processing: explorations in the microstructure of cognition**. Cambridge: MIT Press, 1986.

SANGIORGI, O. Neuro-naturaj retoj, neuro-artefaritaj retoj kaj lerninstruprocedo sub kibernetica vidpunkto. **GRKG – (Grundlagenstudien aus Kybernetik und Geisteswissenschaft) - Internacia Revuo por Modeligo kaj Matematikizo em la Homsciencoj**. Berlin/Paderborn: Institut für Kybernetik/Academia Libroservo, v. 51, n. 3, set. 2010. p. 121-126.



**ESTUDOS DE CASO E RELATOS DE
PESQUISA: NARRATIVA SEQUENCIAL
GRÁFICA EM ANÁLISE**



**O que dizem as leitoras de histórias em quadrinhos
de super-heróis sobre essa leitura⁷⁰**

*What do ladies who read superhero comic books have
to say about this reading*

*Lo que dicen las lectoras de historietas de superhéroes
sobre esa lectura*

Rubem Borges Teixeira Ramos⁷¹

⁷⁰ Recebido em 20/03/19, aceito em 29/04/19.

⁷¹ Graduado em Ciência da Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Especialista em Gestão Estratégica da Informação, Mestre e Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é professor do curso de Gestão da Informação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

RESUMO

Estudo realizado junto a mulheres leitoras de histórias em quadrinhos do gênero de super-heróis, focando-se para isso as duas maiores editoras do gênero na atualidade (Marvel e DC Comics). Procurou-se entender de que maneiras a leitura desse gênero específico de quadrinhos acaba por repercutir junto ao público feminino. Os significados e sentidos atribuídos a esses personagens e a essa leitura foram interpretados a luz da Etnometodologia, corrente sociológica que se interessa pela compreensão quanto aos modos como os indivíduos constroem a realidade social onde se inserem, assim como da Ciência da Informação, campo do conhecimento que procura, dentre outros, identificar e compreender a introjeção do conhecimento, nesse caso oriundo do ato da leitura das histórias em quadrinhos. Conclui-se que as leitoras se apropriam dos conhecimentos veiculados pelos personagens de quadrinhos diante da leitura realizada, empregando posteriormente um ou mais dos conteúdos a que tiveram acesso nessa leitura em diversos cenários e situações de seu cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em quadrinhos; Leitores; Etnometodologia; Introjeção do conhecimento

ABSTRACT

This article is the result of a study of women comic book readers of the superhero genre, focusing on the two largest publishers of the genre today (Marvel and DC Comics). We tried to understand in what ways the reading of this specific genre of comics ends up having repercussions among the female audience. The meanings and meanings attributed to these characters and this reading were interpreted in the light of ethnomethodology - sociological current that is interested in understanding the ways in which individuals construct the social reality in which they are inserted - and the Information Science - field of knowledge that It seeks, among others, to identify and understand the introjection of knowledge, in this case from the act of reading comic books. It is concluded that the readers appropriate the knowledge conveyed by the comic book characters in the face of the reading performed, later employing one or more of the contents to which they had access in this reading in various scenarios and situations of their daily lives.

KEYWORDS: Comics; Readers; Ethnomethodology; Knowledge Introjection

RESUMEN

Este artículo es el resultado de un estudio de mujeres lectores de tebeos (cómic) del género de superhéroes, que se centra en las dos editoriales más grandes del género actual (Marvel y DC Comics). Tratamos de entender de qué manera la lectura de este género específico de cómic termina teniendo repercusiones entre el público femenino. Los significados y significados atribuidos a estos personajes y esta lectura fueron interpretados a la luz de la etnometodología, corriente sociológica que está interesada en comprender las formas en que los individuos construyen la realidad social en la que se insertan, y el campo de conocimiento de la ciencia de la información que Busca, entre otros, identificar y comprender la introyección del conocimiento, en este caso a partir del acto de leer cómic. Se concluye que los lectores se apropian del conocimiento transmitido por los personajes del cómic frente a la lectura realizada, luego emplean uno o más de los contenidos a los que tuvieron acceso en esta lectura en diversos escenarios y situaciones de sus vidas cotidianas.

PALABRAS CLAVE: Tebeos; Lectores; Etnometodología; Introyección del Conocimiento.

INTRODUÇÃO

A leitura é uma ação e um fenômeno significativo para diversas pessoas, já que também através dela, os indivíduos se tornam aptos a compreender fatos, fenômenos e acontecimentos pertinentes ao seu cotidiano e a sua existência. Atualmente, percebe-se a leitura não como um ato passivo, ou uma simples decodificação de letras e caracteres dispostos em uma sequência ordenada, mas sim compreender o ato da leitura através do viés de teorias e postulados de algumas áreas do conhecimento, as quais potencializam os olhares e interpretações quanto a importância e a influência da leitura.

Entretanto, ao se considerar estudos e pesquisas sobre a leitura, é possível se observar um paradoxo: assumindo que os textos possuem como propósito a leitura por um número de leitores, por que até recentemente pouco se abordava a figura daquele que lê? De fato, a quantidade de artigos, pesquisas e estudos acadêmicos e científicos, oriundos de diversas áreas do conhecimento, procuram tecer considerações focadas sobremaneira junto análise do conteúdo presente nos textos – sua forma, estética, linguagem, período em que foram produzidos, entre outros – a figura do leitor é muitas vezes relegada a um patamar secundário. Dessa forma, ainda é uma constatação a diminuta existência de trabalhos e teorias empregadas visando compreender o indivíduo que pratica a leitura, ou seja, o leitor.

Esse número é ainda mais reduzido no que tange a investigação e a compreensão da leitura voltada a parcelas da sociedade, como, por exemplo, das leitoras. Ao focar as mulheres e a leitura, Buarque (2006) aponta um crescimento do número de leitoras brasileiras. E mesmo em se tratando de histórias em quadrinhos de super-heróis, tradicional reduto de leitura masculino, estudiosos como Schenker (2014) defendem o crescimento exponencial das mulheres que apreciam as histórias da Marvel e da DC Comics.

O presente artigo se propõe a identificar mulheres que apreciam este gênero e seus personagens, procurando compreender a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis e os contextos, sentidos e motivações que as levam a realizar esta leitura, demonstrando assim a introjeção do conhecimento presente nestas leituras por parte destas leitoras.

A LEITURA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A leitura, embora seja enquadrada como um ato racional, não é uma ação exclusiva do intelecto humano. Seu início pode ser atribuído a processos cognitivos, de reflexão e ponderamento na mente individual. Porém, a leitura também advém da presença e participação em um ou mais contextos, bem como dos relacionamentos estabelecidos consigo mesmo quanto com outros indivíduos, representando de forma própria ou coletiva um papel de destaque junto a existência humana.

Iser (1996-1999), em seus estudos sobre a leitura, procura compreender os possíveis efeitos que uma obra apresenta para com seu leitor. Para tanto, ele defende um texto não se finda em si mesmo, sendo o leitor aquele que se envolve de forma contínua na elaboração de indagações acerca do que o texto porventura omite. Essas lacunas entre texto e leitor desencadeiam o processo de leitura, dinâmico por natureza, que permite a um leitor reelaborar uma leitura, a partir de inferências que estabelece junto a elementos de sua própria realidade, procedendo-se assim a um estímulo, o que faz com que o leitor possa ser direcionado para além do texto que está em sua frente. Dessa forma, percebe-se um estímulo inerente a ação leitura, que é o de permitir ao leitor reelaborar a leitura realizada através de reflexões, pensamentos e inferências com a realidade. Portanto, um texto não pode deter exclusividade de sentido em si próprio, fazendo assim com que o leitor forneça o significado e a relevância quanto a leitura empreendida.

Destacando-se a figura do leitor, Chartier (2003) o introduz como um ser em formação contínua, a qual ocorre por meio de processos de atribuição pessoal, no contato estabelecido junto a bens culturais, como textos e livros, dentre outros. Ainda que duas ou mais pessoas realizem a leitura de uma mesma história, elas podem apresentar diferentes visões e interpretações sobre a leitura empreendida. Isso ocorre pelo fato de que a prática da leitura leva a construção de trajetórias de ideias, que muitas vezes podem ser pessoais e complexas. O autor nomeia essa prática como apropriação, também compreendida como a habilidade que os leitores demonstram ao refletir sobre uma ou mais leituras realizadas, correlacionando-as e lhes atribuindo múltiplos significados e sentidos.

A Ciência da Informação é uma das áreas do conhecimento que versa sobre a leitura. Em seus estudos, o leitor é encarado como um ser ativo, o qual é capaz de se valer da leitura no intuito de realizar interpretações e conferir significados e sentidos a sociedade em que vive e ao mundo como um todo. Isso é possível ao se considerar que a leitura realizada proporciona ao leitor um convite inerente para se deslocar a um ponto além do texto

propriamente lido, através das comparações e confrontos entre este e o seu próprio ambiente cotidiano. Visando compreender aquilo que foi lido, faz-se necessário ao leitor ir além, justificando assim a variação pertinente quanto as possíveis interpretações de uma mesma leitura empreendida.

É a figura do leitor, que carrega consigo uma série de interesses, conhecimentos e objetivos, quem determina sua relação com o texto lido. E, é claro, a escolha sobre o que ler recai nos ombros do leitor. Segundo Dumont (2007, p.2), os fatores preponderantes para a realização dessa escolha estão intrinsecamente ligados “[...] a motivação, o contexto e historicidade do leitor e o sentido dado a cada palavra pelo autor e, posteriormente, pela leitura do leitor”. A esse raciocínio podem ser acrescidos os pensamentos de outros estudiosos da área de Ciência da Informação, como Bari (2008), que ressalta o vínculo estabelecido entre leitura e as experiências de vida proporcionadas pela mesma junto a seus leitores, como também de outras áreas, igualmente relevantes para a compreensão do ato de ler.

O processo de apropriação da informação é deveras interessante a Ciência da Informação, uma vez que esta área do conhecimento também se dedica ao estudo e a compreensão de práticas sociais que envolvam em seu desenvolvimento tanto a construção de significados como a produção e atribuição de sentidos pelos indivíduos. Dumont e Pinheiro (2015) estabelecem esse raciocínio focando a leitura como um fenômeno social, a qual é empregada pelas pessoas na tentativa de compreender os eventos e os acontecimentos relativos ao mundo. A leitura fornece a capacidade de criar e recriar o universo, oferecendo assim as possibilidades de endossar ou mesmo de mudar conhecimentos previamente estabelecidos, ao confrontar estes com dados e informações advindas do processo de leitura.

ETNOMETODOLOGIA E LEITURA

A etnometodologia é uma vertente das ciências sociais, que se dedica ao estudo e a compreensão dos indivíduos durante a execução de suas ações diárias, assim como os modos pelos quais estas ações expressam algum sentido. A realidade é construída de forma social pelos indivíduos, portanto parte constituinte das vidas cotidianas de casa pessoa. Em diversos momentos do dia a dia, é possível compreender as construções sociais que permeiam as ações sociais, tais como conversas, gestos, expressões e formas de comunicação, linguagem, dentre outras.

Seu criador, o sociólogo Harold Garfinkel, idealizou um estudo nos EUA que envolveu jurados de cortes daquele país. Seu objetivo era entender como os leigos que

constituíam os juris incorporavam procedimentos e técnicas pertinentes a esse ambiente, o que posteriormente foi aceito como metodologia científica pela sociologia. Tais procedimentos exibiam a preocupação junto a montagem de relatos adequados (*accountable*) no que tange as suas atividades enquanto membros da corte. Garfinkel então realizou que os jurados praticavam uma **metodologia do senso comum**, onde o termo ‘etno’ se refere a um conhecimento de senso comum, empregado por um ou mais indivíduos com objetivos específicos, e o termo ‘metodologia’ às formas com que o senso comum atua junto à representação corrente do mundo e das ações analisadas. Portanto, pode-se concluir que etnometodologia é o estudo da lógica do senso comum.

Estudos que se pautam pela etnometodologia como técnica e referencial primam por uma observação do objeto de pesquisa levando-se em consideração a diversidade de termos e de conceitos com os quais as pessoas comuns podem ser entendidas como sociólogas de si mesmas e de sua realidade. Ao se focar um grupo de leitores, bem como a leitura por eles empreendida e os seus desdobramentos – especificamente a introjeção do conhecimento contido nessa leitura por parte do leitor e as possibilidades de uso posterior em um ou mais aspectos da vida – ambos podem ser investigados tomando por base os preceitos etnometodológicos, aliados a compreensão existente na Ciência da Informação, a qual valoriza a capacidade do leitor de descobrir, articular e manifestar o conhecimento adquirido pela leitura.

Tendo por base a construção do senso comum, como proposto pela etnometodologia, aplicada com destaque junto a leitoras do gênero de histórias em quadrinhos de super-heróis, torna-se viável compreender as formas como as mulheres, mesmo não sendo o público predominante a exercer esta leitura em particular, reconhecem e exibem conexões entre a narrativa que permeia os diversos personagens desses quadrinhos, a qual veicula ações, eventos, fenômenos e fatos ou acontecimentos de suas vidas. Para tanto, recorre-se aos cinco termos-chave da etnometodologia:

- A. Ações práticas ou realização:** indica a experiência e as realizações práticas dos membros de um grupo em seu contexto cotidiano. Dessa forma, é imprescindível acessar e entender o contexto e o cotidiano desses membros, visando entender a leitura dos quadrinhos e sua posterior interpretação, como uma ação ou fenômeno social construído pela leitora no cotidiano. Compreender a leitura requer tempo e atenção dedicados a capacidade demonstrada pelas leitoras em (re)construir, (re)descobrir e (re)significar seus atos.

- B. Indexalidade / Indicialidade:** Tudo aquilo que envolve uma palavra, um termo ou uma situação. Isso porque uma mesma palavra pode exibir um significado de modo genérico, mas também um significado distinto, quando vista em um ou mais contextos específicos. Aplicada às leitoras, permite contemplar as falas que as mesmas compartilham quanto ao reconhecimento de falas, conversas, indagações e outras manifestações dos personagens dos quadrinhos, bem como as relações estabelecidas entre a apropriação de uma ou mais dessas falas e a reaplicação das mesmas, em contextos reais.
- C. Reflexividade:** O melhor exemplo do princípio ação – reação aplicado. Refere-se a uma ou mais práticas (como discursos ou ações sociais) de um grupo e sua força ou influência sobre seus membros. Uma mesma ação – como a leitura dos quadrinhos – apresentam nuances e particularidades que podem ser analisadas no intuito de se entender a realidade social das leitoras. Quando então se referem a leitura empreendida, elas se mostram capazes de apontar as marcas existentes no e **com** o seu ambiente social.
- D. Noção de Membro:** Um membro é o ator social que compartilha a linguagem de um grupo, ainda que possa não pertencer ao mesmo ou dividir os mesmos espaços geográficos. A noção de membro é fundamental para a etnometodologia, pois através dela é que se torna possível descrever e analisar as ações sociais de um grupo de pessoas que exibem em comum uma ou mais determinadas características que se deseja estudar. Leitoras de histórias em quadrinhos de super-heróis também são membras do grupo de leitores do gênero, já que se mostram aptas a reconhecer elementos inerentes do mesmo, como personagens (posturas, interações e motivações), onde se torna possível verificar a introjeção do conhecimento através do ato da leitura. Exemplos são o uso de falas ou atitudes dos personagens dos quadrinhos incorporadas pelas leitoras em suas vidas.
- E. Relatabilidade (Accountability):** Compreensão quanto ao modo como os atores descrevem suas atividades, através de referências de sentido e de significado que possuem. Garfinkel acreditava que a relatabilidade é a realização prática dos atores sociais em interação, ou seja, quando verifica-se o compartilhamento de ações mútuas, tornando evidente o senso comum. Quanto as leitoras dos quadrinhos de super-heróis, destacam-se aquelas que foram capazes de estabelecer um ou mais

paralelos entre a leitura realizada e momentos específicos de suas vidas. Esses relatos são a comprovação da introjeção do conhecimento por parte das leitoras.

PESQUISA DE CAMPO JUNTO ÀS LEITORAS DE QUADRINHOS DE SUPER-HERÓIS

A metodologia escolhida para realizar este estudo se baseia na etnometodologia, que permite estudar novas formas de entendimento de uma determinada ação social, a partir de uma perspectiva de pesquisa compreensiva (HAGUETTE, 2013). A etnometodologia considera a realidade construída como presente na vivência cotidiana de cada indivíduo e em todos os momentos de suas construções pessoais, revistos e repensados durante o processo de comunicação e interação humana no meio social.

Através da aplicação dos cinco termos-chave da etnometodologia, busca-se analisar a leitura das HQ's de super-heróis da Marvel e da DC Comics pelo ponto de vista das leitoras, participantes consideradas sujeitos principais do processo investigativo, tendo por objetivo compreender os significados que os envolvidos dão ao assunto sondado.

A investigação junto ao público das leitoras foi possível graças a observação participante, técnica empregada para acessar e contemplar as atividades, os locais, os interesses e os diálogos demonstrados pelas leitoras, quando estas se encontravam entre si ou mesmo diante dos quadrinhos, e as entrevistas, recorridas como forma de se acessar o conjunto de crenças, valores, atitudes e também motivações das leitoras, em seus contextos e histórias de vida. Essa ferramenta teve por base o conceito de história de vida tópica, que possui o foco no retrato de uma determinada experiência vivida, no caso voltada para a leitura das histórias em quadrinhos de super-heróis, com destaque para a relação das leitoras com quadrinhos desse gênero e aplicações do mesmo em suas vidas.

As leitoras foram observadas e entrevistadas em três diferentes localidades – em 2015, na cidade de Urbana – Champaign - IL, nos EUA, e em 2016, nas cidades brasileiras de Belo Horizonte – MG e Goiânia – GO. O número de leitoras acessadas sofreu variação nessas localidades com consonância com o critério de saturação, definido de acordo com Morse et al. (2002) com vistas ao acúmulo de experiências como fonte para se estimar o ponto em que informações obtidas pouco ou nada mais são capazes de acrescentar em termos de relevância ao tema ou aos objetivos de pesquisa.

De modo a atestar as formas como a leitura dessas HQ's não apenas se procedeu, mas foi posteriormente recorrida por estas leitoras, solicitou-se as entrevistadas que

descrevessem uma ou mais situações que eles se lembravam de ter lido em um ou mais quadrinhos. Após esse relato, as leitoras deveriam também informar a ligação que estabeleciam entre o conteúdo lido nas HQ's e a revocação dessa leitura, em determinadas experiências, percepções ou atitudes praticadas no seu dia a dia.

Os termos-chave etnometodológicos foram associados às respostas fornecidas pelos leitores, o que acaba por não somente exemplificar seu uso, mas também apresentar o maior embasamento e repercussão dos fundamentos da etnometodologia. Tal estratégia funcionou como um meio de acesso para comprovar as formas empregadas pelos leitores, para interpretar o que fora lido no quadrinho e retratar a maneira como suas percepções e interpretações, tanto dos acontecimentos narrados quanto do seu próprio mundo, estão conectadas.

RELATO 1

Leitora: Mulher norte-americana

Local da entrevista: Campus da UIUC - EUA

Idade: 19 anos

Personagem relatado: Vários (com destaque para a Mulher-Invisível) – relativo à minissérie Guerra Civil I

[Perguntada sobre como se sentiu ao ler a minissérie Guerra Civil I, da Marvel Comics]: “Eu estava gostando muito [...] me visualizando como se eu fosse Tony Stark, como se eu fosse o Capitão América, se eu fosse a Mulher-Invisível. Tipo, ‘o que eu [...] será que eu deixaria o Sr. Fantástico? Eu não sei’. [...] Eu realmente me identifiquei com ela, fazendo aquilo que acreditava ser o certo, mesmo que [...] como Reed Richards e Tony Stark criaram um clone de Thor [...] e aí [...] a coisa toda com o Golias Negro, e então ela reconhecendo que estava do lado errado e decidindo fazer a coisa certa, ao se unir ao time do Capitão América. E eu acho que eu apenas admirei a convicção dela e torci para que eu também fizesse aquilo em que acreditasse ser o certo em uma situação como aquela, independente das conexões. Porque foi obviamente muito difícil para ela deixar o Reed, sabendo que ela deixou um bilhete com “Dê um jeito nisso!”. E eu reagi: ‘Uau’ [...] eu torci para fazer a coisa certa naquela situação e acho que me identifico com isso. Fazer a coisa certa, com aquilo que eu acreditava ser o certo”.

Tabela 1 – Depoimento da leitora norte-americana, sob o enfoque da etnometodologia

Termos-chave da etnometodologia	Aplicação dos termos-chave aos relatos dos leitores
Ações Práticas / Realização	A leitura de Guerra Civil I foi tão impactante para esta leitora, que a mesma se sentiu convidada a realizar uma interpretação quanto as falas e as posturas da Mulher-Invisível. E ao fazê-lo, ela acaba por conferir uma significação muito pessoal, tomando para si as ações da Mulher-Invisível e se posicionando a favor da mesma, defendendo as suas atitudes e confirmando que se posicionaria da mesma forma, por acreditar que a forma da Mulher Invisível agir foi a correta na evolução da trama.
Indexalidade ou indicialidade	Para expressar o quão entusiasmada ficou com a leitura de Guerra Civil I, a leitora compartilhou o significado da construção que realizou a partir dessa leitura, mais especificamente de alguns personagens que lhe cativaram em especial, como a Mulher-Invisível. Seu relato explicita a sua relação como leitora junto a uma personagem dos quadrinhos, e também quanto a trama por ela destacada.
Reflexividade	A ação de ler a história Guerra Civil I desencadeou uma reação com efeito singular junto a esta leitora. O afinco por esta trama em específico fez com que a leitora descrevesse o seu modo de enxergar a personagem Mulher-Invisível em particular na trama, e o quanto essas posições e escolhas da personagem se encontravam em sintonia com a sua própria maneira de ver o mundo, já que ela atesta que teria se posicionado da forma que acreditava ser a certa a seguir, tal qual a Mulher-Invisível o fez.
Noção de Membro	Com leitora de quadrinhos da Marvel Comics, a leitora se mostrou mais do que apta a reconhecer vários personagens da editora – Tony Stark, Capitão América, Mulher-Invisível – e até alguns de menor destaque, como Golias Negro e o clone de Thor (também conhecido como ‘Clor’ e ‘Ragnarok’). Mas o destaque vale para a introjeção do conhecimento como leitora desse gênero, já que a leitora se mostrou capaz de incorporar e demonstrar afinco com a atitude da Mulher-Invisível, ao ponto de a leitora afirmar, ao final de seu depoimento, a sua identificação com a personagem e com as posturas por ela adotadas diante da trama.
Relatabilidade (<i>Accountability</i>)	A leitora estabeleceu um paralelo interessante entre as atitudes da Mulher-Invisível, com destaque ao posicionamento da personagem diante dos dilemas por ela vividos na Guerra Civil I, e aquilo que seria a sua própria atitude, em face de uma situação como a vivida pela personagem. Ocorreu, portanto, a introjeção do conhecimento, uma vez que se constata a leitura da Guerra Civil I e o reconhecimento das ações, posturas e decisões da Mulher-Invisível como instâncias que ela leitora adotaria em sua existência.

Fonte: Elaborada por Rubem Borges Teixeira Ramos (2018), com base em Garfinkel (1967).

RELATO 2

Leitora: Mulher Brasileira

Local da entrevista: Biblioteca da Escola de Ciência da Informação - UFMG

Idade: 19 anos.

Tabela 2 – Depoimento da leitora de Belo Horizonte - MG, sob o enfoque da etnometodologia

Termos-chave da etnometodologia	Aplicação dos termos-chave aos relatos dos leitores
Ações Práticas / Realização	O personagem Deadpool foi apontado como um dos personagens preferidos desta leitora. E isso se dá também pela paixão que ela revela ter pelo personagem. E, ao se deparar com um pedido de casamento do Deadpool a sua então namorada Vanessa nos quadrinhos, a leitora reconstruiu esse momento para si mesma, afirmando que teria aceito o pedido da mesma forma que a namorada do personagem, e pelo mesmo motivo.
Indexalidade ou indicialidade	A paixão que a leitora se refere é uma adaptação de paixão, palavra que tem um significado diferenciado quando evocada por esta leitora, que conhece bem o peso e a relevância que o termo tem para sua vida, e a qual ela usa com afeição para ressaltar sua predileção pelo Deadpool.
Reflexividade	A leitora se revela tanto atraída com o contexto em que vê retratado na história em quadrinhos quanto por uma paixão que afirma sentir pelo personagem Deadpool. Tanto que ressalta o seu gosto pessoal, a sua apreciação pelo pedido feito pelo Deadpool, descrevendo assim uma faceta importante de seu mundo social.
Noção de Membro	A leitora se configura como membro na medida em que reconhece elementos presentes na HQ – como os personagens Deadpool e Vanessa, o relacionamento amoroso entre eles – e foi capaz de incorporar o significado emblemático do momento em que Deadpool pede a mão de sua amada em casamento, incorporando a atitude como um desejo para si própria.
Relatabilidade (<i>Accountability</i>)	Foi-se estabelecido um paralelo pela leitora, entre um momento lido na HQ – o pedido de casamento do Deadpool – e o seu reconhecimento e valorização desse ato, se identificando como Vanessa, a namorada do personagem, e aceitando o pedido como se fosse a própria. O conhecimento introjetado se faz presente pelo sentimento expresso que a leitora demonstra pelo personagem e pela sua confirmação de aceite, tal qual a namorada também o fez na história.

Fonte: Elaborada por Rubem Borges Teixeira Ramos (2018), com base em Garfinkel (1967).

Personagem relatado: Deadpool.

“Eu sempre tenho paixões por super-heróis [...] na do casamento do Deadpool [...] É porque ele era o Deadpool, e eu sou apaixonada pelo Deadpool. [Entrevistador: Por acaso nesta edição você se viu como a Vanessa, namorada do personagem?] Sim, muitas vezes. [...] Acho que, na verdade, é quando ele faz o pedido [...] os dois tão juntos, conversando sobre algo muito aleatório, aí ele vai e faz o pedido, sabe? Aí eu acho isso bonitinho [Entrevistador: e ela aceita?]

Sim, porque ela ama ele (sic). [Entrevistador: E se você, também aceitaria?]. Sim, porque eu amo ele” (sic).

Tabela 3 – Depoimento da leitora de Goiânia - GO, sob o enfoque da etnometodologia

Termos-chave da etnometodologia	Aplicação dos termos-chave aos relatos dos leitores
Ações Práticas / Realização	A leitora realizou uma interpretação do Super-Homem no arco de histórias intitulado Injustiça: Deuses entre nós. E o fez procurando (re)construir em sua mente a postura que o personagem adotou nesse arco, transmitindo o que seria o seu significado a mesma. Embora não endosse as atitudes do Homem de Aço nessa trama, a leitora é capaz de se sensibilizar com os eventos que levaram a mesma.
Indexalidade ou indicialidade	Um hábito relatado como que de costume por esta leitora é o de saber se “[...] colocar no lugar do personagem”. Isso evidencia o processo de estabelecimento de uma relação entre leitora, personagem – aqui, o Super-Homem – e a trama mencionada – Injustiça, Deuses entre nós. E o faz demonstrando compreender o tamanho da perda que o personagem teve pelas ações do Coringa.
Reflexividade	O depoimento evidencia a trajetória percorrida pela leitora, que vai desde a leitura realizada de Injustiça: Deuses entre nós, perpassando pela interpretação dos eventos a que o Super-Homem foi acometido nessa história, seguindo para a própria leitora se questionar em nível pessoal sobre o correto e o incorreto nesta questão, até a sua conclusão, que é a de não defender a postura do Super-Homem, por mais “justificada” que a mesma possa aparentar ser.
Noção de Membro	Constata-se a introjeção do conhecimento neste depoimento quando a leitora se mostra apta a compreender os motivos que levaram o Super-Homem a tomar as decisões como tomou, e também a exercer um juízo, avaliando a postura do personagem. A leitora não endossa nem o que o Super-Homem passou e nem as consequências geradas a partir do ato do Coringa contra ele. Mas, mesmo assim, exhibe a capacidade de incorporar o momento vivido pelo personagem, demonstrando compreender até onde lhe é possível a dor do mesmo.
Relatabilidade (<i>Accountability</i>)	A experiência da leitura de Injustiça: Deuses entre nós trouxe a esta leitora uma perspectiva ímpar, no que tange ao estabelecimento de um paralelo entre os eventos aos quais o Super-Homem foi submetido e as consequentes atitudes e posturas que o personagem adotou como resposta a eles, e a sua capacidade pessoal de demonstrar empatia e compreensão para com as causas dessas ações do personagem. A introjeção do conhecimento ocorreu na medida em que a leitora, tendo por base o conhecimento adquirido via leitura fundamentou uma ação sua no mundo real – a capacidade de ponderar e refletir sobre esses acontecimentos, e mesmo simpatizando com a dor do Super-Homem, ainda assim se posicionou contra as suas posturas subsequentes, segundo ela “[...] pro mundo todo pagar pela perda dele”.

Fonte: Elaborada por Rubem Borges Teixeira Ramos (2018), com base em Garfinkel (1967).

RELATO 3

Leitora: Mulher Brasileira

Local da entrevista: Pow Comics - Goiânia

Idade: 20 anos

Personagem relatado: Super-Homem

“Eu me coloquei no lugar do Superman nessa serie de eventos do Injustiça: Deuses entre nós. [...] ele perdeu uma pessoa amada né? [...] por causa do vilão Coringa. Após isso, ele toma uma série de decisões que sim, no primeiro momento, a gente fica pensando: ‘nossa, será que seria o certo?’. E eu me coloquei assim por alguns momentos no lugar dele, porque dá pra entender que a perda dele significou tanto na vida dele, que deixou ele ate meio louco né? Nessas horas, eu costumo querer assim me colocar no lugar do personagem [...] quando os outros personagens começam a questionar as decisões [...] pelo menos eu como leitora, isso faz a gente tentar entender o lado dele na história. [Entrevistador: e você entendeu o lado do Super-Homem nessa história?]: mais ou menos, eu entendi porém eu acho que ele foi além dos limites, eu acho que não justificou. [...] O nível dele, a perda dele, para o mundo todo pagar pela perda dele... E eu achei isso errado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnometodologia, enquanto corrente da sociologia, possui uma densa literatura, tendo sido aplicada a diversas pesquisas. Entretanto, no que se refere a Ciência da Informação, nota-se ainda uma relativa incipiência de seu uso, com destaque para autores como Dumont e Pinheiro (2015). Particularmente, recorrer-se a etnometodologia tornou possível alcançar o objetivo proposto neste estudo, que era o de identificar e compreender as formas e maneiras como leitoras de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics são capazes de introjetar os conhecimentos veiculados nas aventuras destes personagens, interpretando-os para posterior aplicação ou reconhecimento em aspectos de suas próprias vidas.

Constatou-se, por meio da observação participante e das entrevistas conduzidas nos EUA e no Brasil, não apenas a presença de mulheres que exibem a predileção por este gênero dos quadrinhos, mas também que elas podem exercer um papel de representatividade, a ser considerado para se entender como uma leitura se destaca perante um ou mais públicos leitores. É por via da compreensão da ação leitura desenvolvida nas vidas dos leitores que se torna possível acessar os significados e sentidos obtidos por este ato e introjetados em suas vidas.

No caso específico das leitoras, foi possível perceber, através dos depoimentos e suas análises, a conexão existente entre um ou mais acontecimentos presentes nesses quadrinhos com aqueles ocorridos em seu próprio mundo. O senso comum, tal qual ressaltado pela etnometologia na pesquisa, aponta para a valorização das leituras, o que vai de encontro a um dos postulados de Iser (1996-1999), que defende a opção consciente realizada pelo leitor mesmo diante de uma leitura de caráter ficcional, pois o faz graças a capacidade que esta leitura tem de lhe “[...] dizer ou de revelar algo sobre si mesmo”. (p. 65-66).

Verifica-se uma possibilidade de diálogo profícuo e longo entre a etnometodologia e a Ciência da Informação, no que tange a futuras pesquisas de natureza qualitativa envolvendo sobre leitores e leitoras, com vistas a capacidade dos mesmos de construir e reconstruir socialmente suas realidades.

REFERÊNCIAS

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores**: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. São Paulo: ECA-USP, 2008. (Tese de doutorado).

BUARQUE, Daniel. Mulheres são metade do público leitor no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 jun. 2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2506200616.htm>>. Acesso em 08 mai. 2019

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido – Cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

DUMONT, L. M. M.; ESPÍRITO SANTO, P. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 28-37, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/618>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

DUMONT, L. M. M.; PINHEIRO, E. G. Incursões teórico-metodológicas da etnometodologia na Ciência da Informação: aplicações em pesquisas sobre leitura. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 25, p. 49-61, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/22773/14523>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1967.

HAGUETTE, Teresa Maria F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1996-1999.

MORSE, Janice M.; BARRET, Michael; MAGRI, Maria; OLSEN, Karin; SPIERS, Jude. Verification strategies for establishing reliability and validity in qualitative research. **International Journal of Qualitative Method**, Spring, v. 1, p.1-18, jun. 2002.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2008.

SCHENKER, Brett. **Market Research Says 46.67% of Comic Fans are Female**. The Beat, 2014. Disponível em: <<https://www.comicsbeat.com/market-research-says-46-female-comic-fans/>>. Acesso em 31 mar. 2019.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA**WHAT DO THE READERS OF STORIES SUPERHERO ON THIS
READING COMICS⁷²****Rubem Ramos Borges Teixeira⁷³****INTRODUCTION**

Reading is an action and a significant phenomenon for many people, as also through it, individuals become able to understand facts, phenomena and events relevant to their daily lives and their existence. Currently, we see the reading not as a passive act, or a simple decoding willing letters and characters in an ordered sequence, but rather to understand the act of reading through the bias of theories and postulates of some areas of knowledge, which potentiate looks and interpretations of the importance and influence of reading.

However, when considering studies and research on reading, it is possible to observe a paradox: assuming that the texts have as purpose the reading by a number of readers, why until recently little has addressed the figure that you read? In fact, the number of articles, research, and academic and scientific studies, from different areas of knowledge, seek to weave focused considerations greatly with analysis of this content in the texts - its form, aesthetics, language, period in which they were produced, among others - the player's figure is often relegated to a secondary level. Thus, it is still a realization miniature existence of jobs and employed theories aimed at understanding the individual who does the reading, ie the player.

This number is further reduced with respect to research and reading comprehension aimed at segments of society, for example, of readers. By focusing on women and reading, Buarque (2006) points to a growing number of Brazilian readers. And even when it comes to stories in superhero comics, traditional stronghold of male reading, scholars such as Schenker (2014) defend the exponential growth of women enjoying the stories of Marvel and DC Comics.

This article aims to identify women who enjoy this genre and its characters, Trying to understand the reading of stories in superhero comics and contexts, meanings and motives

⁷² Received on 03/20/19, version approved in 04/29/19.

⁷³ Degree in Information Science from the Catholic University of Minas Gerais (PUC-Minas) in Strategic Management Specialist Information, Master and PhD in Information Science from the School of Information Science (ECI) of the Federal University of Minas Gerais (UFMG). He is currently professor of the course of Information and Communication Faculty of Information Management (FIC) of the Federal University of Goiás (UFG).

that lead them to accomplish this reading, thus demonstrating the internalization of this knowledge in these readings by these readers.

READING AND INFORMATION SCIENCE

Reading, though it is framed as a rational act, it is not an exclusive action of the human intellect. Its beginning can be attributed to cognitive processes of reflection and Weighting the individual mind. But the reading also comes from the presence and participation in one or more contexts, as well as established relationships with yourself and with other individuals, representing own or collectively with a paper highlighting human existence.

Iser (1996-1999), in his studies of reading, seeks to understand the possible effects that a work presented to his player. Therefore, he advocates a text does not ends in themselves, and the player who engages continuously in the development of questions about the text omitted by chance. These gaps between text and reader trigger the reading process, dynamic in nature, which allows a player reworking a reading from inferences laying by your own reality elements, proceeding thus to a stimulus, which makes the reader can be directed beyond the text that is in front of you. Thus, we perceive a stimulus inherent in reading action, which is to enable the reader to re-shape the reading performed through reflections, thoughts and inferences with reality.

Highlighting the player's figure, Chartier (2003) introduces as a being in continuous training, which occurs through personal assignment of cases, the contact established with the cultural goods, such as texts and books, among others. Even if two or more people to perform the reading of the same story, they may have different views and interpretations of the reading undertaken. This is the fact that the practice of reading leads to building ideas trajectories, which can often be complex and personal. The author names this practice as appropriation, also understood as the ability to demonstrate that readers reflect on one or more readings taken, correlating them and giving them multiple meanings and senses.

The Information Science is one of the areas of knowledge that deals with the reading. In their studies, the reader is seen as an active being, which can take advantage of reading in order to implement interpretations and give meanings and senses the society they live in and the world as a whole. This is possible when considering the reading performed provides the reader with an inherent invitation to move to a point beyond the text properly read through the comparisons and confrontations between this and their own everyday environment. Seeking to understand what has been read, it is necessary to go beyond the reader, thus

justifying the relevant variation in the possible interpretations of the same reading undertaken. It is the player's figure, which carries several interests, knowledge and goals, who determines their relationship to the text read.

And, of course, the choice of what to read lies in the player's shoulders. According to Dumont (2007, p.2), the main factor for the realization of this choice are intrinsically linked " the motivation, the context and history of the player and the meaning of every word by the author and then by reader reading. " In this reasoning can be added the thoughts of other scholars in the field of Information Science, as Bari (2008), which emphasizes the link established between reading and life experiences created by the same with his readers, as well as other areas, also relevant for understanding the act of reading. the important factors for the realization of this choice are intrinsically linked "the motivation, the context and history of the player and the meaning of every word by the author and then the reader reading."

In this reasoning can be added the thoughts of other scholars in the field of Information Science, as Bari (2008), which emphasizes the link established between reading and life experiences created by the same with his readers, as well as other areas, also relevant for understanding the act of reading. the important factors for the realization of this choice are intrinsically linked "[...] the motivation, the context and history of the player and the meaning of every word by the author and then the reader reading." In this reasoning can be added the thoughts of other scholars in the field of Information Science, as Bari (2008), which emphasizes the link established between reading and life experiences created by the same with his readers, as well as other areas, also relevant for understanding the act of reading.

The information appropriation process is very interesting information science, since this area of knowledge is also dedicated to the study and understanding of social practices involving in its development both the construction of meanings as the production and assignment of meanings by individuals. Dumont and Pinheiro (2015) establish that reasoning focusing on reading as a social phenomenon, which is used by people trying to understand the events and the events relating to the world. Reading provides the ability to create and recreate the universe, thus offering the possibility of endorsing or even to change previously established knowledge, to confront these data with and arising from the process of reading information.

ETHNOMETHODOLOGY AND READING

Ethnomethodology is a branch of the social sciences, which is dedicated to the study and understanding of individuals while performing their daily actions as well as the ways in

which these actions express some sense. The reality is constructed socially by individuals, thus constituting part of the everyday lives of people home. At various times of the day to day, it is possible to understand the social constructions that underlie the social actions, such as conversations, gestures, expressions and forms of communication, language, among others.

Its creator, the sociologist Harold Garfinkel, idealized one US study involving jurors that country cuts. His goal was to understand how the laity who constituted the juris embodied procedures and techniques relevant to this environment, which was later accepted as scientific methodology for sociology. These procedures showed concern with suitable mounting reports (accountable) regarding their activity as members of the court. Garfinkel then realized that jurors practiced a methodology of common sense, where the term 'ethnic' refers to a common sense knowledge, employed by one or more individuals with specific objectives, and the term 'methodology' to the ways in which the sense common works with the current representation of the world and analyzed actions. Therefore, it can be concluded that ethnomethodology is the study of common-sense logic.

Studies are guided by ethnomethodology as a technical reference and aim for a note of the research object considering the diversity of terms and concepts with which ordinary people can be understood as sociologists themselves and their reality. By focusing a group of readers as well as the reading taken by them and their consequences - specifically the internalization of knowledge contained in this reading by the reader and the subsequent use possibilities in one or more aspects of life - both can be investigated building on the ethnomethodological precepts, together with existing understanding in Information Science, which enhances the reader's ability to discover, articulate and express the knowledge gained by reading.

Based on the construction of common sense, as proposed by ethnomethodology. applied especially with the readers of the genre of stories in superhero comics, it becomes feasible to understand the ways in which women, despite not being the predominant public to exercise this particular reading, recognize and display connections between narrative that permeates the various characters of these comics, which conveys actions, events, phenomena and facts or events of their lives. Therefore, we resort to the five key terms of ethnomethodology:

- A. Practical actions or performance:** indicates the experience and practical achievements of members of a group in their everyday context. Thus, it is essential to access and understand the context and the daily life of these members, in order to understand the

reading of comics and its subsequent interpretation, as an action or social phenomenon constructed by the reader in everyday life. Understanding reading requires time and attention devoted to demonstrated ability by readers to (re) construct, (re) discover and (re) define their actions.

- B. Indexalidade / indexicality:** All that involves a word, a term or a situation. That's because the same word can display a meaning in general terms, but also a different meaning when viewed in one or more specific contexts. Applied readers, allows contemplating the lines that they share in the recognition of speech, conversations, questions and other manifestations of the characters of comics, as well as the relations between the ownership of one or more of these lines and the reapplication of the same in real contexts.
- C. Reflexivity:** The best example of the action principle - applied reaction. It refers to one or more practices (such as speeches or social actions) of a group and its power or influence over its members. One action - such as reading the comics - have nuances and particularities that can be analyzed in order to understand the social reality of readers. When then undertaken refer to reading, they show able to point out the markings and their social environment.
- D. Notion member:** A membership is a social actor who shares the language of a group, even though it may not belong to the same or share the same geographical areas. Membership notion is central to ethnomethodology, because through it is that it becomes possible to describe and analyze the social actions of a group of people who exhibit in common one or more specific characteristics to be studied. Readers stories superhero comics also are member of the genus readers group, since they show able to recognize inherent of the same elements as characters (attitudes, interactions and motivations), where it becomes possible to verify the internalization of knowledge through the act of reading. Examples are the use of words or attitudes of the characters of comics incorporated by readers in their lives.
- E. Relatabilidade (Accountability):** Understanding as to how the actors describe their activities through the meaning and significance that have references. Garfinkel believed relatabilidade is the practical realization of the social actors in interaction, ie when mutual actions of sharing it turns out, making clear common sense. As readers of superhero comics, stand out those who were able to establish one or more parallel

between reading and held specific times of their lives. These reports are evidence of internalization of knowledge on the part of readers.

THE FIELD OF RESEARCH TO COMICS READERS SUPERHEROES

The methodology chosen to carry out this study is based on ethnomethodology, which allows to study new ways of understanding of a particular social action, from a comprehensive research perspective (HAGUETTE, 2013). Ethnomethodology considered the constructed reality as present in the daily life of every individual and every moment of your personal buildings, reviewed and reconsidered during the process of communication and human interaction in the social environment.

By applying the five key terms of ethnomethodology, seeks to analyze the reading of comics superheroes of Marvel and DC Comics from the point of view of readers, key participants considered subjects of the investigation process, aiming to understand the meanings that those involved give the matter probed.

The investigation by the public of readers was made possible by the participant observation technique used to access and contemplate the activities, locations, interests and dialogue demonstrated by readers when they were together or even on the comics, and interviews, appealed as a way to access the set of beliefs, values, attitudes and motivations of readers also, in their backgrounds and life stories. This tool was based on the concept of topical life story, which has focused on the portrait of a certain lived experience, in the case facing the reading of stories in superhero comics, especially the relationship of readers with comics that gender and applications of the same in their lives.

Readers were observed and interviewed in three different locations - in 2015, in Urbana - Champaign - IL, USA, and in 2016, in the Brazilian cities of Belo Horizonte - MG and Goiania - GO. The number of readers accessed variation experienced with these locations consistent with the saturation criteria defined according to Morse et al. (2002) with a view to the accumulation of experiences as a source for estimating the extent that information obtained little or nothing are able to add in terms of relevance to the subject or the research objectives.

In order to attest to the ways in which reading these comics not only held, but was later contested by these readers, it was requested the respondents to describe one or more situations that they remembered having read one or more comics. After this report, readers should also inform the link established between the content read in the comics and the recall reading that in certain experiences, perceptions or attitudes practiced in their day to day.

The ethnomethodological key terms are associated with the answers provided by readers, which ultimately not only exemplify its use, but also present the greatest foundation and transmission of ethnomethodology fundamentals. This strategy served as a means of access to check the forms used by readers to interpret what was read in the comic and portray how their perceptions and interpretations, both of the events narrated how much of your own world, are connected.

Table 1 - Statement of the American reader, from the standpoint of ethnomethodology

Key terms of ethnomethodology	Application of key terms to reports from readers
Actions Practice / Realization	Reading Civil War I was so impactful for this reader, that it felt invited to carry out an interpretation as the speeches and postures of Woman-Hidden. And in doing so, it turns out to give a very personal significance, taking on the actions of the Woman-Hidden and positioning in favor of it, defending their attitudes and confirming that it would position the same way, believing that the way the Invisible Woman act was correct in the evolution of the plot.
Indexalidade or indexicality	To express how excited was by reading Civil War I, the reader shared the significance of the building that held from this reading, more specifically of some characters that captivated him in particular, as the Woman-Hidden. His report details their relationship as a reader next to a comic book character, as well as the plot for her highlighted.
reflexivity	The action of reading the Civil War I history triggered a reaction with singular effect with this reader. The hard for this plot in particular caused the reader to describe his way of seeing the character Woman-Hidden in particular in the plot, and how these positions and character choices were in tune with their own way of seeing the world , since it certifies that would have positioned the way he believed to be right then, like the Invisible Woman-made.
Notion Member	With the Marvel Comics comic book reader, the reader was more than able to recognize several characters from the publisher - Tony Stark, Captain America, Women-Invisible - and even some less prominent, as Goliath Black and Thor clone (also known as "Chloro" and "Ragnarok "). But the highlight goes for the internalization of knowledge as this kind reader, as the reader has been shown to incorporate and demonstrate hard with the attitude of Women-Invisible, the point of the reader say, the end of his testimony, their identification with the character and the positions adopted by it on the plot.
Relatabilidade (Accountability)	The reader has established an interesting parallel between the attitudes of Women-invisible, highlighting the positioning of the character before the dilemmas she experienced in the Civil War I, and what would be their own attitude in the face of a situation as experienced by the character . It was therefore the internalization of knowledge, as it turns out the reading of the Civil War and the recognition of actions, postures and Woman-Hidden decisions as instances reader she would adopt in its existence.

Source: Prepared by Rubem Ramos Borges Teixeira (2018), based on Garfinkel (1967).

**REPORT 1**

Reader: American woman

Interview location: UIUC campus - USA

Age: 19 years old

Reported Character: Several (especially for Women-Invisible) - on the Civil War I miniseries [Asked how it felt to read the Civil War miniseries I, Marvel Comics]: "I was really enjoying [...] viewing me as if I were Tony Stark, as if I were the Captain America, I was the Invisible Woman. Like, 'I [...] will I leave Mr. Fantastic? I do not know'. [...] I really identified with her, doing what he believed to be right, even if [...] as Reed Richards and Tony Stark created a Thor clone [...] and there [...] the whole thing with the Black Goliath, and then she recognized that he was on the wrong side and deciding to do the right thing, to join the team of Captain America. And I think I just admired her conviction and hoped that I also do what they believe to be right in a situation like that, regardless of connections. Because it was obviously very difficult for her to leave Reed, knowing she left a note to "take care of it." And I responded, 'Wow' [...] I was hoping to do the right thing in this situation, and I think I identify with it. Do the right thing with what I believed to be right".

REPORT 2

Reader: Brazilian woman

Interview location: School Library Information Science - UFMG

Age: 19 years old.

Reported Character: Deadpool.

"I always have crushes by superheroes [...] in Deadpool wedding [...] It is because he was the Deadpool, and I am in love with Deadpool. [Interviewer: Did this edition you saw how Vanessa character girlfriend?] Yes, many times. [...] I think it actually is when it makes the request [...] the two so close together, talking about something random, then he goes and makes the request, you know? So I think it's cute [Interviewer: and she accepts] Yes, because she loves him. [Interviewer: And if you also take it?]. Yes, because I love him. "

Table 2 - Testimony reader Belo Horizonte - MG, from the standpoint of ethnomethodology

Key terms of ethnomethodology	Application of key terms to reports from readers
Actions Practice / Realization	The character Deadpool was appointed as one of the favorite characters in this reader. And it also gives the crush she turns out to have the character. And when faced with a request for Deadpool's marriage to his girlfriend Vanessa in the comics, the reader rebuilt this moment to herself, saying it would accept the request in the same way that the girlfriend of the character, and for the same reason.
Indexalidade or indexicality	The infatuation which the reader refers to is a passion of adaptation, word has a different meaning when evoked by this reader, who knows the weight and the importance that the term has for your life, and which she uses with affection for highlight its predilection for Deadpool.
reflexivity	The reader is revealed as much attracted to the context in which see portrayed in the comics as by a passion that states feel the Deadpool character. So much that emphasizes your personal taste, its appreciation for the request made by Deadpool and describe an important facet of their social world.
Notion Member	The reader is configured as a member in that it recognizes elements in HQ - as the characters Deadpool and Vanessa, the loving relationship between them - and was able to incorporate the symbolic significance of the moment in which Deadpool asks the hand of his beloved in marriage incorporating the attitude as a desire for itself.
Relatabilidade (Accountability)	a parallel for the reader It was established between a moment read the comic - the request for Deadpool wedding - and its recognition and appreciation of this act, identifying themselves as Vanessa, the girlfriend of the character, and accepting the request as if it were the own. Knowledge introjected is present the sentiment expressed that the reader shows the character and the confirmation of acceptance, like the girlfriend also did in history.

Source: Prepared by the Rubem Ramos Borges Teixeira (2018), based on Garfinkel (1967).

REPORT 3

Reader: Brazilian woman

Interview location: Pow Comics - Goiânia

Age: 20 years

Reported Character: Superman

"I put myself in the Superman in this series of events Injustice: Gods among us. [...] he lost a loved one right? [...] because of the Joker. After that, it takes a series of decisions that yes, at first, we get thinking, 'Wow, would it be right?'. And I put that way for a few moments in his place, because it gives to understand that the loss of him meant so much in his life, which made it even a little crazy right? At such times, I usually want to just put myself in the character [...] when the other characters begin to question the decisions [...] at least I as a reader, it makes us try to understand his side of the story.[Interviewer: and you understand the side of Superman in this story?] Or so, I understand but I think he was

beyond the limits, I think not justified. [...] His level, his loss, pro everyone pays for the loss of it ... And I thought that was wrong.

Table 3 - Testimony of Goiania reader - GO, from the standpoint of ethnomethodology

Key terms of ethnomethodology	Application of key terms to reports from readers
Actions Practice / Realization	The reader made an interpretation of the Superman story arc titled Injustice: Gods among us. And he did looking for (re) build in your mind the position that the character adopted in this arc, conveying what would be its meaning the same. Although not endorse the attitudes of the Man of Steel in this plot, the reader is able to sensitize with the events that led to it.
Indexalidade or indexicality	Reported a habit like than usual for this reader is to find out if "[...] put in place of the character." This highlights the process of establishing a relationship between reader, character - here Superman - and mentioned plot - Injustice, Gods among us. It does demonstrating understand the size of the loss that the character had by the actions of the Joker.
Reflexivity	The testimony shows the path followed by the reader, ranging from reading performed Injustice: Gods among us, passing by the interpretation of the events that Superman was involved in this story, according to the own reader to question on a personal level about right and wrong in this matter to its conclusion, which is not to defend the position of Superman, however "justified" that it may appear to be.
Notion Member	Notes to internalization of knowledge in this statement when the reader is shown able to understand the reasons Superman to take decisions has been taken, and also to exercise judgment, assessing the position of the character. The reader does not endorse or what Superman passed and not the consequences generated from the Joker act against him. But even so, it displays the ability to incorporate the moment lived by the character, showing understanding to where the pain for which it is subjected is able to.
Relatabilidade (Accountability)	The experience of reading Injustice: Gods among us brought to this reader a unique perspective when it comes to establishing a parallel between the events to which Superman was submitted and the resulting attitudes and postures that the character has taken in response to they, and their personal ability to demonstrate empathy and understanding for the causes of these character's actions. The internalization of knowledge occurred in that the reader, based on the knowledge gained through reading, ground action its in the real world - the ability to consider and reflect on these events, and even sympathizing with the pain of Superman, still stand against its subsequent positions, she said "

Source: Prepared by the Rubem Ramos Borges Teixeira (2018), based on Garfinkel (1967).

CONCLUSION

Ethnomethodology while current sociology, has a dense literature, having been applied to several studies. However, as regards the Information Science, there is still a relative incipient nature of their use, especially authors like Dumont and Pinheiro (2015). In particular, recourse to ethnomethodology made it possible to achieve the objective proposed in this study, which was to identify and understand the forms and ways readers stories superheroes from Marvel comics and DC Comics are able to internalize the knowledge conveyed the adventures of these characters, playing them for later application or recognition on aspects of their own lives.

It was found, through participant observation and interviews conducted in the US and Brazil, not only the presence of women who exhibit a predilection for this genre of comics, but also they can play a representative role, to be considered to understand how a reading stands out before one or more public readers. It is through reading comprehension action developed in the lives of readers that it is possible to access the significance and meanings produced by this act and internalized in their lives.

In the specific case of the readers, it was revealed through the testimony and their analysis, the connection between one or more current events in these comics with those occurring in their own world. Common sense, as is highlighted by etnometologiathe research points to the value of the readings, which goes against one of the postulates of Iser (1996-1999), which advocates the conscious choice made by the reader in the face of a fictional character reading because it does thanks to capacity this reading must I "[...] say or reveal something about yourself." (p. 65-66).

There is a possibility of fruitful dialogue between longevity and ethnomethodology and Information Science, with respect to future research involving qualitative nature of male and female readers with a view of their capacity to build and rebuild their social realities.

REFERENCES

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores:** busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. São Paulo: ECA-USP, 2008. (Tese de doutorado).

BUARQUE, Daniel. Mulheres são metade do público leitor no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 jun. 2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2506200616.htm>>. Acesso em 08 mai. 2019

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido – Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

DUMONT, L. M. M.; ESPÍRITO SANTO, P. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 28-37, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/618>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

DUMONT, L. M. M.; PINHEIRO, E. G. Incursões teórico-metodológicas da etnometodologia na Ciência da Informação: aplicações em pesquisas sobre leitura. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 25, p. 49-61, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/22773/14523>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1967.

HAGUETTE, Teresa Maria F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1996-1999.

MORSE, Janice M.; BARRET, Michael; MAGRI, Maria; OLSEN, Karin; SPIERS, Jude. Verification strategies for establishing reliability and validity in qualitative research. **International Journal of Qualitative Method**, Spring, v. 1, p.1-18, jun. 2002.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

SCHENKER, Brett. **Market Research Says 46.67% of Comic Fans are Female**. The Beat, 2014. Disponível em: <<https://www.comicsbeat.com/market-research-says-46-female-comic-fans/>>. Acesso em 31 mar. 2019.

HOMENAGEM

**Um gênio da matemática se debruça sobre a
Informação, Comunicações e Artes: Osvaldo
Sangiorgi⁷⁴**

*A genius of mathematics focuses on Information,
Communications and Arts: Osvaldo Sangiorgi*

*Un genio de las matemáticas se centra en
Información, Comunicaciones y Artes: Osvaldo
Sangiorgi*

Valéria Aparecida Bari⁷⁵

⁷⁴ Recebido em 28/02/19, versão aprovada em 28/03/2019.

⁷⁵ Doutora em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) – Docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Pesquisadora Líder do PLENA: Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: Cultura, Mediação, Apresentação Gráfica, Editoração e Manifestações. Aracaju, Sergipe, Brasil. E-mail: <valbari@gmail.com>.

RESUMO

Homenagem ao pesquisador Osvaldo Sangiorgi, matemático, pedagogo, linguista, ciberneticista, comunicólogo, um dos introdutores do movimento escolanovista no Brasil, descreve aspectos biográficos, com ênfase na produção em Ciência da Informação. Pioneiro na discussão da teoria da Ciência da Informação na academia brasileira, a partir da abordagem de Harold Borko, influenciou gerações de pesquisadores brasileiros e alterou a estrutura da graduação e pós-graduação no campo da Comunicação e Informação. Em toda a sua produção, enfatizou a importância da Arte e a superioridade do elemento humano sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Também será lembrado como um docente com especial talento didático, compartilhamento metodológico, introdução de recursos didático-pedagógicos e aplicações tecnológicas nos ambientes educacionais e informacionais do ensino universitário, assim como na veiculação de mídias e conteúdos de disseminação da informação científica.

PALAVRAS-CHAVE: Osvaldo Sangiorgi. Cibernética Pedagógica. Teoria da Informação.

ABSTRACT

Tribute to the researcher Osvaldo Sangiorgi, mathematician, pedagogue, linguist, cybernetist, communicator, one of the introductors of the Escanovist movement in Brazil, describes biographical aspects, with emphasis on the production of Information Science. A pioneer in the discussion of Information Science theory in Brazilian academia, Harold Borko's approach has influenced generations of Brazilian researchers and altered the structure of undergraduate and postgraduate studies in the field of Communication and Information. Throughout his production, he emphasized the importance of Art and the superiority of the human element over Information and Communication Technologies (ICT). It will also be remembered as a teacher with special didactic talent, methodological sharing, introduction of didactic-pedagogical resources and technological applications in the educational and informational environments of university education, as well as in the dissemination of media and the dissemination of scientific information.

KEYWORDS: Osvaldo Sangiorgi. Pedagogical Cybernetics. Information theory.

RESUMEN

Homenaje al investigador Osvaldo Sangiorgi, matemático, pedagogo, lingüista, ciberneticista, comunicador, uno de los introdutores del movimiento escanovista en Brasil, describe aspectos biográficos, con énfasis en la producción de Ciencias de la Información. Pionero en la discusión de la teoría de la Ciencia de la Información en la academia brasileña, el enfoque de Harold Borko ha influido en generaciones de investigadores brasileños y ha alterado la estructura de los estudios de pregrado y posgrado en el campo de la Comunicación y la Información. A lo largo de su producción, enfatizó la importancia del Arte y la superioridad del elemento humano sobre las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC). También será recordado como un maestro con talento didáctico especial, intercambio metodológico, introducción de recursos didáctico-pedagógicos y aplicaciones tecnológicas en los entornos educativos e informativos de la educación universitaria, así como en la difusión de medios y la difusión de información científica.

PALABRAS CLAVE: Osvaldo Sangiorgi. Cibernética pedagógica. Teoría de la información.

INTRODUÇÃO

Em seis de julho de 2017, uma longa batalha pela vida terminava e nos restou o legado de Osvaldo Sangiorgi. Um brasileiro com habilidades especiais, ou seja, superdotação mental, segundo os dados prospectados pela MENSA/Brasil⁷⁶. Sua inegável contribuição ao Movimento Escolanovista revolucionou o ensino da Matemática no Brasil. Mas, sua sede por conhecimento suplantou em muito esse campo do conhecimento, levando esse cientista por um amplo horizonte de pesquisa, produção, extensão, docência e gestão acadêmica de qualidade.

Para nós, egressos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) na década de 1980, o gênio estava sobreposto por um dedicado e acessível docente, era o nosso querido professor. Nos surpreendia, de repente, descobrir encantados que nossos pais haviam estudado com os livros de Matemática de sua autoria, ou saber de sua proeminência em campos diversos, como Pedagogia, Linguística, Informação, Comunicação, Educação, Informática, assim como as publicações em diversas línguas, inclusive o Esperanto. Mas, a grandiosidade de sua produção e militância pelas Ciências no Brasil somente pode ser vislumbrada em sua complexidade pelo advento das mídias digitais.

Víamos aquele senhor, jovial e elegante, muito atlético, cruzando em passos largos os corredores da ECA e deixando os jovens para trás na velocidade de seus passos e empolgação, entre aulas, reuniões formais e informais em seu gabinete, atividades de administração acadêmica e busca de fomentos para nossos laboratórios e biblioteca setorial. Réu confesso da luta contra a balança, fazia muitos exercícios para compensar o apetite. Na juventude, nos explicava que fora remador e nadador do Clube Regatas Tietê, uma agremiação de esportes aquáticos sem piscina, que manteve o nome até a atualidade, apesar da morte de nosso mais importante rio paulistano ter ocorrido há muito tempo.

A sua chegada ao colegiado do Departamento de Comunicação, nos anos 1980, trazendo os primeiros estudos brasileiros sobre o trabalho de Harold Borko, o fez um dos pioneiros da Ciência da Informação no Brasil, uma área já consolidada na Europa, mas ainda sob controvérsia nas Américas. Isso porque, devido à questão de política internacional que caracterizou a Guerra Fria, as práticas da Ciência da Informação nos Estados Unidos da América normalmente vinculavam suas ações e objetivos à Segurança Nacional. Outra

⁷⁶ MENSA é a sigla e marca da Fundação Internacional Fundada em 1971, a *Mensa Education & Research Foundation* é uma entidade filantrópica que se compromete a buscar a excelência na inteligência humana. A cada ano a MENSA contribui com um montante de cerca de 90 mil dólares por meio de programas de bolsas de estudo, além de apoiar os superdotados (pessoas com habilidades especiais de inteligência), em seus problemas cotidianos e questões sociais. Disponível em: <<https://mensa.org.br/quem-somos/>>. Acesso em 01 set. 2019.

evidência que criava um clima de desconfiança sobre o trabalho de Borko residia no fato de ele ser um psicólogo altamente especializado das forças armadas norte-americanas. Sendo assim, os acadêmicos discutiam, com muita cautela, os conteúdos e referências trazidas por Sangiorgi em sua disciplina de Teoria da Informação.

Mas, hoje nos é possível vislumbrar que a visão de Sangiorgi sobre a Ciência da Informação era ainda mais abrangente, considerando que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) serviriam sobretudo para conectar a humanidade, produzir e mediar conhecimentos de uma forma totalmente cooperativa. A possibilidade do acesso à leitura, assim como a possibilidade de apropriação da escrita e produção independente de registros de ideias, integrando texto e imagem, segundo as palavras do próprio Sangiorgi, fariam de todas as pessoas potenciais criadores de conhecimentos. Também foi um valorizador dos Bibliotecários e Documentalistas, sob a justificativa das dificuldades de automatizar processos de representação da informação e do conhecimento. Ou seja, na questão da formação de grandes bases de dados e informações, Sangiorgi dizia que o “processador mais importante” ainda seria por muito tempo o Profissional da Informação, interpretando o texto e criando referências e caminhos para sua recuperação.

O contato mais estreito de Sangiorgi com os docentes da Biblioteconomia, Documentação e Jornalismo reunidos se dava no Grupo José Reis de Divulgação Científica, que discutia a popularização dos avanços científicos e a aproximação entre as prospecções da pesquisa acadêmica e os desejos, necessidades informacionais e anseios da população. Iniciando suas atividades em 1992, com José Reis e os docentes da USP Crodowaldo Pavan, Glória Kreinz, Shigueo Watanabe, Sergio Mascarenhas, Waldomiro Vergueiro e Luiz Barco, o Grupo J. Reis ainda hoje atua na disseminação dos avanços científicos e da apropriação das TIC para a concretização do conhecimento e da cultura na sociedade.

Além de todas as discussões em sala de aula regular, ainda criou grupos de discussão em diferentes níveis, para disseminar ideias e possibilidades de inovação das Comunicações e Artes. Trouxe para nosso convívio da ECA, por meio de seu Grupo de Pesquisa de Cibernética Pedagógica, a presença de Henrique Schützer Del Nero, para travar diálogos muito enriquecedores sobre a mente humana, a importância da Arte e a vitalidade da Comunicação, essenciais à disseminação da Informação e construção do Conhecimento nos ambientes sociais. Ambos lograram trazer a discussão pedagógica para a comunidade acadêmica da ECA, assim como reforçaram também os estudos linguísticos por essa mesma

via. Nos trouxeram o conceito de mediação vygotskyano, aliado aos princípios da cibernética⁷⁷, num discurso científico que almejava a utilização dos recursos das mídias digitais para a disseminação da informação, do conhecimento e do saber, para todos os membros da sociedade.

Quando nos lembramos de Sangiorgi, nos vem a admiração do que essa pessoa significava. Porém, ainda mais, do que o convívio com o docente e colega de trabalho e pesquisa ocultava. Os jovens, a exemplo dessa autora, não se sentiam esmagados pela presença desse gigante. Inclusive, pela sua característica mais notável e marcante, a capacidade de compartilhar conhecimento e aprender com as colocações e construções do pensamento dos seus alunos, equipes técnicas, servidores da USP em geral.

Vivíamos então o advento das mídias digitais e o fenômeno recorrente da convergência dos suportes da informação, descrito com precisão e antecipação por Manuel Castells⁷⁸, porém apenas vislumbrado para nós, por meio das artes plásticas, do cinema ou das histórias em quadrinhos. Nesse sentido, Sangiorgi entrara anteriormente em conflito ideológico com muitos de seus colegas das Ciências Exatas, ao valorizar extremamente as manifestações artísticas como zonas de reconhecimento proximal, ou seja, sinalizadoras de sínteses de conhecimento. Pela mesma razão, nos explicava que o computador capaz de pensamento livre apenas surgiria quando a evolução tecnológica permitisse a fruição artística, o gosto individual e o raciocínio do “talvez”.

Na década de 1990, Sangiorgi passaria por várias perdas pessoais, como o falecimento de sua irmã gêmea e, em seguida, de sua esposa, além de alguns problemas de saúde que levaram a intervenções cirúrgicas. Recuperado, buscou a reconstrução de sua vida e ainda nos brindou com excelentes trabalhos e publicações. Sua mobilização para a abertura da graduação em Educomunicação na ECA, apoiando o pesquisador Ismar de Oliveira Soares e outros colegas docentes do CCA, foi um presente especial para o ambiente acadêmico que o havia acolhido.

Ao mesmo tempo, Sangiorgi lutava contra o decréscimo das publicações em Esperanto, fazendo publicações em periódicos científicos editados nessa língua pelo mundo, assim como editando traduções de toda a sua produção científica nessa língua, para disponibilização aos esperantólogos e cientistas do mundo. Guardados como tesouros, seguem

⁷⁷ A cibernética é uma aplicabilidade da ciência da informação e da comunicação, comportando os processos físicos, psicológicos e cognoscitivos da transformação da informação, sua produção e gestão por meio das mídias e tecnologias da informação e comunicação (TIC).

⁷⁸ O sociólogo espanhol Manuel Castells, com base na observação das interações sociais por meio das tecnologias da informação e comunicação, fez importantes antecipações sobre as redes sociais digitais, nos anos 1970.

inúmeros artigos que não receberam publicação em Português, indexação ou disponibilização em bases de dados brasileiras, por desconhecimento dos estudiosos das diversas áreas de dedicação de Sangiorgi.

Um grave acidente automobilístico retirou Sangiorgi de circulação, mas não de sua produção intelectual. No verão de 2000, a grande precipitação de chuvas e até a geração de ciclones subtropicais atingiram o Estado de São Paulo. A cidade de Campos do Jordão foi extremamente afetada. Sangiorgi possuía lá um refúgio pessoal, uma casa de veraneio, onde praticava a equitação e possuía vários cavalos de “estimação”. As condições meteorológicas provocaram uma enchente e desabamento na cocheira, matando seu cavalo preferido e ferindo os demais.

Penalizado e preocupado, Sangiorgi fez várias viagens de São Paulo (capital), onde residia e lecionava, para Campos do Jordão, com a finalidade de acompanhar a recuperação de seus animais de estimação e sua propriedade. Ainda sob fortes precipitações, a estrada perigosa quase nos levou o mestre em uma noite escura. Contudo, Sangiorgi se salvou, sob uma condição de tetraplegia. Embora não pudesse mais nos ministrar aulas ou seguir com a rotina em seus empreendimentos pedagógicos e pesquisas científicas, seguiu produzindo artigos de disseminação científica, predominantemente em Esperanto, até o fim de sua vida em 2017.

BIOGRAFIA DE OSVALDO SANGIORGI

Oswaldo Sangiorgi nasceu em São Paulo (Brasil), uma cidade que vivia a efervescência da *Belle Epoque*, em 9 de maio de 1921. Embora o meio urbano estivesse passando por um momento de grande reestruturação, sediou o evento demarcatório do Movimento Modernista no Brasil, a “Semana de Arte Moderna” poucos meses depois, em fevereiro de 1922. Influenciado desde a mais tenra infância pela presença das Artes e a discussão sobre elas, Sangiorgi crescerá como um estudante eclético, com clara aptidão nas Ciências Exatas, mas uma grande paixão pelas Artes, pela Comunicação e pela Informação.

Seus estudos superiores, contando com os recursos e apoio incondicional de sua família, foram compostos por três diferentes graduações: Matemática, Física e Pedagogia entre 1947 e 1954 na Universidade de São Paulo (USP). A verticalização dos estudos ocorreu inicialmente pelo Mestrado em Linguística e Matemática pela Universidade de Kansas (Lawrence, EUA). Posteriormente, de volta à São Paulo, cursou Doutorado em Linguística e Matemática pela Universidade de São Paulo (USP).

Sua contribuição à Escola Nova no Brasil é inquestionável. Foi co-fundador do Grupo de Estudos de Ensino de Matemática (GEEM), de São Paulo, em 1972, dedicado à Educação Matemática. Porém, seu objeto de pesquisa era restrito e Sangiorgi desejava incorporar a Arte, a Comunicação e a Informação às suas pesquisas. Sendo assim, buscou a colocação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA), antes que a década de 1970 acabasse. Desde a década de 1970, foi consultor da Associação Internacional de Cibernética⁷⁹ (tradução nossa), assessor científico do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), assessor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). No período de 1975 a 1984, foi diretor de ensino do Centro Paulista de Rádio e Televisão Educativas (Rádio e TV Cultura de São Paulo).

Em 1978, Sangiorgi fundou o Centro de Pedagogia Cibernética da ECA, como docente do magistério superior. Em 1987, tornou-se Livre Docente da USP por concurso. Desde então, tornou-se professor de matérias da Teoria da Comunicação, Teoria da Informação, Pedagogia Cibernética e Novas Técnicas de Comunicação e Artes. Assim que obteve os raros recursos tecnológicos destinados às Ciências Sociais Aplicadas à época, implantou o Núcleo de Informática da ECA (NICA), que tinha predominantemente o fim de atualizar os professores e alunos na área da computação; da informática e da teoria da informação. O NICA em 1987, é hoje denominado Setor de Tecnologia da Informação (STI), oferecendo a Sala Pró-Aluno, com disponibilidade de conexão, equipamentos e aplicativos a todos os alunos da ECA e é considerado um dos ambientes de convívio digital mais bem qualificados na USP.

Também foi um empolgado esperantólogo, preocupando-se em manter produção de artigos científicos e traduzir suas principais monografias para o Esperanto. Essa língua artificial e universal, como defendida por Sangiorgi nos ambientes acadêmicos, apoiaria o estabelecimento de um grande colégio invisível, integrando pesquisadores do mundo e levando à cooperação científica. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), por um caminho diverso, hoje compõe parte do ambicionado ambiente de cooperação científica, idealizado pelos linguistas do séc. XX, em busca da conexão das inteligências e do pensamento global. Ele é um

⁷⁹Association Internationale de Cybernetique, Namur, Bélgica. Disponível em: <https://www.lesoir.be/art/%252Fnamur-au-centre-de-la-reflexion-cybernetique_t-19890817-Z01X32.html>. Acesso em 01 set. 2019.

dos primeiros professores da *AIS San Marino* – Academia Internacional de Ciências de San Marino⁸⁰ (tradução nossa), um organismo internacional de cultura científica em Esperanto.

Idealizou e criou em 1994, o Grupo de Pesquisa denominado Cibernética Pedagógica, certificado pelo CNPQ, desde 25 de março de 2004, com a seguinte denominação: Grupo de Pesquisa CNPQ – Cibernética Pedagógica – Laboratório de Linguagens Digitais – LLD - (ECA/USP). Foi autor de 84 livros entre 1954 e 2000. Por esse e outros feitos representativos, em 2000 recebeu o Título de Professor Emérito da Universidade de São Paulo.

Foi chefe do Departamento de Comunicações e Artes (CCA) onde atuou como professor e pesquisador na área de informação e comunicação até o início dos anos 2000. Com sua abordagem teórica e metodológica dos estudos da Comunicação e da Educação, pode ser considerado um dos precursores do Curso de Licenciatura em Educomunicação, em funcionamento desde 2011.

Em 2000, sofreu um acidente automobilístico que o colocou em condição de tetraplegia permanente. Na década seguinte, seguiu ministrando cursos, palestras especiais e produzindo artigos, embora não pudesse mais retornar ao ritmo de trabalho que pautou a sua vida laboral.

A doação em vida de seu arquivo e biblioteca pessoal constituiu o Arquivo Pessoal Osvaldo Sangiorgi (APOS)⁸¹, custodiado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em ambiente informacional especializado, no qual tem sido catalogado e estudado por acadêmicos na última década.

Faleceu em 06/07/2017, de causas naturais.

Evidenciando os conhecimentos e valores de Osvaldo Sangiorgi, a Revista Cajueiro pesquisou e brindou seus leitores com um pequeno artigo de 1998, publicado unicamente em Esperanto, que anexamos à essa homenagem em seguida.

HOMENAGEM

A fim de prestar uma especial homenagem, a editoria desse periódico iniciou em 2018 um procedimento de recuperação, autorização e tradução de um artigo publicado

⁸⁰Akademio Internacia de la Sciencoj (AIS) San-Marino, Munique, Alemanha. Disponível em: <<http://www.ais-sanmarino.org/>>. Acesso em 01 de set. 2019.

⁸¹ Catálogo disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173403/3_Sangiorgi_Prod_Intelectual.pdf?sequence=6&isAllowed=y>. Acesso em 29 ago. 2019.

exclusivamente em Esperanto, no ano de 2010, intitulado: “Redes Neurais Naturais, Redes Neurais Artificiais e Habilidades de Aprendizagem Sob o Ponto de Vista Cibernético”. O periódico publicado em Esperanto Revista Internacional pela Modelagem Matemática nas Ciências Humanas: Cibernética da Comunicação Europeia Hoje e Amanhã⁸² (tradução nossa), por meio de sua editora e responsável, Věra Barandovská-Frank, cedeu os direitos de tradução e publicação em novembro de 2018 à Revista Cajueiro. Posteriormente, em contato com a família de Sangiorgi, a sua publicação nesse periódico foi inteiramente autorizada por Sílvia Maria Cândido Sangiorgi, filha e representante da família nesse posicionamento.

⁸² Originalmente publicado em Esperanto, legendado em Alemão, na seguinte fonte: SANGIORGI, Osvaldo. Neuro-naturaj retoj, neuro-artefaritaj retoj kaj lerninstruprocedo sub kibernetica vidpunkto. **GRKG** – (Grundlagenstudien aus Kybernetik und Geisteswissenschaft) - Internacia Revuo por Modeligo kaj Matematikizo em la Homsciencoj. Berlin/Paderborn: Institut für Kybernetik/Academia Libroservo, v. 51, n. 3, set. 2010. p. 121-126. Traduzido e reproduzido integralmente na Revista Cajueiro, com autorização dos responsáveis pelo periódico e pela família do autor, em 2019.

VERSÃO INTEGRAL EM LINGUA INGLESA**A genius of Mathematics focuses on Information, Communications and Arts: Osvaldo Sangiorgi⁸³****Valéria Aparecida Bari⁸⁴**

On July 6, 2017, a long battle for life ended and Osvaldo Sangiorgi's legacy remained. A Brazilian with special abilities, that is, mental giftedness, according to data prospected by MENSA / Brazil. His undeniable contribution to the Escolanovista movement revolutionized the teaching of mathematics in Brazil. But his thirst for knowledge has far supplanted this field of knowledge, leading this scientist through a broad horizon of research, production, extension, teaching, and quality academic management.

For us, graduates of the University of São Paulo School of Communication and Arts (ECA / USP) in the 1980s, the genius was superimposed by a dedicated and accessible teacher, was our dear teacher. We were suddenly surprised to find delighted that our parents had studied with their own Mathematics books, or to learn of their prominence in diverse fields such as Pedagogy, Linguistics, Information, Communication, Education, Informatics, as well as publications in various languages, including Esperanto. But the grandeur of its production and militancy for science in Brazil can only be glimpsed in its complexity by the advent of digital media.

We saw this jovial, elegant, very athletic man striding across the corridors of the ECA and leaving young people behind at the speed of his footsteps and excitement, between classes, formal and informal meetings in his office, academic administration, and search, funding for our laboratories and sector library. Confessed defendant of the fight against the scale, did many exercises to compensate the appetite. As a young man, he explained to us that he had been a rower and swimmer at the Tietê Tank Top's Club, a poolless water sports association that has kept its name to this day, despite the death of our most important São Paulo river long ago.

His arrival at the Department of Communication collegiate in the 1980s, bringing the first Brazilian studies on Harold Borko's work, made him one of the pioneers of Information

⁸³ Received on 02/28/19, version approved on 03/28/2019.

⁸⁴ PhD in Information Science from the School of Communication and Arts of the University of São Paulo (ECA / USP) - Professor at the Federal University of Sergipe (UFS) and GRUPO PLENA Lead Researcher: Research Group on Reading, Writing and Narrative: Culture, Mediation, Graphic Presentation, Publishing and Manifestations. Aracaju, Sergipe, Brazil. Email: <valbari@gmail.com>.

Science in Brazil, an area already consolidated in Europe, but still under controversy in Central and South Americas. This is because, due to the international policy issue that characterized the Cold War, Information Science practices in the United States usually linked their actions and objectives to National Security. Other evidence that created a climate of distrust about Borko's work was that he was a highly skilled psychologist in the US military. Thus, the academics discussed very carefully the contents and references brought by Sangiorgi in his discipline of Information Theory.

But today we can see that Sangiorgi's view on Information Science was even broader, considering that Information and Communication Technologies (ICT) would serve above all to connect humanity, produce and mediate knowledge in a totally cooperative way. The possibility of access to reading, as well as the possibility of the appropriation of writing and the independent production of idea records, integrating text and image, according to Sangiorgi's own words, would make all potential knowledge creators. He was also a valuer of Librarians and Documentalists, under the justification of the difficulties of automating processes of representation of information and knowledge. That is, in the matter of the formation of large databases and information, Sangiorgi said that the “most important processor” would still be the Information Professional for a long time, interpreting the text and creating references and paths for its recovery.

Sangiorgi's closest contact with the professors of Library, Documentation and Journalism gathered was in the José Reis Group of Scientific Dissemination, which discussed the popularization of scientific advances and the approximation between the prospects of academic research and the desires, informational needs and desires. of the population. Starting its activities in 1992, with José Reis and USP faculty members Crodowaldo Pavan, Gloria Kreinz, Shigueo Watanabe and Sergio Mascarenhas, Waldomiro Vergueiro and Luiz Barco, the J. Reis Group is still working today to disseminate scientific advances and the appropriation of ICT. for the realization of knowledge and culture in society.

In addition to all regular classroom discussions, it has also set up discussion groups at different levels to disseminate ideas and possibilities for innovation in Communications and the Arts. It brought to our community of ECA, through its Pedagogical Cybernetics Research Group, the presence of Henrique Schützer Del Nero, to engage in very enriching dialogues about the human mind, the importance of Art and the vitality of Communication, which are essential for the dissemination of information. Information and knowledge construction in social environments. Both managed to bring the pedagogical discussion to the academic

community of ECA, as well as reinforced the linguistic studies in the same way. They brought us the concept of Vygotskian mediation, allied to the principles of cybernetics, in a scientific discourse that aimed at the use of digital media resources for the dissemination of information, knowledge and knowledge, to all members of society.

When we remember Sangiorgi, we come to wonder what that person meant. However, even more than living with the teacher and co-worker and research concealed. The young people, like this author, were not overwhelmed by the presence of this giant. Also, due to its most remarkable and remarkable feature, the ability to share knowledge and learn from the thoughts and constructions of the thinking of its students, technical teams, USP servers in general.

We were then experiencing the advent of digital media and the recurring phenomenon of the convergence of information media, described with precision and anticipation by Manuel Castells, but only glimpsed to us through the fine arts, cinema or comics. In this sense, Sangiorgi had previously entered into ideological conflict with many of his colleagues in the Exact Sciences, by highly valuing artistic manifestations as zones of proximal recognition, that is, signaling syntheses of knowledge. For the same reason, he explained to us that the computer capable of free thinking would only emerge when technological evolution allowed for artistic enjoyment, individual taste, and the reasoning of "perhaps."

In the 1990s, Sangiorgi would have suffered several losses, such as the death of his twin sister and then his wife, as well as some health problems that led to surgical interventions. Recovered, sought the reconstruction of his life and still toasted us with excellent works and publications. His mobilization for the opening of the degree in Educommunication at ECA, together with Ismar de Oliveira Soares and other faculty colleagues, was a special gift to the academic environment that had welcomed him.

At the same time, Sangiorgi was battling the decline in Esperanto publications by publishing in scientific journals published in that language around the world, as well as editing translations of all his scientific production in Esperanto, to be made available to Esperantologists and scientists around the world. Stored as treasures, they follow numerous articles that have not been published in Portuguese, indexed or made available in Brazilian databases, due to the lack of knowledge of scholars from the various areas of Sangiorgi's dedication.

A serious automobile accident took Sangiorgi out of circulation, but not from his intellectual output. In the summer of 2000, heavy rainfall and even the generation of subtropical

cyclones hit the state of São Paulo. The city of Campos do Jordão was extremely affected. Sangiorgi had a personal refuge there, a summer house where he practiced horse riding and had several "pet" horses. Weather conditions caused the stall to flood and collapse, killing his favorite horse and injuring the others.

Penalized and worried, Sangiorgi made several trips from São Paulo (capital), where he lived and taught, to Campos do Jordão, with the purpose of accompanying the recovery of his pets and his property. Still in heavy precipitations, the dangerous road almost took us to the master on a dark night. However, Sangiorgi was saved under a condition of quadriplegia. Although she could no longer teach us classes or follow her routine in her pedagogical endeavors and scientific research, she continued producing articles of scientific dissemination, predominantly in Esperanto, until the end of her life in 2017.

BIOGRAPHY

Oswaldo Sangiorgi was born in São Paulo (Brazil), a city that was experiencing the effervescence of Belle Epoque, on May 9, 1921. Although the urban environment was undergoing a moment of great restructuring, hosted the demarcating event of the Modernist Movement in Brazil, "Week of Modern Art" a few months later, February 1922. Influenced from an early childhood by the presence of the Arts and the discussion about them, Sangiorgi would grow up as an eclectic student, with a clear aptitude for the Exact Sciences, but a great passion. Arts, Communication and Information.

His superior studies, with the resources and unconditional support of his family, were composed of three different degrees: Mathematics, Physics and Pedagogy between 1947 and 1954 at the University of São Paulo (USP). The verticalization of the studies occurred initially by the Master in Linguistics and Mathematics from the University of Kansas (Lawrence, USA). Later, back to São Paulo, he studied PhD in Linguistics and Mathematics at the University of São Paulo (USP).

Your contribution to Escola Nova in Brazil is unquestionable. He was co-founder of the São Paulo Mathematics Teaching Study Group (GEEM) in 1972, dedicated to Mathematical Education. However, his research object was restricted and Sangiorgi wanted to incorporate Art, Communication and Information into his research. As such, he sought placement at the School of Communications and Arts at the University of São Paulo (ECA) before the 1970s ended. Since the 1970s, he has been a consultant to the International

Cybernetics Association (our translation), a scientific advisor to the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), a scientific advisor to the São Paulo State Research Support Foundation (FAPESP). From 1975 to 1984, he was the teaching director of the radio and television educational broadcaster Cultura of São Paulo.

In 1978, Sangiorgi founded ECA's Center for Cyber Pedagogy as a teacher of higher teaching. In 1987, he became USP's Free Lecturer by contest. Since then, he has become professor of subjects in Communication Theory, Information Theory, Cyber Pedagogy and New Communication Techniques and Arts. As soon as he obtained the rare technological resources for Applied Social Sciences at the time, he set up the ECA Informatics Center (NICA), which was predominantly aimed at updating teachers and students in the field of computing; computer science and information theory. NICA in 1987 is today called the Information Technology Sector (STI), offering the Pro-Student Room, with connection availability, equipment and applications available to all ECA students and is considered one of the best qualified digital living environments in the world. USP

He was also an excited Esperantologist, taking care to keep producing scientific articles and translating his main monographs into Esperanto. This artificial and universal language, as advocated by Sangiorgi in academic settings, would support the establishment of a large invisible college, integrating world researchers and leading to scientific cooperation. Information and Communication Technologies (ICT), in a different way, today is part of the ambitious environment of scientific cooperation, conceived by linguists of the 19th century. XX, in search of the connection of intelligences and global thought. He is one of the first professors of AIS San Marino - San Marino International Academy of Sciences (our translation), an international team for scientific culture in Esperanto.

Created in 1994, the Research Group called Pedagogical Cybernetics, certified by CNPQ, since March 25, 2004, with the following name: Research Group CNPQ - Pedagogical Cybernetics - Laboratory of Digital Languages - LLD - (ECA / USP). He was the author of 84 books between 1954 and 2000. For this and other representative achievements, in 2000 he received the title of Emeritus Professor at the University of São Paulo.

He was head of the Department of Communications and Arts (CCA) where he served as a teacher and researcher in the area of information and communication until the early 2000s. With his theoretical and methodological approach to the studies of Communication and Education, he can be considered one of the precursors. of the Degree Course in Educommunication, in operation since 2011.

In 2000, he suffered an automobile accident that put him in permanent quadriplegia condition. In the following decade, he continued giving courses, special lectures and producing articles, although he could no longer return to the rhythm of work that guided his working life.

The living donation of his archive and personal library constituted the Osvaldo Sangiorgi Personal Archive (APOS), guarded by the Federal University of Santa Catarina (UFSC), in a specialized information environment, in which it has been cataloged and studied by academics for the past decade. Died on 07/07/2017, from natural causes.

Highlighting Osvaldo Sangiorgi's knowledge and values, Cajueiro Magazine researched and toasted its readers with a short article from 1998, published only in Esperanto, which we attach to this tribute next.

TRIBUTE

In order to pay special tribute, the journal's editorial started in 2018 a procedure for retrieving, authorizing and translating an article published exclusively in Esperanto, in 2010, entitled: "Natural Neural Networks, Artificial Neural Networks and Learning Skills". From the Cyber Point of View". The journal published in Esperanto *Cybernetics of European Communication Today and Tomorrow* (our translation), through its editor and responsible, Věra Barandovská-Frank, assigned the rights of translation and publication in November 2018 to Cajueiro Magazine. Subsequently, in contact with Sangiorgi's family, its publication in this journal was entirely authorized by Sílvia Maria Cândido Sangiorgi, daughter and family representative in this position.